CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FEI

GRACIELI REGINA MENDES TAVARES

LICENÇA MÉDICA NO TRABALHO: direito e castigo?

São Paulo

2011

GRACIELI REGINA MENDES TAVARES

LICENÇA MÉDICA NO TRABALHO: direito e castigo?

Dissertação de Mestrado apresentado ao Centro Universitário da FEI, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Administração, orientado pelo Prof. Dr. André Ofenhejm Mascarenhas.

São Paulo

2011

Tavares, Gracieli Regina Mendes
Licença médica no trabalho: direito e castigo / Gracieli
Regina Mendes Tavares. – São Paulo, 2011.
283 f.

Dissertação – Centro Universitário da FEI.
Orientador: Prof. Dr. André Mascarenhas

1. Análise interpretativa fenomenológica. 2. Licença médica
no trabalho. 3. Transição. I. Mascarenhas, André; orient. II. Título.

CDU 34:331

GRACIELI REGINA MENDES TAVARES

Licença médica no trabalho: direito e castigo?

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE MESTRADO ACADÊMICO - Centro Universitário da
FEI

Comissão Julgadora

Orientador e Presidente: Prof. Dr. Andre Ofenhejm Mascarenhas.

Examinador (I): Prof^a. Dr^a. Patricia Maria E. de Mendonça (membro interno)

Examinador (2): Prof^a. Dr^a. Janette Brunstein (membro externo - Universidade Mackenzie)

São Paulo

Data da Aprovação: ___/___/_____

AGRADECIMENTOS

A solidão na pesquisa é uma característica importante. Pesquisar, ler, refletir sobre os dados, lidar com as frustrações e conquistas. Mas é claro que não existe um grande percurso quando se está totalmente só.

Durante esse processo do Mestrado, muitas diferentes situações me levaram a olhar a minha volta. Pessoas com quem estudei, professores, amigos e familiares.

Meu importante agradecimento e consideração deve-se aos entrevistados nesta dissertação, que confiaram a mim suas vidas, angustias, receios, expectativas e desejos.

Em minha vida pessoal, agradeço ao meu marido Charles, pelo afeto constante e o companheirismo, aos meus pais queridos Olga e Tavares que entendiam minha ausência, e a minha sobrinha Bianca, que não deixou de sorrir para mim, mesmo não recebendo todos os mimos merecidos durante esses 2 anos.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. André Mascarenhas, pela dedicação, apoio e principalmente pelo respeito ao tema que escolhi estudar. Aos demais profissionais da FEI, especialmente ao Prof. Dr. Edmilson Moraes, Prof^a. Dr^a. Flavia Consoni, Carmem Carlos e a direção da ETFB, D Lucia Bueno e Celina pelo apoio aos meus estudos.

Agradeço ao Professor Rodrigo Bandeira de Mello e ao Prof. Sigmar Malvezzi pela excelente recepção de ambos em seus escritórios onde conversamos sobre minha pesquisa.

Agradeço à amiga e companheira de aulas no mestrado Karla Sato, por todas as nossas conversas. E aos amigos, que entenderam meus atrasos, minha falta de paciência, minha ansiedade e muitas vezes minha frustração.

Agradeço também à Biblioteca Pública de Nova Iorque e seus funcionários no auxílio e motivação à pesquisa.

Esse não é um momento somente de conquistas, mas de reflexão. O título é sim, conquistado com garra e trabalho, o aprendizado, para mim, somente é conquistado a partir do desejo de crescimento pessoal.

*“... Bem, suponhamos
que dizia que estava doente?*

*Mas isso seria muito
desagradável e pareceria suspeito,
porque, durante cinco
anos de emprego,
nunca tinha estado doente...”*

Kafka - A Metamorfose

RESUMO

Por meio da análise interpretativa fenomenológica revelamos a experiência vivida por indivíduos na situação de licença médica no trabalho. Diferentes histórias de vida, de sofrimento e de doença foram relatadas, trazendo-nos a discutir as angústias, expectativa e medos vividos por cada um deles diante da situação. A análise das entrevistas nos permitiu discutir a licença no trabalho enquanto uma dupla caracterização: a licença como direito e como castigo. A discussão da licença médica enquanto direito referiu-se à legalidade do afastamento e à sua natureza como momento de transição de volta à normalidade; porém esta transição, garantida por lei, traz em seu bojo uma série de questões que lhe rendem também o caráter de castigo. O indivíduo afastado não estaria isento de preocupações relacionadas ao retorno, às expectativas de colegas e da organização, assim como a possibilidade da perda do cargo ou mesmo do emprego.

Palavras Chave: Análise Interpretativa Fenomenológica. Licença médica no trabalho. Transição. Direito e Castigo.

ABSTRACT

Through analysis of interpretative phenomenological reveal the lived experience of individuals on leave of absence. Different life stories of suffering and disease were reported, bringing us to discuss the anxieties and hopes and fears experienced by each one of them in the situation. The data analysis allowed us to discuss the license at work as a double characterization: the license as the law and as punishment. A discussion of sick leave as a right referred to the legality of the expulsion and its nature as a moment of transition back to normalcy, but this transition, which is guaranteed by law, brings with it a series of questions that will also render the character of punishment. The individual would not be removed free of concerns related to the return, the expectations of colleagues and the organization as well as the possibility of loss of office or employment.

Key words: Interpretative Phenomenological analysis. Leave of absence. Transition. Law and punishment.

LISTA DE SIGLAS

CID – Código Internacional de Doenças

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

EPI's – Equipamentos de proteção individual

INSS - Instituto Nacional do Seguro Social

LER - Lesão por esforços repetitivos

OMS - Organização Mundial de Saúde

RPG - Reeducação Postural Global

SAMU - Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

SDI- 1 - Seção de Dissídios Individuais 1

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. Perícia Médica.....	16
TABELA 2. Tipos de Contrato.....	26
TABELA 3. Tipos de Violação de Contrato.....	28
TABELA 4. Fenomenologia.....	31
TABELA 5. Etapa de Análise em IPA.....	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 OBJETIVO DO PROJETO.....	13
2.1 Objetivo geral.....	13
2.2 Objetivos específicos.....	13
3. LICENÇA NO TRABALHO.....	14
3.1 Revelando a incidência da problemática: perícia médica, os números revelando a incidência de nosso objeto.....	15
4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
4.1 O que sabemos sobre o adoecer?.....	19
4.2 Adoecer e sofrimento: o trabalho enquanto parte da vida do indivíduo, e a dor enquanto parte da vida no trabalho?.....	20
4.2.1 Conceito de sofrimento.....	21
4.2.2 A organização e o indivíduo: questões sobre interações e formação do vínculo.....	22
4.3 Contrato psicológico.....	23
4.3.1 Formação do contrato.....	24
4.3.2 Expectativas no contrato.....	26
4.3.3 Violação e ruptura do contrato psicológico.....	27
5 METODOLOGIA.....	30
5.1 Objeto de pesquisa.....	30
5.2 Método de pesquisa.....	30
5.2.1 Análise fenomenológica interpretativa (<i>interpretative phenomenological analysis – IPA</i>).....	30
5.2.3 Levantamento de dados: a entrevista em profundidade.....	32
5.2.4 Contextualizando as entrevistas.....	33
5.2.5 Participantes da pesquisa, quem são os indivíduos que colaboraram nesse processo..	33
5.4 Roteiro de entrevista.....	35
5.5 Análise dos dados.....	36

6. DISCUSSÃO: A LICENÇA ENQUANTO DIREITO, A LICENÇA ENQUANTO CASTIGO.....	39
7 CONCLUSÃO.....	47
8 REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICE A – ENTREVISTA 1.....	53
APÊNDICE B – ENTREVISTA 2.....	64
APÊNDICE C – ENTREVISTA 3.....	71
APÊNDICE D – ENTREVISTA 4.....	79
APÊNDICE E – ENTREVISTA 5	87
APÊNDICE F – ANÁLISES.....	99

1 INTRODUÇÃO

O homem em seu contexto participa de diversos níveis relacionais, estando todo o tempo em interação em diferentes grupos: família, trabalho, estudo, amigos. A vida refere-se à rotina construída frente a esses grupos e contatos. Somos capazes de nos ver temporariamente deixando um desses papéis de lado, postergando situações, adequando-se a uma nova rotina e esperando retomar antigas atividades?

Como seria a experiência de, em determinado momento na vida profissional, por motivo de doença ou acidente de trabalho, ocorresse o afastamento temporário de função? Seria possível pensar nas implicações dessa experiência no que se relaciona à motivação do profissional, aos seus relacionamentos com colegas no trabalho, às expectativas de permanência e estabilidade, por um lado, ou de desvalorização e discriminação, por outro, entre outros aspectos.

Como podemos entender este processo? Quais são os desenrolares relacionados ao fato de o trabalhador permanecer afastado por um período?

A motivação em estudar o tema presente deve-se a minha experiência profissional enquanto psicóloga, atendendo por oito anos em uma clínica multidisciplinar. Nesse período conheci pessoas em situação de licença, entendi a dificuldade de viver em longos dias de espera ou ásperos dias de retorno. Mas também percebi as diferenças relacionais, as experiências individuais e a questão dos motivos de afastamento e a felicidade da reintegração. A esta dissertação assume-se que conhecer as experiências individuais nos proporcionaria melhor compreensão da problemática.

A licença no trabalho pode ocorrer por diversos motivos, Podemos considerar que a licença devido a problemas de saúde no trabalhador teria uma gama de significados, ou seja, cada trabalhador com licença saúde tem seu próprio motivo, doença específica e estado de saúde diferenciado.

Um afastamento temporário da função pode ainda ocorrer em virtude de acidente de trabalho. Neste caso, é garantida a reintegração e a estabilidade do trabalhador no emprego por doze meses. As consequências que um acidente de trabalho pode trazer ao profissional incluem deficiências físicas que o impedem de realizar sua antiga função. Pelo lado da experiência individual, o acidente de trabalho pode projetar sentimentos relacionados à organização inexistentes até o ocorrido. O que nos leva a pensar em como a organização será percebida pelo acidentado após o afastamento.

O indivíduo, em seu período de afastamento, pode imaginar seu retorno como algo doloroso ou inviável, assim como entendê-lo como uma maneira de recomeço e satisfação. O afastamento poderá permitir ao indivíduo descanso psíquico e mental, permitindo ao mesmo um retorno real ao trabalho, trazendo à organização um benefício com o absenteísmo (BRETONES; GONZALEZ, 2009). Ou ainda, o indivíduo pode passar a sentir-se discriminado, ou a organização pode entender que esse indivíduo não tem condições de continuar na organização. Surge então a insegurança relacionada à perda do emprego ou cargo de confiança.

Independente do período de afastamento é possível que um indivíduo precise se afastar por diversas vezes por motivo de doença. O período de afastamento varia de acordo com a necessidade médica do trabalhador, mas após o 15º dia de afastamento, o auxílio doença ou a pensão do acidentado são pagos por órgãos públicos (INSS e Previdência Social). À organização, as implicações do afastamento abrangem não somente a remuneração sem a contrapartida de trabalho, mas a responsabilização e a reconfiguração do grupo para cumprir as atividades necessárias na ausência do colaborador. Pelo ângulo organizacional, é necessário compreender o quanto as organizações têm consciência da complexidade deste processo, o que pode revelar deficiências em como reintegram (ou não) os trabalhadores. É possível que a organização perceba o indivíduo como um trabalhador perseverante que retorna ao trabalho motivado a novas situações de crescimento pessoal e profissional. Por caracterizar nosso sistema de relações de trabalho, é importante conhecer a experiência vivida pelos trabalhadores que saem em licença.

Posta a problemática, as relações de trabalho em meio à subjetividade do contexto organizacional são colocadas em discussão. Entender o indivíduo no espaço organizacional e sua postura pessoal perante o “estar afastado” nos traz a possibilidade de colocar em questão a relação entre organização e indivíduo frente ao inesperado.

Apesar de o indivíduo, a organização e grupo de trabalho estar simultaneamente implicados nesse processo, nosso objetivo é compreender as experiências dos indivíduos afastados, suas interpretações à sua própria condição, ao seu presente e futuro, à postura do grupo assim como suas relações com a organização.

2 OBJETIVO DO PROJETO

2.1 Objetivo Geral

O estudo tem como objetivo conhecer por meio da fenomenologia a experiência vivida por indivíduos que estiveram na situação de licença médica no trabalho.

2.2 Objetivos Específicos

- a) Compreender a *experiência do indivíduo* tal como profissional afastado ou reintegrado de afastamento, em termos dos sentidos atribuídos ao seu afastamento, a construção de expectativas e sentidos à reintegração social e à reconstrução de sua carreira.

3 LICENÇA MÉDICA NO TRABALHO: CONTEXTUALIZANDO A PROBLEMÁTICA

A licença no trabalho por motivos de saúde é um direito do trabalhador, retificado pela CLT. O indivíduo que trabalha com registro em carteira de trabalho tem para usufruto quando necessário o direito ao afastamento temporário para o tratamento de sua saúde.

O trabalhador, então, segurado por lei poderá manter-se afastado do trabalho a fim de tratar-se conseguindo dessa forma recuperação para seu retorno profissional.

Em relação às faltas ou descontos do indivíduo adoentado, a CLT 2008, garante:

Art. 131. Não será considerada falta ao serviço para os efeitos do artigo anterior (direito às férias), a ausência do empregado:

Parágrafo III - “por motivo de acidente de trabalho ou enfermidade atestada pelo Instituto Nacional do Seguro Social- INSS, executada a hipótese do inc. IV do artigo 133” (2008, p. 23).

Art 133. “Tiver percebido da Previdência Social prestações de acidente de trabalho ou de auxílio-doença por mais de seis meses, embora descontínuos” (2008, p. 24).

O empregado deverá justificar sua ausência informando ao empregador o motivo de afastamento por doença através do atestado médico. A CLT traz as súmulas e orientações nesse sentido.

“A justificação da ausência do empregado motivada por doença, para a percepção o salário- enfermidade e da remuneração do repouso semanal, deve observar a ordem dos atestados médicos estabelecida em lei [...]” (2008, p. 356)

Carneiro (2010) afirma a necessidade da perícia em casos de licença saúde, incluindo aqui as doenças relacionadas ao trabalho, readaptação e aposentadoria por invalidez.

Estando o indivíduo afastado, e, realizadas as devidas questões legais, tais como a apresentação do atestado e posteriormente a perícia médica, a organização tem sob sua

responsabilidade manter seus serviços e atividades profissionais em andamento. Para tanto precisará lidar com a situação de afastamento de um de seus empregados, o que acarreta para a organização em questões financeiras (pois poderá inserir alguém para cumprir aquele papel ou pagar adicionais de horas extras para outros membros da equipe), interpessoais (já que o grupo deverá se posicionar frente às atividades diárias do afastado), e demais alterações que possam ocorrer nesse período. Estudos sobre o absenteísmo são realizados tendo em vista a organização e outras possíveis causas dessa falta no trabalho.

3.1 Revelando a incidência da problemática: perícia médica, os números revelando a incidência de nosso objeto.

O indivíduo afastado no trabalho deverá passar por uma perícia médica realizada por um médico-perito (INSS 2010), resultando no retorno ao trabalho ou em um tempo maior de afastamento.

Entende-se por perícia médica o exame feito pelo médico perito do INSS ao indivíduo vítima de acidente de trabalho ou doença. A perícia médica deverá concluir se o indivíduo voltará ao trabalho imediatamente ou permanecerá afastado. A função do perito médico é de avaliar o indivíduo no que diz respeito a sua “capacidade laborativa” (INSS 2010), concluindo se o mesmo deverá receber o benefício, com a licença ou uma possível aposentadoria ou retornar ao trabalho.

Dá-se o nome de “Conclusão favorável ao benefício” a incapacidade de retorno ao trabalho e “Conclusão contrária” quando o perito relata o indivíduo como apto ao retorno ao trabalho. A perícia pode também considerar a necessidade de aposentar por invalidez, tal como pode encaminhar o indivíduo para reabilitação caso acredite que o mesmo deverá mudar de atividade laboral.

Segundo o INSS, o médico perito poderá encaminhar o indivíduo para um médico especialista em alguma área da saúde especificamente relacionada à doença a fim de chegar a um parecer conclusivo relacionado ao retorno ou não do indivíduo no trabalho. Todo indivíduo avaliado pelo médico perito é assegurado legal tendo direito de questionar da avaliação pericial (Parecer conclusivo em juízo).

Cada indivíduo afastado representa mudanças no contexto do trabalho e conhecer a incidência nos possibilita compreender a importância de entender o afastamento perante olhar ao indivíduo, tal como pensar se o comportamento da organização poderia influenciar o

tempo da permanência do afastamento.

Segundo Levin e Klein (1992), durante a ausência de um profissional, algumas situações são necessárias para a organização, tais como inserir outro funcionário para cobrir o ausente, arcar com o salário desse novo colaborador e preocupar-se com a inserção desse novo funcionário na equipe de trabalho. Dessa forma, Bretones e Gonzalez (2009), colocam que o afastamento do indivíduo no trabalho representa custos para a organização.

O quadro abaixo permite a visualização do número de indivíduos afastados entre os anos de 2007 a 2009 no Brasil. Os dados são oferecidos a partir do ano de 2007 devido a alteração da lei ocorrida nesse ano, pois nos anos anterior a 2007 a perícia era realizada por médicos de redes particulares que mantinham um convenio com o INSS.

PERÍCIA MÉDICA

Quantidade de exames médico-periciais realizados por servidores da área médico-pericial do quadro permanente do INSS por tipo de conclusão, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação - 2007/2009

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	Anos	EXAMES MÉDICO-PERICIAIS REALIZADOS			
		Total	Tipo de Conclusão		
			Contrária	Favorável	
				Duração Determinada	Duração Indeterminada
BRASIL.....	2007	9.128.179	3.018.409	5.587.879	521.891
	2008	9.217.069	3.289.633	5.352.922	574.514
	2009	7.705.105	2.552.173	4.683.040	469.892
NORTE.....	2007	259.535	61.397	168.498	29.640
	2008	301.257	88.773	180.817	31.667
	2009	267.949	74.430	163.983	29.536
NORDESTE.....	2007	1.295.950	442.158	737.446	116.346
	2008	1.427.118	527.523	772.978	126.617
	2009	1.286.201	442.099	731.331	112.771
SUDESTE.....	2007	5.192.219	1.822.593	3.110.987	258.639
	2008	5.076.248	1.937.367	2.857.094	281.787
	2009	4.034.940	1.437.467	2.379.164	218.309
SUL.....	2007	1.889.589	545.136	1.258.060	86.393
	2008	1.900.406	564.316	1.236.681	99.409
	2009	1.662.993	461.310	1.122.726	78.957
CENTRO-OESTE.....	2007	490.886	147.125	312.888	30.873
	2008	512.040	171.654	305.352	35.034
	2009	453.022	136.867	285.836	30.319

Tabela 1. Perícia Médica. FONTE: DATAPREV, SUIBE (Sistema Único de Informações de Benefícios) .

NOTA: Com o advento da Lei 10.876, de 02.06.2004, que criou a Carreira de Perito Médico, houve a contratação de 2.500 novos profissionais por concurso público e o consequente descredenciamento de todos os médicos credenciados em perícia médica. A partir de fevereiro/2006, os peritos médicos do Quadro de Pessoal do INSS são os únicos responsáveis pela realização dos exames periciais.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Aproximando nossos olhares do contexto organizacional, teremos dentro deste espaço os indivíduos e suas idiossincrasias. Nesse universo então existem indivíduos com dinâmicas, histórias de vida, motivações e expectativas diversas.

Já sabemos que na dinâmica organizacional os grupos se formam a partir de suas necessidades, possibilidades e oportunidades (estrutura formal e informal). Ou seja, dentro da estrutura formal, os papéis organizacionais são definidos mediante o estabelecimento de requisitos dos cargos, que indicam as metas a serem alcançadas por seus ocupantes (PISANI; PEREIRA; RIZZON, 1994). Frente às possibilidades e demandas oriundas de seu papel organizacional, o indivíduo interage com outros membros da equipe a fim de facilitar a resultante de seu trabalho em determinada função. A formação de grupos informais é possível no âmbito das diversas situações em que ocorre a identificação entre as pessoas, independente de seu papel ou produtividade na organização.

É possível supormos eventuais questionamentos da eficácia do indivíduo ao retornar ao trabalho após seu afastamento não planejado. Tal como pensarmos que, mesmo dentro do grupo informal a necessidade de um afastamento temporário por motivo de doença pode comprometer a maneira como este indivíduo é percebido ou recebido por seus membros. A interdependência do grupo é comprometida, os valores e papéis são atingidos em função de uma alteração individual.

Nesse sentido, da individualidade, podemos citar Dejours e Molinier (1994) no que se relaciona à busca individual pela identidade no trabalho e seu vínculo com as inter-relações pessoais, tal como a aceitação do outro. Os autores descrevem a importância do processo de “*identidade no campo organizacional*” (p. 167), como sendo este necessário ao indivíduo dentro do contexto do trabalho. Essa “identidade” a qual se referem tem total relação com a busca aos próprios objetivos, tornando o indivíduo um membro social e diminuindo a esse um possível sofrimento no meio profissional.

Talvez pudéssemos aqui levantar a possibilidade de mudanças no comportamento de um grupo frente à reintegração de um de seus membros na organização após um período de afastamento. Um grupo pode passar a ver o colega que retorna da licença médica com compaixão e não saber como agir na sua presença. Falar sobre a doença, fazer comentários sobre a licença pode trazer constrangimento ao indivíduo. Por outro lado, o indivíduo,

buscando evitar possíveis implicações destas situações, poderia negar a condição de doente. Barreto (2006) relata diversas situações de humilhação e desrespeito ao trabalhador doente, incluindo a existência de trabalhadores que “escondem” a doença dos supervisores com medo de repressão e desemprego.

Szasz (1994) observa que “as ligações entre doença e invalidez, entre invalidez e dependência e entre invalidez e produtividade são empíricas, não lógicas”. O desempenho produtivo do colaborador só poderá ser medido a partir da oportunidade de trabalho, tempo e espaço. Contudo, situações como a licença médica poderiam alterar a imagem que as pessoas fazem do colega e a percepção de suas capacidades? Assim sendo, o indivíduo veria comprometida a possibilidade de demonstrar do que seria capaz ou apto? Possíveis sentimentos de compaixão dos colegas frente à nova condição física ou psíquica do trabalhador poderiam inibir atitudes positivas?

Sendo questionada sua produtividade por ocasião de sua reintegração, o indivíduo afastado pode sentir-se desmotivado diante da erosão de sua *identidade no campo organizacional*, por isso inadequado naquele ambiente, o que dificultaria sua continuidade na função. A “dissonância” (PISANI; PEREIRA; RIZZON, 1994, p. 85) entre comportamentos ficaria clara nestas situações, ou seja, a imagem do indivíduo difere da percepção dos outros membros do grupo. O agir de acordo com a expectativa sentir-se capaz e agir como incapaz. Entender as novas necessidades e os reais motivos de um afastamento, reconhecendo as capacidades do indivíduo reintegrado são questões essenciais para a reconstrução de sua identidade no campo organizacional, sob pena de impossibilitar sua re-inclusão no ambiente de trabalho e até em seu círculo pessoal.

Em especial, um indivíduo afastado por motivos psicológicos pode sofrer preconceito em seu retorno, pois não é possível “ver” a doença, que é algo “invisível”, ou “subjetivo” ao observador. Este pode então relacionar qualquer necessidade do colaborador em seu retorno a uma incapacidade emocional, alguém que não consegue resolver nada com tranquilidade. Um exemplo seria o indivíduo com a síndrome de *burnout*, que pode ser resultante de trabalho excessivamente tenso, com alto nível de responsabilidade e atenção (Cid X). Hirigoyen (2008) lembra que o *Burnout* pode ser gerado pelo desgaste no trabalho devido a muita pressão e repetidas invasões às atividades do indivíduo. Ainda em relação ao *Burnout*, Benevides (2002) relata que uma de suas resultantes é a alteração de comportamento do indivíduo perante seus clientes ou colegas de trabalho, mantendo-se frio, distante e até mesmo irônico nessas relações.

Se, para a organização e seus integrantes, receber um indivíduo afastado por motivo de

doença física, e possivelmente conhecida e “visível” por todos, pode transformar-se num doloroso processo de recolocação, como seria ao indivíduo retornando de um afastamento resultante de um “esgotamento profissional”¹. Se o que é visível ainda é difícil de ser compreendido, como reagem os membros de uma organização em situações onde se envolve o emocional? Além disso, como reagiriam os colegas diante de um afastamento devido a uma doença atribuída ao mesmo ambiente e às mesmas condições de trabalho dos demais?

O vínculo profissional pode vir a ser questionado pela organização. Colocar em questão o vínculo entre a pessoa e seu papel organizacional no período de retorno do afastamento por licença médica pode impor ao colaborador situações onde sua capacidade profissional é discutida mediante a desvalorização do indivíduo, de seus valores e de suas capacidades. Neste sentido, podemos considerar a exposição do trabalhador ao assédio moral. Talvez seja possível que alguns indivíduos sofram assédio em seu retorno, sendo ridicularizados, desqualificados ou isolados, a fim de que exista um pedido de demissão.

Por outro lado, o retorno também poderá ser entendido no contexto organizacional como uma conquista do indivíduo, recebendo-o de forma agradável e motivadora, permitindo que o indivíduo recém-retornado sinta-se acolhido, enfatizando seu atual estado de recuperação, deixando para trás a situação da doença. De fato, o estudo das dinâmicas entre organização e o indivíduo afastado ou em retorno ao trabalho possibilitarão revelar alguns dramas humanos, ou ainda as vitórias de indivíduos lutando pela sobrevivência no espaço organizacional. Assim como, possivelmente, entenderemos se a organização (desta vez sob o ponto de vista do indivíduo) pode beneficiar-se da continuidade desse indivíduo em sua equipe ou até, a partir da relação entre as partes, ter uma responsabilidade significativa na diminuição de licenças no trabalho ou em seu período de duração.

4.1 O que sabemos sobre o adoecer?

Se, estamos aqui tratando de relação indivíduo - organização, e o contexto do afastamento por definição médica, devemos então falar sobre a saúde do indivíduo e o que podemos considerar em estado não saudável.

A história da saúde no trabalho começa, para Dejours (1991), a partir da luta da classe

¹ A Síndrome de *Burnout* também pode ser conhecida por esse termo.

operária para a subsistência, ainda tendo diversos casos de acidentes no trabalho em vista das péssimas condições nesse período de desenvolvimento do capitalismo industrial. Desde então muito se fala a respeito da saúde e trabalho.

Gomez e Verthein (2000) consideram que no século XVIII há um “deslocamento importante do olhar médico sobre o corpo” (2000, p. 7), sendo um esse um período importante para a história da saúde no trabalho.

Atualmente, ainda que existam muitos estudos relacionados à saúde do indivíduo, Segre e Ferraz (1997) entendem o conceito de doença da Organização Mundial de Saúde (OMS) como ultrapassada e distante da realidade. A definição da OMS traz a saúde como “ausência de doença e perfeito bem estar”(apud SEGRE; FERRAZ, 1997, p. 2), que, para os autores remete à subjetividade individual, pois a “perfeição” citada não pode ser medida, sendo então a experiência de perfeito bem estar algo íntimo de cada indivíduo a partir de seu contexto particular.

Para Dejours (1998) o sentido de estarmos saudáveis é muito amplo e complexo, já que em todo o tempo somos tomados por situações diversas fisiológicas que nos tira do desconforto total, tais como um resfriado, dor de cabeça ou dente. Dejours (1998) coloca que o termo correto para tratarmos do bem estar do indivíduo é a “normalidade”, ou seja, quando estamos em situação de possível mal estar físico ou psíquico, mas dentro dos parâmetros que consideramos normais, em que podemos continuar com nossas atividades cotidianas. Então, o indivíduo em licença médica está fora da situação de “normalidade”.

Essa “normalidade”, conceito usado por Dejours (1998), insere o fato de que o indivíduo possui possibilidades de defesas diante do risco de surgimento de alguma doença, defesas estas que podemos considerar biológicas, físicas ou comportamentais. Nesses termos agregamos que medicamentos, uso de EPIs (equipamentos de proteção individual), participação em atividades físicas, poderiam ser consideradas como ferramentas para a defesa.

4.2 Adoecer e sofrimento: o trabalho enquanto parte da vida do indivíduo, e a dor enquanto parte da vida no trabalho?

Se, estamos falando em saúde, ou “normalidade”, podemos então levar nosso diálogo para a situação do sofrimento, principalmente voltado à nossa discussão do trabalho. Dejours (1999) considera o sofrimento permanentemente no indivíduo, estando este no estado de

normalidade ou não.

4.2.1 Conceito de sofrimento

Dejours em seus estudos traz dois conceitos diferentes sobre sofrimento. O primeiro refere-se ao sofrimento estar mediando os espaços entre a saúde e a doença mental. O segundo conceito refere-se a possibilidade da defesa.

Pensando no indivíduo na organização, frente a pressões pessoais e interpessoais, também é possível considerá-lo no contexto do grupo frente ao sofrimento. Nesse sentido, considera-se que o grupo pode participar das mesmas dinâmicas organizacionais e até considerar que um grupo pode unir-se a fim de diminuir qualquer possibilidade de sofrimento. Porém é importante destacar aqui, que apesar do indivíduo participar de um grupo, o sofrimento é sempre individual, nunca coletivo, cada pessoa tem a sensação e a vivência do sofrimento de modo único (DEJOURS; MOLINIER, 1998), “...o sofrimento coletivo é inconcebível, já que não existe corpo coletivo” (DEJOURS, 1999, p. 19).

Então esse sofrimento pode surgir a partir da interação com a organização, assim como pode ocorrer por influência interna, partindo das sensações e expectativas do próprio sujeito. O sofrimento existe, pode transformar-se, mas jamais deixar de fazer parte da existência humana (DEJOURS, 1999). Para o autor, alguns indivíduos podem sofrer pelo medo de não conseguir satisfazer as necessidades ou exigências no trabalho, porém o sofrimento pode levar o indivíduo a movimentar-se em busca de novas realizações e expectativas (DEJOURS; MOLINIER, 1998). A discussão relacionada ao indivíduo e o trabalho e desejo de melhoria frente ao sofrimento leva Dejours a entender o trabalho como importante meio de saúde mental.

(...) o trabalho tem efeitos muito poderosos sobre o sofrimento psíquico: ou o trabalho contribui para agravar o sofrimento, levando a pessoa progressivamente à loucura, ou, ao contrário, o trabalho contribui para subverter o sofrimento, para transformá-lo em prazer, a ponto de, em certas situações, ser mais fácil para a pessoa que trabalha defender sua saúde mental, do que para a pessoa que não trabalha. (DEJOURS, 1999, p.17)

4.2.2 A organização e o indivíduo: questões sobre interações e formação do vínculo

O indivíduo, a partir de suas características pessoais tende a entender as normas, missões, valores da organização de maneira particular, o que pode tornar a organização sendo percebida de modo subjetivo (ZANELLI; SILVA, 2008).

Ainda segundo esses autores, no contexto organizacional podemos considerar grupos e climas diferentes, dessa forma é possível aqui afirmar que, dentro da organização, de acordo com as tarefas a serem efetuadas, as pessoas inseridas em um determinado ambiente passam a fazer parte de “diferentes organizações” em unidades diferentes ou mesmo em diversos setores.

Considerando o ambiente organizacional e a subjetividade de cada indivíduo, as relações se transformam e cada um, parte daquele espaço, constrói sua própria identidade no contexto organizacional, levando em conta é claro o ambiente que também o transforma e influência (ZANELLI; SILVA, 2008).

O indivíduo, no ambiente organizacional e sua interação com outras pessoas, regras, valores organizacionais, constrói sua identidade, que para Zanelli e Silva (2008) está o tempo todo dialogando com o espaço organizacional e entrando em modificações a partir de suas questões cotidianas.

Essa relação inicia-se a partir da entrada do indivíduo na organização, onde diante de expectativas iniciais por ambas as partes inicia-se um processo de formação do contrato psicológico, segundo Zanelli e Silva (2008). Ou seja, expectativas que vão além da relação de trabalho e produção, considerando o que diz respeito a comportamentos, valores e atitudes.

Nesse contrato, com o passar do tempo, o colaborador, tal como a organização constroem visões em relação aos deveres de cada uma das partes, seguindo suas próprias expectativas.

O indivíduo, frente a organização onde está inserido, constrói sentimentos e expectativas no que diz respeito ao seu próprio trabalho, suas possibilidades de crescimento e desempenho.

O que estamos dialogando aqui refere-se então à construção de um relacionamento iniciado no momento da entrada de um profissional na organização de trabalho. A relação, que é formada e transformada constantemente a partir de movimentos reais das partes (tais como produção, controle hierárquico, relações interpessoais) e de expectativas individuais e organizacionais subjetivas. É nesse sentido que devemos nos atentar, pois se, estamos aqui

falando sobre o processo de licença médica, certamente estamos narrando um fato que, foge das expectativas da organização, assim como também do próprio indivíduo adoentado.

A organização apresenta “imperfeições no cotidiano organizacional” citadas por Bastos (2008), que podem ser resultantes da ocorrência de doenças e acidentes no trabalho, também considerados por Davezies (1998), que, insere o conhecimento de que o trabalho prescrito é diferente do trabalho real, isso em virtude das diversas possibilidades não planejadas de alterações. Esse conceito também é apresentado nos estudos de Dejours (2003).

4.3 Contrato psicológico

Desejando estudar o entendimento do indivíduo frente à situação de adoecimento e afastamento no trabalho, assim como seu possível retorno, é preciso focar nossos olhares para a relação anteriormente construída, que aos poucos se fortalece, assim como também, de acordo com os acontecimentos cotidianos, pode se quebrar.

O termo contrato psicológico surge na década de 60 por Argyris, em um período de crescente força da Escola de Relações Humanas, e vem sendo estudado e discutido até os dias de hoje. Durante esse período, estudiosos trouxeram em debate o tema utilizando diferentes conceitos, sendo este modificado com o passar dos anos. Para Argyris, o contrato de trabalho existe no contexto da organização informal e tem como resultante o equilíbrio dentro do sistema, que para o autor, é disfuncional (apud ANBREU; SILVA, 2006)

Kotter (1973) discute o Contrato Psicológico assumindo que expectativas entre o empregado e o empregador existem e essas podem vir a ser relacionadas ou não. Para o Autor o Contrato é implícito e cada uma das partes espera oferecer e receber algo. Salário, carreira, benefícios, são citados pelo autor como expectativas do empregado, considerando que existam também expectativas não explícitas (apud ANDERSON; SCHALK, 1998).

Apesar de o termo contrato psicológico ter sido inserido nos anos 60, Guest (1998) atenta para o importante fato de que o contrato psicológico só passa a ser material de estudos conceituais nos últimos dez anos.

Atualmente nomes como Rousseau, Robinson e Guest, são destaques em estudos em torno do contrato de trabalho e ampliam nosso conhecimento a respeito. Na discussão deste capítulo serão utilizados os termos “empregado e empregador”, mantendo-se a tradução de employer e employee originalmente utilizados nessa literatura.

Segundo Rousseau (1995), contrato Psicológico refere-se a troca de acordos entre organização e empregados, podendo incluir questões apenas verbais ou termos por escrito. Sendo importante considerar que o contrato está relacionado com a relação futura.

Para discutirmos o termo em questão é importante definirmos o que seria o contrato psicológico. Rousseau (1995, apud ROUSSEAU, 2004, p. 120) argumenta que o contrato psicológico “*são as crenças em promessas, expressas ou implícitas, sobre um acordo de troca entre um indivíduo empregado e a organização*” (tradução nossa).

4.3.1 Formação do contrato

O contrato psicológico forma-se diante uma relação empregado e empregador, portanto esse contrato difere através das possíveis relações existentes no trabalho. Para Rousseau (1989), relações de longo prazo tendem a formar um contrato psicológico relacional, em que existe uma estabilidade e o compromisso entre as partes é mais duradouro. Nas relações de prazo pré determinado (por exemplo, um contrato temporário) o contrato psicológico é transacional, existindo limites nas contribuições e deveres.

Em nossos estudos poderemos introduzir o conceito de contrato psicológico a fim de entender o indivíduo no que se relaciona à suas crenças sobre as promessas organizacionais frente à situação nova e inesperada do afastamento por motivo de saúde.

Para Robinson, Kraatz e Rousseau (1994) no decorrer da relação de longo prazo do trabalhador com o contratante, a visão de dever entre as partes altera-se, sendo que o trabalhador entende-se devendo mais no início da relação e com o passar dos anos acredita que o contratante é que deve mais a ele. O contrato de trabalho então é entendido pelo indivíduo de maneira diferente de acordo com seu tempo na empresa. Além disso, Rousseau (1989) considera que o contrato psicológico está sempre em construção, já que a relação, ao iniciar, não possibilita que todos os pontos de importância para as partes sejam colocados explicitamente. Com o passar do tempo na relação o contrato psicológico irá aos poucos se completando.

Rousseau (1989) acredita ser de grande importância para o sucesso da organização o contrato psicológico, considerando este, um fator motivador ao indivíduo. Esta motivação existe através da formação voluntária do contrato, a autora insere o conhecimento de que o compromisso é mais facilmente mantido quando voluntário.

Porém, o contrato psicológico tem a complexidade de ser formado por duas partes, que, segundo Guest (1998), uma parte pode acreditar que está agindo certo e não saber o que está sendo esperado pela outra. Cada uma das partes agiria de acordo com seus propósitos, sem estar certo da programação vinda do outro lado. O autor acredita ser de grande dificuldade entender o que são essas expectativas no contrato psicológico para cada indivíduo, pois cada uma das partes, subjetivamente, cria suas próprias convicções.

Se inserirmos ao nosso conhecimento o termo contrato psicológico como o conjunto de obrigações das partes assim como também suas promessas e expectativas, devemos considerar o “estado do contrato psicológico”, como termo trazido por Guest e Conway (2002) a fim de entender se o contrato e seu conteúdo estão ou não sendo cumpridos e em que proporção. O Estado do Contrato Psicológico poderia influenciar a relação de confiança, já que preocupa-se em entender as promessas feitas entre as partes e se as mesmas podem ou não ser consideradas justas.

Nesse sentido, a fim de explorar a discussão iniciada por Guest (1998) e Gracia et al. (2006) realizaram um estudo com trabalhadores no que se relaciona ao “estado” do contrato psicológico considerando importante para a saúde psicológica os itens: satisfação com a vida, bem estar psicológico e conflito entre trabalho e família. Os autores concluem que o estado do contrato psicológico tem relação positiva no que diz respeito aos itens citados, ou seja, quanto melhor o estado do contrato psicológico, melhor o bem estar psicológico, a satisfação com a vida e menor o conflito trabalho e família.

A ideia de contrato psicológico não necessariamente é a mesma em ambas as partes, indivíduo empregado e empregador (MORRISON; ROBINSON, 1997). As autoras chamam de incongruência essa interpretação diferente entre as partes. A interpretação de promessas e deveres é individual e não necessariamente coincidem entre as partes. O contrato psicológico é então, segundo essas autoras, subjetivo.

Em seus estudos sobre Contrato Psicológico Rousseau (1995) atentou-se em distinguir dentre os tipos existentes de contrato o que é o seu objeto de estudo. A autora descreve quatro tipos, revelando suas diferenças no que refere-se à perspectivas internas, externas e relaciona-se o nível grupal e individual.

O contrato normativo relaciona-se ao grupo, tendo como maior referência a identificação de um grupo na mesma situação. Rousseau em seu trabalho traz como um exemplo desse tipo de contrato membros de uma equipe de traumatologia de um hospital comunitário. Esse tipo de contrato é grupal e também de perspectiva interna.

O contrato implícito deve-se a partir do entendimento de uma terceira pessoa, uma

referência no entendimento relacionado a um determinado acordo. Rousseau cita como exemplo testemunhas ou colegas no trabalho. Esse tipo de contrato é sob a perspectiva individual e externa.

O último tipo de contrato trazido pela autora é o contrato social, que tem perspectivas externas e grupais e refere-se a convicções de grupos, o que relaciona-se a cultura de um grupo social.

A tabela abaixo traz esses conceitos para melhor visualização dos diferentes tipos de contrato:

Tipos de Contrato		Perspectiva
Individual	Grupal	
Psicológico 1 Crenças que os indivíduos mantêm relacionadas a promessas feitas, aceitas e recíprocas com o outro	Normativo 2 Contrato psicológico compartilhado que emerge quando os membros de um grupo social, organização, ou unidade de trabalho mantêm as mesmas crenças.	Interna
Implícito 3 Interpretação que terceiros fazem em relação a termos contratuais.	Social 4 Crenças gerais em obrigações associadas com a cultura da sociedade.	Externa

Tabela 2. Tipos de contrato. Fonte: ROUSSEAU, 1995, p. 9, tradução nossa.

4.3.2 Expectativas no contrato

Morrison e Robinson (1997, p. 235) propõem o modelo de expectativas da incongruência descrita acima, trazendo três variáveis distintas, sendo estas: “Esquemas mentais divergentes entre agentes e empregados, complexidade e ambigüidade das promessas trocadas entre agentes e empregados, complexidade e ambigüidade das promessas trocadas e comunicação entre as partes” (tradução nossa). Para os autores, essa incongruência pode afetar os contratos psicológicos, porém, se existir uma formalização e maior interação na relação entre as partes, o risco dessa ruptura de contrato psicológico diminui.

Então é possível pensarmos que “promessas” feitas entre as partes poderiam ser quebradas ao se tratar do afastamento, pois a doença não pode ser, como já foi dito, pré

estabelecida e combinada, assim como a postura da organização frente a este fato não é definida posteriormente.

Para Navarro (2007) a organização deve ter conhecimento de que as decisões tomadas por ela (chamadas de sinais estruturais) relacionam-se diretamente com o comportamento de seus empregados.

Tendo ainda nesse sentido, grande importância na relação entre o empregado e seu superior direto que, para Navarro (2007) é quem tem mais proximidade com os empregados para a comunicação. Navarro (2007) insere em seus estudos, a importância do papel de empregado em sua "*busca de informação sobre sua relação de emprego*" (tradução nossa).

Desta forma, não somente a organização é responsável pelas promessas, como é também de interesse do indivíduo empregado, buscar conhecer o que esta organização está prometendo a ele. Portanto, devemos nos atentar ao entendimento do entrevistado sobre a relação ocorrida entre ele e seus superiores diretos, pois esses, possivelmente seriam os primeiros a receber a notícia do afastamento e a precisar lidar com essa novidade.

4.3.3 Violação e ruptura do contrato psicológico

Morrison e Robnson (1997) abordam a questão do contrato psicológico a fim de discutir como se desenvolve sua ruptura. Para as autoras, a violação do contrato psicológico pela organização traz ao indivíduo empregado sentimentos contra a organização tal como o de traição. Esses sentimentos são resultantes do fato do indivíduo acreditar que a organização não cumpriu promessas anteriormente estabelecidas. Para as autoras isso pode trazer diversas implicações para o indivíduo empregado assim como para a organização.

Para Robnson, Kraatz e Rousseau (1994) as incertezas e possíveis turbulências no ambiente organizacional aumentam as chances de que as promessas não sejam cumpridas pela organização, sendo assim, os indivíduos empregados acreditam que o contrato psicológico não está sendo obedecido. Da mesma forma que a organização pode vir a entender o afastamento do indivíduo por motivo da doença como uma forma de quebra do contrato.

Morrison e Robnson (1997) discutem a violação do contrato psicológico como sendo relacionado ao estado emocional de cada indivíduo, envolvendo sentimentos. Para os autores, existe uma distinção entre os termos violação do contrato psicológico e ruptura do mesmo.

A ruptura do contrato psicológico, segundo Morrison e Robnson (1997) distingue-se

da violação no que diz respeito à avaliação do contrato. Na ruptura o indivíduo irá entender que as obrigações e promessas não foram cumpridas (relaciona-se com os aspectos cognitivos), enquanto que a violação denota as emoções relacionadas a cada indivíduo, resultante da interpretação da situação ocorrida.

A ruptura do contrato pode resultar na violação para o indivíduo. Para os autores, a violação pode ter naturezas diferentes. Uma delas está relacionada à quebra de uma promessa provinda da organização. Porém a violação também pode existir a partir de uma interpretação distinta entre as partes sobre uma promessa e seu cumprimento.

Robinson e Rousseau (1994) trazem em seu trabalho uma série de possíveis diferentes formas de violação de contrato:

Tipos de Violação de Contrato:	Definição:
Treinamento/ Desenvolvimento	Ausência de treinamento ou alterações no prometido anteriormente.
Compensação	Discrepância entre o pagamento prometido e realizado (considera-se também benefícios)
Promoções	Promoções diferentes do prometido.
Natureza do Trabalho	Empregador percebido enquanto deturpador do trabalho e sua natureza.
Estabilidade no Emprego	Promessas não cumpridas no que se relaciona à estabilidade no emprego.
Feedback	Feedbacks inadequados.
Gerenciamento de Mudanças	Empregados não participantes ou participados em mudanças.
Responsabilidade	Menor responsabilidade ou desafios, diferente do prometido.
Pessoas	Empregador visto como deturpador do perfil de profissional na organização no que se relaciona ao tipo de trabalho e reputação.
Outros	Podem existir outros tipos de violação de Contrato Psicológico.

Tabela 3. Tipos de Violação de Contrato. Elaborado a partir de Robinson e Rousseau (1994 p.256) – (Tradução Nossa)

Então, em nossos estudos poderemos abordar essa interpretação por parte do entrevistado frente às promessas feitas antes da licença, durante e, possivelmente, em seu retorno.

Para Morrison e Robinson (1997) a relação da organização frente ao poder e responsabilidades do indivíduo empregado na organização é de maior cuidado em cumprir as promessas. Pois perder um empregado de grande valor para a organização trará a ela resultados custosos. Porém, ainda nesse sentido, o empregado nesta situação tem grandes chances de entender que o contrato psicológico foi rompido com outra perspectiva, sabendo do valor de seu trabalho dentro da organização.

Morrison e Robinson (1997) estudam a incongruência no contrato psicológico. O indivíduo empregado acredita que a organização não cumpriu com a promessa feita, e a organização acredita ter cumprido. A percepção diferente frente o cumprimento de uma determinada promessa, as autoras chamam de incongruência.

Ainda consideram também os “*Esquemas divergentes*”, onde dentro de um relacionamento no emprego, cada uma das partes tem suas próprias interpretações e lembranças das promessas feitas, e estas não necessariamente são iguais entre as partes.

O contrato psicológico então será abordado aqui de modo a conhecer o entendimento do indivíduo, buscando assim investigar a relação a partir da licença e a possível interferência desta no contrato psicológico.

5 METODOLOGIA

5.1 Objeto de pesquisa

O objeto de pesquisa compreende entender, por meio da análise fenomenológica, as experiências dos indivíduos ao longo do processo denominado “afastamento” (licença médica) e no retorno ao trabalho. Estas experiências abrangem, entre vários aspectos, a percepção dos afastados e dos reintegrados em relação à sua profissão e o retorno ao trabalho, os sentidos atribuídos ao processo, as expectativas construídas, a transformação das relações de trabalho e vínculos psicológicos.

5.2 Método de pesquisa

Esse estudo utiliza uma metodologia de natureza qualitativa, tendo como estratégia de pesquisa adotada a análise interpretativa com base fenomenológica (MOREIRA, 2004; SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009). Nesse contexto então, o levantamento de dados escolhido foi a entrevista em profundidade.

Por ser o método definido para esta dissertação à luz da fenomenologia, a questão teórica apresentada no capítulo de Referencial Teórico traz em seu principal foco apenas a visualização de estudos dirigidos à temas diversos relacionados ao indivíduo no trabalho, não tendo qualquer função em iluminar as entrevistas ou tampouco influenciar no contexto das análises. O Referencial Teórico será então trazido apenas no capítulo da Discussão, após a fase de entrevistas e análises finalizadas.

5.2.1 Análise fenomenológica interpretativa (*interpretative phenomenological analysis* - IPA)

O método de análise fenomenológica interpretativa (IPA), discutido por Smith, Flowers e Larkin (2009) incorpora conceitos da fenomenologia, hermenêutica e ideografia,

tem profunda ligação com a psicologia e é fundamentalmente qualitativo.

O primeiro conceito importante para a IPA, como dito anteriormente é a fenomenologia. Surgindo na filosofia, pelos trabalhos de Husserl no início do século XX, o termo fenomenologia passa a trazer, ao longo dos anos, conteúdos e olhares a partir de outros filósofos. Segundo Moreira (2004), podemos considerar a fenomenologia um movimento, uma escola, uma descrição e estudo e enfim um método.

Para McClelland e Chen (1999) a fenomenologia entende que existem diversas realidades e que cada indivíduo busca significados para suas vivências. Os autores acreditam que “realidades são socialmente construídas” (1999, p. 282). A fenomenologia, segundo Moreira (2004) permite encontrar a partir da experiência humana, a essência nos acontecimentos a partir da intuição, percepção e sensações do indivíduo que vivenciou determinada experiência.

Desenvolvimento inicial do termo Fenomenologia.

Johann Henrich Lambert (1728-1777)	Possivelmente quem iniciou a utilização do termo, porém de modo diferente ao ser utilizado anos depois por Husserl.
G.W.F.Hegel (1770-1831)	Utilizando o termo em seu trabalho “Fenomenologia do Espírito”, ainda tendo o termo utilizado de modo diverso.
Edmund Husserl (1859-1938)	<ul style="list-style-type: none"> • Husserl funda a fenomenologia entre os anos de 1910 a 1913. • Investigações Lógicas: Destaque á experiência do indivíduo. • O termo se “dispersa” em outros filósofos enquanto sistema.
M. Heidegger (1889-1976)	“ <i>Being and Time</i> ”: Refere-se a reflexão do indivíduo, socialização, afeto e existência.
Merleau-Ponty (1908-1961)	“Fenomenologia da Percepção”
Sartre (1905-1980)	“Existência vem antes da essência”

Tabela 4. Fenomenologia. Criado a partir de Durozoi e Roussel (1993), Moreira (2004) e Smith, Flowers e Larkin (2009).

A Hermenêutica tem seu espaço como segunda maior importante influência da IPA, abrangendo questões de interpretação. São considerados importantes teóricos hermenêuticos, Heidegger, Schieiermacher e Gadamer. Hermenêutica inicia-se a partir das interpretações bíblicas (DUROZOI; ROUSSEL, 1993), sendo aos poucos inserida em interpretações literárias (SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009). O terceiro componente da IPA é a chamada Ideografia, postura teórico-metodológica que busca evitar generalizações, levando o olhar da experiência do indivíduo enquanto único, em uma “*perspectiva particular de uma pessoa, dentro de um contexto em particular*” (SMITH; FLOWERS; LARKIN, 2009, p. 29).

5.2.3 Levantamento de dados: a entrevista em profundidade

O uso da entrevista em profundidade teve como objetivo conhecer a experiência vivida pelo indivíduo no que se relaciona ao tema proposto permitindo acesso às suas construções subjetivas, dando-nos a oportunidade de conhecer as maneiras como interpretam e vivenciam a situação de afastamento ou reintegração, incluindo suas racionalizações, justificativas, os significados atribuídos ao momento e aos elementos em seu entorno. A entrevista em profundidade permite que o entrevistador levante uma série de elementos objetivos, tais como fatos lembrados, e subjetivos, como, por exemplo, sensações e sentimentos verbalizados pelo entrevistado (HAIR et al., 2007). O indivíduo entrevistado é a unidade de análise, foco principal de estudo.

As entrevistas foram semi-abertas, ou seja, foram feitas perguntas amplas a fim de obter relatos específicos de situações a serem investigadas, permitindo que o entrevistado se colocasse mais abertamente. O questionário inicial da entrevista será apresentado no final desta sessão, podendo este ser alterado no decorrer de cada entrevista de acordo com as oportunidades no surgimento de fatos e lembranças do entrevistado. Segundo Vergara (2009), a entrevista semi-aberta permite ao entrevistador que no decorrer da entrevista possa reformular questões e até fazer novas perguntas através do diálogo e do percurso que a entrevista toma. Hair et al. (2007, p. 85) inserem que, na entrevista em profundidade, “Os entrevistados em geral são escolhidos com cuidado, por terem algum conhecimento especializado”.

Na fenomenologia, para Sanders (1982), o pesquisador poderá levantar dados considerando um número pequeno de entrevistados, porém mantendo a qualidade de cada

entrevista e buscando alcançar detalhes das informações. Desta forma, a pesquisa fenomenológica busca aprofundar a compreensão da experiência individual, o que não requer amostras grandes, mas roteiros abertos e entrevistas bem executadas (SANDERS, 1982, p. 356) sugere um número entre 3 e 6 participantes.

Os convidados a participar desta pesquisa foram escolhidos com base na sua adequação à situação de licença médica de trabalho (ainda em período de afastamento ou já em seu retorno ao trabalho). A amostra da pesquisa foi oportunística.

5.2.4 Contextualizando as entrevistas

Cinco indivíduos em período de afastamento ou já retornados ao trabalho dedicaram seu tempo a esta pesquisa, colegas de pacientes meus ou indicadas por outros profissionais da saúde. Minha experiência enquanto psicóloga clínica, tal como meu contato com colegas da área da saúde me permitiram conhecer os entrevistados. Os contatos foram feitos de forma que os objetivos com a pesquisa ficassem claros logo de início, bem como minha formação e atuação como psicóloga clínica, o que provavelmente facilitou a construção da confiança mútua que facilita o diálogo entre o entrevistador e entrevistado. As entrevistas duraram entre uma e duas horas e foram realizadas individualmente, respeitando o tempo e as emoções do entrevistado.

A utilização do gravador foi consentida pelos entrevistados, gerando transcrições literais dos diálogos. Além desse material, foi feito o registro minucioso das entrevistas em um diário de campo, no que dizia respeito à linguagem não verbal, impressões e comentários da entrevistadora. Em momentos, alguns participantes choraram lembrando fatos carregados de sentimentos, colocando-se frente a mim sem reservas ou desconfiança.

5.2.5 Participantes da pesquisa, quem são os indivíduos que colaboraram nesse processo

Ao inserir aqui o perfil de nossos entrevistados, cabe a mim assegurar o sigilo de suas identidades. Os nomes foram trocados, mantendo-se aqui as características com sexo, idade e profissão. Todas as entrevistas ocorreram no primeiro semestre de 2010.

A primeira entrevista foi realizada com Mara, ela é funcionária pública, mora no Estado de São Paulo com seus pais e tem 21 anos. Sua profissão é na área educação, porém também participa de funções administrativas relacionadas ao cargo. Mara trabalhava anteriormente em outra unidade, na mesma função, e por questões de necessidade da instituição foi transferida para esta unidade atual.

Mara foi indicada a mim por um antigo paciente, nossa conversa aconteceu em meu consultório. Por todo o momento de nossa entrevista, esteve em contato visual comigo, gesticulava para falar de eventos relacionados ao seu retorno e no momento em que relatou sua ocupação nos dias de licença abaixou a cabeça e o tom de voz.

No momento da entrevista encontrava-se em licença médica, e passaria pela perícia poucos dias após a entrevista.

Uma semana após a realização da entrevista, ela me telefonou, informando que seu período de licença havia sido encerrado pela perícia e retornaria ao trabalho dias depois. Infelizmente não foi possível um novo contato por questão de horários.

Júlia foi minha segunda entrevistada. Ela é casada, tem uma filha e 26 anos. Trabalha como analista de sistemas de uma empresa de médio porte em uma organização de médio porte na área de programação, prestando serviços para uma rede bancária.

Julia retornou ao trabalho em meados de outubro de 2009, atualmente faz tratamento postural preventivo (RPG).

A entrevista foi realizada em uma manhã de sábado, logo após uma de suas sessões de RPG em um tranqüilo café, escolhido por ela, próximo a clínica de seu tratamento. Julia foi indicada a mim por profissionais da saúde e colocou-se a inteira disposição para nossa conversa.

Demonstrou-se motivada a falar sobre seu histórico de licença no trabalho e ao ir embora se desculpou de não poder ficar mais, porque precisava voltar para casa para cuidar da filha. Durante o período da entrevista esforçou-se para relatar detalhes e no momento de lembrança dos dias em que estava em casa adoecida emocionou-se, tendo os olhos lacrimejados.

Realizei minha terceira entrevista também no espaço de meu consultório, onde conheci Pedro, indicado para a pesquisa por antigos pacientes meus. Ele tem 23 anos, mora com os pais e é Programador.

Pedro esteve sem trabalhar com registro em carteira por um período de um ano devido a problemas de saúde. Seu quadro era de Síndrome de Pânico, tendo feito tratamento médico e psicoterapêutico. Nesse mesmo período trancou o curso superior que estava terminando na

área de programação. Ao se perceber melhor e com ajuda terapêutica Pedro consegue finalizar seu curso, sentindo-se motivado a retornar ao mercado de trabalho. Passa a procurar emprego, e ao conseguir, deixa a psicoterapia por motivos de horário, já que não quer faltar ou atrasar no trabalho. Permanece em seu cargo por quatro meses quando sente que terá uma recaída. Ao perceber sinais de adoecimento ele resolve conversar com a coordenação do trabalho, esclarecendo seu problema de saúde. Na entrevista, Pedro relata esse período, trazendo ao nosso conhecimento sua experiência enquanto profissional em licença médica no trabalho.

Carla é a participante de mais uma entrevista. Ela é casada, tem 38 anos e um filho. Atua com grupo de saúde, tendo trabalhado no setor administrativo também.

Consegui contato com Carla através da indicação de amigos, nos encontramos um uma tarde de sábado em um local escolhido por ela.

Carla em todo seu período na profissão neste local esteve afastada por diversas vezes, sendo mencionadas 5 vezes de período superior ou igual a 2 meses.

Atualmente trabalha em outro setor, onde foi designada após um conflito com o superior direto (veja entrevista).

A última entrevista dessa dissertação é a de Rita. Conheci Rita durante seu tratamento de saúde, antes mesmo de seu retorno, porém nos reencontramos para a entrevista meses depois, quando sua vida estava diferente. Já havia retomado o trabalho e passado por uma importante perda na família recentemente. A entrevistada mora com o irmão, não tem filhos, trabalha em uma rede bancária e tem 34 anos.

Rita me encontrou em um shopping de São Paulo, em uma noite chuvosa após seu horário de trabalho. Encontramos silêncio em um café, onde pudemos permanecer durante todo o tempo da entrevista.

Ela continua em seu primeiro emprego, iniciou nesta organização aos 17 anos e durante esse período já esteve afastada por mais de uma vez.

5.4 Roteiro de entrevista

- Descreva sua trajetória profissional nesta empresa;
- Comente sobre o afastamento. O que aconteceu? Como aconteceu?;
- Fale-me sobre as conseqüências do afastamento. Para você e para o grupo de trabalho;

- Comente sobre suas expectativas profissionais.

Aos entrevistados que já retornaram ao trabalho serão realizadas adicionalmente questões relacionadas ao retorno:

- Como foi seu retorno?;
- Como vem sendo sua reintegração?;
- Quais são suas expectativas com o retorno?

5.5 Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada através da análise fenomenológica interpretativa (IPA). Para Smith, Flowers e Larkin (2009, p. 81) a análise “É um processo iterativo de descrição e envolvimento com o que foi transcrito. Trata-se de pensamento flexível, o processo de redução, ampliação, revisão, criatividade e inovação” (tradução nossa).

Sanders (1982) acredita que o método fenomenológico tem sua análise feita a partir de 4 critérios: Descrição do fenômeno, identificação de temas ou variantes, reflexão sobre os temas e por fim a busca pela essência (1982, p. 357).

A descrição do fenômeno tem como objetivo tornar claro o fenômeno pesquisado, ou seja, a experiência do indivíduo frente a licença médica no trabalho.

Para que exista a identificação dos temas e em seguida os outros dois passos da análise, as entrevistas serão transcritas. Feita a transcrição o pesquisador buscará organizar cada tema encontrado nas entrevistas, e a partir disso comentar cada um deles visando a caracterização do fenômeno.

Para Smith, Flowers e Larkin (2009), não existe análise correta ou incorreta, existem diversas possibilidades de olhar a entrevista e percebê-la enquanto objeto de análise. Segundo os autores existem inúmeras maneiras de analisar dados, sabendo-se que pesquisadores poderiam trocar informações diferenciadas se todos analisassem os mesmos dados, pois cada indivíduo teria percepção diferente para agregar. A análise passa a ser então uma conexão entre o analista e o entrevistado. Ao olhar para uma seqüência de entrevistas em fenomenologia, o analista poderá trabalhar detalhadamente com os dados da primeira

entrevista, que servirá de guia para a segunda e direcionará as seguintes. A primeira análise terá, seis passos a serem seguidos.

A Tabela abaixo ilustra cada um dos passos da etapa de análise em IPA, realizados com as entrevistas.

Fases da Análise	
1. Primeiro olhar aos dados.	Este passo inicial consistiu na entrega aos dados. Escutar e reler as entrevistas foi de grande importância nesse momento. Nesta fase iniciou-se a possibilidade de estabelecer as primeiras conexões entre as idéias do entrevistado, diminuindo a quantidade de informações.
2. Verificação contextual.	Esta fase foi realizada em diferentes passos, iniciando-se com atenção ao que já foi percebido, detalhado e anotado. O foco nesse momento remeteu-se à linguagem. Comentários descritivos tais como frases, palavras chaves ou explicações; Comentários lingüísticos e comentários conceituais foram atentamente observados e a partir desse olhar pode-se realizar a desconstrução da leitura, ou seja, cada parágrafo foi lido separadamente, oferecendo a cada trecho da entrevista uma especial atenção. As anotações iniciais foram revistas após essa leitura.
3. Formulação de Temas.	Foi dado foco a temas importantes, recorrentes, diminuindo assim o volume de informações.
4. Conexão entre temas.	Estabelecimento de conexões entre temas.
5. Análise das demais entrevistas.	Segundo Smith, Flowers e Larkin (2009), a entrevista inicial e a construção analítica da mesma foram sequenciadas pelas entrevistas seguintes.
6. Relações estabelecidas.	Relacionamento entre todas as entrevistas, visualizando padrões no temas, permitindo a construção de tabelas temáticas gerais.
7. Elaboração da Discussão.	A partir dos tópicos temáticos, a construção da discussão fez polarizar as macro-categorias “Direito ou Castigo”, construídas por meio da associação entre temas-padrões.

Tabela 5. Etapa de análise em IPA. Elaborado a partir de Smith, Flowers and Larkin (2009 cap.5).

A licença médica enquanto Direito ou Castigo é o foco de nossa análise.

Serão colocados aqui temas relacionados ao sofrimento e formação da identidade, abordando principalmente conceitos inseridos por Christophe Dejours.

A relação entre o indivíduo e o grupo de trabalho, tal como as diversas expectativas e frustrações inseridas nessa interação traz nossas discussões em torno do Contrato Psicológico a partir da experiência de uma das partes.

É importante lembrar que, a presente discussão busca trazer a tona relevantes temas analisados a cada entrevista, ou seja, alguns temas individuais serão trazidos no corpo da discussão independente de estarem inseridos no quadro Tópicos Temáticos (veja anexos).

6. DISCUSSÃO: A LICENÇA ENQUANTO DIREITO, A LICENÇA ENQUANTO CASTIGO

Tendo contato com cinco indivíduos que vivenciaram esse direito da licença médica no trabalho pudemos observar a licença transformando relações, marcando o histórico profissional desses participantes, mobilizando sentimentos relacionados à saúde, ao indivíduo e ao trabalho. A partir das entrevistas realizadas e das análises feitas pudemos conhecer a licença enquanto parte da vida desses entrevistados, frente ao sofrimento humano e único, longe dos números estatísticos e da massa presente nas salas de espera da perícia. Olhamos a cada um, seus sentimentos contidos na dor física e psíquica. O direito de afastar-se é real frente ao cotidiano da doença e do trabalho? O que se espera de alguém afastado? Como o indivíduo vivencia seus dias em casa, seu retorno, seu contato com o grupo e possíveis transformações em sua vida profissional frente à possibilidade de perda do cargo ou do próprio emprego?

A licença médica enquanto direito é conhecida por nós e pertence ao cotidiano de milhares de pessoas todos os anos no Brasil. O direito de afastar-se do trabalho permite ao indivíduo o tratamento de sua doença pela possibilidade de repousar em casa, com a família e longe da rotina profissional. Para tanto, o indivíduo deve comprovar seu estado de saúde, retornando ao trabalho assim que estiver recuperado. Dado o dinamismo das relações estabelecidas entre indivíduos e organizações, seria interessante pensarmos no engajamento das partes frente ao afastamento do indivíduo, cujas particularidades teriam impacto à construção do contrato psicológico, beneficiando ou não a relação.

Apesar de a licença médica ser um direito de todos os trabalhadores, somente uma entrevistada relaciona-o à construção de experiências e expectativas positivas junto à organização. Rita, que trabalha em uma rede bancária há 17 anos revela gratidão quanto ao apoio que recebeu dos colegas e da empresa, na qual deseja continuar trabalhando.

(...) então assim, eu não tenho o que reclamar, ao contrario, eu tenho que agradecer, porque toda a vez que eu precisei eu tive apoio. (...) eu trabalho com pessoas muito bacanas, pessoas com quem eu posso contar, tenho amigos lá, pessoas que eu tenho um grande respeito um grande carinho. Algumas pessoas me ajudaram bastante. Acho que empresa é muito correta, em relação à licença eu acho a empresa

muito correta. (Rita)

Tal como um direito, o afastamento permite que o indivíduo vivencie uma transição para retornar ao estado de “normalidade” (Dejours, 1998), recuperando a satisfação outrora experimentada no trabalho. No caso de Rita, a licença traz inicialmente a oportunidade de descanso psíquico e do corpo, após a difícil fase do início da depressão:

(...) como eu cheguei nessa situação, aquilo me deixou totalmente desesperada, como se eu tivesse... Fiquei sem chão, como se eu tivesse... Aquilo pra mim tinha acabado, eu queria de qualquer jeito acabar, falava eu morri, eu não quero mais ficar aqui ... (Rita)

O relato de Rita revela a solidão contida em seu desespero, que a coloca frente à necessária licença, dada a impotência diante do sofrimento do corpo no período inicial da doença. Neste momento, a entrevistada está fora do estado de “normalidade” definido por Dejours (1998):

(...) era como se eu não comandasse meu corpo sabe, então era assim, eu não tinha vontade de fazer nada, queria ficar na cama, eu não queria ver ninguém, eu não queria comer, eu não queria fazer nada. Tanto que eu emagreci 8 kg. É... Eu não tinha vontade de fazer nada, ver as pessoas então era muito difícil... Olha não é fácil essa situação. Eu nunca tinha passado por isso então a gente não sabe como que é, a gente ouve falar, mas só vai saber quando bate na nossa porta... Foi muito difícil, enfrentar a situação. (Rita)

A dor que só ela conheceu e sentiu, distante do grupo de trabalho e até mesmo da família, trazia consigo a dificuldade em relacionar-se com as pessoas no período crítico da doença. Com o tratamento e a licença, Rita pôde recuperar aos poucos seus desejos e necessidades. O corpo, ao retornar à sua condição de “normalidade”, descrita por Dejours, permite que Rita deseje voltar ao trabalho, produzir e retomar suas atividades profissionais.

(...) Mas na verdade eu não agüentava mais ficar em casa, aí começa a dar aquela angustia, eu não queria mais ficar em casa, eu queria

sair... O médico perguntou como é que eu tava e eu disse, “eu to bem, eu quero voltar”. (Rita)

Nos estudos de psicodinâmica do trabalho o sofrimento é uma experiência vivenciada que se refere ao indivíduo e a seu olhar em pertencer ao mundo. O trabalho pode ser uma importante fonte de prazer ao indivíduo, a fonte de seu sofrimento, ou ainda, um fator importante para evitá-lo (Dejours 1997). Para Rita, a retorno ao trabalho foi uma forma de manter o pensamento sobre a doença afastado e ter a oportunidade em continuar suas atividades profissionais:

E graças a Deus isso tá me ajudando muito também, porque eu não paro meu tempo pra ficar pensando em besteira, então o tempo que eu tenho ali é só trabalho, trabalho, trabalho, então é claro que a gente dá risada tudo, conversa, fala outras coisas, mas a maior parte do tempo é o serviço, então eu mexo muito com calculo e a minha cabeça, assim eu não posso me distrair em relação à calculo, valor, que é devolução, é emissão de apólice, então eu tenho que saber o valor certo, então imagina se eu começo a pensar em outras coisas, a pirar...eu não posso me distrair em relação a outras coisas (Rita).

No relato de Júlia notamos o “não trabalho” enquanto parte da dor durante o período de afastamento. Para ela, estar afastada fez sua rotina mais penosa do que normalmente, quando submetida à jornada dupla, revelando a licença como castigo. O momento do afastamento é vivido pelo indivíduo solitário, tendo a doença como cúmplice e, para Júlia, o desejo de retorno ao trabalho enquanto meta:

Ah foi estressante. Foi, foi estressante... Ficar afastada foi um tanto estressante, a gente fica acostumada a trabalhar, voltar pra casa, ver marido, filha, ter uma jornada dupla. E aí de repente a gente se sente incapacitada... Ficar parada, sem trabalhar... É horrível. (Júlia)

De fato, o trabalho enquanto fonte de conquistas revelou-se desejo de todos os entrevistados, e a necessidade de “perceber-se valorizado” emergiu repetidamente. As expectativas no trabalho incluíam ter atividades que lhes fizessem diferença enquanto

profissionais e para a organização:

Eu não me sentia valorizado, ficava bem desmotivado, o que eu fazia não tinha muito sentido, eram poucas coisas que eu fazia que eles arrumavam, eu achava que poderia render mais. Eu não gosto muito de ficar parado. (...) Quem sabe num cargo assim, que eu me identifique mais, me sinta responsável ou que pelo menos o que eu faça valha pra alguma coisa. (Pedro)

O reconhecimento do outro, o “ter importância” faz parte da identidade do indivíduo no trabalho. Nas entrevistas, o “fazer algo percebido como de fato importante” revelou-se caminho para que se percebam como indivíduos no trabalho. Frente a esta necessidade, contudo, a transição representada pelo momento do afastamento levava à frustração trazida pelo ter sido “deixada de lado”. Ao voltar da licença, Julia havia sido transferida a outro setor. A insatisfação frente a essa mudança fez com que ela desejasse o retorno ao antigo posto:

Acho que as coisas mudaram muito por eu ter sido afastada... Não sei explicar, sabe, mas mudou. Mas, eu acho que agora to voltando a ter confiança... Eles me colocaram numa célula que eu nem era tão exigida... Antes de eu me afastar, a célula que eu tava, se desse alguma coisa errada a empresa tinha que se responsabilizar pela documentação dos clientes, dava alteração no processo sabe? Na outra que fiquei depois, não, não influenciava tanto, qualquer coisa que eu fazia, não revertia em nada, não fazia diferença. Eu me senti meio deixada de lado (...) Agora, faz um mês que eu consegui uma promoção. Bom, não é bem uma promoção, né, [sorri com timidez] mas agora eu fui pra um setor melhor. (Julia)

Passar a fazer algo que tenha importância é entendido por Julia como promoção, sendo reconhecida e recompensada. O período de retorno para Júlia incitava não somente o desejo de ser reconhecida, mas sua licença como castigo foi também experimentada como necessidade de pertencimento:

Além da gente estar afastada por um problema de saúde, doente, sem

poder trabalhar, a gente fica sem saber de nada, nada mesmo, como vai ser quando a gente voltar, em que pé estão as coisas (...) Parece que você nem trabalha, entende?(Júlia)

A experiência da licença médica enquanto castigo revela uma série de questões relacionadas ao desdobramento do contrato psicológico, assim como à postura do indivíduo e do empregador frente ao direito do afastamento. Para Carla, o direito da licença médica, garantido por lei, não impede que ocorra desconfiança na relação empregatícia:

(...) “se eles [seus chefes] duvidam que a pessoa tá doente de verdade, então eles deveriam colocar (...), gente competente pra fazer a perícia, esses médico que fazem a perícia nem olham pra sua cara.”
(Carla)

Para dois entrevistados, a desconfiança emergia frente à doença psiquiátrica, que revelava atitudes de medo e despreparo por parte dos outros, sinalizando a falta de informação perante o que não é físico e visível. Mara e Pedro vivenciaram a triste experiência da doença “não aceita”, como que o adoecer precise estar legitimado internamente. Mara relata o diálogo com a chefe ao apresentar seu diagnóstico:

Quando eu cheguei com o atestado de depressão severa ela ficou tão agitada, que não parava de falar: “Licença de noventa dias de psiquiatra pode te prejudicar, vai em outro medico, vai no ortopedista e pede quinze dias”. Ela ficou falando: “Volta, você é muito nova pra estar com esses problemas”. (Mara)

Frente à desconfiança, a licença impõe a reavaliação das expectativas construídas no âmbito do contrato psicológico. Procedimentos de trabalho, direitos e deveres fazem parte do contrato de trabalho, contido no contrato psicológico; porém, na prática, o entendimento desses direitos parece depender das especificidades das relações entre a organização e os indivíduos, sendo pertencente ao domínio do implícito do contrato. Dado este entendimento, inserimos aqui a fala de Júlia. Apesar de a licença ser um direito, o indivíduo afastado será reavaliado pela organização, pois a licença médica não faz parte das expectativas do empregador:

Eu acho que é assim, quando um funcionário sai de licença a empresa fica assim [demonstra um recuo com o corpo] um tanto recuada, na defensiva para ver o que vai dar, fica só observando, vai dando corda, mas fica lá, recuada só olhando. (Júlia)

Visto que o contrato psicológico é construído continuamente pela atualização de crenças e promessas, explícitas ou não entre as partes, a relação pode atravessar mudanças frente a um afastamento, percebidas pelas partes envolvidas de forma única. Nas citações abaixo, notamos que Mara e Pedro nutrem expectativas frente ao desenrolar de sua relação empregatícia, não existindo necessariamente a contrapartida justa quanto ao comportamento do empregador:

(...) acho que ela vai me avisar, pelo menos é isso que eu to esperando dela. (Mara)

(...) eu achei que ela tava preocupada comigo, mas depois eu vi que não era preocupação (Pedro).

Para Morrison e Robinson (1997) a ruptura do contrato psicológico ocorre, para o indivíduo, frente a uma promessa ou obrigação não cumprida. Para Júlia, a promessa feita antes da licença foi fonte de expectativa e frustração, já que a reavaliação ergonômica do espaço tornava-se inevitável, com impactos na sua compreensão da relação empregatícia:

(...) a minha gerente me disse que eles iam adequar a minha mesa, minha cadeira, me dar condições de trabalho se eu voltasse. Mas não aconteceu nada disso... (Júlia)

Robinson e Rousseau (1994) argumentam que o contrato psicológico traz em suas promessas tácitas entendimentos de cada uma das partes. Então, se ambos concordam com os termos de contrato, não significa que ambos entendem do mesmo modo, pois cada um constrói seu próprio entendimento sobre o que foi acordado. “Contratos psicológicos são subjetivos, e residem nos olhos de quem vê” (Robinson e Rousseau, 1994 p.246). Essa subjetividade permeia também a experiência de violação do contrato, ou o entendimento de que promessas não foram cumpridas, induzindo sentimentos negativos em relação ao

empregador. Mara e Pedro experimentam a violação no que se relacionava às expectativas de estabilidade no cargo, deixando de sentir-se seguros no emprego:

Quando soube disso me arrependi do e-mail que enviei pra ela, quando eu soube o que era esse tal estudo me arrependi muito, porque achei que ela tava tentando me tirar do cargo (Mara).

Minha chefe falou pra eu ficar tranquilo, que ela ia me apoiar, pra eu ficar sossegado porque eles iam me dar todo o apoio. O RH falou a mesma coisa. A chefe, o RH e a sub chefe se falaram depois que eu liguei, e no dia seguinte disseram que não sabiam o que iriam fazer comigo, não tinham uma posição, nem sabiam qual atitude eles iam tomar comigo por causa disso, da minha doença. (Pedro)

Carla acredita que por ser funcionária pública, não teve prejuízos no tratamento que recebe no trabalho. Porém, traz em seu discurso uma série de situações onde é preterida frente aos colegas. Apesar de a transformação no tratamento interpessoal não ter sido citada por Robinson e Rousseau (1994), talvez seja possível entendermos esta situação enquanto uma violação do contrato psicológico, pois altera o curso da relação, trazendo à Carla um custo emocional intenso:

E todo mundo no setor recebeu o papel da avaliação, menos eu. Aí eu liguei lá no setor pra perguntar e foi ela que atendeu aí ela falou pra mim “menina, se enxerga, você pensa que você é o que?” aí eu fiquei louca, ela falou assim mesmo no telefone aí eu falei pra ela “o interesse é meu de receber esse papel pra poder receber o meu dinheiro” isso na época que eu tava grávida. (Carla)

Nossa, quando eu desliguei, eu chorava, chorava, chorava de soluçar... aí que eu disse “eu to indignada, porque ela é mãe, ela não devia me tratar desse jeito” e a superior a ela que deveria ter me apoiado, nem fez nada..(Carla).

Na situação trazida por Pedro, a violação é intensificada com a demissão, trazendo

como explicação o cuidado com sua saúde, não oferecendo a possibilidade de escolha ou auto-avaliação. Neste momento, como se já não bastasse a doença, a demissão vira sua solução:

Me disseram que eles iam me demitir, que era pela minha saúde, pra eu me cuidar, pro meu bem, segundo eles (Pedro)

Frente aos riscos percebidos e às expectativas do empregador, as estratégias dos indivíduos incluem romper voluntariamente com o direito lhe concedido. Carla já esteve afastada por mais de uma vez e chegou a retornar ao trabalho durante a licença para evitar problemas relacionados à postura dos colegas frente a sua doença:

Mas nessa vez eu acabei voltando antes, com o braço imobilizado pra trabalhar de tanto que ficaram falando. (Carla)

7 CONCLUSÃO

Essa dissertação teve como objetivo conhecer por meio da Análise Interpretativa Fenomenológica a experiência vivida por indivíduos que estiveram na situação de licença médica no trabalho. As entrevistas realizadas e analisadas nos permitiram discutir a licença no trabalho trazendo enquanto eixo analítico sua dupla caracterização: a licença como direito e como castigo.

A fenomenologia nos permitiu aproximar os olhares à experiência de vida de cinco indivíduos perante a licença médica no trabalho. Diferentes histórias de vida, de sofrimento e de doença foram relatadas, trazendo-nos a discutir as angústias, expectativas, fantasias ou medos vividos e experimentados por cada um deles diante da mesma situação. Certamente a licença alterando seu cotidiano no trabalho lhes permitiu reflexões acerca de suas vidas e do futuro.

A discussão da licença médica enquanto direito referiu-se à legalidade do afastamento, e à sua natureza como momento de transição de volta à normalidade; porém esta transição, garantida por lei, traz em seu bojo uma série de questões que lhe rendem também o caráter de castigo. O indivíduo afastado não estaria isento de preocupações relacionadas ao retorno, às expectativas provindas de colegas e organização, assim como a possibilidade da perda do cargo ou mesmo do emprego.

A relação entre as partes no trabalho, discutida aqui através do contrato psicológico infere mudanças e construções no decorrer do tempo de trabalho do indivíduo na mesma organização. A licença faz parte desse processo e parece influenciar na construção desse contrato de acordo com as posições tomadas entre as partes e as expectativas relativas à doença no trabalho. O direito foi então questionado, não por sua ausência, mas por sua possível vivência. A licença médica e suas diversas resultantes movimentaram no indivíduo atitudes e comportamentos no que se relaciona ao grupo, ao trabalho e a si próprio.

O sofrimento é do indivíduo, que de forma única e intensa experimenta a licença sem a certeza de receber da organização e de colegas do trabalho o reconhecimento enquanto profissional, seja no período de afastamento ou em seu retorno. O afastamento temporário parece interferir nas relações, mantendo o indivíduo no total sentido do que se refere ao estar afastado, nestas condições o indivíduo pode revisitar sua visão de trabalho, da vida e das expectativas.

A organização parece não se dar conta das vivências individuais, mas sim de dias sem

contar com um profissional adoecido. As relações então não permanecem no mesmo percurso, se constroem, modificam, fortalecendo-se ou tornando-se frágeis. O que se diz enquanto direito pode estar acompanhado da desconfiança da organização, da insegurança do indivíduo e de dúvida de ambos no que diz respeito ao futuro da relação. Esse contexto pode representar alterações relacionais futuras e essas incluem expectativas profissionais e pessoais.

O “castigo”, enquanto participante da licença diz respeito à quebra e violação do contrato psicológico, assim como relaciona-se com o sofrimento da doença e o distanciamento no trabalho (o que inclui aqui o grupo, a própria função e as informações do que ocorre no local de trabalho durante a ausência).

A falta de informação sobre a doença e tensões ocorridas frente a desconfiança permearam relações nas experiências desses entrevistados tendo gerado inclusive uma demissão. O que a princípio apresenta-se enquanto direito parece não preencher o campo das relações de modo equilibrado, oferecendo à situação a insegurança em estar doente, o possível preconceito e alterações no histórico da relação entre indivíduo e organização.

Cada um dos indivíduos possui agora a relação existente antes e depois da licença médica, a experiência não fez parte apenas do contexto do adoecimento, mas trouxe ao indivíduo o olhar de quem esteve distante.

À organização, as implicações do afastamento abrangem não somente a remuneração sem a contrapartida de trabalho, mas a responsabilização e a reconfiguração do grupo para cumprir as atividades necessárias na ausência do adoentado. Pelo ângulo organizacional, é pertinente especular o quanto as organizações têm consciência da complexidade deste processo, o que pode revelar deficiências em como reintegram (ou não) os trabalhadores. É possível que a organização perceba o indivíduo como um trabalhador perseverante que retorna ao trabalho motivado a novas situações de crescimento pessoal e profissional ou, por outro lado, que impere a desconfiança e a discriminação.

8 REFERÊNCIAS

ANBREU, M. J. C; SILVA. Contratos Psicológicos nas organizações: bases de sua construção. São Paulo. **Revista de Gestão da USP**. São Paulo v.13, 2006.

ANDERSON, N; SCHALK, S. The Psychological contract in retrospect and prospect. IN: **Journal of Organizational Behavior**. Vol 19. London: 1998.

BARRETO, M. **Violência, saúde e trabalho**. Uma Jornada de humilhações. São Paulo: PucSP, 2006.

BASTOS, A. V. B. Organizações e os processos de construção da realidade social. In: **Interação humana e gestão**. A interação psicossocial das organizações de trabalho. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

BENEVIDES, H. H. **Burnout quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BRETONES, F. D; GONZÁLES, J. M. G. Absentismo y rotación laboral. In **Psicología del Trabajo**. FERNANDEZ, A. R.; MARTÍN, V. Z.; GONZÁLEZ. Madrid: Psicología Pirâmide, 2009.

CARNEIRO, S. A. M. **Manual de perícia oficial em saúde do servidor público federal**. Brasília: DESAP, 2010.

CLT. **Saraiva acadêmica e Constituição federal**. São Paulo: Ed.Saraiva, 2008.

CID X- **Classificação Internacional de Doenças 10º Revisão**. Disponível em <http://www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm>. Acesso em: 12 jan. 2009.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. São Paulo: FGV, 2003.

_____ Por um novo conceito de saúde. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, 1986.

_____ **A Loucura do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____ De la psicopatología a la psicodinámica del trabajo. In ORGANIZACIÓN DEL TRABAJO E SALUD. **De la psicopatología a la psicodinámica del trabajo**. Buenos Aires: Lumen, 1998.

_____ Cómo formular una problemática de la salud en ergonomía y en medicina del trabajo. In: ORGANIZACIÓN DEL TRABAJO E SALUD. **De la psicopatología a la psicodinámica del trabajo**. Buenos Aires: Lumen, 1998.

_____ Conferências Brasileiras: Identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho. São Paulo: EAESP/FGV: 1999.

DEJOURS, C; MOLINIER, P. De la pena en el trabajo. In: ORGANIZACIÓN DEL TRABAJO E SALUD. **De la psicopatología a la psicodinámica del trabajo**. Buenos Aires: Lumen, 1998.

_____ La Psicodinámica del trabajo. In: ORGANIZACIÓN DEL TRABAJO E SALUD. **De la psicopatología a la psicodinámica del trabajo**. Buenos Aires: Lumen, 1998.

DEVASIES, P. De la prueba a la experiencia de trabajo. Identidade y diferencias. In: ORGANIZACIÓN DEL TRABAJO E SALUD. **De la psicopatología a la psicodinámica del trabajo**. Buenos Aires: Lumen, 1998.

DURUZOI, G; ROUSSEL, A. **Dicionário de Filosofia**. Campinas: Papirus, 1993.

GOMEZ, C.; VERTHEIN, M. A. R. M. O território da doença relacionada ao trabalho: o corpo e a medicina nas LER. **Revista da Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 2000.

GRACIA, F. J. et al. **El estado Del contrato psicológico y su relación con La salud psicológica de los empleados**. Valencia: Psicotherma, 2006.

GUEST, D. E. **Is the psychological contract worth taking seriously?** Journal of Organizational Behavior v. 19, 1998, p. 649-664.

GUEST, D. E.; CONWAY, N. Communicating the psychological contract: an employer perspective. **Human Resource Management Journal**, Vol. 12. Londres: 2002.

HAIR, Jr. J. F; BABIN, N. B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2007.

HIRIGOYEN, M. F. **El acoso moral en el trabajo**. Distiguir lo verdadero de lo falso. Buenos Aires: Paidós, 2008.

MCCLELLAND, J.; CHEN, C. “ Standing up for a son at school: experiences of a Mexican imigrant mother”. **Hispanic Journal of Behavior Sciences**. Vol 19, n 3, 1999.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Thomson, 2004.

MORIN, E. M; AUBÉ, C. **Psicologia e Gestão**. São Paulo: Atlas, 2009.

MORRISON, E, W.; ROBINSON, S. L. When employees feel betrayed: A model of how psychological contract violation develops. **Academy of Management Review**. Vol 22 nº1, 1997, p. 226,256.

NAVARRO, M. D. R **Modelo explicativo de la ruptura del contrato psicologico atraves de la incongruencia**. Empresa global e mercados locales. Vol.1 Madrid: Carmelo Mercado Idoeta, 2007.

PISANI, E.; PEREIRA, S.; RIZZON, L. **Temas de Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Ed.Vozes, 1994.

ROBINSON, S. L.; KRAATZ, M. S.; ROUSSEAU, D. M. Changing obligations and the psychological contract: A longitudinal study. **Academy Management Journal**, n. 37, 1994.

ROBINSON, S.L.; ROUSSEAU, D. M Violating the Psychological Contract: Not the exception but the norm. **Journal of Organizational Behavior**. Chichester: 1994.

ROUSSEAU, D. M. Psychological and implied contracts in organizations. **Employee Responsibilities and rights journal**, n.2, 1989.

_____. Psychological Contracts in the workplace: Understanding the ties that motivate. **Academy of Management Executive**, 2004, Vol. 18, n. 1.

_____. **Psychological Contracts in Organizations: Understanding written and unwritten agreements**. Thousand Oaks: Sage, 1995.

SANDERS, P. Phenomenology: A new way of viewing organizational research. **Academy of**

Management Review, vol. 7: 1982.

| SEGRE, M.; FERRAZ, F. C. O conceito de saúde. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo: 1997.

SMITH, J. A.; FLOWERS, P.; LARKIN, M. **Interpretative Phenomenological Analysis: Theory, Method and Research**. London: Sage, 2009.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa. Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SZASZ, T. **Cruel Compaixão**. São Paulo: Ed.Papirus, 1994.

VERGARA, S. **Métodos de coleta de dados no campo**. São Paulo: Atlas, 2009.

ZANELLI, J. C.; SILVA, N. **Interação humana e gestão**. A interação psicossocial das organizações de trabalho. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

APÊNDICE A- ENTREVISTA 1

Entrevista: Mara

- Desde quando está afastada?

1. *Desde final novembro do ano passado, final de novembro.*

- Qual o motivo de seu afastamento?

2. *Ansiedade. Ansiedade, toda vez que tinha algum passeio, evento fora da escola, qualquer coisa, eu não conseguia ir, passeio, teatro, levar as crianças pra algum lugar ou alguma coisa dos funcionários eu não conseguia ir, ficava pensando antes, no dia anterior começava a passar mal, não dormia, e não conseguia ir. Todo dia que tinha algum serviço externo eu não ia. Eu tinha medo de ir. Tinha medo de passar mal, sentia enjôo, mal estar, diarréia.*

3. *Eu já tava fazendo tratamento com a psicóloga, já fazia há uns oito meses. Na época da gripe suína nós tivemos duas semanas de paralisação, por conta da gripe, ficamos afastados, mas depois tinha que compensar essas horas. Eu queria pagar logo as horas, aí fiquei trabalhando das sete as sete num trabalho que eu não gostava. Já não gostava do trabalho, me pressionei tanto para pagar essas horas, me deu desespero e comecei a passar mal um dia, aí aproveitei que minha chefe não tava lá e disse para as pessoas que eu tinha médico marcado, menti porque senão eles não iam me deixar sair. Quando você passa mal lá não pode ir sozinho embora, porque você está sobre responsabilidade da chefe, eles não iam me deixar sair, então eu menti e fui embora. Fui ao gastro, que já me conhecia, eu ia lá porque tinha enjôo e fiz uns exames com ele, como ele já tinha visto que eu não tinha nada físico ele me deu 90 dias. (pausa) E é assim, na prefeitura você passa na perícia própria, leva laudo, exames, todos os documentos. Aí na perícia me deram 60 dias. O medico da perícia falou que noventa dias é só pra caso mais grave, um câncer ou coisa assim, em caso como o meu é só 60 que eles dão.*

Quando estava acabando os 60 dias já comecei a passar mal, voltei no medico particular e depois na perícia de novo e eles me deram mais trinta. Ai fui no meu psiquiatra, ele me deu mais noventa, mas na perícia, só mais 30.

- Quando começaram esses sintomas?

4. *Hum...Já faz um ano e meio .Olha, eu já tinha isso quando era criança não foi o serviço que me deixou assim, mas ia para o serviço e não gostava e isso piorou a minha situação, quer dizer , eu tive isso com dez anos, pra ir pra escola e agora tenho de novo.*

- Você disse que está tendo isso de novo. Quando começou a trabalhar nesta organização?

5. *Já faz dois anos, antes trabalhava em outra creche e fui transferida pra essa há 2 anos, porque precisavam de mais gente aqui, mas o trabalho é o mesmo.*

- Já esteve afastado outras vezes neste emprego? Por quanto tempo, e quantas vezes?

6. *Não*

- Tem faltas periódicas em seu histórico na organização?

7. *Só faltava quando tinha algum evento externo. Eu tinha direito a ter dez faltas no ano, eu faltei 3 por motivos próprios, uma que era meu aniversario de namoro, outra que foi aniversario do meu namorado e na minha colação de grau, as outras sete faltas foram todas por causa de eventos, serviço externo, passeio com os funcionários, essas coisas que eu não queria enfrentar.*

- Como você sente em relação à cultura, clima de trabalho na sua área?

8. *Lá é assim, tranquilo, tem as crianças que a gente tem que olhar, isso cansa, mas a parte administrativa é tranquilo, eu prefiro. Eu já sabia que era isso que eu teria que fazer quando prestei esse concurso, então eu vou lá e faço, mas não*

gosto. Eu queria ficar só na parte administrativa, porque o que me cansa é ficar nas salas auxiliando as professoras.

- Como você acredita ser sua relação com seu superior direto? E com o restante da equipe?

9. *Com o pessoal que trabalha comigo nunca tive problema, nunca teve discussão. Aconteceram situações que eu achei injustas. Acho que eu vejo muito a imagem da minha mãe na minha chefe (risos), mas eu sei que não devia ter medo dela. Tenho muito contato com a minha diretora, é ela quem passa tudo pra gente fazer, a gente convive na mesma sala.*

- Você falou que em algumas situações achou que ela era injusta...

10. *Nós éramos em quatro , (agora são cinco, entrou uma outra menina lá), um deles não gostava de ficar com as crianças. Eu também não gostava, mas sabia que era meu trabalho, que tinha que ficar. Ela acabava livrando ele. Ele disse que não gostava e eu não sei fazer isso, ela protegia ele, deixando que ele não fosse e ele era protegido nesse sentido do serviço.*

- Como estava o clima de trabalho na área/equipe antes do seu afastamento?

11. *Chegou um tempo, nesse período que eu estava fazendo às 12 horas por dia eu ficava meio irritada. A gente ficava na mesma sala, os quatro e esse menino que era o protegido ouvia musica alta no computador. Eu já tava estressada por causa das 12 horas, ele sentava de costas pra mim e a cadeira dele ficava batendo nas minhas costas. Não conseguia evitar sentir raiva dele, naquela época, mesmo sabendo que não era pra estressar.*

12. *Eu tive problema com uma professora uma vez, só com essa. Um dia não tinha ninguém na secretaria, um tava de férias, o outro tinha ido almoçar e ou outro estava em outra sala, e eu não podia ajudar essa professora, porque metade das*

crianças da sala dela estavam dormindo e as outras iam embora, então ela queria que eu ficasse com as que iam embora, mas eu tava sozinha na secretaria e não podia sair de lá. Ai eu fui procurar alguém pra ajudar. Ai ela falou pra eu me virar, procurar uma substituta. Ai outra funcionária foi procurar outra professora e obrigou ela a ir. Daí depois contei pra minha chefe, e ela reuniu todas as professoras, me chamou lá e disse que não podia acontecer das crianças ficarem sozinhas, porque eu falei pra minha chefe que ela largou as crianças lá sozinhas no pátio. Ai essa professora falou “Quem falou pra você que as crianças estavam sozinha no corredor mentiu”. Ai minha chefe falou que foi eu e outra professora, porque todo mundo viu o que ela fez. Ai essa professora falou pra mim “Eu não gosto de fofoca”. Desse dia em diante ela parou de falar comigo e eu com ela. Foi a única pessoa que tive problema, entre todos, mas isso foi uns 6 meses antes de eu ficar afastada.

- Quantas horas por dia você dedicava ao trabalho?

13. Oito horas, quatro horas eu fico ajudando nas salas, com as crianças e as outras quatro horas no administrativo, só teve a época que fazia 12 horas, pra compensar o horário, depois da gripe suína.

- Outras pessoas de seu setor estiveram afastadas por motivos de saúde antes de você?

14. Não sei, não desde que estou lá.

- Como foi no momento de afastamento? Havia políticas específicas ao afastamento?

Houve resistência ao seu afastamento?

15. Quando eu cheguei com o atestado de depressão severa ela (a chefe) ficou tão agitada, que não parava de falar. “Licença de noventa dias de psiquiatra pode te prejudicar, vai em outro medico, vai no ortopedista e pede quinze dias”, porque eu tava com torcicolo nesses dias, “tenta outra coisa, não entra com esses noventa dias”. Mas eu não tava aguentando, naquele momento não conseguia

ficar na situação que eu tava, falei pra ela, só não sei se ela me ouviu, ela tava muito agitada.

16. *Ela recebe uma verba para ir pra reunião fora e ela me mandava no lugar dela, e eu ia com meu carro e ela não me pagava a gasolina. Eu comprei um carro pra ir trabalhar. Eu não ando sozinha na rua desde que fui assaltada, já tem um tempão, então vou de carro pro trabalho. A creche que eu trabalhava antes dessa era na esquina da minha casa, daí eles me transferiram pra essa, essa nova creche é longe, uns 20 minutos. Quando eu fui pedir vale transporte ela não quis me dar porque eu vinha de carro. Ela não quis me dar e eu me senti injustiçada porque outros funcionários lá iam de carro e tinham vale transporte. Aí eu não conseguia falar, e foi aí que eu comecei a ficar pior. Eu sabia que tinha funcionário que recebia vale transporte, porque eu via a folha de pagamento deles, daí depois que eu pedi, depois disso ela tirou o vale transporte deles, tinha um menino que ia de carro e ainda usava o estacionamento da creche e pegava o vale transporte, eu nunca usei o estacionamento de lá, deixava o carro na rua.*
17. *Eu fui conversar com ela sobre o vale transporte e ela foi super grossa comigo e aí eu fiquei chateada, ela falou na frente de outras pessoas e eu fiquei chateada porque os outros funcionários tinham. Mas é isso...*

- Entendo, e atualmente, o que tem feito em seu tempo livre nesse período?

18. *Eu fico procurando o que fazer todos os dias. Leio muito, vejo seriados na TV, fico ajudando minha mãe, lavo uma louça.*
19. *To me sentindo bastante ociosa pra falar a verdade, tenho vontade de voltar, já me sinto preparada. Na época que fui lá não estava, agora eu estou. Eu entendo que eu precisava ter falado pra minha chefe naquele dia que não estava preparada, mas queria voltar, mas não consigo falar, até acho que ela ia tentar me ajudar. Ela tem uma característica de quando uma pessoa não consegue enfrentar uma situação, ela insiste pra enfrentar. Ela fez tanto isso comigo, me pressionava, mas não deu o resultado que ela espera, por isso que eu não falei nada.*

- Como está se sentindo em relação a sua saúde? O que tem?

20. *Quando eu tirei minha licença eu tava totalmente perdida, hoje eu entendo que meu problema não é lá, eu quero voltar pra mostrar pra mim mesma que eu posso.*

- Tem contato com pessoas de seu trabalho durante seu afastamento? Com quem, e com que frequência?

21. *Não, eu fui lá um dia, no começo do ano, em janeiro, não queria ir de jeito nenhum, tinha que levar uns papeis da licença, pegar um papel pra perícia. Minha mãe foi comigo, só que ela não entrou, ficou no carro me esperando, ai minha chefe não tava lá, ai fiquei feliz. Porque meu medo era encontrar com ela. Ai encontrei um rapaz que agenda a perícia e ele ficou de me ligar no dia seguinte pra falar o dia. No dia seguinte o telefone tocou, eu vi o número da escola, atendi achando que era ele, e era a minha chefe. Ela disse que queria falar comigo, que era pra eu ir lá. Eu não queria ir. Mas eu fui. Quando cheguei lá ela ficou falando: “Volta, você é muito nova pra estar com esses problemas”. Me tratou super bem. Ela não queria que eu pegasse uma nova licença, ela disse que “se pudesse te pegava no colo”. Ela me tratou bem, todos lá, disseram “volta, to com saudades”. Fui muito bem recebida. Mas ela tem um jeito que quer animar, mas fica pressionando, falando pra voltar, pra ela tem que enfrentar as coisas pra melhorar, mas eu não tava preparada. Sai de lá e comecei a chorar. Eu consigo falar exatamente o que eu to sentindo, pra todo mundo, pro meu namorado, pra minha mãe, pro meu, pai, na terapia, pro pai do meu namorado, mas pra minha chefe eu não podia falar, não conseguia. Antes eu já me sentia intimidada com ela, depois da licença ficou pior ainda. Eu não consigo voltar ao trabalho, mas não consigo falar isso pra ela, não é que eu não quisesse falar, que queria, mas me senti intimidada.*

- Mas nessa visita você disse que foi bem recebida por todos, o que sentiu em relação ao retorno ao trabalho? Motivou você a voltar?

22. *Eu fiquei animada pra voltar, eu tinha esse receio. Pensei “Nossa, o pessoal foi tão legal, então quando eu voltar eles vão ser”. Não tem porque eles não serem.*

- Teve mais algum outro contato com eles?

23. *Fora esse dia que fui lá não tenho contato com ninguém. Eu mandei um email pra minha chefe, bom, ela que me mandou um email falando que tava fazendo um estudo. Estudo de capacidade laborativa e assim que tivesse resposta, ela me avisaria. Eu não sabia o que era isso. Pesquisei, tinha a ver com o INSS. Ai mandei um email pra ela falando que eu tava melhor, que o psiquiatra disse que o remédio já estava certo e não tinha que me preocupar em piorar de novo, que eu ia ficar bem com esse remédio. Eu to lá a menos de 3 anos e na prefeitura isso é como se fosse a experiência, você ainda pode ser mandado embora. A pessoa que está no estágio probatório (tempo inferior a 3 anos) é feito um estudo do cargo. Assim, descobri que esse Estudo de Capacidade Laborativa, é um estudo daquela pessoa no cargo, então eles podem te demitir.*

24. *Quando soube disso me arrependi do e-mail que enviei pra ela, quando eu soube o que era esse tal estudo me arrependi muito, porque achei que ela tava tentando me tirar do cargo. E eu tinha sido super educada no email, agradecendo a preocupação dela comigo e dizendo que eu já tava melhor. Porque é assim, eu não consigo falar pessoalmente, mas por email é mais fácil, porque não tem o cara a cara.*

25. *Então eu me arrependi do email porque com esse estudo eu vi que podia perder o cargo. Depois pensei que ela não ia fazer isso, acho que ela fez assim “Já que pelo amor ela não volta, pela dor pode ser que ela volte”, não sei que intenção ela teve, com que intenção ela agiu. Apesar dela ter 20 anos na prefeitura não sei se ela sabia a consequência. Não conseguia entender, nem falar com ela.*

26. *Mandei um outro e-mail perguntando o que era e ela não me respondeu.*

27. *Em janeiro eu falei com ela, aí fiquei de dar um retorno pra ela. Mandei um email falando pra ela que apesar de ter vontade de voltar e saber que eu queria voltar, eu não tava bem, por conta dos remédios. Eu senti que eu contrariei ela, e senti que ela não gostou. Esse 2º e-mail que eu falei agora, do Estudo de capacidade laborativa veio uns 20 dias depois. Quando respondi esse email eu respondi agradecendo por tudo e perguntando o que era esse estudo e tive a mesma sensação que ela foi contrariada e não queria responder.*

- Porque teve essa sensação de que ela se sentiu contrariada?

28. *Porque ela não respondeu o e-mail, nem o outro que eu tinha mandado, quando eu mandei esse segundo já sabia que não teria resposta, porque ela nunca responde meus emails, o outro ela não respondeu também. Eu até falei pra minha psicóloga “vou mandar um email pra ela, mas já sei que ela não responde mesmo.*

- Como se sente em relação ao seu retorno ao trabalho?

29. *Hoje me sinto bem melhor, inclusive quando recebi esse e-mail, essa irritação me fez ficar motivada, isso me motivou a voltar. Eu to só esperando a perícia de quinta feira pra saber quando eu vou voltar. Porque eu posso voltar, mesmo de licença, quando eu quiser, se eu me sentir bem, posso voltar, só não posso faltar na perícia. Agora, se ela quer que eu saia, ela vai ter que me aturar, se ela já tiver entrado com esse estudo, acho que ela vai me avisar, pelo menos é isso que eu to esperando dela.*

- Você acredita que sua superior quer que você saia, por que? O que você está sentindo em relação à sua chefe?

30. *Achei que ela queria me prejudicar, não entrei em contato com ela primeiro, quando soube o que era esse estudo, por conta da irritação. Não queria falar com*

ela de jeito nenhum, fico evitando esse embate, essa pressão de “Volta”. Evitando a intimidação. Na perícia não vou falar nada, vou responder só a verdade, falar que o remédio já estabilizou. Se ele perguntar se eu quero voltar, eu vou falar que não. Se ele me der 60 dias eu quero voltar antes, pra provar pra minha chefe que eu posso voltar antes.

31. Eu torço pra ele me dar 60 dias pra eu voltar antes pra provar pra ela que eu posso trabalhar. Tenho uma ideia da data de quando eu consigo voltar. Já tenho isso pensado, só não fico pensando muito pra não ter ansiedade.

- Quais são suas perspectivas profissionais? E perspectivas no retorno ao trabalho (mais imediatas)?

32. O que eu queria, eu queria um serviço administrativo, na minha área, finanças, contabilidade, que se encaixe no meu perfil. To tentando mudar de área faço concurso, só que enquanto eu não consigo outra coisa, eu fico amarrada nesse trabalho. Eu queria sair desse emprego.

- Como está se sentindo para o retorno ao trabalho?

33. Tenho medo. Medo de passar mal, da recepção, apesar de ter sido muito bem recebida, mesmo assim tenho medo de como vou ser recebida, de como vou ser tratada quando voltar lá. E ansiedade.

- Você sabe como sua função está sendo ocupadas durante seu afastamento?

34. O ano passado tinham 4 no setor e aí eu fiquei de licença, em janeiro entrou uma menina no meu lugar. Eles ficaram pouco tempo sem mim, porque saí no fim de novembro, depois teve recesso de fim de ano, eu nem sei como é que vai ser quando eu voltar, acho que vai ter que dividir o trabalho em cinco. Eu tenho receio do retorno por causa do remanejamento de trabalho, mas mesmo assim

quero voltar, isso é uma coisa que eu consigo lidar, me preocupa, mas nem tanto que me faça não querer voltar.

APÊNDICE B – ENTREVISTA 2

Entrevista: Júlia

- Quanto tempo esteve afastada?
 1. *Cinco meses, isso, cinco. Foi assim , eu vinha sentindo dores, o tempo foi passando e as dores iam ficando mais fortes, até que um dia eu “travei”, eu tava trabalhando aí eu travei no trabalho, não conseguia me mexer, foi aí que comecei a procurar um médico e fazer uns exames.*

- Como foi esse dia?
 2. *Ai eu tava trabalhando quando eu travei, ah ficaram todos apavorados, eu lá travada, não tinha bombeiro no prédio, aí chamaram o SAMU, não sei bem quem chamaram, acho que foi o SAMU, mas eles não podiam entrar lá por ser uma empresa privada, eles disseram que não poderiam entrar ,avisaram que tinha que ser um bombeiro da própria empresa pra me tirar de lá. Aí designaram um bombeiro de outro prédio da empresa, eu fiquei lá esperando,nossa, demorou. Então eles me tiraram de lá, na cadeira, o bombeiro ia me orientando e eles me tiraram. (demonstra na cadeira como ficou paralizada)*

- Uma pessoa te auxiliou? Como foi?
 3. *Não, veio um bombeiro e dois auxiliares e lá não tem elevador. E eu ficava no segundo andar do prédio, me carregaram na cadeira pela escada e eu sem poder me mexer. Aí me colocaram no carro e me levaram.*

- Para onde te levaram?
 4. *Ah me levaram para o hospital. Aí foi isso, passei no médico, vi que meu problema não era comum, então depois procurei um neurologista e soube que teria que*

fazer a cirurgia, porque eu tinha hérnia de disco e não ia adiantar só fazer fisioterapia, RPG, essas coisas, porque eu ia continuar com muita dor.

- Depois desse dia já ficou direto de licença por esses cinco meses?
5. *Não, fiquei uns dias em casa e voltei, aí eu saí de licença. Assim, eu fui aos médicos, descobri que tinha que fazer a cirurgia, enquanto foi resolvendo os tramites do convenio eu tava indo trabalhar, aí passei pelo médico da perícia, é que demorou um tempo pra eu conseguir marcar a perícia, umas duas semanas, nisso eu já tava correndo os tramites do convenio pra fazer a cirurgia. Um dia depois que eu saí de licença já fiz a cirurgia. Aí fiquei em casa esse tempo.*
- Como foi ficar afastada esse tempo? O que fazia nesse período?
6. *Ah foi estressante. Foi, foi estressante... Ficar afastada foi um tanto estressante, a gente fica acostumada a trabalhar, voltar pra casa, ver marido, filha, ter uma jornada dupla. E aí de repente a gente se sente incapacitada... Ficar parada, sem trabalhar,... é horrível.*
7. *Tudo muda... Em casa, tudo fica diferente porque muda a sua rotina.*

Você teve contato com as pessoas do seu trabalho durante o afastamento? Como foi o contato e com que frequência?

Nenhum, não tive contato nenhum. Ninguém ligou pra saber, ninguém... Que nada.

- Como foi isso pra você?
8. *Isso foi péssimo. A gente quer ver a preocupação do seu semelhante, e isso não teve. As pessoas nem se preocuparam.*
- Alguém do seu setor? Sua coordenadora?

9. *Ih piorou, aí que não ligou mesmo! Eu tive contato com o pessoal operacional, eles sim, ligavam perguntando às vezes. Porque ali todo mundo se fala, se conhece ixi, eu conheço todo mundo, com eles eu falei. Peão, né (risos) sabe como é, tá todo mundo lado a lado. Com eles eu falei sim, mas de resto do pessoal ninguém, eles não ligavam não procuravam saber nada.*

- Quais as suas sensações durante o afastamento? Sentia vontade de voltar ao trabalho?

10. *Ai eu ficava com vontade de voltar sim, mas ficava preocupada, porque eu não tinha retorno de nada durante esse tempo... Além da gente estar afastada por um problema de saúde, doente, sem poder trabalhar, a gente fica sem saber de nada, nada mesmo, como vai ser quando a gente voltar, em que pé estão as coisas, a estrutura da empresa...Parece que você nem trabalha, entende? (olha para as mãos, volta o olhar para mim pensativa).*

- Quando voltou ao trabalho continuou na sua função anterior?

11. *É. Continuei fazendo a mesma coisa ,assim, mas fui para outra célula. Assim, eu fui pra uma célula com menor responsabilidade... Dizem que para onde eu fui era a “fase terminal” (risos) porque todo mundo que vai pra lá é mandado embora, eu achava que ia ser assim comigo né, mas com o tempo não foi o que aconteceu. Eu corri atrás, fui batalhando. Corri, batalhei né, pra recuperar...*

12. *Bom...Logo que eu voltei tava tendo uma reestruturação do cargo, aí minha chefe me chamou e me perguntou se eu queria ser mandada embora, e eu falei que não. Me ferrei depois (risos) porque depois eu quis e eles não me mandaram mais.(risos)*

- Porque quis sair depois?

13. *Eu adoro o que eu faço, adoro, adoro meu trabalho, o problema é o lugar, não tem estrutura, o clima é muito ruim... Não é um lugar que tenha uma estrutura pra você... E eu ficava naquela outra célula, não adianta é diferente.*

14. *Antes de voltar eu tinha medo, pensava primeiro na minha saúde ,pensava, porque a empresa não oferece uma estrutura, sabe. Agora que eles tão investindo em ginástica laboral, Agora! Depois de três anos que eu trabalho lá, só agora que eles tão fazendo isso. (movimentada a cabeça em sentido de reprovação)*

15. *Quando eu fiquei doente, e fui na perícia, a minha gerente me disse que eles iam adequar a minha mesa, minha cadeira, me dar condições de trabalho se eu voltasse. Mas não aconteceu nada disso, continua tudo a mesma coisa, só tem essa ginástica laboral.*

- Alguém recepcionou você nesse retorno? Como foi essa recepção?

16. *Ah, pelos funcionários eu fui bem recebida, o pessoal foi lá perguntou como eu tava. Pela direção eu acho que foi mais por educação.*

- Porque achou isso?

17. *Ih nem sei, eu me senti assim, não sei bem explicar por que... E ainda mais porque pra mim, muita coisa mudou... Quando eu voltei as coisas tinham mudado lá, com uma reestruturação.*

Não era mais o mesmo chefe, antes de sair eu tava com um coordenador, daí quando voltei , mudei de célula, foi um rolo danado.

- Mas você conhecia as pessoas com que passou a trabalhar?

18. *Do pessoal operacional eu conheço todo mundo, uns menos e outros mais, mas já conhecia todos. O pessoal é legal, todo mundo se fala, e eu gosto de conhecer todo mundo né.*

- O que passou a fazer nessa nova célula? Mudou sua função?
19. *Era assim, eu analisava documentos de clientes, tinha muita cobrança, eu gosto de cobrança, eu gosto de ser cobrada, mas a gente tem uma limitação. Acho que as coisas mudaram muito por eu ter sido afastada... Não sei explicar, sabe, mas mudou. Mas mas eu acho que agora to voltando a ter confiança... Eles me colocaram numa célula que nem era tão exigida. Agora, eu já to numa mais importante, mudei. Na outra (célula em que estive durante os quatro meses após o afastamento) qualquer coisa que eu fazia não revertia em nada pra empresa. Antes de eu me afastar, a célula que eu tava, se desse alguma coisa errada a empresa tinha que se responsabilizar pela documentação dos clientes, dava alteração no processo sabe, na outra que fiquei depois, não, não influenciava tanto, qualquer coisa que eu fazia, não revertia em nada, não fazia diferença. Eu me senti meio deixada de lado...*
20. *Agora, faz um mês que eu consegui uma promoção. Bom, não é bem uma promoção, né, (sorri com timidez) mas agora eu fui pra um setor melhor.*
- Quando voltou ao trabalho então estava nesse outro setor? Como foi seu retorno, você trabalhou nesse lugar no primeiro dia, mudou depois, como foi, o que fez?
21. *No primeiro dia eu fiquei meio perdidona, não sabia de nada, não sabia o que fazer. Foi um tempo sem trabalhar né, tava voltando. Fiquei caçando trabalho. E eu não sei ficar parada, sabe, acho que a confiança tem que ser conquistada a todo dia. Eu fui correr atrás, buscar o que fazer, ma fiquei meio perdida no primeiro dia. Fiquei sim, perdida, assim.*
- Você disse que trocou de célula. O que aconteceu com o seu antigo cargo?
22. *Colocaram uma outra pessoa no meu lugar pra fazer o meu trabalho... E eu quando voltei, fui pra outro lugar...*

23. *Eu acho que é assim, quando um funcionário sai de licença a empresa fica assim (demonstra gestualmente um recuo com o corpo), um tanto recuada, na defensiva para ver o que vai dar, fica só observando, vai dando corda, mas fica lá, recuada só olhando.*
24. *Nenhuma empresa quer contratar um funcionário e ele ficar afastado, tem que colocar outra pessoa, acho, esperar o funcionário voltar... Nenhuma empresa almeja isso pra ela, nenhuma empresa gosta...*
25. *Mas eu acho que quando alguém sai de licença, vai tentar correr atrás quando voltar sabe, eu falo por mim, pelo menos, eu penso assim, eu tentei correr atrás, para conquistar a confiança, conquistar de novo um espaço...*
26. *Acho que você acaba tentando buscar mais, tem ânimo pra conseguir a confiança.*
- Como você está se sentindo atualmente em relação a sua saúde? O que faz de tratamento?
27. *Bom, eu faço RPG, uma vez por semana, tinha que fazer fisioterapia, mas aí são dez dias seguidos, e eu não tenho tempo. (Coloca as mão na cabeça), não dá tempo eu to na maior correria, é uma jornada dupla, eu to trabalhando das 6hrs as 17hrs esses dias, aí chego em casa tem as coisas pra fazer, a minha filha... Então nem dá pra fazer mais nada. E tem tudo, a casa, família, um monte de coisas mudando na minha vida, assim, é complicado, correria mesmo...mas to indo, fui hoje, to fazendo, tem que tratar.*

APÊNDICE C – ENTREVISTA 3

Entrevista: Pedro

- Quanto tempo esteve afastado?

Quinze dias.

- Motivo:

1. *Depressão, pânico, ansiedade. Foi bom tirar a licença porque eu não tava conseguindo ir no trabalho pela troca do remédio pra eu me recuperar eu precisava sair. Eu comecei a tomar paroxetina, e até se adaptar, o corpo se acostumar com o remédio, demora um pouco, uns dias*

- Descreva sua trajetória profissional nesta empresa. Durante quanto tempo trabalhou lá?

2. *Trabalhei por 4 meses lá, eu gostava de algumas coisas, mas outras não me agradavam tanto. Eu fazia algo diferente do que eu esperava quando entrei lá.*

- *Poderia me explicar mais?*

3. *Quando me chamaram pra entrevista eu fui. Mas pela conversa, quando me explicaram o que eu ia fazer eu gostei, eu imaginava que ia ser algo diretamente ligado com a programação e na verdade era separado. Só que o “diretamente” é através de sistema e pelo jeito que é o sistema não dá certo.*

4. *A empresa documentava erro, e eu achava erro e mostrava pra eles e eles diziam “esse erro passa, tudo bem” Eu achava ridículo, eu cansava de ver erros de português e isso é super fácil de arrumar, mas eles deixavam passar. Meu trabalho era procurar erros no sistema e passava pra eles arrumarem, o outro setor que arrumava, os programadores. Eu achava os erros e não adiantava nada, eu olhava pra nada porque pra eles esses tipos de erros não eram erros, só era erro se fosse funcional, coisa que impactasse no sistema ou em conta, onde eu*

aprendi, onde eu estudei, isso é qualidade versus tempo e eles tinham muito retrabalho, porque a célula de qualidade era ruim, do jeito que eles faziam não era certo.

- Porque você achou que seria diferente o que iria fazer?

5. *A minha chefe me falou, na entrevista. Ela me falou uma coisa, mas depois era outra.*

6. *Eu fiquei bem descontente logo no começo, depois com o trabalho de qualidade me motivou, mas quando eu vi que a qualidade tava ruim eu pensei até em conversar com o presidente, com quem eu tinha feito a entrevista pra entrar na empresa. Ia falar com ele com umas ideias pra melhorar a qualidade. Fiz duas páginas com uma lista de propostas de melhoria, mas ia conversar com ele, mas antes ia falar com a minha chefe, mas era muito difícil falar com ela, ela vivia correndo, indo pra clientes. Não deu tempo de mostrar (risos) depois eu fiquei doente.*

- Como você se sentia enquanto profissional desta organização?

7. *Eu não me sentia valorizado, ficava bem desmotivado, o que eu fazia não tinha muito sentido, eram poucas coisas que eu fazia que eles arrumavam, eu achava que poderia render mais. Eu não gosto muito de ficar parado.*

8. *Eu fazia também a parte de documentação, mas não gostava de documentar erro. Essa parte me intrigava porque nem no colégio pode documentar erro. Era novo pra mim. Eu fazia, sabia que tava errado, mas tentava aprender com o que era certo.*

- Como era o ambiente de trabalho?

9. *Gostava da chefe, mas ela era um pouco afastada, tava sempre em clientes, e eu tava na correria na empresa cuidando da parte de qualidade, e aí era outra mulher que me passava o serviço. Ela ficava teimando com tudo comigo e tudo que eu fazia ela achava que tava tudo errado. No início não falei nada, mas*

depois de uns dois meses comecei a falar. Ela não aceitava nenhum tipo de argumento e ela não dava o braço a torcer. Aí tinha coisa que eu fazia, ela dizia que tava errado, eu pesquisava, perguntava pro meu irmão que trabalha com isso, e descobria que eu tava certo e ela não entendia. Dava pra ver que ela não conhecia muito, não tinha experiência nenhuma em qualidade. Mas lá até que era legal, tirando a mulher preguiçosa (risos) (a sub-chefe), depois ela mudou bastante, mas o ambiente lá era bem mais tranquilo que em outros lugares que conheço, eu tinha amizade com o pessoal da outra área, da programação. Se eu pudesse, eu queria trabalhar programando, lá quando você começa fica aprendendo uma área, mas tem chance de mudar.

- Tinha faltas periódicas em seu histórico na organização?

- 10. Faltei uma vez, tava com aqueles sintomas que eu tinha, náuseas, dor de cabeça. Fui no hospital, no pronto socorro e peguei um atestado de diarreia. Eu tava com medo de falar pra eles o que eu tinha, porque eu era muito novo lá, tava terminando o período de experiência. Aí depois eu precisei faltar de novo e fui no meu psiquiatra e aí ele aumentou a dosagem do remédio e me deu a licença do dia. E você sabe, né quando muda a dosagem de remédio demora pro organismo acostumar. Aí no mesmo dia liguei no trabalho e pedi pra falar com a minha chefe. Falei com o pessoal do RH também, que eu precisava falar com eles depois. Minha chefe falou pra eu ficar tranquilo, que ela ia me apoiar, pra eu ficar sossegado porque eles iam me dar todo o apoio. O RH falou a mesma coisa. A chefe, o RH e a sub chefe se falaram depois que eu liguei, e no dia seguinte disseram que não sabiam o que iriam fazer comigo, não tinham uma posição, nem sabiam qual atitude eles iam tomar comigo por causa disso, da minha doença.*
- 11. Aí falei pra eles que eu queria trabalhar, que eu tava melhor, me cuidando, procurando tratamento. A minha chefe falou a mesma coisa que o RH, que não sabia o que ia fazer, e ficaram jogando um pro outro.*
- 12. Minha chefe falou que gostava muito de mim, do meu serviço e falou que ainda bem que eu tinha contado o que eu tinha, porque aí ela entendeu porque tava*

caindo minha produção. Ela falou que ia me apoiar, tava do meu lado e me disse que, pelo contrário, agora que ela ia me dar serviço pra eu melhorar logo. Aí eu me senti aliviado, tranquilo, porque eu tava com muito medo de falar, por ser novo na empresa. A partir disso, ela começou a me enviar para treinamentos.

- Esses treinamentos eram frequentes na empresa? Que tipo de treinamento era? Quem mais participou?

13. Eu nunca tinha visto ninguém fazer. Aí era eu e minha sub-chefe. Os treinamentos eram fora da empresa, eram gratuitos. As vezes tinha alguns dentro da empresa, um programador ficava ensinando umas coisas pra gente. Mas sempre tinha coisas pra fazer, fiquei melhor, por não ficar a toa, nem sem fazer muita coisa.

14. Eu fiquei um pouco com medo de passar mal, mas enfrentei. Quando não tinha treinamento eu ficava trabalhando na mesma função, na minha. Às vezes tinha treinamento na empresa, coisa simples, formalidades. Isso durou cerca de 15 dias e aí foi o tempo de eu me afastar porque aí comecei a passar mal de novo, eles tavam me mandando pra reuniões que eu não conhecia, muito das coisas que eles mandavam eram novas, essas reuniões, eu ficava ansioso. Queria dar respostas pra eles, mas o fato de eu me cobrar muito e essas atividades novas, acho que influenciaram a ficar mal.

- O que fazia durante o período de licença?

15. Dormia muito, passava mal no começo da licença por causa da troca dos remédios. Foi melhorando aos poucos, acho que em 10 dias mais ou menos eu já tava querendo voltar a trabalhar, só que como o médico passou 15 dias eu esperei pra voltar. Aí no 15º dia a mulher do RH ligou lá para saber se eu ia voltar, eu achei que ela tava preocupada comigo, mas depois eu vi que não era preocupação.

- Você teve contato com pessoas do seu trabalho durante o afastamento? Como foi o contato, e com que frequência? Quem são as pessoas com quem teve contato, e quais os cargos na organização?

16. *Na licença os colegas de trabalho me ligaram, achei legal eles terem ligado, da parte deles realmente foi preocupação, eles queriam saber como eu tava. Isso me motivou bastante a voltar. Com dois desses colegas que me ligaram, eu tenho contato até hoje. Teve um chefe de outra área, que, quando eu tava saindo, na demissão, veio falar comigo, mandou um e-mail pra saber como eu tava depois. Ele nem sabia que eu era programador, que essa era a minha formação, ficou todo impressionado quando eu falei e desapontado também com a reação do pessoal. Mas de chefe meu assim, ninguém me ligou.*

- Como se sentiu ao voltar?

17. *Quando eu voltei da licença, por parte dos colegas de trabalho foi legal, eles ficaram brincando comigo, dizendo que eu tava voltando de férias, levei numa boa. Todo mundo preocupado, a minha chefe perguntou como é que eu tava, que era bom me ver daquele jeito e ái fui pedir serviço pra minha sub-chefe e ela falou que não tinha nada pra eu fazer, ficou enrolando, aí me ligaram do RH, meia hora depois que eu cheguei, foi realmente a recepção (risos). Me disseram que eles iam me demitir, que era pela minha saúde, pra eu me cuidar, pro meu bem, segundo eles.*

18. *Eu não esperava por isso, até porque pela forma que eles conversavam comigo, o jeito que eles tratavam o assunto, me apoiaram quando contei. Fiquei bem triste, muito decepcionado com a atitude que eles tiveram.*

- Como estava se sentindo quando o dia do retorno ao trabalho estava se aproximando?

19. *Tava bem animado para voltar, eu comentava com a minha namorada que eu queria voltar, tava acostumado com o novo medicamento, eu tava animado, eu*

queria continuar, acho que seria bom o fato de ficar em casa parado acaba atrapalhando muito o tratamento, só o fato de eu ir pro trabalho, fazer coisas, e tinha o pessoal, já me deixava melhor, né.

- Você sentiu a organização estava preparada para seu afastamento? Havia políticas específicas ao afastamento? Houve resistência ao seu afastamento?

20. *Quando eu me afastei, a empresa tava preparada para minha saída, até porque o que eu não tinha um cargo de muita importância. Até porque o que eu tava fazendo era o trabalho da minha sub-chefe. Então eu ia ser coberto por ela, talvez por isso não iria ser tão ruim eu sair. A política da empresa, que me passaram era que quem entrasse novo ia ficar um tempo com um funcionário, preparando ele até ele ir pra uma função. Era isso que eu tava fazendo. A minha chefe falou que queria me colocar como Suporte, pelo meu perfil e ela até comentou, no dia, se eu tava procurando tratamento, se eu tava me tratando, porque senão não ia poder ficar na função e perguntou como que eu tava. Eu disse que naquele momento eu não poderia ir pra visitar cliente, mas tava me tratando e logo ia poder. Aí ela disse que ia fazer o possível pra me ajudar, mas ela não fez. Tanto ela quanto o RH, não fizeram.*

- O que você achava das regras da empresa? Você seguia?

21. *Eu seguia as regras normalmente, até porque a política interna deles eu achava viável pro modo da empresa, eu seguia as restrições. Apesar de ter opinião um pouco mais liberal, antes era liberado, internet, e-mail, pesquisa. Agora só pode fazer pesquisa da microsoft, não o resto é tudo bloqueado. Antes era tudo liberado, pelo que eu sei, só que aí o pessoal abusava e aí eles restringiram, limitaram, tudo, por causa de uns 2 que abusavam.*

- Como você se sente em relação a sua saúde atualmente?

22. *Eu me sinto bem melhor do eu tava ha 9 a 6 meses atrás né. E ainda tenho um pouco de medo de dizer isso, mas to me sentindo preparado a voltar a trabalhar. To procurando emprego, enviando currículos e trabalhando atualmente para o meu irmão, como programador.*
23. *Isso tudo me assustou, isso que aconteceu nessa empresa. Tive uma recaída muito forte, fiquei muito desanimado, só pensava nisso. Fiquei muito mal, ainda mais da forma que eles me trataram, fiquei muito decepcionado.*
24. *Quando eu fui no exame médico demissional o médico não me liberou. Não aceitaram a carta do médico, o médico falou que eu não podia ser demitido, que eu tinha que ser encaminhado para o INSS.*
25. *O meu psiquiatra disse que eu podia voltar a trabalhar. Então dava pra voltar e o médico do exame demissional não me liberou pra ser demitido. Era o mesmo médico que fez o exame admissional, e eu passei nesse exame, ele tinha me deixado apto para o trabalho, foi o mesmo, ele até lembrou de mim.*
- Fale-me sobre suas expectativas futuras:
26. *Retornar ao mercado de trabalho né.* *Uma empresa mais séria (risos) e É assim que você percebia sua função nesse trabalho?*
27. *Eles não aceitavam parte do que eu fazia, é o jeito que eles trabalham lá. E isso pra mim era muito difícil, não tinha importância o que eu fazia, porque eles não arrumavam os erros que eu encontrava.*

APÊNDICE D – ENTREVISTA 4

Entrevista: Carla

- Quanto tempo está neste trabalho e como você se sente nela atualmente?
 1. *Hoje em dia eu gosto das pessoas, gosto de algumas pessoas. Tem pessoas lá com quem eu já tive problemas e hoje são minhas amigas. É que eu mudei de setor, o setor que eu tô agora é melhor, gosto mais, tô me sentindo mais útil.*
- Quando mudou para esse setor e porque isso ocorreu?
 2. *Mudei faz um tempo, mais de um ano, foi por um desentendimento com a chefia que ela me mandou pra lá, faz mais de um ano. As grandes licenças que eu peguei foram todas no setor antigo, com a mesma chefe.*
- Como foram esses episódios das licenças? Como a organização entendeu e demonstrou isso para você?
 3. *Ah, não sei, a minha chefe na época era muito fechada, muito reservada sabe, então eu não sei até que ponto ela não gostou. Mas era tudo verdade, minhas licenças nem tinha como eu ficar evitando. Fiquei uma vez porque tive trombose, meu não dá pra mentir, todas foram por motivos reais. Mas a vez que eu fiquei com tendinite ela ficou mais assim, eu já senti que ela e os outros já começaram a achar que era frescura minha. Apesar de que quando eu saí do trabalho, tava assim inchado (demonstra com a mão o braço gestualizando o inchaço) mas mesmo assim eu escutei do pessoal, eles falavam “ai ela não vai trabalhar no ano novo? Ela tá de plantão” e eu tava de licença. Não dava pra eu trabalhar.*
 4. *O pessoal falava, você sempre acaba ouvindo uma ou outra gracinha. Tem gente que fica falando “eu nunca tirei uma licença médica”, tem gente que fala: “Nossa! Acabou de voltar de licença e já vai tirar férias”.*
 5. *Mas eu não tenho papas na língua, então eu falo as coisas, fico falando quando eu vejo que eu to certa, tem gente que mente, tira licença, outro dia deu um rolo por*

causa disso. Eu não , tive que tirar licença de verdade mesmo. Na da tendinite ela começou a falar, de fato nem era ela que falava, eram outras pessoas que falavam, pessoas próximas a ela, que trabalhavam lá, falavam que não era pra eu faltar, ficavam reclamando porque eu não fui. Ai eu falava “ah eu to de licença, to com atestado, então não volto, não dá pra eu trabalhar” Mas nessa vez eu acabei voltando antes, com o braço imobilizado pra trabalhar de tanto que ficaram falando.

6. *Agora tá funcionando assim, a partir de 40 ou 45 dias, não sei direito, eles cortaram a gratificação. Porque a gente ganha uma gratificação que é de uns quinhentos reais, e eles cortam quando a pessoa tem licença, pra coibir mesmo. Pra pessoa não tirar.*
7. *Eu acho assim, que se eles duvidam que a pessoa tá doente de verdade, então eles deveriam colocar gente de confiança, gente competente pra fazer a perícia, esses médico que fazem a perícia nem olham pra sua cara. Ai você tá em casa, doente e ainda fica sem dinheiro e o pior é que como você recebe retroativo, assim, você recebe dois meses depois, quando você vai ver acabou seu dinheiro, eu não tinha dinheiro para cobrir as contas, eu queria morrer!*

- Como as pessoas lidavam com seu retorno, acha que recebia algum tipo de tratamento diferenciado?

8. *Não, nunca percebi nenhum tratamento diferente, é que eu trabalho em um serviço público, acredito que se eu tivesse em um emprego privado eu teria sofrido muito.*

- Outras pessoas estiveram de licença no decorrer desse período que trabalha lá? Como você percebeu essas licenças?

9. *Teve, tiveram outras pessoas que tiraram licença sim, mas tem gente que pega bastante. Mas agora, como eles tão cortando, isso tá diminuindo, mas de fato,*

agora, muita gente que fica doente, pra não perder esse dinheiro acaba fazendo acordo com a chefia, fica em casa, não dá pra trabalhar, mas aí troca pelas férias.

10. *Ah, perai, lembrei de outra, outra vez que tive que tirar licença. Bom, tiveram 2 vezes, uma vez meu filho ficou doente, e não tem como, né, ele não podia ir pra escola aí eu tive que tirar uns dias para levar ao médico, cuidar dele. Mas antes disso, teve a história da gripe Suína. Naquela vez, lembra que não teve aula por duas semanas? Eu não podia deixar meu filho em nenhum lugar, ele não ia pra escola, então tentei adiantar as minha férias . Eles não aceitaram, é complicado, acham de uma hora pra outra você encontra uma babá de confiança pra ficar com o seu filho, que você pode contratar alguém e em quinze dias todo o seu salário é pra pagar a pessoa. Eu não tenho ninguém que possa ficar com ele pra mim. E eu só queria antecipar uns dias das férias. Mas ela não deixou! (nessa época a entrevistada já estava respondendo à outro superior. Era uma antiga superior à sua chefia, para facilitar nosso entendimento no contexto geral da entrevista chamaremos de “Maria”).*

11. *Aí, né, fiquei desesperada, porque eu não tinha mesmo como ir, fui num ortopedista para ver aquele meu pulso que eu tinha tendinite, e aí, de verdade, ele descobriu que eu não tinha tendinite, tinha um desligamento de um nervo. E tava inflamado, e aí ele mesmo me deu licença, de quinze dias. Eu não queria isso, mas não teve outro jeito, tive que “caçar” uma, é que acabei descobrindo então que eu tinha um problema no pulso mais sério do que eu pensava, mas eu preferia ter antecipado as minhas férias. O médico queria que eu fizesse uma cirurgia, mas que eu poderia decidir, pois eu estou num estágio não tão grave assim, eu optei por não fazer, vou deixar por enquanto assim, vai depender do meu nível de dor.*

- Mas isso, então, aconteceu mais recentemente, você já estava nesse novo setor, com outra chefia?

12. *Ah é isso eu já tava nesse setor de agora, com essa chefia, que era na verdade a chefe do antigo chefe, era uma superior à nós dois.*

- Explique-me um pouco dessa dinâmica, dos setores, chefia, você teve alguns superiores enquanto trabalha nessa organização, então?

13. *Teve uma época que meu chefe saiu de lá, foi embora. Então o cargo ficou vazio, aí eles me colocaram no lugar dele, não por nada, mas eu era a pessoa que mais conhecia o trabalho, os outros todos eram mais novos ali. Então aceitei o cargo, mas eu não queria. Não queria porque sabia que não era fácil, era muito complicado o trabalho, mas o salário era melhor.*

14. *Nossa eu tive uma depressão, bom, não era bem depressão, o psiquiatra me disse que era alguma coisa pós traumática, ah, stress pós traumático, mas aí perguntei pra ele “ como assim, que trauma foi esse que eu tive?” aí ele falou pra mim, “ ah isso foi de toda sua situação de trabalho, seu serviço mesmo”. Porque como eu fiquei como chefe do departamento, eu tinha que fazer tudo, porque as outras pessoas que trabalhavam lá, a maioria era nova, não sabiam o serviço, e tudo que eles tinham que fazer, eles não sabiam, eu tinha que fazer tudo. Eu fazia a minha parte e depois tinha que ir a fazer a deles. Aí fiquei um tempo assim, não tava mais aguentando, então coloquei o cargo à disposição por uns meses, uns sete meses e eles não arrumavam ninguém pro cargo, e eu continuava indo como chefe. Um dia, eu tava super cansada, fui num médico homeopata e ele me afastou por quinze dias. Eu tava mesmo super cansada, estressada mesmo. Quando eu voltei pro trabalho, da licença, eles tinham colocado outra pessoa no meu lugar, quer dizer, não podiam trocar antes da minha volta, mas pelo que eu sei, eles deixaram a papelada pronta esperando pra quando eu voltasse resolver. Aí, quando eu voltei, eles não me falaram nada disso, fiquei trabalhando como se eu fosse a chefe, sem saber de nada. Isso foi por dois meses.*

- Mas você não percebeu pela diferença salarial?

15. *Ah, não te falei que tudo é retroativo? Nessa época que descontaram a diferença de salário e uns descontos de vale transporte. Mas eu só vi isso dois meses depois,*

aí que eu fui descobrir que eu não era mais a chefe. Aí eu briguei é claro (risos) aí que eles me mudaram de setor, pra esse que eu to agora, aí eu virei a revoltada, né, a que “só reclamava”, a que “brigava”. A outra que entrou no meu lugar, hoje é minha amiga de novo, aí eu perguntei pra ela “escuta, porque você não me falou que você era a nova chefe?”

- 16. Porque assim, naquela época, quando eu voltei e continuei trabalhando como chefe, sem saber de nada, ela ficava fazendo outras coisas, e aí quando eu chamava ela, pra ensinar as coisas ela dizia que não tinha tempo, tava fazendo outra coisa.*
- 17. Se eles queriam que eu passasse o serviço pra ela era só me falar, eu trabalhei como chefe e ela que ganhou o salário sem eu saber. Aí quando eu fui falar com ela, ela me disse “ai eu não falei nada porque essa foi uma decisão da diretoria, eu não tinha que falar, eles que tinham que avisar você”. Então eu fui falar com o diretor e ele me disse “ai você não sabia? Mas você tinha deixado o cargo à disposição”. Eu tinha mesmo deixado, mas eu tinha que saber antes né, porque eu queria que eles trouxessem alguém de fora, lá ninguém tava capacitado pra isso. Eu queria que eles colocassem no meu lugar, alguém com espírito de liderança, de conhecimento, disposição.*
- 18. Até então ela era minha amiga. Aí quando virou diretora, deu aquela briga, eu tava grávida, e ela me trocou de setor porque ela “não aguentava mais me ver”, foi assim, com essas palavras, mas aí ela comeu do mesmo pão, porque quando ela ficou grávida e saiu de licença, quando ela voltou colocaram outra no lugar dela!*
- 19. Antes disso, quando eu tava grávida e no novo setor, tinha uma avaliação que a gente recebia uma gratificação. E todo mundo no setor recebeu o papel da avaliação, menos eu. Aí eu liguei lá no setor pra perguntar e foi ela que atendeu aí ela falou pra mim “menina, se enxerga, você pensa que você é o que?” aí eu fiquei louca, ela falou assim mesmo no telefone aí eu falei pra ela “o interesse é meu de receber esse papel pra poder receber o meu dinheiro” isso na época que eu tava grávida.*

20. *Nossa quando eu desliguei eu chorava, chorava, chorava de soluçar (nesse momento, a entrevistada fecha os olhos e coloca a mão na testa, enquanto balança a cabeça em sinal negativo).Nossa todo mundo foi lá tentar me acalmar, dizer pra eu não “ficar assim”, que eu tava grávida, aí que eu disse “eu to indignada, porque ela é mãe, ela não devia me tratar desse jeito” e a superior a ela (Aqui cita a “Maria”), que deveria ter me apoiado, nem fez nada, porque na época acho que ela fez a cabeça da chefe,falando de mim e a chefe (Maria), só tinha a visão de que eu era a briguenta, por causa da briga que tive antes de ir pro outro setor.*

- E como essa situação se resolveu?

21. *Aí fizeram uma carta, me deram o papel de avaliação pra preencher, aí ela demorou pra entregar, não sei se ela queria me sacanear, mas me sacaneou pra caramba.*

22. *Ah, olha só, quando eu saí da chefia, sabe eu fui pro outro setor, eu tinha que dar baixa no meu cargo, pra não ficar mais como responsável, um dia, sem querer eu descobri que meu nome ainda tava como responsável, ou seja, se caso acontecesse algo de errado lá, eu teria que responder, sendo que eu já não tava lá como chefe há meses. Esse documento eu fiz assim que eu saí do cargo, e ela escondeu na gaveta, descobri isso do nada. Ela na época parece que tava sem um documento dela em dia pra poder ficar como responsável. “Meu”, umas coisas assim, que dá pra escrever um livro! Aí eu fui dar baixa nesse documento né, fiz isso referente à data que eu saí da função, desde que o papel tinha sido escondido.*

- Em relação a todas as suas licenças... Como você se sentia em casa?

23. *Olha, na época das licenças grandes, que foram no começo, eu gostava bastante de trabalhar, depois que eu fui ficando desgostosa, aí eu gosto da licença, só não tanto porque tem desconto, mas o que me desmotiva é que as pessoas são desqualificadas, até a chefe é. Isso que me deixa sem vontade, eu queria trabalhar com pessoas mais motivadas e soubessem o que fazer. Aí como eu já fui chefe e*

you know how it is to see things go right, you know, and the boss isn't even here. That boss, (the boss with whom Carla had the discussion) operated the knee, last year and was away for four months, then operated the other and was away for five months, if she had three knees she would operate the three. I think she wants to retire and if she is boss at the time of retirement, it will be better for her because of the salary.

24. *In the first time that she operated I was the one who substituted her. I didn't want to substitute, but the superior (Maria) asked me, then, she liked my work and wanted me to continue, she said she had a different vision of me, she only knew that I was diligent, but then she discovered that I worked well. It is not for me to brag, among the people that are there I am the best even, I don't have many options.*

25. *But the other one who was on leave was afraid that I would take her place. Maria wanted it to be me, but I didn't want to continue if it was to earn R\$10,000.00 per month.*

26. *When I had that flu, she didn't let me advance my vacation and didn't help me, so I thought this time, well if she didn't help me when I needed, now I won't help her, I won't stay as boss, I won't suffer again, only because she is asking me, money doesn't hurt.*

27. *The staff is very ignorant to work, it's a pain. She is, now that Maria is also going to be a mother and she didn't want to anticipate my vacation for me to stay with my son... Now I want to see how she does.*

- Atualmente, quais são suas perspectivas profissionais?

28. *Look, it doesn't give to change here, they don't liberate like that to another place because then they can't fill the vacancy, so they have to force things to change, the people will improve, I don't know, I think it will be like that, I don't have much to change.*

APÊNDICE E -Entrevista 5

Entrevista: Rita

- Conte um pouco de sua trajetória profissional nessa organização:
 1. *Bom, eu trabalho lá a 17 anos, entrei como Office girl, passei como auxiliar de escritório, depois como escrituraria, agora eu to como auxiliar de seguros Junior. Então é assim, passei praticamente metade de minha vida até agora lá, eu to com 34 entrei com 17, então foi por ali né.*
 - Durante esses anos você esteve afastada por licença médica. Conte-me sobre isso, quando foi?
 2. *Entreí foi em março de licença, março de 2009. entrei porque na verdade eu entrei em depressão, porque eu me endividei e na verdade eu nunca fiz isso, então aquela coisa, eu fiquei assim porque eu pensei, como eu cheguei nessa situação, aquilo me deixou totalmente desesperada, como se eu tivesse...aquilo me deixou totalmente desesperada, fiquei sem chão, como se eu tivesse...aquilo pra mim tinha acabado, eu queria de qualquer jeito acabar, falava eu morri, eu não quero mais ficar aqui..., então foi uma fase muito difícil pra mim, muito complicada, fiquei totalmente desesperada, minha mãe me ajudou muito, segurou a onda comigo, ficou 24 horas comigo.*
 3. *Eu tive a síndrome do pânico também, eu não conseguia sair sozinha então ela ia sempre comigo, tenho muita saudade da minha mãe, agora ela não tá mais aqui, sinto muita saudade, pra mim foi assim um baque muito grande sabe, eu mal tava saindo da depressão e minha mãe se foi, nem sei como eu to agüentando tudo (chora). Eu vou seguir minha vida, to arrumando minhas coisas, não dá pra fazer tudo de uma vez, mas aos poucos eu to resolvendo, to seguindo minha vida, prometi isso pra minha mãe. Quando minha mãe me pediu pra eu ficar bem eu reagi, to me cuidando mais. A preocupação da minha mãe era eu, e eu sabia disso, então to bem.*

- Você está há muito tempo na empresa, você estava nesse mesmo setor quando saiu de licença?
4. *Eu sempre fiquei nesse setor, eu nunca sai dele, eu entrei nele como Office girl na mesma área só que eu entrei na parte de liquidação de sinistros, depois eu fui pra parte de processamentos que é onde eu to hoje, eu to há uns 14 anos no processamento, e não saio mais, e quero continuar lá se Deus quiser ainda vou ficar por muito, muito tempo. (risos). Porque, assim, eu gosto de lá, não tem o que reclamar, é uma empresa boa, tudo o que a gente precisa eles procuram estar ajudando, tão lá, esses problemas todos que eu tive eles tavam lá. Eu não tenho nada do que reclamar. Tanto as cirurgias que eu já passei, eu tive um tumor há cinco anos, eles cobriram tudo, a minha cirurgia não foi barata, foi cara e eles cobriram tudo. Então assim, em relação a benefícios tem tudo, é tíquete restaurante, tíquete alimentação, é... Convenio médico, então assim, eu não tenho o que reclamar, ao contrario, eu tenho que agradecer, porque toda a vez que eu precisei eu tive apoio.*
- Me conte um pouco sobre sua relação com a pessoa responsável pelo seu setor :
5. *Quando eu voltei, 2 meses depois minha chefe saiu, ela se aposentou. E ai tem uma outra pessoa no lugar, que o superintendente mandou a gente considerar como chefe, só que ela não tem o cargo ainda de chefe, a gente considera porque mandaram (risos), eles disseram considera, então a gente considera né, mas tem muita gente ali que não (risos) adianta , mas ela é meio difícil de lidar, totalmente diferente da outra, a outra era muito boa, parecia uma segunda mãe,era aquela coisa, tava sempre procurando conversar com a gente, essa daí já é meia (risos) diferente.*
6. *Quando você fez a cirurgia (do tumor 5 anos atrás) já era essa que se aposentou? Não era outro gerente, ele saiu, que também saiu porque se aposentou. Depois entrou a Maria,que é essa ultima, que também se aposentou e agora veio essa. Então assim, troca, porque na verdade a empresa não ta segurando mais, entoa deu tanto tempo de empresa, ou de anos, porque tem o tal do PAC que a gente tem direito que é a aposentadoria, que é um complemento, aquela coisa, então agora*

não tem mais isso, eu não lembro qual foi o ano certo mas parou de ter esse benefício. Entoa que completou 55 anos de idade tinha direito a esse benefício, pegou o benefício e saiu. Então ela saiu, ele também, ele já era aposentado, ele prestava serviço pra empresa entoa ele também saiu, mas saíram com ele (risos) e assim vai.

- Na época que você pegou sua licença pra fazer essa cirurgia como ele reagiu?
7. *Super bem, em relação a isso eu não tenho o que reclamar sabe, também me deram o maior apoio, não tinha também como falar não né, também foi tudo de emergência, não tinha nem opção, eu tava de férias, foi meu primeiro dia de férias, eu recebi a noticia que eu tava com um tumor, aí foi toda uma bateria de exames, aí, assim, eu fiz uns exames numa terça, na quinta eu tava internada, aí no dia 07, no dia 07 de janeiro que eu me internei, do dia 07 até o dia 12 foi só exames, dia 13 foi minha cirurgia, 13 de 2005 foi minha cirurgia, aí eu fiz a cirurgia, aí assim, fiquei quase um ano afastada, não tive problema, voltei normal, trabalhei normal.*
- Nesse período de afastamento você teve contato com o pessoal do trabalho?
8. *Tive, eles sempre me ligavam pra saber como é que eu tava,o pessoal que trabalha comigo, eles foram lá em casa, me visitar ,ver como eu tava.*
- Seu chefe foi também?
9. *Meu chefe não, ele ligou, tudo, mas é que ele era mais fechado, a gente até entendia o lado dele, ele até falava, manda lembrança pra ela, mas ele era mais fechado, a gente a te entendia o lado dele. Não exigia nada dele, como eu também não exigi dos outros, eles foram porque queriam saber mesmo como eu tava.*
- Esse grupo com que você trabalhava nessa época continua ate hoje?
10. *Continua, é o mesmo grupo, assim tem uma que se aposentou, mas o resto continua o mesmo grupo.*

- E no ano passado, na época em que você esteve em depressão, como foi? Você ficou quanto tempo de licença?

11. *Hummm acho que foi...cinco meses. Acho que foi, eu voltei em agosto então acho que foi isso.*

- Me fala mais sobre esse tempo, como foi isso? Você acha que foi diferente da outra licença, pra eles, pra você, como é que foi isso? Acredita ser diferente a licença por motivo da cirurgia e da depressão?

12. *Não, acho que não foi diferente, acho que foi a mesma coisa. Em relação as pessoas foi a mesma coisa o mesmo tratamento, quando eu voltei não tive problema nenhum, ao contrario, todo mundo teve muito cuidado, sabe, toma cuidado com o que vai falar, em que ponto vai tocar, sabe aquela coisa de “não vamos falar muita coisa, deixa ela voltar” sabe aquela coisa de tomar cuidado? Então foi assim, em relação a empresa eu nunca tive problema, entoa é assim, eu já me afastei outras vezes, eu operei o ombro, por causa da síndrome do impacto, tendinite, eu já fiquei 6 meses afastada...Então assim, voltar, voltar, eu voltei normal.*

- Você voltou na mesma função?

13. *Sim, na mesma função, assim, ninguém me tratou mal, sabe, “ah você ficou afastada, você não sei o que”, ah imagina, não tem isso lá, até porque não pode né, então se a gente percebe esse tipo de coisa a gente tem que procurar nossos direitos né, lá tem isso também, entoa não tem o que reclamar. O pessoal lá foi sempre bons amigos, entendeu.*

- Na época em que você foi para a perícia pra saber se você iria voltar ao trabalho ou não, como é que foi pra você? Você tinha vontade de voltar?

14. *No começo não, no começo não.*

- Por que?

15. *Eu tinha medo, tinha receio de voltar e ser mandada embora, também era uma grande dificuldade que a gente tinha, na verdade é um medo, porque é diferente, sabe, não sei como é que é lá fora, entoa depois de 16 anos você volta e bum é mandado embora, rua!*

- Porque você achava que podia acontecer isso?

16. *Não sei, na verdade talvez por eu estar mais debilitada minha cabeça raciocinava daquele jeito , não por nada, mas graças a Deus não aconteceu, na verdade ao contrario, o pessoal veio conversar comigo, eu tive muita força.*

- Como foi o seu primeiro dia de retorno?

17. *Meu primeiro dia? Ahhhhhm na verdade eu fui antes de começar lá no serviço, eu conversei com a minha chefe, na verdade era uma outra pessoa que eu gosto muito e se eu pudesse escolher como minha chefe eu queria sabe, ela é de uma outra área, uma chefe de uma outra área , mas que eu tenho uma grande consideração entende?*

- Você conhece ela como, assim, como é que você tem contato com ela?

18. *Ah a gente conversa assim , eu já trabalhei, ela já trabalhou com a gente no processamento, entoa o pessoal lá não dava muita atenção pra ela então que saia pra almoçar com ela era eu, mesmo ela tendo um cargo maior que eu era eu quem conversava com ela, eu saia com ela pra almoçar a gente conversava, a gente conversava muito. Então a amizade continua, assim, nunca o cargo dela foi diferença pra gente ter um contato, alguma coisa. Hoje a gente ta próxima, porque ela ta numa mesa de frente pra minha (risos) então é assim a gente continua tendo amizade. É assim, é ela ta numa mesma área, só que ela é chefe de uma outra parte da área, que é a parte do credenciamento. Então é assim, eu fico na parte do processamento e ela fica no credenciamento. Então não teve muito problema , entoa foi nessa hora que eu chamei as duas e falei, o porque do motivo de eu ter entrado em depressão, contei tudo, contei toda a verdade. Porque assim,*

aquilo tava me fazendo mal, então eu achei bom pra mim desabafar, contar, abri o jogo entendeu? Contar a verdade.

- Então nesse momento você estava de licença?

19. *Tava, Ai depois não demorou muito, acho que em um mês eu voltei a trabalhar. Então assim, como eles já sabiam da situação foi muito mais fácil de lidarem também, né, tipo, porque “opa, o que que aconteceu né, eles iam falar” Então foi mais simples, foi mais, éé’...acho que o cuidado, foi, o que sempre teve também, mas acho que foi melhor pra mim, foi mais fácil a volta.*

- Então como eles de recepcionaram?

20. *Muito bem, teve cartazes na minha mesa “Bem vinda”, aquela coisa, “agora vamos voltar ao trabalho” (risos), aquelas brincadeiras, risos, mas foi tudo normal, não teve muito o que questionarem , porque na verdade já sabiam qual era o real motivo, assim, não todo mundo mas as pessoas mais principais ali, assim, o superintendente, essas pessoas sabiam. Então eu cheguei a conversar ali, olha eu to arrumando as coisas , aos poucos, porque não vou conseguir arrumar tudo de uma vez (financeiramente), mas assim, eu assumo o que eu fiz, agora eu vou me regularizar financeiramente, porque não adianta , muita pressão eu não ia conseguir, ia ficar doente de novo, Mas ta tudo certo.*

21. *Então é isso, continuo me tratando.*

- E quais são suas perspectivas profissionais? Você tem um projeto de vida, um plano profissional?

22. *Na verdade eu quero, eu vou fazer minha faculdade, só não sei, provavelmente vou prestar agora no final do ano né, to estudando, pra no começo do ano eu entrar na faculdade, porque assim, eu quero prestar numa faculdade publica, não quero prestar pagando, mas é claro que eu vou prestar em duas, numa pública e numa particular pra ver se eu consigo passar, porque já tem muito tempo que eu to parada, entoa uns 10 anos sem estudar, nem sei, 10, 11, 12 anos parada.*

- Então durante esse período você não estudou?

23. *Não ano quis, porque foi assim, eu terminei o colegial e parei.*

- E lá onde você trabalha existe auxiliam nesse sentido?

24. *Eles te ajudam, na verdade não sei o quanto, mas você entra com o pedido e daí eles falam o custo, em quanto eles vão te ajudar, a gente só fica sabendo mais próximo.*

- Então, assim, quando você pegou licença, não ter trabalho, não ter que ir ao trabalho, como era isso pra você?

25. *Ah então assim, no começo eu não sentia muito, porque era assim, era como se eu não comandasse meu corpo sabe, então era assim, eu não tinha vontade de fazer nada, queria ficar na cama, eu não queria ver ninguém, eu não queria comer, eu não queria fazer nada. Tanto que eu emagreci 8 kg. É...eu não tinha vontade de fazer nada, ver as pessoas então era muito difícil, quem eu queria ver, era muito raro, então do pessoal do meu serviço? Imagina, eu não queria ver nem pintado, ninguém. Quando me ligavam eu chorava, eu não queria falar com ninguém, eles ficavam preocupados, porque ninguém nunca tinha me visto daquele jeito e minha mãe coitada (risos) entoa as minhas colegas me ligavam e minha mãe ficava dizendo pra elas “fala com ela pelo amor de Deus, fala pra ela sair dessa depressão porque é muito triste ver minha filha desse jeito” (emocionada).*

26. *Olha não é fácil essa situação. Eu nunca tinha passado por isso então a gente não sabe como que é, a gente ouve falar, mas só vai saber quando bate na nossa porta. Entoa quando eu passei por isso, minha mãe falou, “não acredito, minha filha”, né, pra ela foi muito difícil pra mim também, então...Foi muito difícil, enfrentar a situação.*

- Em que momento você pensou em voltar a trabalhar , quando vc começo a sentir vontade, isso aconteceu?

27. *Sim, na verdade eu tinha um pouco de receio, mas na verdade eu não agüentava mais ficar em casa aí começa a dar aquela angustia, eu não queria mais ficar em*

casa, eu queria sair, mas ai eu comecei a sair, ir ao shopping pra ir passando o medo de sair, ai minha mãe e meu irmão saiam comigo, ia pra rua, ao shopping pra ir passando o medo de sair de casa, pôrque não tinha como minha mãe me levar e buscar no trabalho (risos) , não dava né, então eu precisava sair pra me preparar pra voltar. EU precisava, sair, perder aquele medo pra eu poder enfrentar. Então ai foi a hora que eu comecei a sair mesmo pra rua , foi a hora que eu comecei a reagir e eu falei ., não eu to ficando bem agora eu vou ter que voltar. Ai quando eu fui fazer a pericia o medico perguntou com é que eu tava e eu disse, eu to bem, eu quero voltar. Na verdade ele me deu três meses pra ficar em casa, ai eu disse que eu queria voltar.

- Você fez uma pericia? Ou mais?
28. *Eu fiz duas, na primeira a medica me deu 30 dias e na segunda o medico deu 3 meses. Quatro, não cinco meses eu fiquei em casa.*
- E então nesses 5 meses as pessoas do trabalho te ligavam com que frequência?
29. *Eles me ligavam direto, direto eles ligavam. Mas não falavam comigo, falavam com a minha mãe, eles queria saber como é que eu tava. Eu não falava com ninguém, eu não queria ver ninguém. Eu não queria ver ninguém da minha família, eu não falava com ninguém, eu só queria ver a minha mãe, nem a minha irmã eu queria ver. Minha mãe era aquele apoio. No começo minha irmã ia me ver e eu dizia, sai daí eu não quero ver ninguém, eu chorava muito na cama, minha irmã dizia que eu parecia um bicho acuado, aí minha irmã também ficou desesperada, me via na cama , deitada, toda encolhida, minha sobrinha saiu chorando de casa de me ver naquela situação. Eu nunca tinha estado daquele jeito e quando pegou foi assim, eu tive desmaios, foi uma depressão muito forte.*
30. *E ai a gente foi, foi... Até que chegou o momento que eu disse, não agora eu quero voltar (ao trabalho). E graças a Deus isso tá me ajudando muito também, porque eu não paro meu tempo pra ficar pensando em besteira, entoa o tempo que eu tenho ali é só trabalho, trabalho, trabalho, então é claro que a gente dá risada tudo, conversa, fala outras coisas, mas a maior parte do tempo é o serviço, então eu mexo muito com calculo e a minha cabeça, assim eu não posso me distrair em relação a calculo, valor, que é devolução, é emissão de apólice, então eu tenho*

que saber o valor certo, entoa imagina se eu começo a pensar em outras coisas, a pírar...eu não posso me distrair em relação a outras coisas.

31. *Hoje eu to bem, claro que você me vê chorando aqui, vai pensar essa menina não ta bem, mas eu to, é claro que perdi a minha mãe faz 3 meses entoa é isso que me deixa triste agora, mas em relação a depressão eu to bem. Minha mãe era o centro pra mim, o primeiro dia de trabalho, depois que eu voltei ao trabalho ela perguntou se eu tava bem, e eu disse, eu to bem. Minha família hoje me apóia muito, meu irmão hoje está morando comigo, tenho o apoio da família e isso ajuda.*

32. *Olha, minha mãe ficou doente por um mês, foi tudo muito rápido, e ela era minha dependente do meu convenio, entoa eles cobriram tudo, entoa ta vendo eu não posso reclamar da minha empresa, você vê, o convenio cobriu todos os gastos da minha mãe, a única coisa que eles não cobriram foi uma meia que ela precisou, mas isso a gente paga, R\$60 reais esse ano era o problema,poxa, minha mãe ficou 20 dias não UTI, imagina o quanto ela gastou. Eu acompanhei minha mãe o tempo todo, o que eu pude fazer por ela eu fiz. Eu ficava o tempo todo com a minha mãe, eu ficava lá na UTI, eu ia lá, eu via ela.*

- Você chegou a faltar no trabalho para acompanhar a sua mãe?

33. *Faltei, eles cobriram todos os meus dias que eu faltei.*

- Como você resolveu isso no trabalho, ficou algo combinado? Em relação a faltas, horários, possíveis descontos?

34. *Eles não descontaram nada, eu liguei avisando que minha mãe tinha piorado e que depois resolvia tudo em relação as faltas, descontos. Mas não, meu superintendente mandou abonar tudo, eles não me descontariam nada, aí tem também os 5 dias que a gente tem direito. Então assim, eu faltei 2 dias , fora os cinco, né porque minha mãe estava consciente, foi a ultima vez que eu via minha mãe consciente, eu não me arrependi de faltar, mesmo se tivesse descontado não era aquilo que ia importar pra mim. Minha mãe não tava bem e eu queria ficar com ela. Então foi assim, no dia seguinte minha mãe entrou em coma, então a partir desse dia eu não fui trabalhar, isso foi numa quinta e entoa na sexta eu não*

fui trabalhar de novo, então eu liguei no trabalho avisando, e disse, olha, minha mãe não te bem, eu não vou trabalhar hoje, então se for o caso desconta das minhas férias, porque eu ia entrar em férias em fevereiro e isso era janeiro, eu disse, desconta das minhas férias, mas depois a gente acerta isso, eu não posso ir hoje mesmo. Porque a gente não sabia como iam evoluir as coisas né. Eu expliquei, a situação é essa, essa, e eu não quero perder os últimos dias com a minha mãe. E no domingo minha mãe faleceu mesmo, ela teve varias complicações e veio a falecer. Então eu não me arrependendo de não ter ido (trabalhar), porque eu precisava ficar com ela, se eles tivessem falado que iam descontar eu ia dizer, desconta, isso não ia fazer diferença pra mim porque o que importava era o tempo a mais que eu podia passar com a minha mãe. Então, mas o superintendente disse, pode cobrir, não descontaram das minhas férias também, eu saio normal de férias. Não descontaram.

35. *Agora a vida continua né, a gente tem que caminhar, a vida continua. O trabalho acaba ajudando né, a você não pensar tanto, o trabalho te ajuda a pensar em outras coisas, a resolver outros problemas.*

- Voltando um pouco ao seu ultimo período de afastamento por licença médica...Alguém ficou em teu lugar durante esse tempo?

36. *Não, não chegou a precisar porque lá tinham outras pessoas que faziam esse mesmo serviço.*

- Você chegou a pensar nisso durante a licença?

37. *Não, isso não, porque eu sei que lá eles não tem o costume de contratar muita gente (risos) sabe aquela coisa de ter as mesmas pessoas...até porque se for contratar alguém é temporário e é terceiro, então é por outra empresa, então é diferente, então colocar alguém ali no banco tem que ser definitivo, na tive medo, se fossem colocar alguém ia ser temporário, nunca tive esse medo, nisso eu tava bem tranqüila. Ate quando eu voltei eu tava tranquila. Eu cheguei a sentir esse medo quando eu tava com três dois meses e meio de licença, de voltar e eles me mandarem embora, depois passou. É que quando você tá em depressão você tá mais sensível a tudo né quando você tá com depressão, então acho que o medo vem mesmo né... Mas de resto é tranqüilo.*

- E quais são suas expectativas profissionais agora?

38. *Tenho plano de continuar trabalhando lá, tenho, assim, lá é uma empresa boa, eu não posso reclamar, as pessoas são legais, o lugar é legal. Nós mudamos de lugar, agora o lugar é mais legal, então assim, eu to tranqüila. Quero fazer a minha faculdade, melhorar profissionalmente e continuar lá.*

- Tem mais alguma coisa que você lembre que você acha importante falar?

39. *Não, acho que tudo que eu acho importante eu coloquei aí, que eu trabalho com pessoas muito bacanas, pessoas com quem eu posso contar, tenho amigos lá, pessoas que eu tenho um grande respeito um grande carinho. Algumas pessoas me ajudaram bastante.*

40. *Acho eu empresa é muito correta, em relação á licença eu acho a empresa muito correta.*

Apêndice F- Análise das Entrevistas

Apêndice F- Análise das Entrevistas

Seguindo o modelo de Smith, Flowers e Larkin a fase 2 da análise apresenta ao lado da transcrição:

- Comentários descritivos- apresentado com texto normal.
- Linguagem – comentários referentes ao uso da linguagem, exploração do conteúdo – *texto em itálico*.
- Comentários conceituais – questionamentos e diversos comentários relacionados a transcrição- texto sublinhado.

Entrevista : Mara

Transcrição da Entrevista	Comentários Exploratórios
<p>• Qual o motivo de seu afastamento?</p> <p><i>Ansiedade. Ansiedade, toda vez que tinha algum passeio, evento fora da escola, qualquer coisa, eu não conseguia ir, passeio, teatro, levar as crianças pra algum lugar ou alguma coisa dos funcionários eu não conseguia ir, ficava pensando antes, no dia anterior começava a passar mal, não dormia, e não conseguia ir. Todo dia que tinha algum serviço externo eu não ia. Eu tinha medo de ir. Tinha medo de passar mal, sentia enjojo, mal estar, diarreia.</i></p> <p>(pausa)...</p>	<p><i>Repetição da palavra ansiedade – demonstração do sentimento, lembrança leva ao sentimento, “revivendo” a sensação.</i></p> <p><u>Passeio fora da escola- doença associada a atividade “extra”. Dificuldade de lidar com o inesperado? O não combinado anteriormente?</u></p> <p>Ficava pensando- Levar a situação do trabalho ao contexto pessoal, não dormir, não parar de pensar. Ansiedade perante mudança, diferentes atividades.</p> <p><u>Dificuldade de lidar com pessoas ou com o que não foi combinado??</u></p> <p>Medo: medo aparece como bloqueador de ação, medo do que poderá vir transformando-se em doença.</p> <p><i>Repetição das palavras “tinha”- passado, não teme mais. Tinha medo, enquanto algo externo ao seu ser atual, apenas lembrado, não tratado enquanto doença ou fato atual. Repetição de “tinha medo” intensidade da sensação.</i></p>

<p><i>...Eu já tava fazendo tratamento com a psicóloga, já fazia há uns oito meses. Na época da gripe suína nós tivemos duas semanas de paralisação, por conta da gripe, ficamos afastados, mas depois tinha que compensar essas horas. Eu queria pagar logo as horas, aí fiquei trabalhando das sete as sete num trabalho que eu não gostava. Já não gostava do trabalho, me pressionei tanto para pagar essas horas, me deu desespero e comecei a passar mal um dia, aí aproveitei que minha chefe não tava lá e disse para as pessoas que eu tinha médico marcado, menti porque senão eles não iam me deixar sair. Quando você passa mal lá não pode ir sozinho embora, porque você esta sobre responsabilidade da chefe, eles não iam me deixar sair, então eu menti e fui embora. Fui ao gastro, que já me conhecia, eu ia lá porque tinha enjojo e fiz uns exames com ele, como ele já tinha visto que eu não tinha nada físico ele me deu 90 dias...(pausa). E é assim, na prefeitura você passa na perícia própria, leva laudo, exames, todos os documentos. Aí na perícia me deram 60 dias. O medico da perícia falou que noventa dias é só pra caso mais grave, um câncer ou coisa assim, em caso como o meu é só 60 que eles dão. Quando estava acabando os 60 dias já</i></p>	<p>Percepção de “algo errado”necessidade de buscar apoio.</p> <p>Justificativa real- racionalização do fato de precisar trabalhar mais e compensar a ausência realmente necessária.</p> <p><i>Mas- palavra (mas) aparece demonstrando necessidade de reparar uma ausência, mas no sentido de perceber precisando fazer algo que não quer, participar mais uma vez de algo não programado, não pré definido.</i></p> <p>Querer “pagar” logo as horas – Palavra denotando a necessidade de cumprir, não dever, estar livre.</p> <p>Não gostar do trabalho- assumindo seu olhar enquanto profissional, não gostar da profissão.</p> <p>Pressão pessoal – pressão no sentido de demonstrar o contrario do sentimento, não gosta, mas trabalha 12 horas por dia para poder “finalizar” o “dever”.</p> <p><u>Pressiona-se seria num sentido de culpa, autopunição?</u></p> <p><u>Passar mal- voltando ao contexto de passar mal como auto proteção. A doença enquanto possível ausência e satisfação em não trabalhar?</u></p> <p><u>Aproveitar a ausência da chefe: medo de limites?</u></p> <p>Mentir para ir embora- não confiança ao grupo, distanciamento do combinado, do acordo.</p> <p>“Eles não iam me deixar sair”- antecipando as atitudes de terceiros, pré disposição em esperar o pior.</p> <p><i>Pausa entre as frases: não verbalizar o sentimento, pensar sobre, organizando as idéias ao falar e recordar dos fatos.</i></p> <p>Voltar ao médico conhecido- saber do diagnóstico, não esperar diferenças, pedir ajuda a alguém em quem confia.</p> <p>Dados sobre a perícia – revelando regras em relação à doença no trabalho.</p> <p><u>“falou que era só para casos graves”- lidando com o fato do emocional, doença não física, mas de fator psicológico? Percebendo e questionando-se enquanto “não doente”, questionando seu próprio mal estar?</u></p>
---	---

<p><i>comecei a passar mal, voltei no medico particular e depois na pericia de novo e eles me deram mais trinta. Ai fui no meu psiquiatra, ele me deu mais noventa, mas na pericia, só mais 30.</i></p>	<p>Voltar a passar mal: Ansiedade transformando em questões físicas?</p> <p>Voltar a passar mal- lidando com o retorno ao trabalho.</p> <p>Diferenças entre a percepção médica- médico pessoal e da pericia.</p>
---	--

<ul style="list-style-type: none"> Quando começaram esses sintomas? <p><i>Hum...Já faz um ano e meio .Olha, eu já tinha isso quando era criança não foi o serviço que me deixou assim, mas ia para o serviço e não gostava e isso piorou a minha situação, quer dizer , eu tive isso com dez anos, pra ir pra escola e agora tenho de novo.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Você disse que está tendo isso de novo. Quando começou a trabalhar nesta organização? <p><i>Já faz dois anos, antes trabalhava em outra creche e fui transferida pra essa há 2 anos, porque precisavam de mais gente aqui, mas o trabalho é o mesmo.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Já estive afastado outras 	<p>Tempo – sintoma , doença e trabalho.</p> <p>Reflexão sobre os sintomas. Percebendo o trabalho e o organismo separadamente.</p> <p><i>Uso das palavras “quer dizer” explicitando sua percepção pessoal de não gostar do trabalho, verificando a doença antes de começar a trabalhar.</i></p> <p><u>Escola e trabalho- ligação com o passar mal. Obrigações associadas a doença?</u></p> <p>Período de doença e trabalho.</p> <p><u>Tempo em que os sintomas aparecem e o local de trabalho Passar mal cerca de 6 meses após sua transferencia. Associação com a escola da infância e a atual?</u></p> <p><u>Sentimento de perda, derrota por ela ser a pessoa transferida?</u></p> <p><i>Uso da palavra “mas” tentando justificar a não mudança, mantendo na mesma situação e antes não passava mal.</i></p> <p><u>Uso apenas do “não” enquanto absoluta resposta. Determinação de um direito, sem explicações de porque?</u></p> <p><i>Uso da palavra “Só” demonstrando um direito, um período curto e determinado por situações criadas pela</i></p>
---	--

<p>vezes neste emprego?</p> <p><i>Não.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Tem faltas periódicas em seu histórico na organização? <p><i>Só faltava quando tinha algum evento externo. Eu tinha direito a ter dez faltas no ano, eu faltei 3 por motivos próprios, uma que era meu aniversário de namoro, outra que foi aniversário do meu namorado e na minha colação de grau, as outras sete faltas foram todas por causa de eventos, serviço externo, passeio com os funcionários, essas coisas que eu não queria enfrentar.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como você sente em relação à cultura, clima de trabalho na sua área? <p><i>Lá é assim, tranquilo, tem as crianças que a gente tem que olhar, isso cansa, mas a parte administrativa é tranquilo, eu prefiro. Eu já sabia que era isso que eu teria que fazer quando prestei esse concurso, então eu vou lá e faço, mas não gosto. Eu queria ficar só na parte administrativa, porque o que me cansa é ficar nas salas auxiliando as professoras.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como você acredita ser sua relação com seu superior direto? E com o restante da equipe? (questão 	<p><i>organização (o evento externo).</i></p> <p>Direitos e regras – ter direito a 10 faltas no ano.</p> <p>Justificativas de falta: doença e fatores pessoais não associados a doença.</p> <p><u>“por causa dos eventos”- racionalizando a falta enquanto movimento externo, organizacional.</u></p> <p><u>“Não queria enfrentar”- assumindo seu papel, aceitando o medo como fator importante de sua postura profissional.</u></p> <p><i>Uso das palavras “é assim” utilizados enquanto lembra do ambiente, olha para cima, reflete e depois fala.</i></p> <p>Ambiente de trabalho- tranqüilo.</p> <p>Visualização do “bom e ruim” no trabalho.</p> <p>“Eu já sabia...” Entendendo direitos e deveres.</p> <p><i>Uso da palavra “só” colocada para justificar o prazer, querer para si algo que não era possível.</i></p> <p><u>O que me cansa é ficar nas salas- contradição entre discurso, ficar em sala de aula e programação externa.</u></p> <p>Relação com a organização – justificando o “não ter problemas” antes de pensar em “qualidade” das relações.</p>
--	--

<p>relacionada à anterior)</p> <p><i>Com o pessoal que trabalha comigo nunca tive problema, nunca teve discussão. Aconteceram situações que eu achei injustas. Acho que eu vejo muito a imagem da minha mãe na minha chefe (risos), mas eu sei que não devia ter medo dela. Tenho muito contato com a minha diretora, é ela quem passa tudo pra gente fazer, a gente convive na mesma sala.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Você falou que em algumas situações achou que ela era injusta... <p><i>Nós éramos em quatro ,(agora são cinco, entrou uma outra menina lá), um deles não gostava de ficar com as crianças. Eu também não gostava, mas sabia que era meu trabalho, que tinha que ficar. Ela acabava livrando ele. Ele disse que não gostava e eu não sei fazer isso, ela protegia ele, deixando que ele não fosse e ele era protegido nesse sentido do serviço.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como estava o clima de trabalho na área/equipe antes do seu afastamento? <p><i>Chegou um tempo, nesse</i></p>	<p><u>Situações injustas – contrato psicológico? Violação do Contrato?</u></p> <p><u>Imagem da mãe- mais um fator relacionado à infância? Escola, mãe...</u></p> <p><i>Utilização do riso enquanto facilitador para expressar um sentimento. Falar da relação com a superiora direta no trabalho.</i></p> <p><u>Contato com a diretora- muito contato- contradição com o discurso, relação de medo?</u></p> <p>Convivência no trabalho: qualidade e quantidade.</p> <p>Injustiça- igualdade entre os indivíduos.</p> <p>Direitos e deveres- querer, dever, gostar ou não gostar.</p> <p>Relações interpessoais no trabalho “Ela acabava livrando ele”- percepções de diferenças entre indivíduos.</p> <p><i>Repetição de “ele” focalizando aquele indivíduo e sua sensação de injustiça. Culpa o outro suas insatisfações.</i></p> <p><i>Uso das palavras “livrando”, “protegia” como denotação de atitude pessoal e não profissional.</i></p> <p>Clima de trabalho- relacionado com os sentimentos pessoais.</p>
--	---

<p><i>período que eu estava fazendo às 12 horas por dia eu ficava meio irritada. A gente ficava na mesma sala, os quatro e esse menino que era o protegido ouvia musica alta no computador. Eu já tava estressada por causa das 12 horas, ele sentava de costas pra mim e a cadeira dele ficava batendo nas minhas costas. Não conseguia evitar sentir raiva dele, naquela época, mesmo sabendo que não era pra estressar.</i></p> <p><i>Eu tive problema com uma professora uma vez, só com essa. Um dia não tinha ninguém na secretaria, um tava de férias, o outro tinha ido almoçar e ou outro estava em outra sala, e eu não podia ajudar essa professora, porque metade das crianças da sala dela estavam dormindo e as outras iam embora, então ela queria que eu ficasse com as que iam embora, mas eu tava sozinha na secretaria e não podia sair de lá. Ai eu fui procurar alguém pra ajudar. Ai ela falou pra eu me virar, procurar uma substituta. Ai outra funcionária foi procurar outra professora e obrigou ela a ir. Daí depois contei pra minha chefe, e ela reuniu todas as professoras, me chamou la e disse que não podia acontecer das crianças ficarem sozinhas, porque eu falei pra</i></p>	<p>Relação interpessoal- lembrando as diferenças entre o tratamento interpessoal.</p> <p>Relação interpessoal- espaço físico relacionado com as dinâmicas pessoais.</p> <p>“Eu já estava estressada”- justificativa pessoal perante a dificuldade na relação interpessoal.</p> <p><u>“Não conseguia evitar”esteve tentando se relacionar bem?</u></p> <p><u>“Sabendo que não era pra me estressar”- tentativa de limitar e controlar sentimentos que a prejudicassem.</u></p> <p>Relações interpessoais: dificuldades relacionais. (problema com uma professora)</p> <p><i>Uso das palavras “só com essa” enfatizando a facilidade em relacionar-se, ausência de outros problemas.</i></p> <p>Racionalização da situação de trabalho, justificativas entre limitações e possibilidades.</p> <p>Repetição da palavra “Ai” demonstração da necessidade da justificativa e ansiedade em relação ao ocorrido.</p> <p><u>Estar sozinha- impotência? Abandono?</u></p> <p>Contar para a chefe- contato verbal, utilização do outro para limitar direitos e deveres.</p> <p><u>Obrigou ela a ir- demonstração de poder, o outro tem mais poder que ela? Como se percebe perante o trabalho?</u></p> <p>Limites – direitos e deveres verbalizados.</p> <p><i>Uso da palavra “largou”, demonstrando reprovação a atitude do outro.</i></p>
---	--

<p><i>minha chefe que ela largou as crianças lá sozinhas no pátio. Ai essa professora falou “Quem falou pra você que as crianças estavam sozinha no corredor mentiu”. Ai minha chefe falou que foi eu e outra professora, porque todo mundo viu o que ela fez. Ai essa professora falou pra mim “Eu não gosto de fofoca”. Desse dia em diante ela parou de falar comigo e eu com ela. Foi a única pessoa que tive problema, entre todos, mas isso foi uns 6 meses antes de eu ficar afastada.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Quantas horas por dia você dedicava ao trabalho? <p><i>Oito horas, quatro horas eu fico ajudando nas salas, com as crianças e as outras quatro horas no administrativo, só teve a época que fazia 12 horas, pra compensar o horário, depois da gripe suína.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Outras pessoas de seu setor estiveram afastadas por motivos de saúde antes de você? <p><i>Não sei, não desde que estou lá.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como foi no momento de afastamento? Havia políticas específicas ao afastamento? Houve 	<p><u>Mas isso foi uns 6 meses antes de eu ficar afastada- Separando a problemática dessa relação com a doença- percebendo as suas próprias limitações, não culpando o outro.</u></p> <p>Direitos e deveres- período de tempo dedicado ao trabalho por dia.</p> <p>Direitos e deveres- divisão de tarefas. Metade do tempo faz uma atividade que disse anteriormente não gostar- ficar na sala de aula com as crianças.</p> <p>Repetição do tema- trabalhar 12 horas por dia.</p> <p><u>Não procurou saber sobre outros possíveis afastamentos?</u></p> <p>O afastamento enquanto questão relacional- postura da</p>
--	--

<p>resistência ao seu afastamento?</p> <p><i>Quando eu cheguei com o atestado de depressão severa ela (a chefe) ficou tão agitada, que não parava de falar. “Licença de noventa dias de psiquiatra pode te prejudicar, vai em outro medico, vai no ortopedista e pede quinze dias”, porque eu tava com torcicolo nesses dias, “tenta outra coisa, não entra com esses noventa dias”. Mas eu não tava aguentando, naquele momento não conseguia ficar na situação que eu tava, falei pra ela, só não sei se ela me ouviu, ela tava muito agitada.</i></p> <p><i>Ela recebe uma verba para ir pra reunião fora e ela me mandava no lugar dela, e eu ia com meu carro e ela não me pagava a gasolina. Eu comprei um carro pra ir trabalhar. Eu não ando sozinha na rua desde que fui assaltada, já tem um tempão, então vou de carro pro trabalho. A creche que eu trabalhava antes dessa era na esquina da minha casa, daí eles me transferiram pra essa, essa nova creche é longe, uns 20 minutos. Quando eu fui pedir vale transporte ela não quis me dar porque eu vinha de carro. Ela não quis me dar e eu me senti injustiçada porque outros funcionários lá iam de carro e tinham vale transporte. Aí eu</i></p>	<p>organização além dos direitos legais- sensações, percepções e relações interpessoais – chefe agitada, preocupação com o motivo da licença por parte da superior.</p> <p><i>Uso do relato como discurso – repetindo a fala da chefe, tentativa em reproduzir a situação e detalhar o contexto.</i></p> <p><u>Não entrar com os 90 dias. Tentativa em ajudar o indivíduo ou a organização? Como o entrevistado vê e entende isso? Porque repetiu as palavras e não comentou a atitude da superior.</u></p> <p><u>Eu não tava agüentando- auto percepção- limite pessoal, até onde consegue ir, até onde agüenta. Agüentar o que? A doença ou o trabalho?</u></p> <p>Relação interpessoal- Não conseguir dialogar, agitação da superior.</p> <p><u>Não sei se ela me ouviu- sensação de não se vista, percebida, então pode se ausentar, não fará falta? Auto percepção enquanto alguém sem importância?</u></p> <p><u>Comprei um carro para ir trabalhar- demonstrando investimento no trabalho.</u></p> <p><u>Não ando na rua desde que fui assaltada- acontecimento externo, trazido como novo fator para o medo e possível doença?</u></p> <p><u>Eles me transferiram para essa nova creche- culpando a organização, foi preciso investir mais.</u></p> <p>Direitos e deveres- não tinha vale transporte.</p> <p><u>Direitos e deveres- Não ter vale transporte- a superior não quis ou não podia?</u></p> <p><u>Sabia do vale transporte do colega através da folha de pagamento? Como era essa relação interpessoal?</u></p>
--	--

<p><i>não conseguia falar, e foi ai que eu comecei a ficar pior. Eu sabia que tinha funcionário que recebia vale transporte, porque eu via a folha de pagamento deles, daí depois que eu pedi, depois disso ela tirou o vale transporte deles, tinha um menino que ia de carro e ainda usava o estacionamento da creche e pegava o vale transporte, eu nunca usei o estacionamento de lá, deixava o carro na rua.</i></p> <p><i>Eu fui conversar com ela sobre o vale transporte e ela foi super grossa comigo e ai eu fiquei chateada, ela falou na frente de outras pessoas e eu fiquei chateada porque os outros funcionários tinham.</i></p> <p><i>• O que tem feito em seu tempo livre nesse período?</i></p> <p><i>Eu fico procurando o que fazer todos os dias. Leio muito, vejo seriados na TV, fico ajudando minha mãe, lavo uma louça.</i></p> <p><i>To me sentindo bastante ociosa pra falar a verdade, tenho vontade de voltar, já me sinto preparada. Na época que fui lá não estava, agora eu estou. Eu entendo que eu precisava ter falado pra minha chefe naquele dia que não estava preparada, mas queria</i></p>	<p>Direitos e deveres- Questão das diferenças entre tratamento frente aos membros de um mesmo grupo de trabalho.</p> <p><u>Deixava o carro na rua- atitude frente aos limites, não tenta, deixa o carro na rua, mas não pergunta se pode guardar o carro. Auto percepção negativa?</u></p> <p>Tentativa de dialogo frustrada- relação de confiança e poder afetada.</p> <p><u>Falar na frente das pessoas- situação de exposição perante o grupo.</u></p> <p>Direitos e deveres- tratamento diferenciado dentro de um grupo - Os outros tinham.</p> <p>O indivíduo sem o trabalho- sentido da vida, atividades pessoais.</p> <p>Procurando o que fazer – reorganizar atividades e expectativas. O novo olhar para si.</p> <p>Sensações durante a licença- novo olhar perante o “não trabalhar”.</p> <p>Sentindo ociosa- importância do trabalho enquanto valor pessoal, outras atividades não a fazem sentir-se útil, ler, ajudar a mãe, não preenchem seu tempo.</p> <p>Sentir-se preparada- o período de afastamento e a sensação de “poder” voltar ao trabalho.</p> <p><i>Utilização da palavra “entendo” demonstrando reflexão pessoal, amadurecimento frente ao tempo de afastamento.</i></p>
--	--

<p><i>voltar, mas não consigo falar, ate acho que ela ia tentar me ajudar. Ela tem uma característica de quando uma pessoa não consegue enfrentar uma situação, ela insiste pra enfrentar. Ela fez tanto isso comigo, me pressionava, mas não deu o resultado que ela espera, por isso que eu não falei nada.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como está se sentindo em relação a sua saúde? <p><i>Quando eu tirei minha licença eu tava totalmente perdida, hoje eu entendo que meu problema não é lá, eu quero voltar pra mostrar pra mim mesma que eu posso.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Tem contato com pessoas de seu trabalho durante seu afastamento? Com quem, e com que frequência? <p><i>Não, eu fui lá um dia, no começo do ano, em janeiro, não queria ir de jeito nenhum, tinha que levar uns papeis da licença, pegar um papel pra perícia. Minha mãe foi comigo, só que ela não entrou, ficou no carro me esperando, ai minha chefe não tava lá, ai fiquei feliz. Porque meu medo era encontrar com ela. Ai encontrei um rapaz que agenda a perícia e ele ficou de me ligar no dia seguinte pra falar o</i></p>	<p><u>Olhar o outro- saber diferenciar a si próprio e as características do outro. Não visualiza a atitude da superior enquanto apenas para ela, vê como característica pessoal.</u></p> <p>Pressão da superior não resulta em retorno rápido ao trabalho.</p> <p>Auto percepção- como se sente atualmente e antes da licença médica.</p> <p><u>Mostrar que pode- para si ou para o outro?O retorno ao trabalho como uma vitória?</u></p> <p>Relacionamento interpessoal- falta de interação com colegas durante a licença.</p> <p><u>Não querer ir ao local de trabalho- a doença está no local? O espaço físico como representação do mal estar?</u></p> <p><u>Precisar da mãe- reconhecer que precisa ou quer ser cuidado, associação da referencia mãe- chefia citada acima?</u></p> <p>Chefe não estar- felicidade- relação ambígua.</p> <p><u>Medo da chefia? Por que?</u></p>
---	--

<p><i>dia. No dia seguinte o telefone tocou, eu vi o número da escola, atendi achando que era ele, e era a minha chefe. Ela disse que queria falar comigo, que era pra eu ir lá. Eu não queria ir. Mas eu fui. Quando cheguei lá ela ficou falando: “Volta, você é muito nova pra estar com esses problemas”. Me tratou super bem. Ela não queria que eu pegasse uma nova licença, ela disse que “se pudesse te pegava no colo”. Ela me tratou bem, todos lá, disseram “volta, to com saudades”. Fui muito bem recebida. Mas ela tem um jeito que quer animar, mas fica pressionando, falando pra voltar, pra ela tem que enfrentar as coisas pra melhorar, mas eu não tava preparada. Sai de lá e comecei a chorar. Eu consigo falar exatamente o que eu to sentindo, pra todo mundo, pro meu namorado, pra minha mãe, pro meu, pai, na terapia, pro pai do meu namorado, mas pra minha chefe eu não podia falar, não conseguia. Antes eu já me sentia intimidada com ela, depois da licença ficou pior ainda. Eu não consigo voltar ao trabalho, mas não consigo falar isso pra ela, não é que eu não quisesse falar, que queria, mas me senti intimidada.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Mas nessa visita você disse 	<p>Contato telefônico- superior ligando – pedido e não para acompanhar o estado de saúde.</p> <p><u>Direitos e deveres- Eu não queria ir, mas fui- estaria se punindo? Seria necessário ir?</u></p> <p>Desejo da superior- pedido de retorno ao trabalho.</p> <p>“Volta, você é muito nova ...”- Idade e saúde sendo relacionados diretamente.</p> <p>“Me tratou super bem”- relação ambígua- hora trata bem, hora trata mal. Nunca sabe como será recebida.</p> <p>Boa recepção dos colegas- ninguém ligou para saber de sua saúde, mas depois disseram estar com saudades, que tipo de relação existe entre o grupo? – relação ambígua.</p> <p><u>Ela abre espaço para contato? Seria sua atitude que distancia o grupo?</u></p> <p>Ser bem recebida- fazer falta ao grupo, sensação de conforto.</p> <p>Quer animar e fica pressionando- relação ambígua.</p> <p><u>Chorar fora do local de trabalho- demonstrando ser forte, não chorar frente aos colegas, já basta o adoecer.</u></p> <p>Relações interpessoais-Dificuldade em dialogar com o superior no trabalho.</p> <p>Relação com a chefia- querer, mas não conseguir.</p> <p>Licença – gerando intimidação.</p> <p><u>Sensação de desejo e impotência- seria a relação com a chefia um fator desencadeante da doença? Intimidação perante o dever ou o representante de poder?</u></p>
--	--

<p>que foi bem recebida por todos, o que sentiu em relação ao retorno ao trabalho? Motivou você a voltar?</p> <p><i>Eu fiquei animada pra voltar, eu tinha esse receio. Pensei “Nossa, o pessoal foi tão legal, então quando eu voltar eles vão ser”. Não tem porque eles não serem.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Teve mais algum outro contato com eles? <p><i>Fora esse dia que fui lá não tenho contato com ninguém. Eu mandei um email pra minha chefe, bom, ela que me mandou um email falando que tava fazendo um estudo. Estudo de capacidade laborativa e assim que tivesse resposta, ela me avisaria. Eu não sabia o que era isso. Pesquisei, tinha a ver com o INSS. Aí mandei um email pra ela falando que eu tava melhor, que o psiquiatra disse que o remédio já estava certo e não tinha que me preocupar em piorar de novo, que eu ia ficar bem com esse remédio. Eu to lá a menos de 3 anos e na prefeitura isso é como se fosse a experiencia, você ainda pode ser mandado embora. A pessoa que está no estágio probatório (tempo inferior a 3 anos) é feito um estudo do cargo. Assim, descobri que</i></p>	<p>Relações interpessoais- medo em não ser aceita.</p> <p>Reflexões ligadas ao trabalho e as pessoas</p> <p><u>Ansiedade, tentativa de previsão do que será, o trabalho visto como algo novo, novo momento com o mesmo grupo?</u></p> <p>Relações interpessoais- grupo trata bem, mas não mantém contato durante o afastamento.</p> <p>Contato da chefia relacionado a um retorno e não como acompanhamento do afastamento.</p> <p><u>Estudo laborativo- questionamento da capacidade profissional, pressão para voltar? Quebrando contrato? Falta de confiança?</u></p> <p><u>Retornar o email avisando que está bem- tentativa de posicionar-se no local do trabalho.</u></p> <p><i>“Não tinha que me preocupar em piorar de novo” Utilizando o “me preocupar” para dizer a chefia que ela não deveria se preocupar com a afastada. Se colocando enquanto preocupada, sabendo que esta era a postura de sua chefe e não sua.</i></p> <p><u>Sensação de estar sendo traída? Cobrada? Chantageada?</u></p> <p>Perda da segurança- poder ser demitida.</p>
--	---

<p><i>esse Estudo de Capacidade Laborativa, é um estudo daquela pessoa no cargo, então eles podem te demitir.</i></p> <p><i>Quando soube disso me arrependi do e-mail que enviei pra ela, quando eu soube o que era esse tal estudo me arrependi muito, porque achei que ela tava tentando me tirar do cargo. E eu tinha sido super educada no email, agradecendo a preocupação dela comigo e dizendo que eu já tava melhor. Porque é assim, eu não consigo falar pessoalmente, mas por email é mais fácil, porque não tem o cara a cara.</i></p> <p><i>Então eu me arrependi do email porque com esse estudo eu vi que podia perder o cargo. Depois pensei que ela não ia fazer isso, acho que ela fez assim “Já que pelo amor ela não volta, pela dor pode ser que ela volte”, não sei que intenção ela teve, com que intenção ela agiu. Apesar dela ter 20 anos na prefeitura não sei se ela sabia a consequência. Não conseguia entender, nem falar com ela.</i></p> <p><i>Mandei um outro e-mail perguntando o que era e ela não me respondeu.</i></p> <p><i>Em janeiro eu falei com ela, aí fiquei de dar um retorno pra ela. Mandei um email falando pra ela que apesar de ter vontade de voltar e saber</i></p>	<p>Mudança na relação- sentimento de traição, arrependimento.</p> <p><u>Tinha sido educada e ela quer me tirar do cargo. Traição, as regras mudaram, envolvimento e arrependimento. Se existisse isso pré determinado como seria a dinâmica do afastamento?</u></p> <p><u>Preocupação com o indivíduo ou com o cargo?</u></p> <p>Relações entre chefia e afastado – ambígua.</p> <p>Auto reflexão no que se relaciona a postura enquanto participante do grupo.</p> <p>Dificuldade em expressar sentimentos, angústias e necessidades.</p> <p>Reflexão sobre as relações no trabalho- especificamente com a superior.</p> <p><i>Atribuindo qualidade à superiora ao repetir a frase “Já que pelo amor ela não volta, pela dor pode ser que ela volte” não dita pela superior e sim imaginada pela afastada.</i></p> <p>A intenção valendo mais que a ação- relações interpessoais.</p> <p>Questionamento sobre direitos e deveres- não obtendo resposta.</p> <p>Querer e não poder trabalhar- a doença como impedimento.</p> <p>Contato sempre por email- barreiras na comunicação.</p>
---	---

<p><i>que eu queria voltar eu não tava bem, por conta dos remédios. Eu senti que eu contrariei ela, e senti que ela não gostou. Esse 2º e-mail que eu falei agora, do Estudo de capacidade laborativa veio uns 20 dias depois. Quando respondi esse email eu respondi agradecendo por tudo e perguntando o que era esse estudo e tive a mesma sensação que ela foi contrariada e não queria responder.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque teve essa sensação de que ela se sentiu contrariada? <p><i>Porque ela não respondeu o e-mail, nem o outro que eu tinha mandado, quando eu mandei esse segundo já sabia que não teria resposta, porque ela nunca responde meus emails, o outro ela não respondeu também. Eu até falei pra minha psicóloga “ vou mandar um email pra ela, mas já sei que ela não responde mesmo.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como se sente em relação ao seu retorno ao trabalho? <p><i>Hoje me sinto bem melhor, inclusive quando recebi esse e-mail, essa irritação me fez ficar motivada, isso me motivou a voltar. Eu to só</i></p>	<p><u>Sentir que contrariou- estar doente não satisfaz a superior, sensação de estar errada.</u></p> <p><u>Refletindo sobre o estar doente e não ser querido no trabalho?</u></p> <p><u>Relações interpessoais abaladas com a questão da doença e do retorno?</u></p> <p>Não responder o email- barreira de comunicação.</p> <p>Demonstração de limites e de poder.</p> <p><u>Já sabia que não teria resposta. Porque insistir em emails, não poderia ligar, tentar a comunicação, o que realmente impede esse contato? Medo? Fugindo das frustrações ou do controle?</u></p> <p>Irritação- motivação.</p> <p>Quando a relação se modifica através da mágoa.</p>
---	--

<p><i>esperando a perícia de quinta feira pra saber quando eu vou voltar. Porque eu posso voltar, mesmo de licença, quando eu quiser, se eu me sentir bem, posso voltar, só não posso faltar na perícia. Agora, se ela quer que eu saia, ela vai ter que me aturar, se ela já tiver entrado com esse estudo, acho que ela vai me avisar, pelo menos é isso que eu to esperando dela.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Você acredita que sua superior quer que você saia, por que? O que você está sentindo em relação à sua chefe? <p><i>Achei que ela queria me prejudicar, não entrei em contato com ela primeiro, quando soube o que era esse estudo, por conta da irritação. Não queria falar com ela de jeito nenhum, fico evitando esse embate, essa pressão de “Volta”. Evitando a intimidação. Na perícia não vou falar nada, vou responder só a verdade, falar que o remédio já estabilizou. Se ele perguntar se eu quero voltar, eu vou falar que não. Se ele me der 60 dias eu quero voltar antes, pra provar pra minha chefe que eu posso voltar antes.</i></p> <p><i>Eu torço pra ele me dar 60 dias pra eu voltar antes pra provar pra ela</i></p>	<p>Auto percepção- poder voltar ao trabalho, sensação de bem estar.</p> <p>Direitos e deveres- pode voltar ao trabalho, não pode faltar a perícia.</p> <p>Atitude negativa do outro e a necessidade de demonstração de força para o trabalho.</p> <p>Querer voltar, mostrar que pode, que é forte.</p> <p><u>Querer voltar, mesmo estando de licença- a licença agora tem outro papel? Não traz mais sensação de conforto?</u></p> <p><u>Sensação de não ser mais bem vinda, questionamento em relação a superior e a possibilidade de não poder mais trabalhar no mesmo local, não ser aceita.</u></p> <p>Provar que pode- mostrar sua capacidade, força, vitória.</p> <p>Contato com superior- embate, intimidação.</p> <p>Mudança relacional- a doença possibilitou conhecer o outro? Se auto conhecer? Fortalecimento através da doença?</p> <p><u>Quer quebrar regras, torce para ter mais tempo de licença e voltar antes, crítica ao sistema? Testando sua força?</u></p>
---	--

<p><i>que eu posso trabalhar. Tenho uma idéia da data de quando eu consigo voltar. Já tenho isso pensado, só não fico pensando muito pra não ter ansiedade.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Quais são suas perspectivas profissionais? E perspectivas no retorno ao trabalho (mais imediatas)? <p><i>O que eu queria, eu queria um serviço administrativo, na minha área, finanças, contabilidade, que se encaixe no meu perfil. To tentando mudar de área faço concurso, só que enquanto eu não consigo outra coisa, eu fico amarrada nesse trabalho. Eu queria sair desse emprego.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como está se sentindo para o retorno ao trabalho? <p><i>Tenho medo. Medo de passar mal, da recepção, apesar de ter sido muito bem recebida, mesmo assim tenho medo de como vou ser recebida, de como vou ser tratada quando voltar lá. E ansiedade.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Você sabe como sua função está sendo ocupadas durante seu afastamento? <p><i>O ano passado tinham 4 no</i></p>	<p>Ocupando o tempo de licença com pensamento ao trabalho- tempo não ocioso.</p> <p>Ansiedade para voltar- frente a ansiedade que sentiu para sair. Relação ambígua,</p> <p><i>Repetição da palavra “queria” demonstrando reflexão, pensamento sobre desejos e possibilidades. Tempo da licença permitindo um olhar para si.</i></p> <p>Retorno ao trabalho- medo do que pode vir.</p> <p><u>Novas relações, novo ambiente, no mesmo espaço físico?</u></p> <p><u>Ansiedade como sentimento dubio, quer e não quer voltar?</u></p> <p>Medo do retorno- razões concretas e não concretas- pessoal e profissional.</p> <p>Pensamento sobre o trabalho- mudanças possíveis.</p>
---	--

<p><i>setor e aí eu fiquei de licença, em janeiro entrou uma menina no meu lugar. Eles ficaram pouco tempo sem mim, porque saí no fim de novembro, depois teve recesso de fim de ano, eu nem sei como é que vai ser quando eu voltar, acho que vai ter que dividir o trabalho em cinco. Eu tenho receio do retorno por causa do remanejamento de trabalho, mas mesmo assim quero voltar, isso é uma coisa que eu consigo lidar, me preocupa, mas nem tanto que me faça não querer voltar.</i></p>	<p>Desejo de recuperar o espaço profissional, seu papel enquanto indivíduo naquela organização.</p>
---	---

3 Fase: Temas Emergentes:

Temas Emergentes	Transcrição da Entrevista	Comentários Exploratórios
<p>Olhar para si</p> <p>Doença frente ao inesperado.</p> <p>Ansiedade relacionada ao trabalho.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Qual o motivo de seu afastamento? <p><i>Ansiedade.</i></p> <p><i>Ansiedade, toda vez que tinha algum passeio, evento fora da escola, qualquer coisa, eu não conseguia ir, passeio, teatro, levar as crianças pra algum lugar ou alguma coisa dos</i></p>	<p><i>Repetição da palavra ansiedade – demonstração do sentimento, lembrança leva ao sentimento, “revivendo” a sensação.</i></p> <p><u>Passeio fora da escola- doença associada a atividade “extra”.</u></p> <p><u>Dificuldade de lidar com o inesperado? O não combinado anteriormente?</u></p> <p>Ficava pensando- Levar a situação do trabalho ao</p>

<p>Relações Interpessoais-dificuldade.</p> <p>Medo- provocador da doença.</p> <p>O externo como problema.</p> <p>Ansiedade com o não combinado.</p>	<p><i>funcionários eu não conseguia ir, ficava pensando antes, no dia anterior começava a passar mal, não dormia, e não conseguia ir. Todo dia que tinha algum serviço externo eu não ia. Eu tinha medo de ir. Tinha medo de passar mal, sentia enjoô, mal estar, diarréia.</i></p> <p>(pausa)...</p>	<p>contexto pessoal, não dormir, não parar de pensar. Ansiedade perante mudança, diferentes atividades.</p> <p><u>Dificuldade de lidar com pessoas ou com o que não foi combinado??</u></p> <p>Medo: medo aparece como bloqueador de ação, medo do que poderá vir transformando-se em doença.</p> <p><i>Repetição das palavras “tinha”- passado, não teme mais. Tinha medo, enquanto algo externo ao seu ser atual, apenas lembrado, não tratado enquanto doença ou fato atual. Repetição de “tinha medo”intensidade da sensação.</i></p>
---	--	---

<p>Tratamento de saúde como aliado.</p> <p>Direitos e deveres no trabalho.</p>	<p><i>...Eu já tava fazendo tratamento com a psicóloga, já fazia há uns oito meses. Na época da gripe suína nós tivemos duas semanas de paralisação, por conta da gripe, ficamos afastados, mas depois tinha que compensar essas horas. Eu queria pagar logo as horas, aí fiquei trabalhando das sete as sete num trabalho que eu não gostava. Já não</i></p>	<p>Percepção de “algo errado”necessidade de buscar apoio.</p> <p>Justificativa real-racionalização do fato de precisar trabalhar mais e compensar a ausência realmente necessária. <i>Mas- palavra (mas) aparece demonstrando necessidade de reparar uma ausência, mas no sentido de perceber precisando fazer algo que não quer, participar mais uma vez de algo não programado, não pré definido.</i></p>
--	---	---

<p>Olhar para si</p>	<p><i>gostava do trabalho, me pressionei tanto para pagar essas horas, me deu desespero e comecei a</i></p>	<p>Querer “pagar” logo as horas – Palavra denotando a necessidade de cumprir, não dever, estar livre.</p>
<p>Percepção do que gosta ou não.</p>	<p><i>passar mal um dia, aí aproveitei que minha chefe não tava lá e disse para as</i></p>	<p>Não gostar do trabalho- assumindo seu olhar enquanto profissional, não gostar da profissão.</p>
<p>Dificuldades em lidar com pressão pessoal.</p>	<p><i>peessoas que eu tinha médico marcado, menti porque</i></p>	<p>Pressão pessoal – pressão no sentido de demonstrar o contrario do sentimento, não gosta, mas trabalha 12 horas por dia para poder “finalizar” o “dever”.</p>
<p>Dificuldades em relação interpessoal no trabalho.</p>	<p><i>senão eles não iam me deixar sair. Quando você passa mal lá não pode ir sozinho embora, porque você</i></p>	<p><u>Pressiona-se seria num sentido de culpa, autopunição?</u></p>
<p>Falta de confiança no grupo, na chefia.</p>	<p><i>esta sobre responsabilidade da chefe, eles não iam me deixar sair, então eu menti e fui embora. Fui ao gastro,</i></p>	<p><u>Passar mal- voltando ao contexto de passar mal como auto proteção. A doença enquanto possível ausência e satisfação em não trabalhar?</u></p>
<p>Olhar para si.</p>	<p><i>que já me conhecia, eu ia lá porque tinha enjoo e fiz uns exames com ele, como ele já</i></p>	<p><u>Aproveitar a ausência da chefe: medo de limites?</u></p>
<p></p>	<p><i>tinha visto que eu não tinha nada físico ele me deu 90 dias...(pausa). E é assim, na</i></p>	<p>Mentir para ir embora- não confiança ao grupo, distanciamento do combinado, do acordo.</p>
<p>Direitos e deveres -</p>	<p><i>prefeitura você passa na perícia própria, leva laudo, exames, todos os documentos. Aí na perícia me deram 60 dias. O medico da perícia falou que noventa dias é só pra caso mais grave, um câncer ou coisa assim, em caso como o meu é só 60 que eles dão. Quando</i></p>	<p>“Eles não iam me deixar sair”- antecipando as atitudes de terceiros, pré disposição em esperar o pior daquele grupo.</p> <p><i>Pausa entre as frases: não verbalizar o sentimento, pensar sobre, organizando as idéias ao falar e recordar dos fatos.</i></p>
<p>Direitos e</p>		<p>Voltar ao médico conhecido- saber do diagnóstico, não esperar diferenças, pedir ajuda a alguém em quem confia.</p>

<p>deveres.</p> <p>Ansiedade relacionada ao retorno ao trabalho, medo do retorno.</p>	<p><i>estava acabando os 60 dias já comecei a passar mal, voltei no medico particular e depois na perícia de novo e eles me deram mais trinta. Aí fui no meu psiquiatra, ele me deu mais noventa, mas na perícia, só mais 30.</i></p>	<p>Dados sobre a perícia – revelando regras em relação à doença no trabalho.</p> <p><u>“falou que era só para casos graves”- lidando com o fato do emocional, doença não física, mas de fator psicológico?</u></p> <p><u>Percebendo e questionando-se enquanto “não doente”, questionando seu próprio mal estar?</u></p> <p>Voltar a passar mal: Ansiedade transformando em questões físicas?</p> <p>Voltar a passar mal- lidando com o retorno ao trabalho.</p> <p>Diferenças entre a percepção médica- médico pessoal e da perícia.</p>
---	---	---

<p>Olhar para si</p> <p>Não gostar do trabalho- relação com a doença e desprazer.</p> <p>Auto percepção relacionada a doença.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Quando começaram esses sintomas? <p><i>Hum...Já faz um ano e meio .Olha, eu já tinha isso quando era criança não foi o serviço que me deixou assim, mas ia para o serviço e não gostava e isso piorou a minha situação, quer dizer , eu tive isso com dez anos, pra ir pra escola e agora tenho de novo.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Você disse que está tendo isso de novo. 	<p>Tempo – sintoma , doença e trabalho.</p> <p>Reflexão sobre os sintomas. Percebendo o trabalho e o organismo separadamente.</p> <p><i>Uso das palavras “quer dizer” explicitando sua percepção pessoal de não gostar do trabalho, verificando a doença antes de começar a trabalhar.</i></p> <p><u>Escola e trabalho- ligação com o passar mal. Obrigações associadas a doença?</u></p> <p>Período de doença e trabalho.</p> <p><u>Tempo em que os sintomas</u></p>
---	--	---

<p>Transferência do local de trabalho, sem ser desejado.</p>	<p>Quando começou a trabalhar nesta organização?</p> <p><i>Já faz dois anos, antes trabalhava em outra creche e fui transferida pra essa há 2 anos, porque precisavam de mais gente aqui, mas o trabalho é o mesmo.</i></p>	<p><u>aparecem e o local de trabalho</u> <u>Passar mal cerca de 6 meses após sua transferência.</u> <u>Associação com a escola da infância e a atual?</u> <u>Sentimento de perda, derrota por ela ser a pessoa transferida?</u></p> <p><i>Uso da palavra “mas” tentando justificar a não mudança, mantendo na mesma situação e antes não passava mal.</i></p>
<p>Direitos e deveres – utilizando todas as possíveis faltas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Já estive afastado outras vezes neste emprego? <i>Não.</i> • Tem faltas periódicas em seu histórico na organização? 	<p><u>Uso apenas do “não” enquanto absoluta resposta.</u> <u>Determinação de um direito?</u></p> <p><i>Uso da palavra “Só” demonstrando um direito, um período curto e determinado por situações criadas pela organização (o evento externo).</i></p>
<p>Decisões pessoais influenciando em questões profissionais.</p>	<p><i>Só faltava quando tinha algum evento externo. Eu tinha direito a ter dez faltas no ano, eu faltei 3 por motivos próprios, uma que era meu aniversário de namoro, outra que foi aniversário do meu namorado e na minha colação de grau, as outras sete faltas foram todas por causa de eventos, serviço externo, passeio com os funcionários, essas coisas que eu não queria enfrentar.</i></p>	<p>Direitos e regras – ter direito a 10 faltas no ano.</p> <p>Justificativas de falta: doença e fatores pessoais não associados a doença.</p>
<p>Direitos e deveres</p>	<p><i>Só faltava quando tinha algum evento externo. Eu tinha direito a ter dez faltas no ano, eu faltei 3 por motivos próprios, uma que era meu aniversário de namoro, outra que foi aniversário do meu namorado e na minha colação de grau, as outras sete faltas foram todas por causa de eventos, serviço externo, passeio com os funcionários, essas coisas que eu não queria enfrentar.</i></p>	<p><u>“por causa dos eventos”- racionalizando a falta enquanto movimento externo, organizacional.</u></p>

<p>Relação com o não pré determinado no trabalho.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Como você sente em relação à cultura, clima de trabalho na sua área? 	<p><u>“Não queria enfrentar”- assumindo seu papel, aceitando o medo como fator importante de sua postura profissional.</u></p>
<p>Ambiente de trabalho</p> <p>Medo, ansiedade com atividades não pré estabelecidas.</p>	<p><i>Lá é assim, tranquilo, tem as crianças que a gente tem que olhar, isso cansa, mas a parte administrativa é tranquilo, eu prefiro. Eu já sabia que era isso que eu teria que fazer quando prestei esse concurso, então eu vou lá e faço, mas não gosto. Eu queria ficar só na parte administrativa, porque o que me cansa é ficar nas salas auxiliando as professoras.</i></p>	<p><i>Uso das palavras “é assim” utilizados enquanto lembra do ambiente, olha para cima, reflete e depois fala.</i></p> <p>Ambiente de trabalho- tranquilo.</p> <p>Visualização do “bom e ruim” no trabalho.</p> <p>“Eu já sabia...” Entendendo direitos e deveres.</p> <p><i>Uso da palavra “só” colocada para justificar o prazer, querer para si algo que não era possível.</i></p>
<p>Gostar ou não do trabalho.</p> <p>Ambiente de trabalho.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Como você acredita ser sua relação com seu superior direto? E com o restante da equipe? (questão relacionada à anterior) 	<p><u>O que me cansa é ficar nas salas- contradição entre discurso, ficar em sala de aula e programação externa.</u></p> <p>Relação com a organização – justificando o “não ter problemas” antes de pensar em “qualidade” das relações.</p>
<p>Direitos e deveres</p>	<p><i>Com o pessoal que trabalha comigo nunca tive problema, nunca teve discussão. Aconteceram situações que eu achei injustas. Acho que eu vejo muito a imagem da minha mãe na minha chefe (risos),</i></p>	<p><u>Situações injustas – contrato psicológico? Violação do Contrato?</u></p>

<p>Relação com chefia-ambigüidade.</p>	<p><i>mas eu sei que não devia ter medo dela. Tenho muito contato com a minha diretora, é ela quem passa</i></p>	<p><u>Imagem da mãe- mais um fator relacionado à infância? Escola, mãe...</u></p>
<p>Muito contato- contato superficial.</p>	<p><i>tudo pra gente fazer, a gente convive na mesma sala.</i></p>	<p><i>Utilização do riso enquanto facilitador para expressar um sentimento. Falar da relação com a superiora direta no trabalho.</i></p>
<p>Ambiente de trabalho</p>	<p>• Você falou que em algumas situações achou que ela era injusta...</p>	<p><u>Contato com a diretora- muito contato- contradição com o discurso, relação de medo?</u></p>
<p>Relações interpessoais</p>	<p><i>Nós éramos em quatro ,(agora são cinco, entrou uma outra menina lá), um deles não gostava de</i></p>	<p>Convivência no trabalho: qualidade e quantidade. Injustiça- igualdade entre os indivíduos.</p>
<p>Direitos e deveres- as vezes no trabalho deve-se fazer atividades que não gosta.</p>	<p><i>Eu também não gostava, mas sabia que era meu trabalho, que tinha que ficar. Ela acabava livrando ele. Ele disse que não gostava e eu não sei fazer isso, ela protegia ele, deixando que ele não fosse e ele era protegido nesse sentido do serviço.</i></p>	<p>Direitos e deveres- querer, dever, gostar ou não gostar. Relações interpessoais no trabalho “Ela acabava livrando ele”- percepções de diferenças entre indivíduos.</p>
<p>Relação com a chefia-ambigüidade</p>	<p><i>não sei fazer isso, ela protegia ele, deixando que ele não fosse e ele era protegido nesse sentido do serviço.</i></p>	<p><i>Repetição de “ele” focalizando aquele indivíduo e sua sensação de injustiça. Culpa o outro suas insatisfações.</i></p>
<p>Direitos e deveres- percepção de que outras pessoas tem prioridades dentro do grupo.</p>	<p>• Como estava o clima de trabalho na área/equipe antes do seu afastamento?</p>	

Relação com a chefia-ambigüidade	<i>Chegou um tempo, nesse período que eu estava</i>	
Gostar ou não do trabalho	<i>fazendo às 12 horas por dia eu ficava meio irritada. A</i>	<i>Uso das palavras “livrando”, “protegia” como denotação de atitude pessoal e não profissional.</i>
Direitos e deveres	<i>gente ficava na mesma sala, os quatro e esse menino que era o protegido ouvia musica</i>	Clima de trabalho- relacionado com os sentimentos pessoais.
Relações interpessoais no trabalho.	<i>alta no computador. Eu já tava estressada por causa das 12 horas, ele sentava de costas pra mim e a cadeira dele ficava batendo nas minhas costas. Não conseguia evitar sentir raiva dele, naquela época, mesmo sabendo que não era pra estressar.</i>	Relação interpessoal- relembrando as diferenças entre o tratamento interpessoal.
Olhar para si.	<i>Eu tive problema com uma professora uma vez, só com essa. Um dia não tinha ninguém na secretaria, um tava de férias, o outro tinha ido almoçar e ou outro estava em outra sala, e eu não podia ajudar essa professora, porque metade das crianças da sala dela estavam dormindo e as outras iam embora, então ela queria que eu ficasse com as que iam embora, mas eu tava sozinha na secretaria e não podia sair de lá. Ai eu fui</i>	Relação interpessoal- espaço físico relacionado com as dinâmicas pessoais.
Ambiente de trabalho	<i>Um dia não tinha ninguém na secretaria, um tava de férias, o outro tinha ido almoçar e ou outro estava em outra sala, e eu não podia ajudar essa professora, porque metade das crianças da sala dela estavam dormindo e as outras iam embora, então ela queria que eu ficasse com as que iam embora, mas eu tava sozinha na secretaria e não podia sair de lá. Ai eu fui</i>	“Eu já estava estressada”- justificativa pessoal perante a dificuldade na relação interpessoal.
Ambiente de trabalho	<i>Um dia não tinha ninguém na secretaria, um tava de férias, o outro tinha ido almoçar e ou outro estava em outra sala, e eu não podia ajudar essa professora, porque metade das crianças da sala dela estavam dormindo e as outras iam embora, então ela queria que eu ficasse com as que iam embora, mas eu tava sozinha na secretaria e não podia sair de lá. Ai eu fui</i>	<u>“Não conseguia evitar”esteve tentando se relacionar bem?</u>
Relações interpessoais	<i>Um dia não tinha ninguém na secretaria, um tava de férias, o outro tinha ido almoçar e ou outro estava em outra sala, e eu não podia ajudar essa professora, porque metade das crianças da sala dela estavam dormindo e as outras iam embora, então ela queria que eu ficasse com as que iam embora, mas eu tava sozinha na secretaria e não podia sair de lá. Ai eu fui</i>	<u>“Sabendo que não era pra me estressar”- tentativa de limitar e controlar sentimentos que a prejudicassem.</u>
Gostar ou não gostar do	<i>Um dia não tinha ninguém na secretaria, um tava de férias, o outro tinha ido almoçar e ou outro estava em outra sala, e eu não podia ajudar essa professora, porque metade das crianças da sala dela estavam dormindo e as outras iam embora, então ela queria que eu ficasse com as que iam embora, mas eu tava sozinha na secretaria e não podia sair de lá. Ai eu fui</i>	Relações interpessoais: dificuldades relacionais. (problema com uma professora)
	<i>Um dia não tinha ninguém na secretaria, um tava de férias, o outro tinha ido almoçar e ou outro estava em outra sala, e eu não podia ajudar essa professora, porque metade das crianças da sala dela estavam dormindo e as outras iam embora, então ela queria que eu ficasse com as que iam embora, mas eu tava sozinha na secretaria e não podia sair de lá. Ai eu fui</i>	<i>Uso das palavras “só com essa” enfatizando a facilidade em relacionar-se, ausência de outros problemas.</i>
	<i>Um dia não tinha ninguém na secretaria, um tava de férias, o outro tinha ido almoçar e ou outro estava em outra sala, e eu não podia ajudar essa professora, porque metade das crianças da sala dela estavam dormindo e as outras iam embora, então ela queria que eu ficasse com as que iam embora, mas eu tava sozinha na secretaria e não podia sair de lá. Ai eu fui</i>	Racionalização da situação de trabalho, justificativas entre limitações e possibilidades.
	<i>Um dia não tinha ninguém na secretaria, um tava de férias, o outro tinha ido almoçar e ou outro estava em outra sala, e eu não podia ajudar essa professora, porque metade das crianças da sala dela estavam dormindo e as outras iam embora, então ela queria que eu ficasse com as que iam embora, mas eu tava sozinha na secretaria e não podia sair de lá. Ai eu fui</i>	Repetição da palavra “Aí” demonstração da necessidade

trabalho	<i>procurar alguém pra ajudar.</i>	da justificativa e ansiedade em relação ao ocorrido.
Olhar para si.	<i>Aí ela falou pra eu me virar,</i>	
Relações interpessoais no trabalho.	<i>procurar uma substituta. Aí</i>	
	<i>outra funcionária foi</i>	<u>Estar sozinha- impotência?</u>
	<i>procurar outra professora e</i>	<u>Abandono?</u>
Direitos e deveres	<i>obrigou ela a ir. Daí depois</i>	
	<i>contei pra minha chefe, e ela</i>	
Ambiente de trabalho	<i>reuniu todas as professoras,</i>	Contar para a chefe- contato verbal, utilização do outro para limitar direitos e deveres.
	<i>me chamou la e disse que</i>	
	<i>não podia acontecer das</i>	
Gostar ou não do trabalho	<i>crianças ficarem sozinhas,</i>	<u>Obrigou ela a ir- demonstração de poder, o outro tem mais poder que ela? Como se percebe perante o trabalho?</u>
	<i>porque eu falei pra minha</i>	
Atitude frente a necessidades profissionais.	<i>chefe que ela largou as</i>	
	<i>crianças lá sozinhas no</i>	
Relações Interpessoais no trabalho.	<i>páteo. Ai essa professora</i>	Limites – direitos e deveres verbalizados.
	<i>falou “Quem falou pra você</i>	
Ambiente de trabalho	<i>que as crianças estavam</i>	<i>Uso da palavra “largou”, demonstrando reprovação a atitude do outro.</i>
	<i>sozinha no corredor</i>	
Atitude frente a necessidades profissionais.	<i>mentiu”Ai minha chefe falou</i>	
	<i>que foi eu e outra professora,</i>	
Relações Interpessoais no trabalho.	<i>porque todo mundo viu o que</i>	
	<i>ela fez. Ai essa professora</i>	
Ambiente de trabalho	<i>falou pra mim “Eu não gosto</i>	
	<i>de fofoca”. Desse dia em</i>	
Relação com a chefia	<i>diante ela parou de falar</i>	
	<i>comigo e eu com ela. Foi a</i>	
Atividades pré estabelecidas ou não	<i>única pessoa que tive</i>	<u>Mas isso foi uns 6 meses antes de eu ficar afastada-</u>
	<i>problema, entre todos, mas</i>	<u>Separando a problemática dessa relação com a doença- percebendo as suas próprias limitações, não culpando o outro.</u>
	<i>isso foi uns 6 meses antes de</i>	
	<i>eu ficar afastada.</i>	
	<ul style="list-style-type: none"> • Quantas horas por dia você dedicava ao 	

<p>Relações interpessoais no trabalho</p> <p>Ambiente no trabalho</p>	<p>trabalho?</p> <p><i>Oito horas, quatro horas eu fico ajudando nas salas, com as crianças e as outras quatro horas no administrativo, só teve a</i></p>	<p>Direitos e deveres- período de tempo dedicado ao trabalho por dia.</p>
<p>Relações interpessoais no trabalho</p>	<p><i>época que fazia 12 horas, pra compensar o horário, depois da gripe suína.</i></p>	<p>Direitos e deveres- divisão de tarefas. Metade do tempo faz uma atividade que disse anteriormente não gostar- ficar na sala de aula com as crianças.</p>
<p>Relação com a chefia-ambígua.</p>	<p>• Outras pessoas de seu setor estiveram afastadas por motivos de saúde antes de você?</p>	<p>Repetição do tema- trabalhar 12 horas por dia.</p>
<p>Ambiente de trabalho.</p>	<p><i>Não sei, não desde que estou lá.</i></p>	<p><u>Não procurou saber sobre outros possíveis afastamentos?</u></p>
<p>Relações interpessoais no trabalho.</p>	<p>• Como foi no momento de afastamento? Havia políticas específicas ao afastamento? Houve resistência ao seu afastamento?</p>	
<p>Direitos e deveres</p>		
<p>Relações interpessoais no trabalho</p>	<p><i>Quando eu cheguei com o atestado de depressão severa ela (a chefe) ficou tão agitada, que não parava de falar. “Licença de noventa dias de psiquiatra pode te prejudicar, vai em outro</i></p>	<p>O afastamento enquanto questão relacional- postura da organização além dos direitos legais- sensações, percepções e relações interpessoais – chefe agitada, preocupação com o motivo da licença por parte da superior.</p>
		<p><i>Uso do relato como discurso – repetindo a fala da chefe, tentativa em reproduzir a</i></p>

Motivo do afastamento como diferencial.	<i>medico, vai no ortopedista e pede quinze dias”, porque eu tava com torcicolo nesses dias, “tenta outra coisa, não entra com esses noventa dias”. Mas eu não tava aguentando, naquele momento não conseguia ficar na situação que eu tava, falei pra ela, só não sei se ela me ouviu, ela tava muito agitada.</i>	<i>situação e detalhar o contexto.</i>
Relação com a chefia-ambigüidade.		<u>Não entrar com os 90 dias. Tentativa em ajudar o indivíduo ou a organização? Como o entrevistado vê e entende isso? Porque repetiu as palavras e não comentou a atitude da superior.</u>
Direitos e deveres		<u>Eu não tava agüentando- auto percepção- limite pessoal, até onde consegue ir, até onde agüenta. Agüentar o que? A doença ou o trabalho?</u>
Doença psicológica vista como algo pior.	<i>Ela recebe uma verba para ir pra reunião fora e ela me mandava no lugar dela, e eu ia com meu carro e ela não me pagava a gasolina. Eu comprei um carro pra ir trabalhar. Eu não ando sozinha na rua desde que fui assaltada, já tem um tempão, então vou de carro pro trabalho. A creche que eu trabalhava antes dessa era na esquina da minha casa, daí eles me transferiram pra essa, essa nova creche é longe, uns 20 minutos. Quando eu fui pedir vale transporte ela não quis me dar porque eu vinha de carro. Ela não quis me dar e eu me senti injustiçada</i>	Relação interpessoal- Não conseguir dialogar, agitação da superior.
Relação com a chefia-ambigüidade.		<u>Não sei se ela me ouviu- sensação de não se vista, percebida, então pode se ausentar, não fará falta? Auto percepção enquanto alguém sem importância?</u>
Olhar para si		<u>Comprei um carro para ir trabalhar- demonstrando investimento no trabalho.</u>
Doença e afastamento.		<u>Não ando na rua desde que fui assaltada- acontecimento externo, trazido como novo fator para o medo e possível doença?</u>
Relação com a chefia-ambigüidade.		<u>Eles me transferiram para essa nova creche- culpando a organização, foi preciso investir mais.</u>
Direitos e deveres		Direitos e deveres- não tinha vale transporte.
Situações não pré estabelecidas na relação de trabalho.		

<p>Situações não pré estabelecidas na relação de trabalho.</p>	<p><i>porque outros funcionários lá iam de carro e tinham vale transporte. Ai eu não conseguia falar, e foi ai que eu comecei a ficar pior. Eu sabia que tinha funcionário que recebia vale transporte, porque eu via a folha de pagamento deles, daí depois que eu pedi, depois disso ela tirou o vale transporte deles, tinha um menino que ia de carro e ainda usava o estacionamento da creche e pegava o vale transporte, eu nunca usei o estacionamento de lá, deixava o carro na rua.</i></p>	<p><u>Direitos e deveres- Não ter vale transporte- a superior não quis ou não podia?</u></p>
<p>Relação com a chefia-ambigüidade.</p>	<p><i>Eu sabia que tinha funcionário que recebia vale transporte, porque eu via a folha de pagamento deles, daí depois que eu pedi, depois disso ela tirou o vale transporte deles, tinha um menino que ia de carro e ainda usava o estacionamento da creche e pegava o vale transporte, eu nunca usei o estacionamento de lá, deixava o carro na rua.</i></p>	<p><u>Sabia do vale transporte do colega através da folha de pagamento? Como era essa relação interpessoal?</u></p>
<p>Direitos e deveres</p>	<p><i>Eu fui conversar com ela sobre o vale transporte e ela foi super grossa comigo e ai eu fiquei chateada, ela falou na frente de outras pessoas e eu fiquei chateada porque os outros funcionários tinham. Mas, é isso....</i></p>	<p>Direitos e deveres- Questão das diferenças entre tratamento frente aos membros de um mesmo grupo de trabalho.</p>
<p>Olhar para si</p>	<p><i>Eu fui conversar com ela sobre o vale transporte e ela foi super grossa comigo e ai eu fiquei chateada, ela falou na frente de outras pessoas e eu fiquei chateada porque os outros funcionários tinham. Mas, é isso....</i></p>	<p><u>Deixava o carro na rua- atitude frente aos limites, não tenta, deixa o carro na rua, mas não pergunta se pode guardar o carro. Auto percepção negativa?</u></p>
<p>Relação com a chefia-ambigüidade.</p>	<p><i>Eu fui conversar com ela sobre o vale transporte e ela foi super grossa comigo e ai eu fiquei chateada, ela falou na frente de outras pessoas e eu fiquei chateada porque os outros funcionários tinham. Mas, é isso....</i></p>	<p>Tentativa de dialogo frustrada- relação de confiança e poder afetada.</p>
<p>Emocional afetado no trabalho- doença como sintoma.</p>	<p><i>Eu fui conversar com ela sobre o vale transporte e ela foi super grossa comigo e ai eu fiquei chateada, ela falou na frente de outras pessoas e eu fiquei chateada porque os outros funcionários tinham. Mas, é isso....</i></p>	<p><u>Falar na frente das pessoas- situação de exposição perante o grupo.</u></p>
<p>Relações interpessoais no trabalho.</p>	<p><i>Eu fui conversar com ela sobre o vale transporte e ela foi super grossa comigo e ai eu fiquei chateada, ela falou na frente de outras pessoas e eu fiquei chateada porque os outros funcionários tinham. Mas, é isso....</i></p>	<p>Direitos e deveres- tratamento diferenciado dentro de um grupo - Os outros tinham.</p>
<p>Direitos e deveres- outras pessoas tem prioridades no grupo.</p>	<p><i>Eu fui conversar com ela sobre o vale transporte e ela foi super grossa comigo e ai eu fiquei chateada, ela falou na frente de outras pessoas e eu fiquei chateada porque os outros funcionários tinham. Mas, é isso....</i></p>	<p>O indivíduo sem o trabalho- sentido da vida, atividades pessoais.</p>
<p>Relação com a chefia-ambigüidade</p>	<p><i>Eu fui conversar com ela sobre o vale transporte e ela foi super grossa comigo e ai eu fiquei chateada, ela falou na frente de outras pessoas e eu fiquei chateada porque os outros funcionários tinham. Mas, é isso....</i></p>	<p></p>
<p>Direitos e deveres</p>	<p><i>Eu fui conversar com ela sobre o vale transporte e ela foi super grossa comigo e ai eu fiquei chateada, ela falou na frente de outras pessoas e eu fiquei chateada porque os outros funcionários tinham. Mas, é isso....</i></p>	<p></p>
<p>Atitude frente a</p>	<p><i>Eu fui conversar com ela sobre o vale transporte e ela foi super grossa comigo e ai eu fiquei chateada, ela falou na frente de outras pessoas e eu fiquei chateada porque os outros funcionários tinham. Mas, é isso....</i></p>	<p></p>

necessidade.	<i>Eu fico procurando o que fazer todos os dias. Leio muito, vejo seriados na TV, fico ajudando minha mãe, lavo uma louça.</i>	Procurando o que fazer – reorganizar atividades e expectativas. O novo olhar para si.
Direitos e deveres		
Olhar para si	<i>To me sentindo bastante ociosa pra falar a verdade, tenho vontade de voltar, já me sinto preparada. Na época que fui lá não estava, agora eu estou. Eu entendo que eu precisava ter falado pra minha chefe naquele dia que não estava preparada, mas queria voltar, mas não consigo falar, ate acho que ela ia tentar me ajudar. Ela tem uma característica de quando uma pessoa não consegue enfrentar uma situação, ela insiste pra enfrentar. Ela fez tanto isso comigo, me pressionava, mas não deu o resultado que ela espera, por isso que eu não falei nada.</i>	Sensações durante a licença-novo olhar perante o “não trabalhar”.
O “não” trabalho como fator de mudança pessoal.		Sentindo ociosa- importância do trabalho enquanto valor pessoal, outras atividades não a fazem sentir-se útil, ler, ajudar a mãe, não preenchem seu tempo.
Olhar para si		Sentir-se preparada- o período de afastamento e a sensação de “poder” voltar ao trabalho.
Relação com a chefia		<i>Utilização da palavra “entendo” demonstrando reflexão pessoal, amadurecimento frente ao tempo de afastamento.</i>
Olhar para si		<u>Olhar o outro- saber diferenciar a si próprio e as características do outro. Não visualiza a atitude da superior enquanto apenas para ela, vê como característica pessoal.</u>
Relação com a chefia-ambigüidade		Pressão da superior não resulta em retorno rápido ao trabalho.
Papel do superior perante a licença.	<ul style="list-style-type: none"> • Como está se sentindo em relação a sua saúde? 	
Relação com a chefia-ambigüidade		Auto percepção- como se
	<i>Quando eu tirei</i>	

Olhar para si	<p><i>minha licença eu tava totalmente perdida, hoje eu entendo que meu problema não é lá, eu quero voltar pra mostrar pra mim mesma que eu posso.</i></p>	<p>sente atualmente e antes da licença médica.</p> <p><u>Mostrar que pode- para si ou para o outro?O retorno ao trabalho como uma vitória?</u></p>
Olhar para si	<ul style="list-style-type: none"> • Tem contato com pessoas de seu trabalho durante seu afastamento? 	
Crescimento pessoal depois do afastamento.	<p>Com quem, e com que frequência?</p>	<p>Relacionamento interpessoal- falta de interação com colegas durante a licença.</p>
Relações interpessoais no trabalho.	<p><i>Não, eu fui lá um dia, no começo do ano, em janeiro, não queria ir de jeito nenhum, tinha que levar uns papeis da licença, pegar um papel pra perícia. Minha mãe foi comigo, só que ela não entrou, ficou no carro me esperando, ai minha chefe não tava lá, ai fiquei feliz. Porque meu medo era encontrar com ela. Aí</i></p>	<p><u>Não querer ir ao local de trabalho- a doença está no local? O espaço físico como representação do mal estar?</u></p>
Durante a licença- sentimentos relacionados ao contato com o grupo de trabalho.	<p><i>encontrei um rapaz que agenda a perícia e ele ficou de me ligar no dia seguinte pra falar o dia. No dia seguinte o telefone tocou, eu vi o número da escola, atendi achando que era ele, e era a minha chefe. Ela disse que</i></p>	<p><u>Precisar da mãe- reconhecer que precisa ou quer ser cuidado, associação da referencia mãe- chefia citada acima?</u></p> <p>Chefe não estar- felicidade- relação ambígua.</p>
Necessidade de proteção.		<p><u>Medo da chefia? Por que?</u></p>
Direitos e deveres		<p>Contato telefônico- superior ligando – pedido e não para acompanhar o estado de saúde.</p>
Relações interpessoais no trabalho		<p><u>Direitos e deveres- Eu não queria ir, mas fui- estaria se punindo? Seria necessário ir?</u></p>
		<p>Desejo da superior- pedido de</p>

Relação com a chefia-ambigüidade	<i>queria falar comigo, que era pra eu ir lá. Eu não queria ir. Mas eu fui. Quando cheguei lá ela ficou falando:</i>	retorno ao trabalho. “Volta, você é muito nova ...”- Idade e saúde sendo relacionados diretamente.
Relação com a chefia-ambigüidade	<i>“Volta, você é muito nova pra estar com esses problemas”. Me tratou super bem. Ela não queria que eu pegasse uma nova licença,</i>	“Me tratou super bem”- relação ambígua- hora trata bem, hora trata mal. Nunca sabe como será recebida.
Relação com a chefia-ambigüidade	<i>ela disse que “se pudesse te pegava no colo”. Ela me tratou bem, todos lá,</i>	Boa recepção dos colegas-ninguém ligou para saber de sua saúde, mas depois disseram estar com saudades, que tipo de relação existe entre o grupo? – relação ambígua.
Direitos e deveres	<i>disseram “volta, to com saudades”. Fui muito bem recebida. Mas ela tem um jeito que quer animar, mas fica pressionando, falando pra voltar, pra ela tem que enfrentar as coisas pra melhorar, mas eu não tava preparada. Sai de lá e comecei a chorar. Eu consigo falar exatamente o</i>	<u>Ela abre espaço para contato? Seria sua atitude que distancia o grupo?</u> Ser bem recebida- fazer falta ao grupo, sensação de conforto.
Papel do superior perante a licença	<i>que eu to sentindo, pra todo mundo, pro meu namorado, pra minha mãe, pro meu, pai, na terapia, pro pai do meu namorado, mas pra minha chefe eu não podia falar, não conseguia. Antes eu já me sentia intimidada com ela, depois da licença ficou pior ainda. Eu não</i>	Quer animar e fica pressionando- relação ambígua. <u>Chorar fora do local de trabalho- demonstrando ser forte, não chorar frente aos colegas, já basta o adoecer.</u>
Doença psicológica percebida como ruim		Relações interpessoais- Dificuldade em dialogar com o superior no trabalho.
Relação com a chefia-ambigüidade.		Relação com a chefia- querer, mas não conseguir.
Relações interpessoais no trabalho.		Licença – gerando intimidação.
Relação com a chefia-ambigüidade.		<u>Sensação de desejo e impotência- seria a relação</u>
Olhar para si- pensando sobre a problemática da doença e o não		

<p>conseguir dialogar com a superiora. Licença como desvantagem profissional.</p>	<p><i>consigo voltar ao trabalho, mas não consigo falar isso pra ela, não é que eu não quisesse falar, que queria, mas me senti intimidada.</i></p>	<p><u>com a chefia um fator desencadeante da doença?</u> <u>Intimidação perante o dever ou o representante de poder?</u></p>
<p>Relação com a chefia-ambigüidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Mas nessa visita 	
<p>Olhar para si</p>	<p>você disse que foi bem recebida por todos, o que sentiu em relação ao retorno ao trabalho? Motivou você a voltar?</p>	<p>Relações interpessoais- medo em não ser aceita.</p>
<p>Relação com a chefia-ambigüidade</p>		<p>Reflexões ligadas ao trabalho e as pessoas</p>
<p>Olhar para si</p>	<p><i>Eu fiquei animada pra voltar, eu tinha esse receio. Pensei “Nossa, o pessoal foi tão legal, então quando eu voltar eles vão ser”. Não tem porque eles não serem.</i></p>	<p><u>Ansiedade, tentativa de previsão do que será, o trabalho visto como algo novo, novo momento com o mesmo grupo?</u></p>
<p>Relação com a chefia-ambigüidade</p>		
<p>Relação com a chefia-ambigüidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Teve mais algum outro contato com eles? 	
<p>Olhar para si</p>	<p><i>Fora esse dia que fui lá não tenho contato com ninguém. Eu mandei um email pra minha chefe, bom, ela que me mandou um email falando que tava fazendo um estudo.</i></p>	<p>Relações interpessoais- grupo trata bem, mas não mantém contato durante o afastamento.</p>
<p>Relações interpessoais no trabalho.</p>	<p><i>Estudo de capacidade laborativa e assim que tivesse resposta,</i></p>	<p>Contato da chefia relacionado a um retorno e não como acompanhamento do afastamento.</p>
<p>Questionamento de</p>		<p><u>Estudo laborativo- questionamento da capacidade profissional, pressão para voltar? Quebrando contrato? Falta de confiança?</u></p>

<p>como será a relação no retorno.</p>	<p><i>ela me avisaria. Eu não sabia o que era isso.</i></p>	<p><u>Retornar o email avisando que está bem- tentativa de posicionar-se no local do trabalho.</u></p>
<p>Ambiente de trabalho, não ter contato durante a licença.</p>	<p><i>Pesquisei, tinha a ver com o INSS. Ai mandei um email pra ela falando que eu tava melhor, que o psiquiatra disse que o remédio já estava certo e não tinha que me preocupar em piorar de novo, que eu ia ficar bem com esse remédio. Eu to lá a</i></p>	<p><i>“Não tinha que me preocupar em piorar de novo” Utilizando o “me preocupar” para dizer a chefia que ela não deveria se preocupar com a afastada. Se colocando enquanto preocupada, sabendo que esta era a postura de sua chefe e não sua.</i></p>
<p>Risco de perder o emprego.</p>	<p><i>menos de 3 anos e na prefeitura isso é como se fosse a experiência, você ainda pode ser mandado embora. A pessoa que está no estágio probatório (tempo inferior a 3 anos) é feito um estudo do cargo. Assim, descobri que esse Estudo de</i></p>	<p><u>Sensação de estar sendo traída? Cobrada? Chantageada?</u></p> <p>Perda da segurança- poder ser demitida.</p>
<p>Relação com a chefia-ambigüidade.</p>	<p><i>Capacidade Laborativa, é um estudo daquela pessoa no cargo, então eles podem te demitir.</i></p>	<p><u>Mudança na relação-sentimento de traição, arrependimento.</u></p>
<p>Risco de perda do emprego.</p>	<p><i>Quando soube disso me arrependi do e-email que enviei pra ela, quando eu soube o que era esse tal estudo me arrependi muito, porque achei que ela tava tentando me tirar do cargo.</i></p>	<p><u>Tinha sido educada e ela quer me tirar do cargo. Traição, as regras mudaram, envolvimento e arrependimento. Se existisse isso pré determinado como seria a dinâmica do afastamento?</u></p>
<p>Olhar para si.</p>	<p><i>E eu tinha sido super educada no email,</i></p>	<p><u>Preocupação com o indivíduo ou com o cargo?</u></p>
<p>Direitos e deveres.</p>		<p>Relações entre chefia e afastado – ambígua.</p>

Risco de perda do emprego.	<i>agradecendo a preocupação dela comigo e dizendo que eu já tava melhor. Porque é assim, eu não consigo falar pessoalmente, mas por email é mais fácil, porque não tem o cara a cara.</i>	Auto reflexão no que se relaciona a postura enquanto participante do grupo.
Sentimentos de traição	<i>Então eu me arrependi do email porque com esse estudo eu vi que podia perder o cargo.</i>	Dificuldade em expressar sentimentos, angústias e necessidades.
Olhar para si	<i>Depois pensei que ela não ia fazer isso, acho que ela fez assim “Já que pelo amor ela não volta, pela dor pode ser que ela volte”, não sei que intenção ela teve, com que intenção ela agiu. Apesar</i>	Reflexão sobre as relações no trabalho- especificamente com a superior.
Mudanças na relação de trabalho	<i>dela ter 20 anos na prefeitura não sei se ela sabia a consequência. Não conseguia entender, nem falar com ela.</i>	<i>Atribuindo qualidade à superiora ao repetir a frase “Já que pelo amor ela não volta, pela dor pode ser que ela volte” não dita pela superior e sim imaginada pela afastada.</i>
Relação com a chefia-ambigüidade.	<i>Mandei um outro e-mail perguntando o que era e ela não me respondeu.</i>	A intenção valendo mais que a ação- relações interpessoais.
Olhar para si	<i>Em janeiro eu falei com ela, aí fiquei de dar um retorno pra ela. Mandei um email falando pra ela que apesar de ter vontade de voltar e saber que eu queria voltar eu não tava bem, por</i>	Questionamento sobre direitos e deveres- não obtendo resposta.
Reflexões sobre a relação de trabalho.		Querem e não poder trabalhar- a doença como impedimento.
Reflexões sobre relação no trabalho.		Contato sempre por email- barreiras na comunicação.
Relação com a chefia-ambigüidade		<u>Sentir que contrariou- estar doente não satisfaz a superior, sensação de estar errada.</u>
Reflexões sobre atitudes da chefia		

<p>Relação com a chefia-ambigüidade</p> <p>Olhar para si</p> <p>Mudança de atitude frente a possibilidade de perda do emprego</p> <p>Necessidade de desculpar-se pela ausência mesmo sendo esse um direito</p>	<p><i>conta dos remédios. Eu senti que eu contrariei ela, e senti que ela não gostou. Esse 2º e-mail que eu falei agora, do Estudo de capacidade laborativa veio uns 20 dias depois. Quando respondi esse email eu respondi agradecendo por tudo e perguntando o que era esse estudo e tive a mesma sensação que ela foi contrariada e não queria responder.</i></p>	<p><u>Refletindo sobre o estar doente e não ser querido no trabalho?</u></p> <p><u>Relações interpessoais abaladas com a questão da doença e do retorno?</u></p> <p>Não responder o email-barreira de comunicação.</p> <p>Demonstração de limites e de poder.</p>
<p>Relações com a chefia-ambigüidade</p> <p>Olhar para si</p> <p>Reflexões sobre as mudanças na relação no trabalho</p> <p>Possibilidade da perda do emprego</p> <p>Sensações e reflexões relacionadas ao contexto do trabalho, mudanças na relação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Porque teve essa sensação de que ela se sentiu contrariada? <p><i>Porque ela não respondeu o e-mail, nem o outro que eu tinha mandado, quando eu mandei esse segundo já sabia que não teria resposta, porque ela nunca responde meus emails, o outro ela não respondeu também. Eu até falei pra minha psicóloga “ vou mandar um email pra ela, mas já sei que ela não responde mesmo.</i></p>	<p><u>Já sabia que não teria resposta. Porque insistir em emails, não poderia ligar, tentar a comunicação, o que realmente impede esse contato? Medo? Fugindo das frustrações ou do controle?</u></p> <p>Irritação- motivação.</p> <p>Quando a relação se modifica através da mágoa.</p> <p>Auto percepção- poder voltar</p>

Sensação de ser traída	<ul style="list-style-type: none"> • Como se sente em relação ao seu retorno ao trabalho? 	<p>ao trabalho, sensação de bem estar.</p> <p>Direitos e deveres- pode voltar ao trabalho, não pode faltar a perícia.</p>
Reflexões sobre a relação com a chefia	<p><i>Hoje me sinto bem melhor, inclusive quando recebi esse e-mail, essa irritação me fez ficar motivada, isso me motivou a voltar. Eu to só esperando a</i></p>	<p>Atitude negativa do outro e a necessidade de demonstração de força para o trabalho.</p> <p>Querer voltar, mostrar que pode, que é forte.</p>
Relação com a chefia – ambigüidade	<p><i>perícia de quinta feira pra saber quando eu vou voltar. Porque eu posso voltar, mesmo de licença, quando eu</i></p>	<p><u>Querer voltar, mesmo estando de licença- a licença agora tem outro papel? Não traz mais sensação de conforto?</u></p>
Olhar para si	<p><i>quiser, se eu me sentir bem, posso voltar, só não posso</i></p>	
Atitudes frente as mudanças no trabalho	<p><i>faltar na perícia. Agora, se ela quer que eu saia, ela vai ter que me aturar, se ela já</i></p>	<p><u>Sensação de não ser mais bem vinda, questionamento em relação a superior e a possibilidade de não poder mais trabalhar no mesmo local, não ser aceita.</u></p>
Castigo?	<p><i>tiver entrado com esse estudo, acho que ela vai me avisar, pelo menos é isso que eu to esperando dela.</i></p>	<p>Provar que pode- mostrar sua capacidade, força, vitória.</p>
Olhar para si		
Expectativas de retorno	<ul style="list-style-type: none"> • Você acredita que sua superior quer que você 	
Raiva como motivação	<p>saia, por que? O que você está sentindo em relação à sua chefe?</p>	<p>Contato com superior- embate, intimidação.</p>
Olhar para si		<p>Mudança relacional- a doença possibilitou conhecer o outro? Se auto conhecer?</p>
Mudança de comportamento perante	<p><i>Achei que ela queria me prejudicar, não entrei em contato com ela primeiro,</i></p>	<p>Fortalecimento através da doença?</p>

o risco		
Raiva e alteração no comportamento perante o risco da perda de emprego	<i>quando soube o que era esse estudo, por conta da irritação. Não queria falar com ela de jeito nenhum, fico evitando esse embate, essa pressão de “Volta”. Evitando a intimidação. Na perícia não vou falar nada, vou responder só a verdade, falar que o remédio já estabilizou. Se ele perguntar se eu quero voltar, eu vou falar que não. Se ele me der 60 dias eu quero voltar antes, pra provar pra minha chefe que eu posso voltar antes.</i>	<u>Quer quebrar regras, torce para ter mais tempo de licença e voltar antes, crítica ao sistema? Testando sua força?</u>
Mudança na relação entre as partes		Ocupando o tempo de licença com pensamento ao trabalho-tempo não ocioso.
Frustração.		Ansiedade para voltar- frente a ansiedade que sentiu para sair. Relação ambígua,
Expectativas negativas relacionadas a chefia		
Direito?	<i>Eu torço pra ele me</i>	
Mudança no comportamento	<i>dar 60 dias pra eu voltar antes pra provar pra ela que eu posso trabalhar. Tenho uma idéia da data de quando eu consigo voltar. Já tenho</i>	<i>Repetição da palavra “queria” demonstrando reflexão, pensamento sobre desejos e possibilidades. Tempo da licença permitindo um olhar para si.</i>
Raiva, embate	<i>isso pensado, só não fico pensando muito pra não ter ansiedade.</i>	
Comunicação à distancia como grande responsável na relação de trabalho.		
Relação ambígua com a chefia	<ul style="list-style-type: none"> • Quais são suas perspectivas profissionais? E perspectivas no retorno ao trabalho (mais imediatas)? 	
Mudança no	<i>O que eu queria, eu</i>	Retorno ao trabalho- medo do

comportamento	<i>queria um serviço</i>	que pode vir.
O desejo do trabalho prazeroso.	<i>administrativo, na minha área,</i>	<u>Novas relações, novo ambiente, no mesmo espaço físico?</u>
Raiva como fator de mudança	<i>finanças, contabilidade, que se encaixe no meu perfil. To tentando</i>	<u>Ansiedade como sentimento</u>
Raiva como fator de mudança	<i>mudar de área faço concurso, só que enquanto</i>	<u>dúbio, quer e não quer voltar?</u>
Olhar para si	<i>eu não consigo outra coisa, eu fico</i>	Medo do retorno- razões concretas e não concretas- pessoal e profissional.
Olhar para si	<i>amarrada nesse trabalho. Eu queria sair desse emprego.</i>	Pensamento sobre o trabalho- mudanças possíveis.
Diferentes expectativas relacionadas a profissão.	<ul style="list-style-type: none"> • Como está se sentindo para o retorno ao trabalho? 	
Desejo de mudança	<i>Tenho medo. Medo de</i>	
Desejo de mudança	<i>passar mal, da recepção,</i>	
Olhar para si	<i>apesar de ter sido muito bem</i>	
Olhar para si	<i>recebida, mesmo assim tenho</i>	
Medo do retorno	<i>medo de como vou ser</i>	
Medo do retorno	<i>recebida, de como vou ser</i>	
Atitude para mudança de emprego	<i>tratada quando voltar lá. E</i>	
Atitude para mudança de emprego	<i>ansiedade.</i>	
Desejo de mudança	<ul style="list-style-type: none"> • Você sabe como sua função está sendo ocupadas durante seu afastamento? 	
Desejo de mudança	<i>O ano passado</i>	
Medo do retorno ao trabalho	<i>tinham 4 no setor e aí eu</i>	<u>Não saber o que esperar, não ter mais uma função específica, alguém está no seu lugar.</u>
Medo do retorno ao trabalho	<i>fiquei de licença, em janeiro</i>	
Medo do retorno ao trabalho	<i>entrou uma menina no meu</i>	
	<i>lugar. Eles ficaram pouco</i>	

<p>Medo, expectativas negativas relacionadas ao retorno.</p> <p>Falta de informação sobre como será o retorno contribuindo com o medo.</p> <p>Função e atividades após a licença-incertezas.</p>	<p><i>tempo sem mim, porque saí no fim de novembro, depois teve recesso de fim de ano, eu nem sei como é que vai ser quando eu voltar, acho que vai ter que dividir o trabalho em cinco. Eu tenho receio do retorno por causa do remanejamento de trabalho, mas mesmo assim quero voltar, isso é uma coisa que eu consigo lidar, me preocupa, mas nem tanto que me faça não querer voltar.</i></p>	<p><u>Dividir o trabalho, precisar aos poucos recuperar o que é seu?</u></p>
--	--	--

Seguindo o modelo de Smith, Flowers and Larkin a análise da entrevista foi realizada, sendo encontrados temas (à esquerda da entrevista no quadro). O passo seguinte leva a descobrir “Temas Super- Ordenados” que são compostos por temas encontrados no decorrer da análise:

<p>Abstração – Encontrando na análise “Temas Super- Ordenados”</p> <p><i>Resultantes da questão da licença</i></p> <p>Mudança na relação entre as partes</p> <p>Relação de ambigüidade com a superior direta</p> <p>Falta de informação sobre como será o retorno.</p> <p>Licença como desvantagem profissional.</p> <p>Comunicação à distancia como alternativa.</p>

<p>Abstração – Encontrando na análise “Temas Super- Ordenados”</p> <p><i>Mudanças individuais considerando a licença</i></p> <p>Olhar para si (auto percepção)</p>

Ansiedade relacionada ao retorno ao trabalho, medo do retorno.

Sentimento de ociosidade durante a licença.

Desejo de mudança

Necessidade de desculpar-se pela ausência mesmo sendo esse um direito.

Sensação de traição?

Medo do retorno

Pensando na possível perda de emprego

Diferentes expectativas relacionadas a profissão

Abstração – Encontrando na análise “Temas Super- Ordenados”

Interações Organizacionais

O não combinado como fator de angustia ou descontentamento.

Relações interpessoais – distanciamento do grupo durante a licença.

Direitos e deveres- as partes contrapondo idéias, não relacionadas ao formal, diferentes tratamentos dentro do grupo, o dito e o não verbal como fator de estresse.

Função e atividades após a licença- incertezas.

A licença- direito e castigo?

Tabela de Temas e Temas Super Ordenados – Entrevista: Mara

Temas	Parágrafo :	Palavras- Chave
<i>Resultantes da questão da licença</i>		
<ul style="list-style-type: none"> • Mudança na relação entre as partes 	21	<i>depois da licença ficou pior</i> <i>muito contato - me senti intimidada.</i> <i>Pode te prejudicar</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Relação de ambigüidade com a superior direta 	21	
<ul style="list-style-type: none"> • Licença como desvantagem profissional- a doença psicológica. 	15	

<ul style="list-style-type: none"> • Comunicação à distancia como alternativa. 	21	<i>meu medo era encontrar</i>
<i>Mudanças individuais considerando a licença</i>		
<ul style="list-style-type: none"> • Olhar para si (auto percepção) 	20	<i>eu tava totalmente perdida,</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Ansiedade relacionada ao retorno ao trabalho, medo do retorno. 	30	<i>pressão de “Volta”</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Sentimento de ociosidade durante a licença. 	19	<i>sentindo bastante ociosa</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Desejo de mudança 	32	<i>mudar de área</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Necessidade de desculpar-se pela ausência mesmo sendo esse um direito 	27	<i>queria voltar, eu não tava bem</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Sensação de traição? 	30	<i>me prejudicar</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Pensando na possível perda de emprego 	23	<i>Eles podem te demitir</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Medo do retorno 	33	<i>Tenho medo</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Diferentes expectativas relacionadas a profissão 	32	<i>sair desse emprego</i>
<i>Interações Organizacionais</i>		
<ul style="list-style-type: none"> • O não combinado como fator de angustia ou descontentamento. 	16	<i>me transferiram</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Relações interpessoais – distanciamento do grupo durante a licença. 	23	<i>não tenho contato</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Direitos e deveres- as partes contrapondo idéias, não relacionadas ao formal,diferentes tratamentos dentro do grupo o dito e o não verbal como fator de estresse. 	16	<i>me senti injustiçada</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Função e atividades após a licença- incertezas. 	34	<i>nem sei como é que vai ser</i>

<ul style="list-style-type: none"> • A licença: direito e castigo? 		<p><i>Depois da licença ficou pior.</i></p>
---	--	---

2. Entrevista: Júlia

Transcrição da entrevista	Comentários exploratórios
<ul style="list-style-type: none"> • Quanto tempo esteve afastada? <i>Cinco meses, isso, cinco. Foi assim , eu vinha sentindo dores, o tempo foi passando e as dores iam ficando mais fortes, até que um dia eu “travei”, eu tava trabalhando aí eu travei no trabalho, não conseguia me mexer, foi aí que comecei a procurar um médico e fazer uns exames.</i> • Como foi esse dia? <i>Ai eu tava trabalhando quando eu travei, ah ficaram todos apavorados, eu lá travada, não tinha bombeiro no prédio, aí chamaram o SAMU, não sei bem quem chamaram, acho que foi o SAMU, mas eles não podiam entrar lá por ser uma empresa privada, eles disseram que não poderiam entrar ,avisaram que tinha que ser um bombeiro da própria empresa pra me tirar de lá. Ai designaram um bombeiro de outro prédio da empresa, eu fiquei lá esperando,nossa, demorou.</i> 	<p>Tempo de licença</p> <p><u>Dores não tratadas- olhar ao trabalho deixando de lado o “eu”</u></p> <p>Tratamento após crise de saúde</p> <p><u>Esperar o pior acontecer para então olhar para suas necessidades físicas e de saúde.</u></p> <p><i>Utilização da palavra “travei”compondo a sensação de impotência, depender literalmente do outro e paralisar sua vida profissional.</i></p> <p><i>Utilização da palavra “ai” lembrando do momento e da dor.</i></p> <p>Necessidade de apoio físico no trabalho, impotência relacionada a saúde.</p> <p><u>O olhar do outro perante a fraqueza?</u></p> <p>Falta de estrutura no espaço físico</p> <p>Dependência do outro.</p>

<p><i>Então eles me tiraram de lá, na cadeira, o bombeiro ia me orientando e eles me tiraram. (demonstra na cadeira como ficou paralisada)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Uma pessoa te auxiliou? Como foi? <p><i>Não, veio um bombeiro e dois auxiliares e lá não tem elevador. E eu ficava no segundo andar do prédio, me carregaram na cadeira pela escada e eu sem poder me mexer. Ai me colocaram no carro e me levaram.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Para onde te levaram? <p><i>Ah me levaram para o hospital. Ai foi isso, passei no médico, vi que meu problema não era comum, então depois procurei um neurologista e soube que teria que fazer a cirurgia, porque eu tinha hérnia de disco e não ia adiantar só fazer fisioterapia, RPG, essas coisas, porque eu ia continuar com muita dor.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Depois desse dia já ficou direto de licença por esses cinco meses? <p><i>Não, fiquei uns dias em casa e voltei, aí eu saí de licença. Assim, eu fui</i></p>	<p>A doença física.</p> <p>Espaço físico despreparado.</p> <p>Dependência do outro.</p> <p>O diagnóstico.</p> <p><u>Um problema incomum: diferenças perante o outro.</u></p> <p>Licença somente depois dos tramites legais.</p>
--	---

<p><i>aos médicos, descobri que tinha que fazer a cirurgia, enquanto foi resolvendo os tramites do convenio eu tava indo trabalhar, aí passei pelo médico da perícia, é que demorou um tempo pra eu conseguir marcar a perícia, umas duas semanas, nisso eu já tava correndo os tramites do convenio pra fazer a cirurgia. Um dia depois que eu saí de licença já fiz a cirurgia. Aí fiquei em casa esse tempo.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como foi ficar afastada esse tempo? O que fazia nesse período? <p><i>Ah foi estressante.Foi, foi estressante... Ficar afastada foi um tanto estressante, a gente fica acostumada a trabalhar, voltar pra casa, ver marido, filha, ter uma jornada dupla. E aí de repente a gente se sente incapacitada... Ficar parada, sem trabalhar,... é horrível. Tudo muda...Em casa, tudo fica diferente porque muda a sua rotina.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Você teve contato com as pessoas do seu trabalho durante o afastamento? Como foi o contato e com que frequencia? <p><i>Nenhum, não tive contato nenhum. Ninguém ligou pra saber, ninguém... Que nada.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como foi isso pra 	<p><u>O trabalho e a doença: é preciso ter toda a documentação para comprovar o que todos presenciaram.</u></p> <p><i>Utilização de “já fiz”: a licença demorou a sair,aconteceu tudo no momento da cirurgia.</i></p> <p><i>Utilização de “Ah”, lembrando, angustia.</i></p> <p>O não trabalho como fator de estresse.</p> <p><u>Mudança de ritmo, ter que se adaptar em casa.</u></p> <p><u>Trabalho como rotina, como é a vida sem o trabalho?</u></p> <p>Falta de contato com equipe de trabalho.</p>
--	--

<p>você?</p> <p><i>Isso foi péssimo. A gente quer ver a preocupação do seu semelhante, e isso não teve. As pessoas nem se preocuparam.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Alguém do seu setor? Sua coordenadora? <p><i>Ih piorou, aí que não ligou mesmo! Eu tive contato com o pessoal operacional, eles sim, ligavam perguntando às vezes. Porque ali todo mundo se fala, se conhece ixi, eu conheço todo mundo, com eles eu falei. Peão, né (risos) sabe como é, tá todo mundo lado a lado. Com eles eu falei sim, mas de resto do pessoal ninguém, eles não ligavam não procuravam saber nada.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Quais as suas sensações durante o afastamento? Sentia vontade de voltar ao trabalho? <p><i>Ai eu ficava com vontade de voltar sim, mas ficava preocupada, porque eu não tinha retorno de nada durante esse tempo... Além da gente estar afastada por um problema de saúde, doente, sem poder trabalhar, a gente fica sem saber de nada, nada mesmo, como vai ser quando a gente voltar, em que pé estão as coisas, a estrutura da empresa...Parece que você</i></p>	<p><i>Utilização das palavras “que nada” alegando falta de interesse de colegas, o trabalho é o único fator de valor.</i></p> <p><i>Utilização de “seu semelhante” integração no grupo, percepção de um “eu” profissional. Insatisfação com a postura de distanciamento do grupo.</i></p> <p><i>Utilização das palavras “ih, piorou” detonando distanciamento maior entre os níveis de coordenação.</i></p> <p><i>Algum contato (contraposição a informação anterior), lembrança de colegas do operacional- diferentes relações de acordo com a hierarquia. Utilização da expressão “ixi”, verbalizando intensidade nas relações e contatos.</i></p> <p><i>Utilização da palavra “peão” especificando o grupo do operacional e sua identificação nesse grupo.</i></p> <p><i>Falta de informação sobre o trabalho, angustia para o retorno.</i></p> <p><i>Desejo do retorno, preocupação.</i></p> <p><i>Utilização da palavra “além” denotando angustia, preocupação, punição.</i></p>
---	--

<p><i>nem trabalha, entende? (olha para as mãos, volta o olhar para mim pensativa).</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Quando voltou ao trabalho continuou na sua função anterior? <p><i>É. Continuei fazendo a mesma coisa ,assim, mas fui para outra célula. Assim, eu fui pra uma célula com menor responsabilidade... Dizem que para onde eu fui era a “fase terminal” (risos) porque todo mundo que vai pra lá é mandado embora,eu achava que ia ser assim comigo né, mas com o tempo não foi o que aconteceu. Eu corri atrás, fui batalhando. Corri, batalhei né, pra recuperar...</i></p> <p><i>Bom...Logo que eu voltei tava tendo uma reestruturação do cargo, aí minha chefe me chamou e me perguntou se eu queria ser mandada embora, e eu falei que não. Me ferrei depois (risos) porque depois eu quis e eles não me mandaram mais.(risos)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque quis sair depois? <p><i>Eu adoro o que eu faço, adoro,adoro meu trabalho, o problema é o lugar, não tem estrutura, o clima é muito ruim... Não é um lugar que tenha uma estrutura pra você... E eu ficava</i></p>	<p><i>Incerteza em relação ao retorno.</i></p> <p><i>Utilização da frase “parece que você nem trabalha” como demonstração da perda de identidade, mudança no olhar de si própria.</i></p> <p><i>Retorno em outra célula- menor responsabilidade.</i></p> <p><i>Utilização das palavras “fase terminal” comparando a vida profissional com a vida própria do indivíduo.</i></p> <p><u>“Todo mundo que vai pra lá é mandado embora”- Conceito pré estabelecido entre o grupo de modo não verbal, frente a experiências anteriores ocorridas no espaço do trabalho.</u></p> <p><u>“Eu corri atrás” Ter que se colocar, demarca o espaço, ser percebida como alguém que valha a pena.</u></p> <p><i>Utilização do termo “pra recuperar” como se a doença também fosse profissional, recuperar-se enquanto indivíduo no trabalho, após recuperar-se da doença.</i></p> <p><u>Possibilidade de demissão- questionamento sobre querer sair do emprego- seria uma dúvida da superiora sobre o desejo da Júlia em trabalhar? Ela adoeceu para não trabalhar? Ou após a doença sua presença passou a ser questionada?</u></p> <p><i>Utilização do termo “me ferrei” escolhas sobre o trabalho alterando-se com o passar da relação após o retorno.</i></p> <p><i>Repetição da palavra “adoro”:</i> <i>ênfatizando o sentimento.</i></p>
---	---

<p><i>naquela outra célula, não adianta é diferente.</i></p> <p><i>Antes de voltar eu tinha medo, pensava primeiro na minha saúde ,pensava, porque a empresa não oferece uma estrutura, sabe. Agora que eles tão investindo em ginástica laboral, Agora! Depois de três anos que eu trabalho lá, só agora que eles tão fazendo isso. (movimenta a cabeça em sentido de reprovação)</i></p> <p><i>Quando eu fiquei doente, e fui na perícia, a minha gerente me disse que eles iam adequar a minha mesa, minha cadeira, me dar condições de trabalho se eu voltasse. Mas não aconteceu nada disso, continua tudo a mesma coisa, só tem essa ginástica laboral.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Alguém recepcionou você nesse retorno? Como foi essa recepção? <p><i>Ah, pelos funcionários eu fui bem recebida, o pessoal foi lá perguntou como eu tava. Pela direção eu acho que foi mais por educação.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque achou isso? <p><i>Ih nem sei, eu me senti assim, não sei bem explicar por que... E ainda mais porque pra mim, muita coisa mudou... Quando eu voltei as coisas tinham</i></p>	<p>O clima no trabalho e a importância disso para a relação. A importância do espaço físico no trabalho. A mudança de setor como algo novo e ruim.</p> <p>Medo do retorno – pensando na saúde.</p> <p>Questionamento sobre a empresa e o que a mesma oferece. <i>Repetição da palavra “Agora”:</i> <i>indignação após a percepção da própria saúde.</i> Reprovação perante a atitude organizacional em não precaver a doença no trabalho.</p> <p>Promessas não cumpridas. <u>Utilização do termo “me dar condições de trabalho”: o que seriam as condições antes da doença? É preciso adoecer para ter boas condições de trabalho?</u> <u>Utilização das palavras “Se eu voltasse”:</u> <u>questionamento sobre o retorno? Existia uma expectativa por parte da gerencia?</u> <i>Utilização das palavras “só essa ginástica”:</i> <i>o que a organização oferece é pouco, ainda não é o necessário.</i></p> <p>Bom relacionamento com colegas, recepção no retorno.</p> <p><u>Percepção negativa da direção: a licença a fez refletir sobre essa relação?</u></p> <p><i>As palavras “Ih, nem sei”: a</i></p>
--	--

<p><i>mudado lá, com uma reestruturação.</i></p> <p><i>Não era mais o mesmo chefe, antes de sair eu tava com um coordenador, daí quando voltei , mudei de célula, foi um rolo danado.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Mas você conhecia as pessoas com que passou a trabalhar? <p><i>Do pessoal operacional eu conheço todo mundo, uns menos e outros mais, mas já conhecia todos. O pessoal é legal, todo mundo se fala, e eu gosto de conhecer todo mundo né.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • O que passou a fazer nessa nova célula? Mudou sua função? <p><i>Era assim, eu analisava documentos de clientes, tinha muita cobrança, eu gosto de cobrança, eu gosto de ser cobrada, mas a gente tem uma limitação. Acho que as coisas mudaram muito por eu ter sido afastada... Não sei explicar, sabe, mas mudou. Mas, mas eu acho que agora to voltando a ter confiança... Eles me colocaram numa célula que nem era tão exigida. Agora, eu já to numa mais importante, mudei. Na outra (célula em que estive durante os quatro meses após o afastamento)</i></p>	<p><i>subjetividade dos sentimentos trazendo a tona mudanças na relação.</i></p> <p><i>“Para mim muita coisa mudou”: além da reestruturação, teve tempo para se olhar, refletir sobre si mesma, sua saúde e o trabalho.</i></p> <p>Mudanças após o retorno, dificuldades.</p> <p>Bom relacionamento interpessoal entre o grupo operacional.</p> <p><u>Prazer em ter amigos no trabalho, sentir-se parte do ambiente.</u></p> <p>Gostar de desafios e responsabilidades.</p> <p><i>“Mas a gente tem uma limitação”: a cobrança é positiva, mas não é possível responder positivamente a todas as expectativas.</i></p> <p>Percepção do afastamento como motivador para mudanças negativas no trabalho.</p> <p><u>“Voltando a ter confiança”: em si própria ou na organização?</u></p> <p>Estar em um setor onde a exigência é menor: percebido como castigo.</p> <p>Voltar a ter importância.</p>
--	--

<p><i>qualquer coisa que eu fazia não revertia em nada pra empresa. Antes de eu me afastar, a célula que eu tava, se desse alguma coisa errada a empresa tinha que se responsabilizar pela documentação dos clientes, dava alteração no processo sabe, na outra que fiquei depois, não, não influenciava tanto, qualquer coisa que eu fazia, não revertia em nada, não fazia diferença. Eu me senti meio deixada de lado...</i></p> <p><i>Agora, faz um mês que eu consegui uma promoção. Bom, não é bem uma promoção, né,(sorri com timidez) mas agora eu fui pra um setor melhor.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Quando voltou ao trabalho então estava nesse outro setor? Como foi seu retorno, você trabalhou nesse lugar no primeiro dia, mudou depois, como foi, o que fez? <p><i>No primeiro dia eu fiquei meio perdidona, não sabia de nada, não sabia o que fazer.Foi um tempo sem trabalhar né, tava voltando. Fiquei caçando trabalho. E eu não sei ficar parada, sabe, acho que a confiança tem que ser conquistada a todo dia. Eu fui correr atrás, buscar o que fazer, ma fiquei meio perdida no primeiro dia. Fiquei sim, perdida, assim.</i></p>	<p>Estar de lado, não se perceber fazendo diferença em seu trabalho.</p> <p><u>Responsabilidade como prova de sucesso profissional, ter importância, fazer a diferença: depois da licença isso foi perdido.</u></p> <p><u>“Eu me senti deixada de lado”:</u> sensação de perda. <u>A licença como diferencial para a relação no trabalho.</u></p> <p>Quatro meses depois do retorno passa a um setor considerado por ela melhor.</p> <p><i>Utilização da palavra “Promoção”:</i> considerando que passou a ser percebida novamente, voltar a ter mais responsabilidade é para ela ser promovida.</p> <p>O retorno como novidade: ter que se readaptar ao trabalho, não saber o que fazer.</p> <p><i>“Fiquei caçando trabalho”:</i> mostrar que pode, fazer-se presente.</p> <p><u>“Acho que a confiança tem que ser conquistada todo dia”:</u> a licença fez com que a organização perdesse a confiança por ela?</p> <p><i>Repetição da palavra “perdida”:</i> enfatizando a sensação de ter que se readaptar, não fazer mais parte daquilo que antes conhecia bem.</p>
--	---

<ul style="list-style-type: none"> • Você disse que trocou de célula. O que aconteceu com o seu antigo cargo? <p><i>Colocaram uma outra pessoa no meu lugar pra fazer o meu trabalho... E eu quando voltei, fui pra outro lugar...</i></p> <p><i>Eu acho que é assim, quando um funcionário sai de licença a empresa fica assim (demonstra gestualmente um recuo com o corpo), um tanto recuada, na defensiva para ver o que vai dar, fica só observando, vai dando corda, mas fica lá, recuada só olhando.</i></p> <p><i>Nenhuma empresa quer contratar um funcionário e ele ficar afastado, tem que colocar outra pessoa, acho, esperar o funcionário voltar... Nenhuma empresa almeja isso pra ela, nenhuma empresa gosta...</i></p> <p><i>Mas eu acho que quando alguém sai de licença, vai tentar correr atrás quando voltar sabe, eu falo por mim, pelo menos, eu penso assim, eu tentei correr atrás, para conquistar a confiança, conquistar de novo um espaço...</i></p> <p><i>Acho que você acaba tentando buscar mais, tem ânimo pra conseguir a confiança.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como você está se sentindo atualmente em relação a sua saúde? O que faz de tratamento? 	<p>Sua função passou a ser de outra pessoa.</p> <p>Perda do espaço no trabalho.</p> <p>A licença como motivadora para a mudança na relação no trabalho.</p> <p><i>Utilização do termo “vai dando corda” relação de pouca confiança? A licença como fator de desconfiança no trabalho?</i></p> <p><i>“fica lá, recuada”: durante a licença nada se pode fazer, é preciso esperar.</i></p> <p>Percepção sobre a visão organizacional perante uma licença.</p> <p><u>Licença como algo ruim para a carreira, ter que correr atrás, recuperar-se, recolocar-se, ganhar a confiança.</u></p> <p><u>Ter que conseguir a confiança: a doença como algo que tirasse dela a confiança do outro, não é confiável, pois adoeceu e abandonou temporariamente o trabalho.</u></p> <hr/> <p>Desejo de recuperar o espaço profissional, seu papel enquanto individuo naquela organização</p>
---	---

<p><i>Bom, eu faço RPG, uma vez por semana, tinha que fazer fisioterapia, mas aí são dez dias seguidos, e eu não tenho tempo. (Coloca as mão na cabeça), não dá tempo eu to na maior correria, é uma jornada dupla, eu to trabalhando das 6hrs as 17hrs esses dias, aí chego em casa tem as coisas pra fazer, a minha filha... Então nem dá pra fazer mais nada.E tem tudo, a casa, família, um monte de coisas mudando na minha vida, assim, é complicado, correria mesmo...mas to indo, fui hoje, to fazendo, tem que tratar.</i></p>	<p>O tratamento físico para manter a saúde.</p> <p><u>Trabalhar muito para reconquistar o espaço e não ter tempo de cuidar da saúde e prevenir-se contra problemas futuros com a saúde.</u></p>
---	---

3 Fase: Temas Emergentes:

Temas emergentes	Transcrição da Entrevista	Comentários Exploratórios
<p>Ter que olhar para si, cuidar da saúde.</p> <p>A doença e a</p>	<ul style="list-style-type: none"> Quanto tempo esteve afastada? <p><i>Cinco meses, isso, cinco. Foi assim , eu vinha sentindo dores, o tempo foi passando e as dores iam ficando mais fortes, até que um dia eu “travei”, eu tava trabalhando aí eu travei no trabalho, não conseguia me mexer, foi aí que comecei a procurar um médico e fazer</i></p>	<p>Tempo de licença</p> <p><u>Dores não tratadas- olhar ao trabalho deixando de lado o “eu”</u></p> <p>Tratamento após crise de saúde.</p> <p><u>Esperar o pior acontecer para então olhar para suas necessidades físicas e de saúde.</u></p>

dependência: precisar do outro.	<p><i>uns exames.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como foi esse dia? 	<p><i>Utilização da palavra “travei” compondo a sensação de impotência, depender literalmente do outro e paralisar sua vida profissional.</i></p>
Direitos e deveres no trabalho.	<p><i>Ai eu tava trabalhando quando eu travei, ah ficaram todos apavorados, eu lá travada, não tinha bombeiro no prédio, aí chamaram o SAMU, não sei bem quem chamaram, acho que foi o SAMU, mas eles não podiam entrar lá por ser uma empresa privada, eles disseram que não poderiam entrar ,avisaram que</i></p>	<p><i>Utilização da palavra “ai” lembrando do momento e da dor.</i></p> <p>Necessidade de apoio físico no trabalho, impotência relacionada a saúde.</p>
Dependência do outro.	<p><i> tinha que ser um bombeiro da própria empresa pra me tirar de lá. Aí designaram um bombeiro de outro prédio da empresa, eu fiquei lá esperando,nossa, demorou. Então eles me tiraram de lá, na cadeira, o bombeiro ia me orientando e eles me tiraram. (demonstra na cadeira como ficou paralisada)</i></p>	<p><u>O olhar do outro perante a fraqueza?</u></p>
Falta de condições físicas no trabalho.		<p>Falta de estrutura no espaço físico</p>
Falta de condições no	<ul style="list-style-type: none"> • Uma pessoa te auxiliou? Como foi? 	<p>Dependência do outro.</p> <p>A doença física.</p> <p>Espaço físico despreparado.</p>

espaço físico do trabalho.	<p><i>Não, veio um bombeiro e dois auxiliares e lá não tem elevador. E eu ficava no segundo andar do prédio, me carregaram na cadeira pela escada e eu sem poder me mexer. Aí me colocaram no carro e me levaram.</i></p>	Dependência do outro.
Dependência do outro.		
Ter que cuidar de si, olhar para a doença.	<ul style="list-style-type: none"> • Para onde te levaram? 	O diagnóstico.
Perceber-se sozinho- o problema é do indivíduo.	<p><i>Ah me levaram para o hospital. Aí foi isso, passei no médico, vi que meu problema não era comum, então depois procurei um neurologista e soube que teria que fazer a cirurgia, porque eu tinha hérnia de disco e não ia adiantar só fazer fisioterapia, RPG, essas coisas, porque eu ia continuar com muita dor.</i></p>	<p><u>Um problema incomum: diferenças perante o outro.</u></p>
Direitos e deveres no trabalho.	<ul style="list-style-type: none"> • Depois desse dia já ficou direto de licença por esses cinco meses? <p><i>Não, fiquei uns dias em casa e voltei, aí eu saí de licença. Assim, eu fui aos médicos, descobri que tinha que fazer a cirurgia, enquanto foi resolvendo os tramites do</i></p>	<p><u>Olhar para a própria saúde, ter que se dar conta de que existe um problema físico, a necessidade de cuidados.</u></p>
		Licença somente depois dos tramites legais.
		<p><u>O trabalho e a doença: é preciso ter toda a documentação para comprovar o que todos presenciaram.</u></p>
		<p><u>Trabalhando no mesmo espaço, sem recursos para a saúde, risco de um novo</u></p>

	<p><i>convenio eu tava indo trabalhar, aí passei pelo médico da perícia, é que demorou um tempo pra eu conseguir marcar a perícia, umas duas semanas, nisso eu já tava correndo os tramites do convenio pra fazer a cirurgia. Um dia depois que eu saí de licença já fiz a cirurgia. Aí fiquei em casa esse tempo.</i></p>	<p><u>episódio de dor?</u></p> <p><i>Utilização de “já fiz”: a licença demorou a sair, aconteceu tudo no momento da cirurgia.</i></p>
<p>A licença como fator de estresse.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Como foi ficar afastada esse tempo? O que fazia nesse período? <p><i>Ah foi estressante. Foi, foi estressante... Ficar afastada foi um tanto estressante, a gente fica acostumada a trabalhar, voltar pra casa, ver marido, filha, ter uma jornada dupla. E aí de repente a gente se sente incapacitada... Ficar parada, sem trabalhar,... é horrível.</i></p>	<p><i>Utilização de “Ah”, lembrando, angustia.</i></p> <p>O não trabalho como fator de estresse.</p> <p><u>Mudança de ritmo, ter que se adaptar em casa.</u></p>
<p>Sensação de incapacidade perante a licença.</p>	<p><i>Tudo muda... Em casa, tudo fica diferente porque muda a sua rotina.</i></p>	<p><u>Trabalho como rotina, como é a vida sem o trabalho?</u></p>
<p>Mudança na rotina como algo ruim.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Você teve contato com as pessoas do seu trabalho durante o afastamento? Como 	<p>Falta de contato com equipe de trabalho.</p> <p><i>Utilização das palavras “que nada” alegando falta</i></p>

<p>Falta de contato com os colegas no período da licença.</p> <p>Falta de informação do que ocorre no trabalho durante a licença como algo ruim.</p>	<p>foi o contato e com que frequencia?</p> <p><i>Nenhum, não tive contato nenhum. Ninguém ligou pra saber, ninguém... Que nada.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como foi isso pra você? 	<p><i>de interesse de colegas, o trabalho é o único fator de valor.</i></p> <p><i>Utilização de “seu semelhante” integração no grupo, percepção de um “eu” profissional.</i></p> <p>Insatisfação com a postura de distanciamento do grupo.</p>
<p>Relação interpessoal participando da sensação ruim do retorno.</p>	<p><i>Isso foi péssimo. A gente quer ver a preocupação do seu semelhante, e isso não teve. As pessoas nem se preocuparam.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Alguém do seu setor? Sua coordenadora? 	<p><i>Utilização das palavras “ih, piorou” denotando distanciamento maior entre os níveis de coordenação.</i></p> <p>Algum contato (contraposição a informação anterior), lembrança de colegas do operacional- diferentes relações de acordo com a hierarquia.</p>
<p>Contato com os colegas de trabalho durante a licença, mas não da chefia.</p>	<p><i>Ih piorou, aí que não ligou mesmo! Eu tive contato com o pessoal operacional, eles sim, ligavam perguntando às vezes. Porque ali todo mundo se fala, se conhece iyi, eu conheço todo mundo, com eles eu falei. Peão, né (risos) sabe como é, tá todo mundo lado a lado. Com eles eu falei sim, mas de resto do pessoal ninguém, eles não ligavam não procuravam saber nada.</i></p>	<p><i>Utilização da expressão “ixi”, verbalizando intensidade nas relações e contatos.</i></p>
<p>Relação de afastamento com a chefia: baixa expectativa.</p>	<p><i>Utilização da palavra “peão” especificando o grupo do operacional e sua identificação nesse grupo.</i></p>	<p>Falta de informação sobre o trabalho, angustia para o</p>
<p>Identificação com o grupo de trabalho.</p>		

<p>Falta de informação sobre como será o retorno contribuindo com o medo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Quais as suas sensações durante o afastamento? Sentia vontade de voltar ao trabalho? 	<p>retorno.</p> <p>Desejo do retorno, preocupação.</p> <p><i>Utilização da palavra “além” denotando angustia, preocupação, punição.</i></p>
<p>Desejo de retorno e preocupação.</p> <p>A licença como castigo.</p>	<p><i>Ai eu ficava com vontade de voltar sim, mas ficava preocupada, porque eu não tinha retorno de nada durante esse tempo... Além da gente estar afastada por um problema de saúde, doente, sem poder trabalhar, a gente fica sem saber de nada, nada mesmo, como vai ser quando a gente voltar, em que pé estão as coisas, a estrutura da empresa... Parece que você nem trabalha, entende? (olha para as mãos, volta o olhar para mim pensativa).</i></p>	<p>Incerteza em relação ao retorno.</p> <p><i>Utilização da frase “parece que você nem trabalha” como demonstração da perda de identidade, mudança no olhar de si própria.</i></p>
<p>Falta de informação sobre como será o retorno contribuindo com o medo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Quando voltou ao trabalho continuou na sua função anterior? <p><i>É. Continuei fazendo a mesma coisa ,assim, mas fui para outra célula. Assim, eu fui pra uma célula com menor responsabilidade... Dizem que para onde eu fui era a “fase terminal” (risos) porque todo</i></p>	<p>Retorno em outra célula- menor responsabilidade.</p> <p><i>Utilização das palavras “fase terminal” comparando a vida profissional com a vida própria do indivíduo.</i></p> <p><u>“Todo mundo que vai pra lá é mandado embora”- Conceito pré estabelecido entre o grupo de modo não verbal, frente a experiências anteriores ocorridas no espaço do trabalho.</u></p> <p><u>“Eu corri atrás” Ter que se colocar, demarca o espaço, ser percebida como alguém que valha a pena.</u></p> <p><i>Utilização do termo “pra recuperar” como se a doença também fosse profissional, recuperar-se</i></p>

Transferência de função ou setor no retorno.	<p><i>mundo que vai pra lá é mandado embora, eu achava que ia ser assim comigo né, mas com o tempo não foi o que aconteceu. Eu corri atrás, fui batalhando. Corri, batalhei né, pra recuperar...</i></p>	<p><i>enquanto indivíduo no trabalho, após recuperar-se da doença.</i></p>
Risco de perder emprego.	<p><i>Bom...Logo que eu voltei tava tendo uma reestruturação do cargo, aí minha chefe me chamou e me perguntou se eu queria ser mandada embora, e eu falei que não. Me ferrei depois (risos) porque depois eu quis e eles não me mandaram mais.(risos)</i></p>	<p><u>Possibilidade de demissão-questionamento sobre querer sair do emprego-seria uma dúvida da superiora sobre o desejo da Júlia em trabalhar? Ela adoeceu para não trabalhar? Ou após a doença sua presença passou a ser questionada?</u></p>
Necessidade de recuperar-se pela ausência mesmo sendo esse um direito.	<p><i>Utilização do termo “me ferrei” escolhias sobre o trabalho alterando-se com o passar da relação após o retorno.</i></p>	
Direitos e deveres no trabalho, “poder” ser mandada embora?	<ul style="list-style-type: none"> • Porque quis sair depois? 	
Ambiente ruim no trabalho como motivador no desejo de um novo emprego.	<p><i>Eu adoro o que eu faço, adoro, adoro meu trabalho, o problema é o lugar, não tem estrutura, o clima é muito ruim... Não é um lugar que tenha uma estrutura pra você...</i></p> <p><i>E eu ficava naquela outra célula, não adianta é diferente.</i></p> <p><i>Antes de voltar eu tinha medo, pensava primeiro na minha saúde ,pensava, porque</i></p>	<p><i>Repetição da palavra “adoro”: enfatizando o sentimento.</i></p> <p>O clima no trabalho e a importância disso para a relação. A importância do espaço físico no trabalho. A mudança de setor como algo novo e ruim.</p>

<p>Sensações e reflexões relacionadas ao contexto do trabalho, mudanças na relação.</p>	<p><i>a empresa não oferece uma estrutura, sabe. Agora que eles tão investindo em ginástica laboral, Agora! Depois de três anos que eu trabalho lá, só agora que eles tão fazendo isso. (movimenta a cabeça em sentido de reprovação)</i></p>	<p>Medo do retorno – pensando na saúde.</p> <p>Questionamento sobre a empresa e o que a mesma oferece.</p> <p><i>Repetição da palavra “Agora”: indignação após a percepção da própria saúde.</i></p>
<p>Medo do retorno.</p>	<p><i>Quando eu fiquei doente, e fui na perícia, a minha gerente me disse que eles iam adequar a minha mesa, minha cadeira, me dar condições de trabalho se eu voltasse. Mas não aconteceu nada disso, continua tudo a mesma coisa, só tem essa ginástica laboral.</i></p>	<p>Reprovação perante a atitude organizacional em não precaver a doença no trabalho.</p>
<p>Promessas não cumpridas.</p>	<p>• Alguém recebeu você nesse retorno? Como foi essa recepção?</p>	<p>Promessas não cumpridas.</p> <p><u>Utilização do termo “me dar condições de trabalho”:</u> o que seriam as condições antes da doença? É preciso adoecer para ter boas condições de trabalho?</p> <p><u>Utilização das palavras “Se eu voltasse”:</u> questionamento sobre o retorno? Existia uma expectativa por parte da gerencia?</p>
<p>Direitos e deveres no trabalho.</p>	<p><i>Ah, pelos funcionários eu fui bem recebida, o pessoal foi lá perguntou como eu tava. Pela direção eu acho que foi mais por educação.</i></p>	<p><i>Utilização das palavras “só essa ginástica”: o que a organização oferece é pouco, ainda não é o necessário.</i></p>
<p>Retorno: ser bem recebida pelos colegas.</p>	<p>• Porque achou isso?</p> <p><i>Ih nem sei, eu me senti assim, não sei bem explicar</i></p>	<p>Bom relacionamento com colegas, recepção no retorno.</p> <p><u>Percepção negativa da direção: a licença a fez refletir sobre essa relação?</u></p>

<p>Retorno: nenhum respaldo da chefia.</p> <p>Retorno: troca de setor.</p> <p>Auto percepção, olhar para si.</p> <p>Mudanças na relação com o trabalho depois da licença.</p>	<p><i>por que... E ainda mais porque pra mim, muita coisa mudou... Quando eu voltei as coisas tinham mudado lá, com uma reestruturação.</i></p> <p><i>Não era mais o mesmo chefe, antes de sair eu tava com um coordenador, daí quando voltei , mudei de célula, foi um rolo danado.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Mas você conhecia as pessoas com que passou a trabalhar? <p><i>Do pessoal operacional eu conheço todo mundo, uns menos e outros mais, mas já conhecia todos. O pessoal é legal, todo mundo se fala, e eu gosto de conhecer todo mundo né.</i></p>	<p><i>As palavras “Ih, nem sei”:</i> a subjetividade dos sentimentos trazendo a tona mudanças na relação. “Para mim muita coisa mudou”: além da reestruturação, teve tempo para se olhar, refletir sobre si mesma, sua saúde e o trabalho.</p> <p>Mudanças após o retorno, dificuldades.</p> <p>Bom relacionamento interpessoal entre o grupo operacional.</p> <p><u>Prazer em ter amigos no trabalho, sentir-se parte do ambiente.</u></p>
<p>Bom relacionamento interpessoal no trabalho: fator positivo para a motivação para o trabalho.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O que passou a fazer nessa nova célula? Mudou sua função? <p><i>Era assim, eu analisava documentos de clientes, tinha muita cobrança, eu gosto de cobrança, eu gosto de ser</i></p>	<p>Gostar de desafios e responsabilidades.</p> <p><i>“Mas a gente tem uma limitação”:</i> a cobrança é positiva, mas não é possível responder</p>

<p>Mudança na percepção do trabalho e da organização após o retorno.</p>	<p><i>cobrada, mas a gente tem uma limitação. Acho que as coisas mudaram muito por eu ter sido afastada... Não sei explicar, sabe, mas mudou. Mas, mas eu acho que agora to voltando a ter confiança... Eles me colocaram numa célula que nem era tão exigida. Agora, eu já to numa mais importante, mudei. Na outra (célula em que estive durante os quatro meses após o afastamento) qualquer coisa que eu fazia</i></p>	<p><i>positivamente a todas as expectativas.</i></p> <p>Percepção do afastamento como motivador para mudanças negativas no trabalho. <u>“Voltando a ter confiança”: em si própria ou na organização?</u></p> <p>Estar em um setor onde a exigência é menor: percebido como castigo.</p> <p>Voltar a ter importância.</p> <p>Estar de lado, não se perceber fazendo diferença em seu trabalho.</p>
<p>Necessidade de colocar-se após o retorno, recuperar o tempo e a confiança.</p>	<p><i>não revertia em nada pra empresa. Antes de eu me afastar, a célula que eu tava, se desse alguma coisa errada a empresa tinha que se responsabilizar pela documentação dos clientes, dava alteração no processo</i></p>	<p><u>Responsabilidade como prova de sucesso profissional, ter importância, fazer a diferença: depois da licença isso foi perdido.</u></p>
<p>Função e atividades após a licença- incertezas.</p>	<p><i>sabe, na outra que fiquei depois, não, não influenciava tanto, qualquer coisa que eu fazia, não revertia em nada, não fazia diferença. Eu me senti meio deixada de lado...</i></p>	<p><u>“Eu me senti deixada de lado”: sensação de perda. A licença como diferencial para a relação no trabalho.</u></p>
<p>Não ter grandes responsabilidades no trabalho após o retorno.</p>	<p><i>Agora, faz um mês que eu consegui uma promoção. Bom, não é bem uma promoção, né,(sorri com timidez) mas agora eu fui pra</i></p>	<p>Quatro meses depois do retorno passa a um setor considerado por ela melhor.</p> <p><i>Utilização da palavra “Promoção”:</i> <i>considerando que passou a ser percebida novamente, voltar a ter mais responsabilidade é para</i></p>

<p>Sensação de abandono.</p>	<p><i>um setor melhor.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Quando voltou ao trabalho então estava nesse outro setor? Como foi seu retorno, você trabalhou nesse lugar no primeiro dia, mudou depois, como foi, o que fez? 	<p><i>ela ser promovida.</i></p>
<p>Retorno: perda do espaço.</p> <p>Sensação de estar perdido no retorno, não saber que atividade fazer.</p>	<p><i>No primeiro dia eu fiquei meio perdida, não sabia de nada, não sabia o que fazer. Foi um tempo sem trabalhar né, tava voltando. Fiquei caçando trabalho. E eu não sei ficar parada, sabe, acho que a confiança tem que ser conquistada a todo dia. Eu fui correr atrás, buscar o que fazer, ma fiquei meio perdida no primeiro dia. Fiquei sim, perdida, assim.</i></p>	<p>O retorno como novidade: ter que se readaptar ao trabalho, não saber o que fazer.</p> <p><i>“Fiquei caçando trabalho”: mostrar que pode, fazer-se presente.</i></p> <p><u>“Acho que a confiança tem que ser conquistada todo dia”</u>: a licença fez com que a organização perdesse a <u>confiança por ela?</u></p> <p><i>Repetição da palavra “perdida”</i>: enfatizando a sensação de ter que se readaptar, não fazer mais parte daquilo que antes conhecia bem.</p>
<p>Perda do espaço.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Você disse que trocou de célula. O que aconteceu com o seu antigo cargo? <p><i>Colocaram uma outra pessoa no meu lugar pra fazer o meu trabalho... E eu quando voltei, fui pra outro lugar...</i></p> <p><i>Eu acho que é assim, quando um funcionário sai de</i></p>	<p>Sua função passou a ser de outra pessoa.</p> <p>Perda do espaço no trabalho.</p> <p>A licença como motivadora para a mudança na relação no trabalho.</p> <p><i>Utilização do termo “vai dando corda”</i> relação de pouca confiança? A licença como fator de</p>

<p>Necessidade de colocar-se após o retorno, recuperar o tempo e a confiança.</p>	<p><i>licença a empresa fica assim (demonstra gestualmente um recuo com o corpo), um tanto recuada, na defensiva para ver o que vai dar, fica só observando, vai dando corda, mas fica lá, recuada só olhando.</i></p>	<p><i>desconfiança no trabalho?</i></p> <p><i>“fica lá, recuada”:</i> <i>durante a licença nada se pode fazer, é preciso esperar.</i></p> <p>Percepção sobre a visão organizacional perante uma licença.</p>
<p>Percepção relacionada a doença e o trabalho: “nenhuma organização quer alguém que adoença”.</p>	<p><i>Nenhuma empresa quer contratar um funcionário e ele ficar afastado, tem que colocar outra pessoa, acho, esperar o funcionário voltar... Nenhuma empresa almeja isso pra ela, nenhuma empresa gosta...</i></p>	<p><u>Licença como algo ruim para a carreira, ter que correr atrás, recuperar-se, recolocar-se, ganhar a confiança.</u></p>
<p>Necessidade de colocar-se após o retorno, recuperar o tempo e a confiança.</p>	<p><i>Mas eu acho que quando alguém sai de licença, vai tentar correr atrás quando voltar sabe, eu falo por mim, pelo menos, eu penso assim, eu tentei correr atrás, para conquistar a confiança, conquistar de novo um espaço...</i></p>	<p><u>Ter que conseguir a confiança: a doença como algo que tivesse dela a confiança do outro, não é confiável, pois adoeceu e abandonou temporariamente o trabalho.</u></p>
<p>Necessidade de colocar-se após o retorno, recuperar o tempo e a confiança.</p>	<p><i>Acho que você acaba tentando buscar mais, tem ânimo pra conseguir a confiança.</i></p>	<p>Desejo de recuperar o espaço profissional, seu papel enquanto individuo naquela organização.</p>
<p>A sensação de ser deixado de lado como motivador para a mudança de atitude.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Como você está se sentindo atualmente em relação a sua saúde? O que faz de tratamento? 	<p>O tratamento físico para manter a saúde.</p>

<p>Olhar para si, cuidar da saúde.</p> <p>Percepção do pouco tempo para cuidar de si.</p>	<p><i>Bom, eu faço RPG, uma vez por semana, tinha que fazer fisioterapia, mas aí são dez dias seguidos, e eu não tenho tempo. (Coloca as mão na cabeça), não dá tempo eu to na maior correria, é uma jornada dupla, eu to trabalhando das 6hrs as 17hrs esses dias, aí chego em casa tem as coisas pra fazer, a minha filha... Então nem dá pra fazer mais nada .E tem tudo, a casa, família, um monte de coisas mudando na minha vida, assim, é complicado, correria mesmo...mas to indo, fui hoje, to fazendo, tem que tratar.</i></p>	<p><u>Trabalhar muito para reconquistar o espaço e não ter tempo de cuidar da saúde e prevenir-se contra problemas futuros com a saúde.</u></p>
---	--	---

Abstração – Encontrando na análise “Temas Super- Ordenados”

Resultantes da questão da licença

Mudança na relação entre as partes

Falta de informação sobre como será o retorno.

Licença como desvantagem profissional.

O período da licença como algo ruim – mudança na rotina, tédio.

Abstração – Encontrando na análise “Temas Super- Ordenados”

Mudanças individuais considerando a licença

Olhar para si (auto percepção)

Ansiedade relacionada ao retorno ao trabalho, medo do retorno.

Desejo de mudança – vontade de crescimento profissional e/ou mudança de emprego.

Necessidade de recuperar-se profissionalmente pela ausência mesmo sendo esse um direito

Pensando na possível perda de emprego

Ter que cuidar da saúde e perceber-se sem tempo para isso.

Abstração – Encontrando na análise “Temas Super- Ordenados”

Interações Organizacionais

Relações interpessoais – Contato com os colegas de trabalho durante a licença, mas não da chefia.

Não saber o que fazer ao retornar: sensação de estar “perdida”.

Diminuição de responsabilidades no retorno.

Função e atividades após a licença- troca de setor e atividade.

Nova visão do espaço organizacional após o retorno: percepção de pouco investimento na saúde do indivíduo no trabalho por parte da organização.

Tabela de Temas e Temas Super Ordenados – Entrevista: Júlia.

Temas	Parágrafo	Palavras- Chave
<p><i>Resultantes da questão da licença</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Mudança na relação entre as partes • Falta de informação sobre como será o retorno. • Licença como desvantagem 		<p><i>muita coisa mudou</i></p> <p><i>sem saber de nada</i></p> <p><i>meio deixada de lado...</i></p>

<p>profissional.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O período da licença como algo ruim – mudança na rotina, tédio. 	6	<i>se sente incapacitada</i>
<i>Mudanças individuais considerando a licença</i>		
<ul style="list-style-type: none"> • Ansiedade relacionada ao retorno ao trabalho, medo do retorno. 	8	<i>eu tinha medo</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Desejo de mudança. 	12	<i>não me mandaram mais</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Necessidade de recuperar-se profissionalmente pela ausência mesmo sendo esse um direito. 	11	<i>eu tentei correr atrás</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Pensando na possível perda de emprego. 	11	<i>“fase terminal”</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Ter que cuidar da saúde e perceber-se sem tempo para isso. 	27	<i>e eu não tenho tempo</i>
<i>Interações Organizacionais</i>		
<ul style="list-style-type: none"> • Relações interpessoais – distanciamento do grupo durante a licença. 	8	<i>não tive contato nenhum</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Não saber o que fazer ao retornar: sensação de estar “perdida”. 	21	<i>fiquei meio perdidona</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Diminuição de responsabilidades no retorno. 	11	<i>menor responsabilidade</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Função e atividades após a licença- troca de setor e atividade. 	22	<i>outra pessoa no meu lugar</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Nova visão do espaço organizacional após o retorno: percepção de pouco investimento na saúde do indivíduo no trabalho por parte da organização. 	13	<i>uma estrutura</i>

Entrevista 3- Pedro

Transcrição da Entrevista	Comentários Exploratórios
<p>• Quanto tempo esteve afastado?</p> <p><i>Quinze dias.</i></p> <p>• Motivo:</p> <p><i>Depressão, pânico, ansiedade. Foi bom tirar a licença porque eu não tava conseguindo ir no trabalho pela troca do remédio pra eu me recuperar eu precisava sair. Eu comecei a tomar paroxetina, e até se adaptar, o corpo se acostumar com o remédio, demora um pouco, uns dias</i></p> <p>Descreva sua trajetória profissional nesta empresa. Durante quanto tempo trabalhou lá?</p> <p><i>Trabalhei por 4 meses lá, eu gostava de algumas coisas, mas outras não me agradavam tanto. Eu fazia algo diferente do que eu esperava quando entrei lá.</i></p> <p>• Poderia me explicar mais?</p> <p><i>Quando me chamaram pra entrevista eu fui. Mas pela conversa, quando me explicaram o que eu ia fazer</i></p>	<p>Período curto de afastamento.</p> <p>Doença psíquica- medicamentos de difícil adaptação.</p> <p><u>Vantagens da licença: o corpo despreparado para a rotina de horários de trabalho.</u></p> <p>Avaliação do trabalho- trajetória curta, marcada por mágoas e desencontros.</p> <p>O não combinado como fator de mágoa.</p> <p><i>Utilização da palavra “Imaginava”: as expectativas pessoais frente à realidade do trabalho.</i></p>

<p><i>eu gostei, eu imaginava que ia ser algo diretamente ligado com a programação e na verdade era separado. Só que o “diretamente” é através de sistema e pelo jeito que é o sistema não dá certo.</i></p> <p><i>A empresa documentava erro, e eu achava erro e mostrava pra eles e eles diziam “esse erro passa, tudo bem” Eu achava ridículo, eu cansava de ver erros de português e isso é super fácil de arrumar, mas eles deixavam passar. Meu trabalho era procurar erros no sistema e passava pra eles arrumarem, o outro setor que arrumava, os programadores. Eu achava os erros e não adiantava nada, eu olhava pra nada porque pra eles esses tipos de erros não eram erros, só era erro se fosse funcional, coisa que impactasse no sistema ou em conta, onde eu aprendi, onde eu estudei, isso é qualidade versus tempo e eles tinham muito retrabalho, porque a célula de qualidade era ruim, do jeito que eles faziam não era certo.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque você achou que seria diferente o que iria fazer? <p><i>A minha chefe me falou, na entrevista. Ela me falou uma coisa, mas depois era outra.</i></p> <p><i>Eu fiquei bem descontente logo no começo, depois com o trabalho de qualidade me motivou, mas quando eu vi que a qualidade tava ruim eu pensei até</i></p>	<p><u>A percepção do que também não funciona no trabalho. A doença física e o trabalho disfuncional.</u></p> <p>Desejo de ter mais responsabilidade.</p> <p><i>Utilização da frase “Eu achava ridículo”:</i> colocando-se enquanto crítico, demonstrando o conhecimento no processo e o desejo em fazer melhor.</p> <p>Atividade no trabalho percebida como não importante.</p> <p><i>Utilização da frase “eles deixavam passar”:</i> questionamento sobre o outro e não identificação com o grupo, o método e o trabalho. Colocando-se fora desse grupo “eles”, os outros, diferentes de si.</p> <p>Crítica ao método de trabalho.</p> <p><u>Questionamento sobre o que estudou, aprendeu e o que utilizava no trabalho, sentimento de frustração.</u></p> <p><u>Questionamento sobre o trabalho e sua função frente ao que sabe e o que deve fazer.</u></p> <p>Diferenças entre o que foi dito e o que realmente acontecia no trabalho.</p> <p><i>Repetição da palavra “falou” o que foi dito, combinado, reafirmando que acreditou naquilo porque foi realmente colocado.</i></p> <p>Descontentamento frente à realidade do trabalho.</p> <p>Desejo de trabalhar em algo que goste.</p>
--	--

<p><i>em conversar com o presidente, com quem eu tinha feito a entrevista pra entrar na empresa. Ia falar com ele com umas ideias pra melhorar a qualidade. Fiz duas páginas com uma lista de propostas de melhoria, mas ia conversar com ele, mas antes ia falar com a minha chefe, mas era muito difícil falar com ela, ela vivia correndo, indo pra clientes. Não deu tempo de mostrar (risos) depois eu fiquei doente.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como você se sentia enquanto profissional desta organização? <p><i>Eu não me sentia valorizado, ficava bem desmotivado, o que eu fazia não tinha muito sentido, eram poucas coisas que eu fazia que eles arrumavam, eu achava que poderia render mais. Eu não gosto muito de ficar parado.</i></p> <p><i>Eu fazia também a parte de documentação, mas não gostava de documentar erro. Essa parte me intrigava porque nem no colégio pode documentar erro. Era novo pra mim. Eu fazia, sabia que tava errado, mas tentava aprender com o que era certo.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como era o ambiente de trabalho? <p><i>Gostava da chefe, mas ela era um</i></p>	<p><u>Atitude frente ao descontentamento, se não pode mudar, procura conversar com quem possa.</u></p> <p><u>Respeito à hierarquia no trabalho: esperar para falar com a chefe antes de falar com o presidente, mesmo que isso o deixe paralisado.</u></p> <p><i>“Muito difícil falar com ela” dificuldades em comunicar-se com a chefia, ter o que dizer e não conseguir oportunidade de mostrar que pode fazer mais no trabalho.</i></p> <p><u>A utilização do riso como conforto, rir da situação para manter-se tranqüilo?</u></p> <p><i>“Não de tempo”: o desejo de mudanças e melhorias sendo impedido pela doença.</i></p> <p>Olhar para as próprias sensações: não sentir-se valorizado.</p> <p>Motivação e valorização: relação entre sentir-se disposto para fazer algo que considere importante.</p> <p><i>“Eu achava que poderia render mais”:</i> querer crescer enquanto profissional, avaliando-se naquele contexto.</p> <p><u>Fazer algo com o qual não concorda, mas tentar manter o emprego.</u></p> <p><i>“Eu fazia, sabia que tava errado”:</i> ter que fazer, sentimento de impotência perante o dever e o querer.</p> <p><u>Tentar aprender: buscando crescimento profissional no trabalho, mesmo sendo com a forma errada de trabalho.</u></p> <p><u>Dificuldade em encontrar-se com a chefia, muito ocupada.</u></p>
---	--

<p><i>pouco afastada, tava sempre em clientes, e eu tava na correria na empresa cuidando da parte de qualidade, e aí era outra mulher que me passava o serviço. Ela ficava teimando com tudo comigo e tudo que eu fazia ela achava que tava tudo errado. No início não falei nada, mas depois de uns dois meses comecei a falar. Ela não aceitava nenhum tipo de argumento e ela não dava o braço a torcer. Aí tinha coisa que eu fazia, ela dizia que tava errado, eu pesquisava, perguntava pro meu irmão que trabalha com isso, e descobria que eu tava certo e ela não entendia. Dava pra ver que ela não conhecia muito, não tinha experiência nenhuma em qualidade. Mas lá até que era legal, tirando a mulher preguiçosa (risos) (a sub-chefe), depois ela mudou bastante, mas o ambiente lá era bem mais tranquilo que em outros lugares que conheço, eu tinha amizade com o pessoal da outra área, da programação. Se eu pudesse, eu queria trabalhar programando, lá quando você começa fica aprendendo uma área, mas tem chance de mudar.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Tinha faltas periódicas em seu histórico na organização? <p><i>Faltei uma vez, tava com aqueles sintomas que eu tinha, náuseas, dor de cabeça. Fui no hospital, no pronto</i></p>	<p><u>Responder a uma outra pessoa: dificuldade nessa relação.</u></p> <p><i>“Ela ficava teimando”</i>: questionando o conhecimento do outro, criticando o trabalho.</p> <p>Mudança de atitude com o passar da relação: sentir-se a vontade para falar de algo que discorda.</p> <p><i>“Não dava o braço a torcer”</i>: As atividades profissionais colocadas como desejo pessoal.</p> <p><u>Dificuldade de relacionamento com uma das pessoas com quem mais tinha contato.</u></p> <p><u>Crítica ao conhecimento do outro, alguém que tem um cargo diferente e que pode definir caminhos.</u></p> <p><u>“Não tinha experiência nenhuma”</u>: está a mais tempo no trabalho, tem um cargo melhor, porém conhece menos.</p> <p><i>“Até que era legal”</i>: procurar gostar, buscar bons motivos para manter-se no trabalho.</p> <p><i>“Se eu pudesse”</i>: perceber as limitações e as oportunidades.</p> <p><u>Ter chance: motivo para continuar.</u></p> <p>A falta relacionada a doença já existente.</p> <p>Trocar o motivo da doença: não querer apresentar o diagnóstico da doença</p>
--	---

<p>socorro e peguei um atestado de diarreia.</p> <p><i>Eu tava com medo de falar pra eles o que eu tinha, porque eu era muito novo lá, tava terminando o período de experiência. Aí depois eu precisei faltar de novo e fui no meu psiquiatra e aí ele aumentou a dosagem do remédio e me deu a licença do dia. E você sabe, né quando muda a dosagem de remédio demora pro organismo acostumar. Aí no mesmo dia liguei no trabalho e pedi pra falar com a minha chefe. Falei com o pessoal do RH também, que eu precisava falar com eles depois. Minha chefe falou pra eu ficar tranquilo, que ela ia me apoiar, pra eu ficar sossegado porque eles iam me dar todo o apoio. O RH falou a mesma coisa. A chefe, o RH e a sub chefe se falaram depois que eu liguei, e no dia seguinte disseram que não sabiam o que iriam fazer comigo, não tinham uma posição, nem sabiam qual atitude eles iam tomar comigo por causa disso, da minha doença.</i></p> <p><i>Aí falei pra eles que eu queria trabalhar, que eu tava melhor, me cuidando, procurando tratamento. A minha chefe falou a mesma coisa que o RH, que não sabia o que ia fazer, e ficaram jogando um pro outro.</i></p> <p><i>Minha chefe falou que gostava muito de mim, do meu serviço e falou que ainda bem que eu tinha contado o que eu</i></p>	<p>psíquica.</p> <p><i>“Eu tava com medo de falar”</i>: expondo a angustia de mostrar o que tem, a dor física é mais fácil de ser entendida do que a psíquica.</p> <p><i>“E você sabe, né”</i>: desejo de ser entendido, explicar-se perante a impossibilidade de trabalhar frente ao medicamento.</p> <p>Ligar para o trabalho: justificando a ausência.</p> <p><i>Utilização da frase: “eu precisava falar com eles depois”</i>: ansiedade em resolver, falar, dividir a angústia, não ter que esconder o que é.</p> <p><i>“Ela ia me dar todo apoio”</i>: Promessa verbalizada.</p> <p><i>“Pra eu ficar sossegado”</i>: quer que o indivíduo não crie expectativas ruins em relação ao trabalho e a postura da organização e do grupo.</p> <p>Mudança do discurso após reunião entre setores.</p> <p><i>“Disseram que não sabiam o que iriam fazer comigo”</i>: a doença psíquica transformando a postura e pré estabelecendo limites.</p> <p><u>“Qual atitude tomar”</u>: como se o indivíduo não tivesse nenhuma possibilidade de retorno, trabalho ou decisão, a atitude tem que vir do outro?</p> <p><i>“Eu queria trabalhar”</i>: precisar pedir para continuar, demonstrar o desejo e responsabilidade.</p> <p>A organização despreparada para a doença.</p> <p><u>“Um jogando pro outro”</u>: ninguém quem se responsabilizar pelo desconhecido: <u>Despreparo e preconceito?</u></p> <p><u>Discursos ambíguos da chefia</u>: <u>gostar do trabalho, apoiar a anteriormente disse que não sabia o que faria.</u></p>
--	--

<p><i>tinha, porque aí ela entendeu porque tava caindo minha produção. Ela falou que ia me apoiar, tava do meu lado e me disse que, pelo contrário, agora que ela ia me dar serviço pra eu melhorar logo. Aí eu me senti aliviado, tranquilo, porque eu tava com muito medo de falar, por ser novo na empresa. A partir disso, ela começou a me enviar para treinamentos.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Esses treinamentos eram frequentes na empresa? Que tipo de treinamento era? Quem mais participou? <p><i>Eu nunca tinha visto ninguém fazer. Aí era eu e minha sub-chefe. Os treinamentos eram fora da empresa, eram gratuitos. As vezes tinha alguns dentro da empresa, um programador ficava ensinado umas coisas pra gente. Mas sempre tinha coisas pra fazer, fiquei melhor, por não ficar a toa, nem sem fazer muita coisa.</i></p> <p><i>Eu fiquei um pouco com medo de passar mal, mas enfrentei. Quando não tinha treinamento eu ficava trabalhando na mesma função, na minha. Às vezes tinha treinamento na empresa, coisa simples, formalidades. Isso durou cerca de 15 dias e aí foi o tempo de eu me afastar porque aí comecei a passar mal de novo, eles tavam me mandando pra reuniões que eu não conhecia, muito das</i></p>	<p><u>Mudança de atitude da chefia: oferecer mais atividades. Muita atividade seria bom ou ruim? Porque foi preciso mudar as atividades se não era esse o motivo do afastamento?</u></p> <p><i>“Me senti aliviado, tranqüilo”: o apoio necessário frente ao medo devido a doença.</i></p> <p><u>Um dia de ausência fez tanta coisa mudar? O diagnóstico movimentando o grupo. Seria a mesma atitude se a ausência fosse por uma dor física? Qual o impedimento real nesse trabalho?</u></p> <p><i>“Eu nunca tinha visto”: o novo, porém não comentado- seria esse treinamento algo real? Ou simplesmente um modo de afastá-lo da função? Qual seria a real necessidade desse treinamento?</i></p> <p><i>“Não ficava a toa”: trabalhar, fazer-se presente, ter atividade como algo positivo e produtivo.</i></p> <p><i>“Medo de passar mal”: o medo presente mais uma vez. Inicialmente teve medo de contar, agora o medo de não acompanhar as atividades e adoecer novamente.</i></p> <p><u>Mudança de função e responsabilidades: qual era a real função e porque existiu a alteração perante o diagnóstico?</u></p> <p><i>“Eu não conhecia”: O novo, inesperado e não combinado fazendo parte de uma nova dinâmica no trabalho após o diagnóstico.</i></p>
--	--

<p><i>coisas que eles mandavam eram novas, essas reuniões, eu ficava ansioso. Queria dar respostas pra eles, mas o fato de eu me cobrar muito e essas atividades novas, acho que influenciaram a ficar mal. Ai, depois veio a licença...</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • O que fazia durante o período de licença? <p><i>Dormia muito, passava mal no começo da licença por causa da troca dos remédios. Foi melhorando aos poucos, acho que em 10 dias mais ou menos eu já tava querendo voltar a trabalhar, só que como o médico passou 15 dias eu esperei pra voltar. Ai no 15º dia a mulher do RH ligou lá para saber se eu ia voltar, eu achei que ela tava preocupada comigo, mas depois eu vi que não era preocupação.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Você teve contato com pessoas do seu trabalho durante o afastamento? Como foi o contato, e com que frequência? Quem são as pessoas com quem teve contato, e quais os cargos na organização? <p><i>Na licença os colegas de trabalho me ligaram, achei legal eles terem ligado, da parte deles realmente foi preocupação, eles queriam saber como eu tava. Isso me</i></p>	<p><i>“Queria dar respostas”</i>: desejo de participar, crescer, mostrar que pode.</p> <p>Novas atividades e medo, ansiedade contribuindo com um novo afastamento, desta vez mais longo.</p> <p>A licença - sono e adaptação ao medicamento: necessidade real do corpo organizar-se frente ao tratamento.</p> <p>Sensações na licença: desejo de voltar a trabalhar e impossibilidade física.</p> <p>Contato com o RH: somente no momento de retorno.</p> <p><i>“Achei que ela tava preocupada”</i>: esperar que o outro entenda, preocupe-se com o individuo e não somente com o retorno profissional.</p> <p><i>“Vi que não era preocupação”</i>: a transformação das relações frente a doença.</p> <p>Contato com os colegas de trabalho durante a licença, mas não da chefia.</p> <p>Sensação de ser querido por colegas.</p> <p>Amizade formada no trabalho.</p>
---	---

<p><i>motivou bastante a voltar. Com dois desses colegas que me ligaram, eu tenho contato até hoje. Teve um chefe de outra área, que, quando eu tava saindo, na demissão, veio falar comigo, mandou um e-mail pra saber como eu tava depois. Ele nem sabia que eu era programador, que essa era a minha formação, ficou todo impressionado quando eu falei e desapontado também com a reação do pessoal. Mas de chefe meu assim, ninguém me ligou.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como se sentiu ao voltar? <p><i>Quando eu voltei da licença, por parte dos colegas de trabalho foi legal, eles ficaram brincando comigo, dizendo que eu tava voltando de férias, levei numa boa. Todo mundo preocupado, a minha chefe perguntou como é que eu tava, que era bom me ver daquele jeito e aí fui pedir serviço pra minha sub-chefe e ela falou que não tinha nada pra eu fazer, ficou enrolando, aí me ligaram do RH, meia hora depois que eu cheguei, foi realmente a recepção (risos). Me disseram que eles iam me demitir, que era pela minha saúde, pra eu me cuidar, pro meu bem, segundo eles.</i></p> <p><i>Eu não esperava por isso, até porque pela forma que eles conversavam comigo, o jeito que eles tratavam o</i></p>	<p><i>“Teve um chefe”</i>: alguém de uma posição de chefia se preocupou, trazendo a tona a sensação de reconhecimento e cuidado.</p> <p><i>“Ficou todo impressionado”</i>: ser percebido no trabalho, valorizado por alguém, mesmo sendo no momento da saída.</p> <p><i>“Mas de chefe meu assim, ninguém me ligou”</i>: poderia ser outro chefe, esses não me ligaram. Para eles não tenho importância, para o outro talvez tivesse.</p> <p>Boa recepção dos colegas.</p> <p><u>“Dizendo que eu tava de férias”</u>: brincadeira? Como o grupo percebe e entende a licença? O comentário foi para receber bem ou criticar?</p> <p>Comparação da licença médica com as férias.</p> <p><u>Relação de ambigüidade com a chefia: diz que está preocupada, porém encaminha a responsabilidade de trabalho para outra pessoa, não colocando o indivíduo para trabalhar em sua função no dia do retorno.</u></p> <p><i>“Não tinha nada pra eu fazer”</i>: após 15 dias de licença não existe mais o que fazer.</p> <p><i>“foi realmente a recepção”</i> (risos) utilização do riso como recurso para amenizar a frustração e o sentimento de rejeição.</p> <p>A demissão: colocar no indivíduo a responsabilidade do tratamento e a</p>
---	--

<p><i>assunto, me apoiaram quando contei. Fiquei bem triste, muito decepcionado com a atitude que eles tiveram.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como estava se sentindo quando o dia do retorno ao trabalho estava se aproximando? <p><i>Tava bem animado para voltar, eu comentava com a minha namorada que eu queria voltar, tava acostumado com o novo medicamento, eu tava animado, eu queria continuar, acho que seria bom o fato de ficar em casa parado acaba atrapalhando muito o tratamento, só o fato de eu ir pro trabalho, fazer coisas, e tinha o pessoal, já me deixava melhor, né.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como foi a reação das pessoas no trabalho com o seu afastamento? <p><i>Quando eu me afastei, a empresa tava preparada para minha saída, até porque o que eu não tinha um cargo de muita importância. Até porque o que eu tava fazendo era o trabalho da minha sub-chefe. Então eu ia ser coberto por ela, talvez por isso não iria ser tão ruim eu sair. A política da empresa, que me passaram era que quem entrasse novo ia ficar um tempo com um funcionário, preparando ele até ele ir pra uma função. Era isso que eu tava fazendo. A minha chefe falou que queria me colocar como</i></p>	<p>demissão como algo de bom e de cuidado por parte da organização.</p> <p>“Eu não esperava por isso”: O que foi dito sendo transformado, o apoio transformando-se em demissão.</p> <p>Decepção com a demissão frente ao comportamento e ao que foi dito perante o diagnóstico.</p> <p><i>“Me apoiaram quando contei” apesar de imediatamente apo o diagnostico os superiores terem mudado de discurso, o individuo quer entender a mudança no comportamento. Contar o diagnostico, nesse caso, foi transformado num problema organizacional e entendido assim pela organização, mesmo sendo uma licença curta e o individuo retornando com desejo de trabalhar.</i></p> <p>“Muito decepcionado”: a relação sendo transformada, o que ele realmente poderia esperar e o que ocorreu. A decepção frente ao prometido e a atitude diferente das palavras ditas.</p> <p>O desejo de voltar ao trabalho e a melhoria da saúde relacionados.</p> <p>O trabalho e o grupo como fatores motivadores para o retorno no trabalho.</p> <p>A licença e a função: para ele seu trabalho não era importante e não faria falta no decorrer da licença.</p> <p><u>“Eu tava fazendo o trabalho da minha sub-chefe”- quando teria seu real trabalho?</u></p> <p><u>Mais promessas feitas pela chefia.</u></p>
---	--

<p><i>Suporte, pelo meu perfil e ela até comentou, no dia, se eu tava procurando tratamento, se eu tava me tratando, porque senão não ia poder ficar na função e perguntou como que eu tava. Eu disse que naquele momento eu não poderia ir pra visitar cliente, mas tava me tratando e logo ia poder. Ai ela disse que ia fazer o possível pra me ajudar, mas ela não fez. Tanto ela quanto o RH, não fizeram.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • O que você achava das regras da empresa? Você seguia? <p><i>Eu seguia as regras normalmente, até porque a política interna deles eu achava viável pro modo da empresa, eu seguia as restrições. Apesar de ter opinião um pouco mais liberal, antes era liberado, internet, e-mail, pesquisa. Agora só pode fazer pesquisa da microsoft, não o resto é tudo bloqueado. Antes era tudo liberado, pelo que eu sei, só que aí o pessoal abusava e aí eles restringiram, limitaram, tudo, por causa de uns 2 que abusavam.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como você se sente em relação a sua saúde atualmente? <p><i>Eu me sinto bem melhor do eu tava ha 9 a 6 meses atrás né. E ainda tenho um</i></p>	<p><u>Preocupação real ?</u></p> <p><u>“Ela disse que ia fazer o possível pra me ajudar, mas ela não fez”- sentimento de traição?</u></p> <p><u>Promessas e atitude não explicada frente ao diagnostico. Seria a mesma situação em caso de diagnostico diferente?</u></p> <p><u>Apesar de não entender ou concordar com algumas regras da organização, seguia e tentava entender.</u></p> <p><u>Alterações de regras frente a quebras de limites- podemos comparar a licença e o adoecimento também como uma quebra de limites?</u></p> <p><u>Cuidado com a saúde e insegurança ainda frente ao diagnostico.</u></p>
---	--

<p><i>pouco de medo de dizer isso, mas to me sentindo preparado a voltar a trabalhar. To procurando emprego, enviando currículos e trabalhando atualmente para o meu irmão, como programador.</i></p> <p><i>Isso tudo me assustou, isso que aconteceu nessa empresa. Tive uma recaída muito forte, fiquei muito desanimado, só pensava nisso. Fiquei muito mal, ainda mais da forma que eles me trataram, fiquei muito decepcionado.</i></p> <p><i>Quando eu fui no exame médico demissional o médico não me liberou. Não aceitaram a carta do médico, o médico falou que eu não podia ser demitido, que eu tinha que ser encaminhado para o INSS.</i></p> <p><i>O meu psiquiatra disse que eu podia voltar a trabalhar. Então dava pra voltar e o médico do exame demissional não me liberou pra ser demitido. Era o mesmo médico que fez o exame admissional, e eu passei nesse exame, ele tinha me deixado apto para o trabalho, foi o mesmo, ele até lembrou de mim.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Fale-me sobre suas expectativas futuras: <p><i>Retornar ao mercado de trabalho né. Uma empresa mais séria (risos) e quem sabe num cargo assim, que eu me identifique mais, me sinta responsável ou</i></p>	<p><u>A busca por um novo emprego e a sensação de susto perante o ocorrido.</u></p> <p><u>A doença e a situação no trabalho: o ocorrido como fator de piora na saúde.</u></p> <p>Direitos e deveres: o médico frente a lei. O diagnóstico e avaliação da saúde sendo ignorados pelo RH.</p> <p><i>“O meu psiquiatra disse”: a saúde e desejo de trabalhar, frente ao medo do desconhecido por parte da organização.</i></p> <p><i>“Ele até lembrou de mim”- conforto e segurança com o médico, sensação de ser cuidado, e o mesmo disse que ele poderia voltar a trabalhar.</i></p> <p>O desejo de trabalhar, mostrar o que sabe e pode fazer.</p> <p>Questionamento sobre a seriedade da organização.</p> <p><u>A importância de identificar-se com o trabalho e a cultura da organização vindo a tona.</u></p>
--	--

<p><i>que pelo menos o que eu faça valha pra alguma coisa.</i></p> <p><i>É assim que você percebia sua função nesse trabalho?</i></p> <p><i>Eles não aceitavam parte do que eu fazia, é o jeito que eles trabalham lá. E isso pra mim era muito difícil, não tinha importância o que eu fazia, porque eles não arrumavam os erros que eu encontrava.</i></p>	<p><u>Ter algo que o faça sentir-se valorizado.</u></p> <p><u>Crítica ao trabalho e a cultura da organização.</u></p>
--	---

Temas Emergentes	Transcrição da Entrevista	Comentários Exploratórios
<p>Período curto de afastamento.</p> <p>Olhar para si- a licença necessária.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Quanto tempo esteve afastado? <p><i>Quinze dias.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Motivo: <p><i>Depressão, pânico, ansiedade. Foi bom tirar a licença porque eu não tava conseguindo ir no trabalho pela troca do remédio pra eu me recuperar eu precisava sair. Eu comecei a tomar paroxetina, e até se adaptar, o corpo se acostumar com o remédio, demora um pouco, uns dias</i></p>	<p>Período curto de afastamento.</p> <p>Doença psíquica- medicamentos de difícil adaptação.</p> <p><u>Vantagens da licença: o corpo despreparado para a rotina de horários de trabalho.</u></p>

<p>Relação de trabalho a curto prazo: 4 meses na organização.</p> <p>Percepção do que gosta ou não.</p> <p>Atividade diferente do combinado.</p> <p>Criticas ao trabalho: percepção do que não “funciona”.</p> <p>Direitos e deveres- as</p>	<p>Descreva sua trajetória profissional nesta empresa. Durante quanto tempo trabalhou lá?</p> <p><i>Trabalhei por 4 meses lá, eu gostava de algumas coisas, mas outras não me agradavam tanto. Eu fazia algo diferente do que eu esperava quando entrei lá.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Poderia me explicar mais?</i> <p><i>Quando me chamaram pra entrevista eu fui. Mas pela conversa, quando me explicaram o que eu ia fazer eu gostei, eu imaginava que ia ser algo diretamente ligado com a programação e na verdade era separado. Só que o “diretamente” é através de sistema e pelo jeito que é o sistema não dá certo.</i></p> <p><i>A empresa documentava erro, e eu achava erro e mostrava pra eles e eles diziam “esse erro passa, tudo bem” Eu achava ridículo, eu cansava de ver erros de português e isso é super fácil de arrumar, mas eles deixavam passar. ___Meu trabalho era procurar erros no sistema e</i></p>	<p>Avaliação do trabalho- trajetória curta, marcada por mágoas e desencontros.</p> <p>O não combinado como fator de mágoa.</p> <p><i>Utilização da palavra “Imaginava”: as expectativas pessoais frente à realidade do trabalho.</i></p> <p><u>A percepção do que também não funciona no trabalho. A doença física e o trabalho disfuncional.</u></p> <p>Desejo de ter mais responsabilidade.</p> <p><i>Utilização da frase “Eu achava ridículo”:</i> colocando-se enquanto crítico, demonstrando o conhecimento no processo e o desejo em fazer</p>
--	--	--

<p>vezes no trabalho deve-se fazer atividades que não gosta ou não concorda.</p>	<p><i>passava pra eles arrumarem, o outro setor que arrumava, os programadores. Eu achava os erros e não adiantava nada, eu olhava pra nada porque pra eles esses tipos de erros não eram erros, só era erro se fosse funcional, coisa que impactasse no sistema ou em conta, onde eu aprendi, onde eu estudei, isso é qualidade versus tempo e eles tinham muito retrabalho, porque a célula de qualidade era ruim, do jeito que eles faziam não era certo.</i></p>	<p><i>melhor.</i></p> <p>Atividade no trabalho percebida como não importante.</p> <p><i>Utilização da frase “eles deixavam passar”:</i> <i>questionamento sobre o outro e não identificação com o grupo, o método e o trabalho. Colocando-se fora desse grupo “eles”, os outros, diferentes de si.</i></p> <p>Crítica ao método de trabalho.</p>
<p>Percepção de que o que faz não é importante.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Porque você achou que seria diferente o que iria fazer? <p><i>A minha chefe me falou, na entrevista. Ela me falou uma coisa, mas depois era outra.</i></p> <p><i>Eu fiquei bem descontente logo no começo, depois com o trabalho de qualidade me motivou, mas quando eu vi que a</i></p>	<p><u>Questionamento sobre o que estudou, aprendeu e o que utilizava no trabalho, sentimento de frustração.</u></p> <p><u>Questionamento sobre o trabalho e sua função frente ao que sabe e o que deve fazer.</u></p> <p>Diferenças entre o que foi dito e o que realmente acontecia no trabalho.</p>
<p>Contradições do que o que foi dito e o que era feito.</p>	<p><i>qualidade tava ruim eu pensei até em conversar com o presidente, com quem eu tinha feito a entrevista pra entrar na empresa. Ia falar com ele com umas ideias pra melhorar a qualidade. Fiz duas páginas com uma lista de propostas de melhoria, mas ia</i></p>	<p><i>Repetição da palavra “falou” o que foi dito, combinado, reafirmando que acreditou naquilo porque foi realmente colocado.</i></p> <p>Descontentamento frente</p>

<p>Desmotivação frente a contradições: promessas e realidade.</p> <p>Desejo de melhoria.</p> <p>Difícil comunicação com a chefia.</p> <p>Limitações – a doença como fator.</p> <p>Desmotivação: não ver valor e importância no que</p>	<p><i>conversar com ele, mas antes ia falar com a minha chefe, mas era muito difícil falar com ela, ela vivia correndo, indo pra clientes. Não deu tempo de mostrar (risos) depois eu fiquei doente.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como você se sentia enquanto profissional desta organização? <p><i>Eu não me sentia valorizado, ficava bem desmotivado, o que eu fazia não tinha muito sentido, eram poucas coisas que eu fazia que eles arrumavam, eu achava que poderia render mais. Eu não gosto muito de ficar parado.</i></p> <p><i>Eu fazia também a parte de documentação, mas não gostava de documentar erro. Essa parte me intrigava porque nem no colégio pode documentar erro. Era novo pra mim. Eu fazia, sabia que tava errado, mas tentava aprender com o que era certo.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como era o ambiente de trabalho? 	<p>à realidade do trabalho.</p> <p>Desejo de trabalhar em algo que goste.</p> <p><u>Atitude frente ao descontentamento, se não pode mudar, procura conversar com quem possa.</u></p> <p><u>Respeito à hierarquia no trabalho: esperar para falar com a chefe antes de falar com o presidente, mesmo que isso o deixe paralisado.</u></p> <p><i>“Muito difícil falar com ela” dificuldades em comunicar-se com a chefia, ter o que dizer e não conseguir oportunidade de mostrar que pode fazer mais no trabalho.</i></p> <p><u>A utilização do riso como conforto, rir da situação para manter-se tranqüilo?</u></p> <p><i>“Não de tempo”: o desejo de mudanças e melhorias sendo impedido pela doença.</i></p> <p>Olhar para as próprias</p>
--	--	---

<p>faz.</p> <p>Direitos e deveres- as vezes no trabalho deve-se fazer atividades que não gosta ou não concorda</p> <p>Difícil comunicação co a chefia- muito ocupada.</p> <p>Questões com a relação direta a outro membro da equipe: diferentes atitudes e opiniões.</p>	<p><i>Gostava da chefe, mas ela era um pouco afastada, tava sempre em clientes, e eu tava na correria na empresa cuidando da parte de qualidade, e aí era outra mulher que me passava o serviço. Ela ficava teimando com tudo comigo e tudo que eu fazia ela achava que tava tudo errado. No inicio não falei nada, mas depois de uns dois meses comecei a falar. Ela não aceitava nenhum tipo de argumento e ela não dava o braço a torcer. Aí tinha coisa que eu fazia, ela dizia que tava errado, eu pesquisava, perguntava pro meu irmão que trabalha com isso, e descobria que eu tava certo e ela não entendia. Dava pra ver que ela não conhecia muito, não tinha experiência nenhuma em qualidade. Mas lá até que era legal, tirando a mulher preguiçosa (risos) (a sub-chefe), depois ela mudou bastante, mas o ambiente lá era bem mais tranquilo que em outros lugares que conheço, eu tinha amizade com o pessoal da outra área, da programação. Se eu pudesse, eu queria trabalhar programando, lá quando você começa fica</i></p>	<p>sensações: não sentir-se valorizado.</p> <p>Motivação e valorização: relação entre sentir-se disposto para fazer algo que considere importante.</p> <p><i>“Eu achava que poderia render mais”</i>: querer crescer enquanto profissional, avaliando-se naquele contexto.</p> <p><u>Fazer algo com o qual não concorda, mas tentar manter o emprego.</u></p> <p><i>“Eu fazia, sabia que tava errado”</i>: ter que fazer , sentimento de impotência perante o dever e o querer.</p> <p><u>Tentar aprender: buscando crescimento profissional no trabalho, mesmo sendo com a forma errada de trabalho.</u></p> <p><u>Dificuldade em encontrar-se com a chefia, muito ocupada.</u></p> <p><u>Responder a uma outra pessoa: dificuldade nessa relação.</u></p> <p><i>“Ela ficava teimando”</i>:</p>
--	---	--

<p>Mudança de comportamento frente a um descontentamento: poder falar o que não concorda.</p> <p>Críticas relacionadas ao trabalho.</p> <p>Desejo de trabalhar em algo mais valorizado para si mesmo.</p> <p>Desejo de mudança de</p>	<p><i>aprendendo uma área, mas tem chance de mudar.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Tinha faltas periódicas em seu histórico na organização?</i> <p><i>Faltei uma vez, tava com aqueles sintomas que eu tinha, náuseas, dor de cabeça. Fui no hospital, no pronto socorro e peguei um atestado de diarreia. Eu tava com medo de falar pra eles o que eu tinha, porque eu era muito novo lá, tava terminando o período de experiência. Ai depois eu precisei faltar de novo e fui no meu psiquiatra e ai ele aumentou a dosagem do remédio e me deu a licença do dia. E você sabe, né quando muda a dosagem de remédio demora pro organismo acostumar. Ai no mesmo dia liguei no trabalho e pedi pra falar com a minha chefe. Falei com o pessoal do RH também, que eu precisava falar com eles depois. Minha chefe falou pra eu ficar tranquilo, que ela ia me apoiar, pra eu ficar sossegado porque eles iam me dar todo o apoio. O RH falou a mesma coisa. A chefe, o RH e a sub chefe se falaram depois que eu liguei, e no dia</i></p>	<p><i>questionando o conhecimento do outro, criticando o trabalho.</i></p> <p>Mudança de atitude com o passar da relação: sentir-se a vontade para falar de algo que discorda.</p> <p><i>“Não dava o braço a torcer”</i>: <i>As atividades profissionais colocadas como desejo pessoal.</i></p> <p><u>Dificuldade de relacionamento com uma das pessoas com quem mais tinha contato.</u></p> <p><u>Crítica ao conhecimento do outro, alguém que tem um cargo diferente e que pode definir caminhos.</u></p> <p><u>“Não tinha experiência nenhuma”</u>: <u>está a mais tempo no trabalho, tem um cargo melhor, porém conhece menos.</u></p> <p><i>“Até que era legal”</i>: <i>procurar gostar, buscar bons motivos para manter-se no trabalho.</i></p> <p><i>“Se eu pudesse”</i>: <i>perceber as limitações e as oportunidades.</i></p> <p><u>Ter chance: motivo para continuar.</u></p>
---	---	---

<p>área.</p> <p>Medo de falar sobre o diagnóstico.</p> <p>Doença psicológica percebida como ruim.</p> <p>O medicamento como barreira inicial para o trabalho- o corpo deve organizar-se frente ao tratamento.</p> <p>Necessidade de desculpar-se pela ausência mesmo sendo esse um direito.</p>	<p><i>seguinte disseram que não sabiam o que iriam fazer comigo, não tinham uma posição, nem sabiam qual atitude eles iam tomar comigo por causa disso, da minha doença.</i></p> <p><i>Aí falei pra eles que eu queria trabalhar, que eu tava melhor, me cuidando, procurando tratamento. A minha chefe falou a mesma coisa que o RH, que não sabia o que ia fazer, e ficaram jogando um pro outro.</i></p> <p><i>Minha chefe falou que gostava muito de mim, do meu serviço e falou que ainda bem que eu tinha contado o que eu tinha, porque aí ela entendeu porque tava caindo minha produção. Ela falou que ia me apoiar, tava do meu lado e me disse que, pelo contrário, agora que ela ia me dar serviço pra eu melhorar logo. Aí eu me senti aliviado, tranquilo, porque eu tava com muito medo de falar, por ser novo na empresa. A partir disso, ela começou a me enviar para treinamentos.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Esses treinamentos eram frequentes na empresa? Que tipo de treinamento era? Quem 	<p>A falta relacionada a doença já existente.</p> <p>Trocar o motivo da doença: não querer apresentar o diagnóstico da doença psíquica.</p> <p><i>“Eu tava com medo de falar”</i>: expondo a angustia de mostrar o que tem, a dor física é mais fácil de ser entendida do que a psíquica.</p> <p><i>“E você sabe, né”</i>: desejo de ser entendido, explicar-se perante a impossibilidade de trabalhar frente ao medicamento.</p> <p>Ligar para o trabalho: justificando a ausência. Utilização da frase: <i>“eu precisava falar com eles depois”</i>: ansiedade em resolver, falar, dividir a angústia, não ter que esconder o que é.</p> <p><i>“Ela ia me dar todo apoio”</i>: Promessa verbalizada. <i>“Pra eu ficar sossegado”</i>: quer que o indivíduo não</p>
---	---	--

<p>Doença psicológica percebida como ruim</p> <p>Despreparo da organização frente ao novo.</p> <p>Relação com a chefia-ambigüidade.</p> <p>Desejo de trabalho.</p> <p>Relação com a chefia-ambigüidade.</p> <p>Mudança nas atividades frente ao diagnóstico: porque</p>	<p>mais participou?</p> <p><i>Eu nunca tinha visto ninguém fazer. Ai era eu e minha sub-chefe. Os treinamentos eram fora da empresa, eram gratuitos. As vezes tinha alguns dentro da empresa, um programador ficava ensinado umas coisas pra gente. Mas sempre tinha coisas pra fazer, fiquei melhor, por não ficar a toa, nem sem fazer muita coisa.</i></p> <p><i>Eu fiquei um pouco com medo de passar mal, mas enfrentei. Quando não tinha treinamento eu ficava trabalhando na mesma função, na minha. Às vezes tinha treinamento na empresa, coisa simples, formalidades. Isso durou cerca de 15 dias e aí foi o tempo de eu me afastar porque aí comecei a passar mal de novo, eles tavam me mandando pra reuniões que eu não conhecia, muito das coisas que eles mandavam eram novas, essas reuniões, eu ficava ansioso. Queria dar respostas pra eles, mas o fato de eu me cobrar muito e essas atividades novas, acho que influenciaram a ficar mal. Ai, depois veio a licença...</i></p>	<p>crie expectativas ruins em relação ao trabalho e a postura da organização e do grupo.</p> <p>Mudança do discurso após reunião entre setores.</p> <p>“Disseram que não sabiam o que iriam fazer comigo”: a doença psíquica transformando a postura e pré estabelecendo limites.</p> <p><u>“Qual atitude tomar”:</u> <u>como se o individuo não tivesse nenhuma possibilidade de retorno, trabalho ou decisão, a atitude tem que vir do outro?</u></p> <p>“Eu queria trabalhar”: <u>precisar pedir para continuar, demonstrar o desejo e responsabilidade.</u> A organização despreparada para a doença.</p> <p><u>“Um jogando pro outro”:</u> <u>ninguém quem se responsabilizar pelo desconhecido: Despreparo e preconceito?</u></p> <p><u>Discursos ambíguos da chefia: gostar do trabalho, apoiar a anteriormente disse que não sabia o que faria.</u></p> <p><u>Mudança de atitude da chefia: oferecer mais atividades. Muita atividade seria bom ou ruim? Porque foi preciso mudar as atividades se</u></p>
---	---	--

<p>mudou?</p> <p>Sensação de alívio frente a promessas da chefia.</p> <p>Mudança nas atividades frente ao diagnóstico: porque mudou?</p> <p>Olhar para si</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O que fazia durante o período de licença? <p><i>Dormia muito, passava mal no começo da licença por causa da troca dos remédios. Foi melhorando aos poucos, acho que em 10 dias mais ou menos eu já tava querendo voltar a trabalhar, só que como o médico passou 15 dias eu esperei pra voltar. Ai no 15º dia a mulher do RH ligou lá para saber se eu ia voltar, eu achei que ela tava preocupada comigo, mas depois eu vi que não era preocupação.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Você teve contato com pessoas do seu trabalho durante o afastamento? Como foi o contato, e com que frequência? Quem são as pessoas com quem teve contato, e quais os cargos na organização? <p><i>Na licença os colegas de trabalho me ligaram, achei legal eles terem ligado, da parte deles realmente foi preocupação, eles queriam saber como eu tava. Isso me motivou bastante a voltar.</i></p>	<p><u>não era esse o motivo do afastamento?</u></p> <p><i>“Me senti aliviado, tranquilo”: o apoio necessário frente ao medo devido a doença.</i></p> <p><u>Um dia de ausência fez tanta coisa mudar? O diagnóstico movimentando o grupo.</u></p> <p><u>Seria a mesma atitude se a ausência fosse por uma dor física? Qual o impedimento real nesse trabalho?</u></p> <p><u>“Eu nunca tinha visto”: o novo, porém não comentado- seria esse treinamento algo real? Ou simplesmente um modo de afastá-lo da função? Qual seria a real necessidade desse treinamento?</u></p> <p><i>“Não ficava a toa”: trabalhar, fazer-se presente, ter atividade como algo positivo e produtivo.</i></p> <p><i>“Medo de passar mal”: o medo presente mais uma</i></p>
---	---	---

<p>Dificuldades em lidar com pressão pessoal.</p>	<p><i>Com dois desses colegas que me ligaram, eu tenho contato até hoje. Teve um chefe de outra área, que, quando eu tava saindo, na demissão, veio falar comigo, mandou um e-mail pra saber como eu tava depois. Ele nem sabia que eu era programador, que essa era a minha formação, ficou todo impressionado quando eu falei e desapontado também com a reação do pessoal. Mas de chefe meu assim, ninguém me ligou.</i></p>	<p><i>vez. Inicialmente teve medo de contar, agora o medo de não acompanhar as atividades e adoecer novamente.</i></p>
<p>Dificuldades em lidar com pressão pessoal.</p>	<p><i>Como se sentiu ao voltar?</i></p>	<p><u>Mudança de função e responsabilidades: qual era a real função e porque existiu a alteração perante o diagnóstico?</u></p>
<p>Olhar para si- Durante a licença: necessidade de repouso físico e desejo de retorno após melhora.</p>	<p><i>Quando eu voltei da licença, por parte dos colegas de trabalho foi legal, eles ficaram brincando comigo, dizendo que eu tava voltando de férias, levei numa boa. Todo mundo preocupado, a minha chefe perguntou como é que eu tava, que era bom me ver daquele jeito e aí fui pedir serviço pra minha sub-chefe e ela falou que não tinha nada pra eu fazer, ficou enrolando, aí me ligaram do RH, meia hora depois que eu cheguei, foi realmente a recepção (risos).</i></p>	<p><i>“Eu não conhecia”:</i> O novo, inesperado e não combinado fazendo parte de uma nova dinâmica no trabalho após o diagnóstico.</p> <p><i>“Queria dar respostas”:</i> desejo de participar, crescer, mostrar que pode.</p> <p>Novas atividades e medo, ansiedade contribuindo com um novo afastamento, desta vez mais longo.</p> <p>A licença - sono e adaptação ao medicamento: necessidade real do corpo organizar-se frente ao tratamento.</p>

<p>Sensação de traição.</p> <p>Contato com os colegas de trabalho durante a licença, mas não da chefia.</p> <p>O cuidado dos colegas como motivação para o retorno.</p> <p>Percepção de ser valorizado pro algumas pessoas.</p>	<p><i>Me disseram que eles iam me demitir, que era pela minha saúde, pra eu me cuidar, pro meu bem, segundo eles.</i></p> <p><i>Eu não esperava por isso, até porque pela forma que eles conversavam comigo, o jeito que eles tratavam o assunto, me apoiaram quando contei. Fiquei bem triste, muito decepcionado com a atitude que eles tiveram.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como estava se sentindo quando o dia do retorno ao trabalho estava se aproximando? <p><i>Tava bem animado para voltar, eu comentava com a minha namorada que eu queria voltar, tava acostumado com o novo medicamento, eu tava animado, eu queria continuar, acho que seria bom o fato de ficar em casa parado acaba atrapalhando muito o tratamento, só o fato de eu ir pro trabalho, fazer coisas, e tinha o pessoal, já me deixava melhor, né.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Você sentiu a organização estava preparada para seu afastamento? Havia 	<p>Sensações na licença: desejo de voltar a trabalhar e impossibilidade física.</p> <p>Contato com o RH: somente no momento de retorno.</p> <p><i>“Achei que ela tava preocupada”</i>: esperar que o outro entenda, preocupe-se com o individuo e não somente com o retorno profissional.</p> <p><i>“Vi que não era preocupação”</i>: a transformação das relações frente a doença.</p> <p>Contato com os colegas de trabalho durante a licença, mas não da chefia.</p> <p>Sensação de ser querido por colegas.</p> <p>Amizade formada no trabalho.</p> <p><i>“Teve um chefe”</i>: alguém de uma posição de chefia se preocupou, trazendo a tona a sensação de</p>
---	---	--

<p>Sensação de traição.</p>	<p>políticas específicas ao afastamento? Houve resistência ao seu afastamento?</p>	<p><i>reconhecimento e cuidado.</i></p>
<p>Boa recepção dos colegas.</p>	<p><i>Quando eu me afastei, a empresa tava preparada para minha saída, até porque o que eu não tinha um cargo de muita importância. Até porque o que eu tava fazendo era o trabalho da minha sub-chefe. Então eu ia ser coberto por ela, talvez por isso não iria ser tão ruim eu sair. A política da empresa, que me passaram era que quem entrasse novo ia ficar um tempo com um funcionário, preparando ele até ele ir pra uma função. Era isso que eu tava fazendo. A minha chefe falou que queria me colocar como Suporte, pelo meu perfil e ela até comentou, no dia, se eu tava procurando tratamento, se eu tava me tratando, porque senão não ia poder ficar na função e perguntou como que eu tava. Eu disse que naquele momento eu não poderia ir pra visitar cliente, mas tava me tratando e logo ia poder. Ai ela disse que ia fazer o possível pra me ajudar, mas ela não fez. Tanto ela quanto o RH, não fizeram.</i></p>	<p><i>“Ficou todo impressionado”</i>: ser percebido no trabalho, valorizado por alguém, mesmo sendo no momento da saída.</p> <p><i>“Mas de chefe meu assim, ninguém me ligou”</i>: poderia ser outro chefe, esses não me ligaram. Para eles não tenho importância, para o outro talvez tivesse.</p>
<p>Comparação entre licença e férias.</p>	<p><i>Boa recepção dos colegas.</i></p>	<p><i>Boa recepção dos colegas.</i></p>
<p>Não saber o que fazer ao retornar : não ter atividade.</p>	<p><i>“Dizendo que eu tava de férias”</i>: brincadeira? Como o grupo percebe e entende a licença? O comentário foi para receber bem ou criticar?</p>	<p><i>Comparação da licença médica com as férias. Relação de ambigüidade com a chefia: diz que está preocupada, porém encaminha a responsabilidade de trabalho para outra pessoa, não colocando o individuo para trabalhar</i></p>
<p>Sensação de traição.</p>	<p><i>A demissão colocada como algo bom- ser demitido com o argumento de que isso era um cuidado, uma preocupação.</i></p>	<p><i>Comparação da licença médica com as férias. Relação de ambigüidade com a chefia: diz que está preocupada, porém encaminha a responsabilidade de trabalho para outra pessoa, não colocando o individuo para trabalhar</i></p>

	<ul style="list-style-type: none"> • O que você achava das regras da empresa? Você seguia? <p><i>Eu seguia as regras normalmente, até porque a política interna deles eu achava viável pro modo da empresa, eu seguia as restrições. Apesar de ter opinião um pouco mais liberal, antes era liberado, internet, e-mail, pesquisa. Agora só pode fazer pesquisa da microsoft, não o resto é tudo bloqueado. Antes era tudo liberado, pelo que eu sei, só que aí o pessoal abusava e aí eles restringiram, limitaram, tudo, por causa de uns 2 que abusavam.</i></p>	<p><u>em sua função no dia do retorno.</u></p> <p><i>“Não tinha nada pra eu fazer”: apos 15 dias de licença não existe mais o que fazer.</i></p> <p><i>“foi realmente a recepção”(risos) utilização do riso como recurso para amenizar a frustração e o sentimento de rejeição.</i></p> <p>A demissão: colocar no indivíduo a responsabilidade do tratamento e a demissão como algo de bom e de cuidado por parte da organização.</p>
Desejo do retorno.		<p><i>“Eu não esperava por isso”: O que foi dito sendo transformado, o apoio transformando-se em demissão.</i></p>
Percepção do trabalho como algo positivo para o tratamento.	<ul style="list-style-type: none"> • Como você se sente em relação a sua saúde atualmente? 	<p>Decepção com a demissão frente ao comportamento e ao que foi dito perante o diagnóstico.</p> <p><i>“Me apoiaram quando contei” apesar de imediatamente apo o diagnostico os superiores terem mudado de discurso, o individuo quer entender a mudança no comportamento. Contar o diagnostico, nesse caso, foi transformado num problema organizacional e entendido assim pela organização, mesmo sendo uma licença curta e o individuo retornando com desejo de trabalhar.</i></p>
Contato com o grupo de trabalho – positivo.	<p><i>Eu me sinto bem melhor do eu tava ha 9 a 6 meses atrás né. E ainda tenho um pouco de medo de dizer isso, mas to me sentindo preparado a voltar a trabalhar. To procurando emprego, enviando currículos e trabalhando atualmente para o meu irmão, como programador.</i></p>	

<p>Percepção de seu trabalho não ser importante.</p>	<p><i>Isso tudo me assustou, isso que aconteceu nessa empresa. Tive uma recaída muito forte, fiquei muito desanimado, só pensava nisso. Fiquei muito mal, ainda mais da forma que eles me trataram, fiquei muito decepcionado.</i></p>	<p><i>“Muito decepcionado”: a relação sendo transformada, o que ele realmente poderia esperar e o que ocorreu. A decepção frente ao prometido e a atitude diferente das palavras ditas.</i></p>
<p>Falta de função própria.</p>	<p><i>Quando eu fui no exame médico demissional o médico não me liberou. Não aceitaram a carta do médico, o médico falou que eu não podia ser demitido, que eu tinha que ser encaminhado para o INSS.</i></p>	<p>O desejo de voltar ao trabalho e a melhoria da saúde relacionados.</p> <p>O trabalho e o grupo como fatores motivadores para o retorno no trabalho.</p>
<p>Regras da organização.</p>	<p><i>O meu psiquiatra disse que eu podia voltar a trabalhar. Então dava pra voltar e o médico do exame demissional não me liberou pra ser demitido. Era o mesmo médico que fez o exame admissional, e eu passei nesse exame, ele tinha me deixado apto para o trabalho, foi o mesmo, ele até lembrou de mim.</i></p>	<p>A licença e a função: para ele seu trabalho não era importante e não faria falta no decorrer da licença.</p>
<p>Promessas relacionadas à saúde e tratamento.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Fale-me sobre suas expectativas futuras: <p><i>Retornar ao mercado de trabalho né. Uma empresa mais séria (risos) e quem sabe num cargo assim, que eu me</i></p>	<p><u>“Eu tava fazendo o trabalho da minha sub-chefe”- quando teria seu real trabalho?</u></p> <p><u>Mais promessas feitas pela chefia.</u></p>

<p>Limitações frente a doença.</p> <p>Sensação de ser traído</p> <p>Regras- seguidas apesar de não concordar totalmente com as mesmas.</p>	<p><i>identifique mais, me sinta responsável ou que pelo menos o que eu faça valha pra alguma coisa.</i></p> <p><i>É assim que você percebia sua função nesse trabalho?</i></p> <p><i>Eles não aceitavam parte do que eu fazia, é o jeito que eles trabalham lá. E isso pra mim era muito difícil, não tinha importância o que eu fazia, porque eles não arrumavam os erros que eu encontrava.</i></p>	<p><u>Preocupação real</u></p> <p><u>“Ela disse que ia fazer o possível pra me ajudar, mas ela não fez”- sentimento de traição?</u></p> <p><u>Promessas e atitude não explicada frente ao diagnostico. Seria a mesma situação em caso de diagnostico diferente?</u></p> <p><u>Apesar de não entender ou concordar com algumas regras da organização, seguia e tentava entender.</u></p>
--	--	---

<p>Saúde e necessidade de cuidados.</p> <p>Medo frente ao ocorrido.</p> <p>A medicina e o RH- diferentes posturas frente a diferentes perspectivas.</p> <p>Olhar para si.</p> <p>Sensação de traição.</p>		<p><u>Alterações de regras frente a quebras de limites- podemos comparar a licença e o adoecimento também como uma quebra de limites?</u></p> <p><u>Cuidado com a saúde e insegurança ainda frente ao diagnostico.</u></p> <p><u>A busca por um novo emprego e a sensação de susto perante o ocorrido.</u></p> <p><u>A doença e a situação no trabalho: o ocorrido como fator de piora na saúde.</u></p> <p>Direitos e deveres: o médico frente a lei. O diagnostico e avaliação da saúde sendo ignorados pelo RH.</p>
---	--	--

<p>Exame médico ignorado pela organização.</p> <p>Desejo de voltar ao mercado de trabalho.</p> <p>Percepção de que estava em lugar errado- esta organização não era boa para mim.</p>		<p>Olhar para si mesmo, perceber que não estava bem, agora está melhor.</p> <p><u>Buscar emprego: não somente a busca de emprego, mas de segurança, crescimento pessoal.</u></p> <p><i>“O meu psiquiatra disse”:</i> <i>a saúde e desejo de trabalhar, frente ao medo do desconhecido por parte da organização.</i></p> <p><i>“Ele até lembrou de mim”- conforto e segurança com o médico, sensação de ser cuidado, e o mesmo disse que ele poderia voltar a trabalhar.</i></p> <p>O desejo de trabalhar, mostrar o que sabe e pode fazer.</p> <p>Questionamento sobre a seriedade da organização.</p> <p><u>A importância de identificar-se com o trabalho e a cultura da organização vindo a tona.</u></p> <p><u>Ter algo que o faça sentir-se valorizado.</u></p>
---	--	--

		<p><u>Estar trabalhando, voltar a ter valor profissional, estar em um lugar onde tem respeito.</u></p> <p><u>Identificar-se com a atividade profissional, ver seu trabalho tendo mais valor. A saúde física e “profissional”?</u></p> <p><u>Crítica ao trabalho e a cultura da organização.</u></p>
--	--	---

Resultantes da questão da licença

O período da licença como algo necessário.

Falta de informação sobre como será o retorno.

Licença como desvantagem profissional.

Demissão.

*Abstração – Encontrando na análise “Temas Super- Ordenados”**Mudanças individuais considerando a licença*

Olhar para si (auto percepção)

Desejo de retorno após a recuperação da saúde.

Desejo de voltar ao mercado de trabalho.

Ter um “bom emprego”, estar em algum lugar que o valorize.

*Abstração – Encontrando na análise “Temas Super- Ordenados”**Interações Organizacionais*

Relações interpessoais – Contato com os colegas de trabalho durante a licença, mas não da chefia.

Função e atividades após a licença- perguntava o que era para fazer e não diziam nada.

Nova visão do espaço organizacional após o retorno: surpresa e crítica gerada após a demissão. Promessas feitas de apoio foram quebradas e a decisão de desligamento muda a relação.

<p><i>Resultantes da questão da licença</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • O período da licença como algo necessário. • Licença como desvantagem profissional. • Demissão- colocada enquanto “cuidado e preocupação”. <p><i>Mudanças individuais considerando a licença</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Olhar para si (auto percepção) • Desejo de retorno após a recuperação da saúde. • Desejo de voltar ao mercado de trabalho. • Ter um “bom emprego”, estar em algum lugar que o valorize. <p><i>Interações Organizacionais</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Relações interpessoais – Contato com os colegas de trabalho durante a licença, mas não da chefia. 		<p><i>Dormia muito</i></p> <p><i>por causa disso, da minha doença.</i></p> <p><i>pro meu bem, segundo eles.</i></p> <p><i>Fiquei bem triste</i></p> <p><i>queria continuar...</i></p> <p><i>Retornar</i></p> <p><i>valha pra alguma coisa.</i></p> <p><i>me ligaram...</i></p>
---	--	--

<ul style="list-style-type: none"> • Sentimentos relacionados ao contato. • Função e atividades após a licença. • Nova visão do espaço organizacional após o retorno: surpresa e crítica gerada após a demissão. Promessas feitas de apoio foram quebradas e a decisão de desligamento muda a relação. 		<p><i>motivou</i></p> <p><i>não tinha nada</i></p> <p><i>não esperava por isso</i></p>
---	--	--

Entrevista 4 : Carla

Transcrição da Entrevista	Comentários Exploratórios
<ul style="list-style-type: none"> • Quanto tempo está neste trabalho e como você se sente nela atualmente? <p><i>. Hum, 15 anos!... Hoje em dia eu gosto das pessoas, gosto de algumas pessoas. Tem pessoas lá com quem eu já tive problemas e hoje são minhas amigas. É que eu mudei de setor, o setor que eu tô agora é melhor, gosto mais, tô me sentindo mais útil.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Quando mudou para esse setor e porque isso ocorreu? 	<p>“Hoje em dia eu gosto das pessoas”: mudanças nas relações durante a trajetória profissional.</p> <p><u>Mudar de setor: como está em serviço público, não muda de emprego, mas pode mudar o setor, o grupo de trabalho e as atividades.</u></p> <p>Sentir-se útil: importância de fazer algo que acredita fazer diferença.</p>

<p><i>Mudei faz um tempo, mais de um ano, foi por um desentendimento com a chefia que ela me mandou pra lá, faz mais de um ano. As grandes licenças que eu peguei foram todas no setor antigo, com a mesma chefe.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como foram esses episódios das licenças? Como a organização entendeu e demonstrou isso para você? <p><i>Ah, não sei, a minha chefe na época era muito fechada, muito reservada sabe, então eu não sei até que ponto ela não gostou. Mas era tudo verdade, minhas licenças nem tinha como eu ficar evitando. Fiquei uma vez porque tive trombose, meu, não dá pra mentir, todas foram por motivos reais. Mas a vez que eu fiquei com tendinite ela ficou mais assim, eu já senti que ela e os outros já começaram a achar que era frescura minha. Apesar de que quando eu saí do trabalho, tava assim inchado (demonstra com a mão o braço gestualizando o inchaço) mas mesmo assim eu escutei do pessoal, eles falavam “ai ela não vai trabalhar no ano novo? Ela tá de plantão” e eu tava de licença. Não dava pra eu trabalhar.</i></p>	<p><i>Repetição da sentença: “Mas de um ano”: denotação de tempo, tudo mudou, faz tempo, é um novo lugar, com novas expectativas.</i></p> <p>Licenças ocorridas no antigo setor.</p> <p>Difícil comunicação com a chefia, impossibilitando saber como está sendo percebida.</p> <p><i>“Mas era tudo de verdade”:</i> necessidade de explicar e afirmar que estava mesmo doente e as licenças foram necessárias.</p> <p><i>“Meu, não dá pra mentir”:</i> reafirmando a necessidade e a dificuldade em aceitar que possa ter desconfiança frente a doença.</p> <p>Crítica dos colegas frente a licença.</p> <p><i>“Apesar de que...”:</i> mesmo com o sintoma físico, existe a crítica e a desconfiança.</p> <p>Grupo colocando-se predisposto ao questionamento frente à licença.</p> <p><i>“Escutei do pessoal”:</i> as críticas vindo de modo indireto e sem diálogo.</p>
---	--

<p><i>O pessoal falava, você sempre acaba ouvindo uma ou outra gracinha. Tem gente que fica falando “eu nunca tirei uma licença médica”, tem gente que fala: “Nossa! Acabou de voltar de licença e já vai tirar férias”.</i></p> <p><i>Mas eu não tenho papas na língua, então eu falo as coisas, fico falando quando eu vejo que eu to certa, tem gente que mente, tira licença, outro dia deu um rolo por causa disso. Eu não, tive que tirar licença de verdade mesmo. Na da tendinite ela começou a falar (refere-se aqui a chefe)), de fato nem era ela que falava, eram outras pessoas que falavam, pessoas próximas a ela, que trabalhavam lá, falavam que não era pra eu faltar, ficavam reclamando porque eu não fui. Aí eu falava “ah eu to de licença, to com atestado, então não volto, não dá pra eu trabalhar” Mas nessa vez eu acabei voltando antes, com o braço mobilizado pra trabalhar de tanto que ficaram falando.</i></p> <p><i>Agora tá funcionando assim, a partir de 40 ou 45 dias, não sei direito, eles cortaram a gratificação. Porque a gente ganha uma gratificação que é de uns quinhentos reais, e eles cortam quando a pessoa tem licença, pra coibir mesmo. Pra pessoa não tirar.</i></p> <p><i>Eu acho assim, que se eles duvidam que a pessoa tá doente de verdade, então</i></p>	<p><i>“Uma ou outra gracinha”: piadas e comentários frente ao afastamento, vistas e entendidas por ela como desrespeito.</i></p> <p>Comparação da licença médica com as férias.</p> <p><i>“Não tenho papas na língua”- falar ,mesmo tendo que brigar, questionar seus direitos.</i></p> <p><i>“tem gente que mente”- reconhecendo que existem doenças e licenças que poderiam ser inventadas.</i></p> <p><i>“De verdade mesmo”- necessidade de reafirmar a doença ,foi preciso tirar a licença.</i></p> <p>Comentários e desconfiança do grupo frente sua licença.</p> <p><i>“ah eu to de licença” – justificativa da ausência frente as criticas, brigando por um direito. Apesar de ser um direito, fica exposta a comentários e tem que se defender.</i></p> <p><i>“Acabei voltando antes”- retorna ao trabalho para não escutar mais criticas e comentários.</i></p> <p><u>O retorno antes do termino da licença- as regras ditadas pelo grupo através de comentários e criticas.</u></p> <p>Regras perante a licença- a gratificação é negada ao individuo afastado por um período maior de 45 dias.</p> <p>Direitos e deveres- quando a desconfiança ganha espaço de lei.</p> <p><u>Questionamento relacionado a confiança e doença no trabalho: a desconfiança relaciona-se ao individuo no trabalho ou</u></p>
--	--

<p><i>eles deveriam colocar gente de confiança, gente competente pra fazer a perícia, esses médico que fazem a perícia nem olham pra sua cara. Aí você tá em casa, doente e ainda fica sem dinheiro e o pior é que como você recebe retroativo, assim, você recebe dois meses depois, quando você vai ver acabou seu dinheiro, eu não tinha dinheiro para cobrir as contas, eu queria morrer!</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como as pessoas lidavam com seu retorno, acha que recebia algum tipo de tratamento diferenciado? <p><i>Não, nunca percebi nenhum tratamento diferente, é que eu trabalho em um serviço público, acredito que se eu tivesse em um emprego privado eu teria sofrido muito.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Outras pessoas estiveram de licença no decorrer desse período que trabalha lá? Como você percebeu essas licenças? <p><i>Teve, tiveram outras pessoas que tiraram licença sim, mas tem gente que pega bastante. Mas agora, como eles tão cortando, isso tá diminuindo, mas de fato, agora, muita gente que fica doente, pra não perder esse dinheiro acaba fazendo</i></p>	<p><u>ao perito?</u></p> <p>O papel da perícia frente à licença.</p> <p><u>A doença e a falta de pagamento: castigo?</u></p> <p><i>“Eu queria morrer” – a doença passa e a dificuldade financeira ultrapassa a questão da saúde, a sensação de derrota e perda.</i></p> <p><u>Apesar das críticas na licença, o retorno era tranqüilo.</u></p> <p><i>“Se eu tivesse um emprego privado”: o emprego público como segurança frente a licença. A estabilidade promovendo a tranquilidade no retorno. Então existe o pensamento de que se não fosse setor público poderia perder o emprego ou ter que vivenciar essa ameaça.</i></p> <p>Direitos e deveres: Férias como moeda de troca.</p> <p><u>A doença aparece e nem sempre é possível trabalhar doente, então é possível negociar a doença com os dias de lazer. A desconfiança frente a novas regras? Qual o papel real da perícia nesse sentido?</u></p>
--	---

acordo com a chefia, fica em casa, não dá pra trabalhar, mas aí troca pelas férias.

Ah, perai, lembrei de outra, outra vez que tive que tirar licença. Bom, tiveram 2 vezes, uma vez meu filho ficou doente, e não tem como, né, ele não podia ir pra escola aí eu tive que tirar uns dias para levar ao médico, cuidar dele. Mas antes disso, teve a história da gripe Suína. Naquela vez, lembra que não teve aula por duas semanas? Eu não podia deixar meu filho em nenhum lugar, ele não ia pra escola, então tentei adiantar as minhas férias. Eles não aceitaram, é complicado, acham de uma hora pra outra você encontra uma babá de confiança pra ficar com o seu filho, que você pode contratar alguém e em quinze dias todo o seu salário é pra pagar a pessoa. Eu não tenho ninguém que possa ficar com ele pra mim. E eu só queria antecipar uns dias das férias. Mas ela não deixou! (nessa época a entrevistada já estava respondendo à outro superior. Era uma antiga superior à sua chefia, para facilitar nosso entendimento no contexto geral da entrevista chamaremos de “Maria”).

Aí, né, fiquei desesperada, porque eu não tinha mesmo como ir, fui num ortopedista para ver aquele meu pulso que eu tinha tendinite, e aí, de verdade, ele descobriu que eu não tinha tendinite, tinha um desligamento de um nervo. E

“Ah, perai”: recordando situações, necessidade de contar, falar sobre a situação no trabalho e as necessárias licenças.

Diversas situações de afastamentos durante esse período de 15 anos.

Tentativa de negociar as férias para poder se ausentar, ter isso recusado a leva ao questionamento de direitos e deveres.

As regras podem ser questionadas, pois são flexíveis nesse contexto. Antecipar férias é aqui considerado possível para o caso de doença, porém não foi possível para alguém que precisa cuidar do filho, mas está saudável? O “não” como necessário ou como aviso de “poder”?

“Mas ela não deixou”: a decisão ocorre pelo desejo da chefia? Quais são as regras? São claras? O que pode ser feito realmente? É variável de acordo com a situação ou as pessoas?

A licença como auxílio: a doença que estava “esquecida” para o trabalho passa a ser considerada e “tratada” em função de uma necessidade pessoal externa ao trabalho.

“Eu não queria isso”: não querer estar de licença, não querer ter que ficar de

<p><i>tava inflamado, e aí ele mesmo me deu licença, de quinze dias. Eu não queria isso, mas não teve outro jeito, tive que “caçar” uma, é que acabei descobrindo então que eu tinha um problema no pulso mais sério do que eu pensava, mas eu preferia ter antecipado as minhas férias. O médico queria que eu fizesse uma cirurgia, mas que eu poderia decidir, pois eu estou num estágio não tão grave assim, eu optei por não fazer, vou deixar por enquanto assim, vai depender do meu nível de dor.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Mas isso, então, aconteceu mais recentemente, você já estava nesse novo setor, com outra chefia? <p><i>Ah é isso eu já tava nesse setor de agora, com essa chefia, que era na verdade a chefe do antigo chefe, era uma superior à nós dois.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Explique-me um pouco dessa dinâmica, dos setores, chefia, você teve alguns superiores enquanto trabalha nessa organização, então? <p><i>Teve uma época que meu chefe saiu de lá, foi embora. Então o cargo ficou vazio, aí eles me colocaram no lugar dele, não por nada, mas eu era a pessoa que mais conhecia o trabalho, os outros</i></p>	<p><i>licença para cuidar do filho. A dor da inflamação é desconsiderada frente a impossibilidade de dialogo e troca no trabalho. Quando o dialogo e a colaboração não existem, passa a existir a realidade da doença e da necessidade de dizer não.</i></p> <p><i>“Caçar” : não foi preciso inventar uma doença, ela existia e estava “esquecida” perante a necessidade de estar presente no trabalho.</i></p> <p><i>Evitar a cirurgia, levar adiante.</i></p> <p><u>Durante esse período de 15 anos, mudou de setor e de chefia, porém, as pessoas se conhecem e mantêm diferentes relações.</u></p> <p><i>Experiência em diferente setor, com maior salário e responsabilidade.</i></p>
---	--

todos eram mais novos ali. Então aceitei o cargo, mas eu não queria. Não queria porque sabia que não era fácil, era muito complicado o trabalho, mas o salário era melhor.

Nossa eu tive uma depressão, bom, não era bem depressão, o psiquiatra me disse que era alguma coisa pós traumática, ah, stress pós traumático, mas aí perguntei pra ele “ como assim, que trauma foi esse que eu tive?” aí ele falou pra mim, “ ah isso foi de toda sua situação de trabalho, seu serviço mesmo”. Porque como eu fiquei como chefe do departamento, eu tinha que fazer tudo, porque as outras pessoas que trabalhavam lá, a maioria era nova, não sabiam o serviço, e tudo que eles tinham que fazer, eles não sabiam, eu tinha que fazer tudo. Eu fazia a minha parte e depois tinha que ir a fazer a deles. Aí fiquei um tempo assim, não tava mais aguentando, então coloquei o cargo à disposição por uns meses, uns sete meses e eles não arrumavam ninguém pro cargo, e eu continuava indo como chefe. Um dia, eu tava super cansada, fui num médico homeopata e ele me afastou por quinze dias. Eu tava mesmo super cansada, estressada mesmo. Quando eu voltei pro trabalho, da licença, eles tinham colocado outra pessoa no meu lugar, quer dizer, não podiam trocar antes da minha volta,

Não desejava ter outras responsabilidades: a mudança como estressante e negativa.

Stress após o período com maior responsabilidade e salário de chefia.
Muito trabalho levou ao adoecimento.

“como assim, que trauma foi esse que eu tive?” apesar da dificuldade no trabalho e o cansaço, não conseguia associar o trabalho á doença.

Falta de experiência do grupo dificultando seu trabalho em supervisionar o setor.

Ter que se responsabilizar por tudo a levava a trabalhar no lugar dos outros.

“Coloquei o cargo a disposição”- mesmo sendo o salário maior não quis continuar, e o cargo permaneceu a disposição por alguns meses até a próxima licença.

O médico como tranqüilizador- “eu tava super cansada”- o cansaço tendo que ser tratado.

Retorno dessa licença: outra pessoa no cargo que ela deixou a disposição 7 meses antes.

mas pelo que eu sei, eles deixaram a papelada pronta esperando pra quando eu voltasse resolver. Aí, quando eu voltei, eles não me falaram nada disso, fiquei trabalhando como se eu fosse a chefe, sem saber de nada. Isso foi por dois meses.

- Mas você não percebeu pela diferença salarial?

Ah, não te falei que tudo é retroativo? Nessa época que descontaram a diferença de salário e uns descontos de vale transporte. Mas eu só vi isso dois meses depois, aí que eu fui descobrir que eu não era mais a chefe. Aí eu briguei é claro (risos) aí que eles me mudaram de setor, pra esse que eu to agora, aí eu virei a revoltada, né, a que “só reclamava”, a que “brigava”. A outra que entrou no meu lugar, hoje é minha amiga de novo, aí eu perguntei pra ela “escuta, porque você não me falou que você era a nova chefe?”

Porque assim, naquela época, quando eu voltei e continuei trabalhando como chefe, sem saber de nada, ela ficava fazendo outras coisas, e aí quando eu chamava ela, pra ensinar as coisas ela dizia que não tinha tempo, tava fazendo outra coisa.

Se eles queriam que eu passasse o serviço pra ela era só me falar, eu

“Não me falaram” – falta de comunicação entre o grupo, resultando em diferenças de salário e função.

Mudança salarial ocorrendo sem aviso, o que foi definido durante a licença não foi dito em seu retorno. Está longe do trabalho e passa a não fazer parte dele?
Distanciamento nas relações e decisões?

“Aí eu briguei”- ter que brigar para questionar o que aconteceu realmente. Não queria mais o cargo, mas queria estar a par de que o cargo não era mais seu. Programar-se diante as mudanças.

Transferência de setor frente ao desentendimento.

Utilização das palavras “aí virei a revoltada”- um modo de ser criticada por falar, questionar e não gostar de determinadas atitudes do grupo.

Falta de comunicação trazendo desentendimentos.

Ter a responsabilidade, o trabalho e não receber o salário de chefia. Seria somente um problema de comunicação?

“Era só me falar”- porque não foi avisada?
Desejo de punição? A comunicação é utilizada com ferramenta de manipulação

<p><i>trabalhei como chefe e ela que ganhou o salário sem eu saber. Aí quando eu fui falar com ela, ela me disse “ ai eu não falei nada porque essa foi uma decisão da diretoria, eu não tinha que falar, eles que tinham que avisar você”. Então eu fui falar com o diretor e ele me disse “ai você não sabia? Mas você tinha deixado o cargo à disposição”. Eu tinha mesmo deixado, mas eu tinha que saber antes né, porque eu queria que eles trouxessem alguém de fora, lá ninguém tava capacitado pra isso. Eu queria que eles colocassem no meu lugar, alguém com espírito de liderança, de conhecimento, disposição.</i></p> <p><i>Até então ela era minha amiga. Aí quando virou diretora, deu aquela briga, eu tava grávida, e ela me trocou de setor porque ela “não aguentava mais me ver” , foi assim, com essas palavras, mas aí ela comeu do mesmo pão, porque quando ela ficou grávida e saiu de licença, quando ela voltou colocaram outra no lugar dela!</i></p> <p><i>Antes disso, quando eu tava grávida e no novo setor, tinha uma avaliação que a gente recebia uma gratificação. E todo mundo no setor recebeu o papel da avaliação, menos eu. Aí eu liguei lá no setor pra perguntar e foi ela que atendeu aí ela falou pra mim “menina, se enxerga, você pensa que você é o que?” aí eu fiquei louca, ela falou</i></p>	<p><u>do grupo?</u></p> <p><u>Questionamentos perante a surpresa. Quer saber o por que, entender. A importância de receber uma explicação mesmo sendo a diferença salarial perdida por esses dois meses.</u></p> <p><u>Ninguém se responsabiliza pelo que não é dito.</u></p> <p><u>Desejo de ter alguém com mais capacitação liderando. Não conseguiu levar em frente o cargo, acreditava que outra pessoa daquele grupo conseguiria. Ter alguém novo, desejo de mudança e crescimento.</u></p> <p><u>“Até então ela era minha amiga”: as relações pessoais transformadas a partir das situações no trabalho.</u></p> <p><i>Utilização de “foi assim, com essas palavras”: precisando dividir a sensação de ser tratada de um modo que não a agradou, reproduzindo as exatas palavras ditas. Palavras duras e não profissionais.</i></p> <p><u>Receber tratamento diferenciado do grupo, não ser avisada ou não receber documentos que a beneficiassem , sendo esse um direito.</u></p> <p><i>“todo mundo, menos eu”- tratamento diferenciado a prejudicando e colocando-a na posição de questionadora.</i></p> <p><u>Intimidade de amizade transformada em autoridade? Assédio Moral?</u></p>
---	---

<p><i>assim mesmo no telefone aí eu falei pra ela “o interesse é meu de receber esse papel pra poder receber o meu dinheiro” isso na época que eu tava grávida.</i></p> <p><i>Nossa quando eu desliguei eu chorava, chorava, chorava de soluçar (nesse momento, a entrevistada fecha os olhos e coloca a mão na testa, enquanto balança a cabeça em sinal negativo).Nossa todo mundo foi lá tentar me acalmar, dizer pra eu não “ficar assim”, que eu tava grávida, aí que eu disse “eu to indignada, porque ela é mãe, ela não devia me tratar desse jeito” e a superior a ela (Aqui cita a “Maria”), que deveria ter me apoiado, nem fez nada, porque na época acho que ela fez a cabeça da chefe, falando de mim e a chefe (Maria), só tinha a visão de que eu era a briguenta, por causa da briga que tive antes de ir pro outro setor.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • E como essa situação se resolveu? <p><i>Aí fizeram uma carta, me deram o papel de avaliação pra preencher, aí ela demorou pra entregar, não sei se ela queria me sacanear, mas me sacaneou pra caramba.</i></p> <p><i>Ah, olha só, quando eu saí da chefia, sabe e fui pro outro setor, eu tinha que dar baixa no meu cargo, pra não ficar</i></p>	<p><i>Repetição de que estava “grávida” intensificando sua situação de sensibilidade.</i></p> <p><i>Repetição da palavra “chorava”: o sofrimento sendo lembrado e detalhado no momento da entrevista.</i></p> <p><u>A lembrança do ocorrido ainda magoa, mesmo já tendo trocado de setor.</u></p> <p>Apoio do grupo, porém falta de apoio de superiores.</p> <p><u>Ter a imagem de “briguenta”alguém que precisa sempre reclamar por direitos e seu espaço. Na situação de não receber avisos ou oportunidades, é preciso perguntar e nesse caso isso era feito através de brigas e discussões, no momento de questionamento era recebida com critica , e entoa brigava.</u></p> <p><u>Na relação de anos com o mesmo grupo, algum desentendimento poderia ser lembrado como “parâmetro de comportamento”?</u></p> <p><u>Manipulação de informações e tempo- podendo diminuir oportunidades e até prejudicar o indivíduo no trabalho.</u></p> <p><u>Oportunidades sendo manipuladas, não somente falta de comunicação, mas informações distorcidas.</u></p> <p><i>“AH, olha só”: lembrança de uma série de situações que a desagradaram, dividindo a experiência e colocando</i></p>
---	--

<p><i>mais como responsável, um dia, sem querer eu descobri que meu nome ainda tava como responsável, ou seja, se caso acontecesse algo de errado lá, eu teria que responder, sendo que eu já não tava lá como chefe há meses. Esse documento eu fiz assim que eu saí do cargo, e ela escondeu na gaveta, descobri isso do nada. Ela na época parece que tava sem um documento dela em dia pra poder ficar como responsável. “Meu”, umas coisas assim, que dá pra escrever um livro! Aí eu fui dar baixa nesse documento né, fiz isso referente à data que eu saí da função, desde que o papel tinha sido escondido.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Em relação a todas as suas licenças... Como você se sentia em casa? <p><i>Olha, na época das licenças grandes, que foram no começo, eu gostava bastante de trabalhar, depois que eu fui ficando desgostosa, aí eu gosto da licença, só não tanto porque tem desconto, mas o que me desmotiva é que as pessoas são desqualificadas, até a chefe é. Isso que me deixa sem vontade, eu queria trabalhar com pessoas mais motivadas e soubessem o que fazer. Aí como eu já fui chefe e você sabe como é quer ver as coisas andarem certo, sabe, e a chefia não tá nem aí. Aquela chefe, (a</i></p>	<p><i>detalhes do que se lembra. Querer ser compreendida.</i></p> <p><u>Ter que responder por algo que não é mais seu, se responsabilizar pelo outro, o mesmo que não a respeita, a coloca como responsável legal por qualquer situação de erro que pudesse ocorrer durante um período que a entrevistada não estava mais no cargo.</u></p> <p><i>“Ela escondeu na gaveta”: demonstrando a falta de confiança que existe, não acredita mais na pessoa que antes era uma amiga, e esta, por sua vez, ainda confia no profissionalismo da entrevistada, pois se algo ocorresse ela teria que ser a responsável pelo trabalho e setor.</i></p> <p><i>“Dá pra escrever um livro”: situações tão inesperadas e diferentes do que seria realmente o trabalho que poderia ser um livro, ficção, algo que não se deveria imaginar como real.</i></p> <p><u>A licença – quando gostava de trabalhar sentia falta de estar lá. Ao perder o interesse pelo trabalho a licença passa a ser uma aliada.</u></p> <p><u>Ter que pagar pela licença.</u></p> <p><i>Desejo de trabalhar com pessoas mais qualificadas, fazer o trabalho valer a pena, aprender e dividir conhecimento.</i></p> <p><u>Questionamento da postura da chefia. Colocando-se na posição que esteve em chefia e refletindo o que poderia ser diferente, o que não ocorre com as pessoas no cargo.</u></p>
---	---

chefe com quem Carla teve a discussão) operou o joelho, no ano passado e ficou quatro meses afastada, depois operou o outro e ficou mais cinco meses, se ela tivesse três joelhos ela iria operar os três. Acho que ela quer se aposentar e se ela for chefe na época da aposentadoria, vai ser melhor pra ela por causa do salário.

Na primeira vez que ela operou fui eu quem substituii ela. Eu não queria substituir, mas a superior (Maria) me pediu, depois, gostou do meu trabalho e queria que eu continuasse, ela disse que tinha uma visão diferente de mim, só sabia que eu era briguenta, mas depois ela descobriu que eu trabalho bem. Não é pra me gabar não, entre as pessoas que tem lá eu sou melhor mesmo, não tem muita opção.

Mas a outra que estava de licença tinha medo que eu pegasse o lugar dela. A Maria queria que fosse eu, mas eu não queria continuar nem se fosse pra ganhar R\$10.000,00 por mês.

Aí quando teve aquele lance da gripe suína, que a Maria não me deixou adiantar as férias e não me ajudou, eu pensei desta vez, bom se ela não me ajudou quando eu precisei, agora também não vou ajudar ela, não vou ficar como chefe, sofrer tudo de novo, só por que ela tá me pedindo, o dinheiro não vale a pena.

Outras pessoas em licença médica.

“Se ela tivesse três joelhos ela iria operar os três”: questionando a necessidade das cirurgias. Assim como foi questionada em suas licenças, agora coloca-se pensando na situação da outra pessoa. “As minhas licenças eram reais e eu fui criticada, não acredito que seja preciso operar os 2 joelhos”?

Voltou ao cargo de chefia, substituindo a colega que entrou em seu lugar quando a entrevistada estava de licença. Invertendo as situações.

“sou a melhor mesmo, não tem opção”: não se coloca como preparada, coloca simplesmente a questão das outras pessoas serem menos preparadas que ela.

O medo de quem está de licença- o lugar vago, a possibilidade de escolha de quem está próximo.

“nem se fosse pra ganhar R\$10.000,00”- a tranquilidade de continuar no seu cargo é mais importante do que o salário e a responsabilidade alta. Já adoeceu uma vez nesse cargo, não quer mais.

Desejo de tranquilidade, o que vale a pena é ter o trabalho e o salário atual, sem pensar em grandes mudanças, temendo o risco do sofrimento ou adoecimento frente ao cargo de chefia com o número de responsabilidades e tensão. Quer fazer por

<p><i>O pessoal é muito sem noção pra trabalhar, dá raiva. Que nem, agora que a Maria também vai ser mãe e ela não quis me antecipar as férias pra eu ficar com o meu filho... Agora eu quero ver como ela faz.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Atualmente, quais são suas perspectivas profissionais? <p><i>Olha, acho que não dá pra mudar daqui, eles não liberam assim pra outro lugar porque depois não conseguem repor a vaga, então tem que torcer pras coisas mudarem, as pessoas melhorarem, não sei, acho que vai ser assim mesmo, não tem muito o que mudar.</i></p>	<p><u>si, e considera que nesse cargo deve fazer o trabalho do grupo, que para a entrevistada é despreparado.</u></p> <p><i>“Sem noção pra trabalhar”:</i> o grupo poderia se ajudar mais, ter maior chance de trocas de oportunidades e apoio entre si.</p> <p><u>Pouca expectativa profissional, acredita que ficará trabalhando no mesmo lugar. Por ser funcionária pública não pretende abandonar o cargo e sabe que difícil ser transferida para outro lugar.</u></p>

	Transcrição a Entrevista	Comentários Exploratórios
Mudança nas relações pessoais no trabalho com o tempo.	<ul style="list-style-type: none"> • Quanto tempo está neste trabalho e como você se 	

<p>Refazer contatos antigos.</p> <p>Mudança na própria sensação de estar trabalhando- gostar do que faz.</p> <p>Sentir-se útil é importante.</p> <p>Desentendimentos no trabalho- mudança de setor.</p> <p>Diversas licenças no decorrer dos anos.</p>	<p>sente nele atualmente?</p> <p><i>Hoje em dia eu gosto das pessoas, gosto de algumas pessoas. Tem pessoas lá com quem eu já tive problemas e hoje são minhas amigas. É que ue mudei de setor, o setor que eu tô agora é melhor, gosto mais, tô me sentindo mais útil.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Quando mudou para esse setor e porque isso ocorreu? <p><i>Mudei faz um tempo, mais de um ano, foi por um desentendimento com a chefia que ela me mandou pra lá, faz mais de um ano. As grandes licenças que eu peguei foram todas no setor antigo, com a mesma chefe.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como foram 	<p>“Hoje em dia eu gosto das pessoas”: mudanças nas relações durante a trajetória profissional.</p> <p><u>Mudar de setor: como está em serviço público, não muda de emprego, mas pode mudar o setor, o grupo de trabalho e as atividades.</u></p> <p>Sentir-se útil: importância de fazer algo que acredita fazer diferença.</p> <p><i>Repetição da sentença: “Mas de um ano”: denotação de tempo, tudo mudou, faz tempo, é um novo lugar, com novas expectativas.</i></p> <p>Licenças ocorridas no antigo setor.</p>
--	--	---

<p>Comunicação enquanto barreira- não saber o que o outro pensa.</p> <p>A necessidade em explicar-se, provar que a doença era real.</p> <p>A necessidade em explicar-se, provar que a doença era real.</p> <p>A não aceitação do grupo perante um segundo afastamento.</p> <p>A doença física como prova- inchaço como verdade.</p>	<p>esses episódios das licenças? Como a organização entendeu e demonstrou isso para você?</p> <p><i>Ah, não sei, a minha chefe na época era muito fechada, muito reservada sabe, então eu não sei até que ponto ela não gostou. Mas era tudo verdade, minhas licenças nem tinha como eu ficar evitando. Fiquei uma vez porque tive trombose, meu não dá pra mentir, todas foram por motivos reais. Mas a vez que eu fiquei com tendinite ela ficou mais assim, eu já senti que ela e os outros já começaram a achar que era frescura minha. Apesar de que quando eu saí do trabalho, tava assim inchado (demonstra com a mão o braço gestualizando o inchaço) mas mesmo assim eu escutei do</i></p>	<p>Difícil comunicação com a chefia, impossibilitando saber como está sendo percebida.</p> <p><i>“Mas era tudo de verdade”:</i> necessidade de explicar e afirmar que estava mesmo doente e as licenças foram necessárias.</p> <p><i>“Meu, não dá pra mentir”:</i> reafirmando a necessidade e a dificuldade em aceitar que possa ter desconfiança frente a doença.</p> <p>Critica dos colegas frente a licença.</p> <p><i>“Apesar de que...”:</i> mesmo com o sintoma físico, existe a crítica e a desconfiança.</p> <p>Grupo colocando-se predisposto ao questionamento frente à</p>
---	---	--

<p>Criticas e comentários indiretos frente a licença.</p>	<p><i>peçoal , eles falavam “ ai ela não vai trabalhar no ano novo? Ela tá de plantão” e eu tava de licença. Não dava pra eu trabalhar.</i></p>	<p>licença.</p> <p><i>“Escutei do peçoal”:</i> as críticas vindo de modo indireto e sem diálogo.</p>
<p>Justificativa perante a doença.</p>	<p><i>O peçoal falava, você sempre acaba ouvindo uma ou outra gracinha. Tem gente que fica falando “eu nunca tirei uma licença médica”, tem gente que fala: “Nossa! Acabou de voltar de licença e já vai tirar férias”.</i></p>	<p><i>“Uma ou outra gracinha”:</i> piadas e comentários frente ao afastamento, vistas e entendidas por ela como desrespeito.</p> <p>Comparação da licença médica com as férias.</p>
<p>Criticas e comentários indiretos frente a licença.</p>	<p><i>Mas eu não tenho papas na língua, então eu falo as coisas, fico falando quando eu vejo que eu to certa, tem gente que mente, tira licença, outro dia deu um rolo por causa disso.</i></p>	<p><i>“Não tenho papas na língua”- falar ,mesmo tendo que brigar, questionar seus direitos.</i></p>
<p>Percepção de que algumas pessoas mentem sobre estar doente para ausentar-se no trabalho.</p>	<p><i>Eu não , tive que tirar licença de verdade mesmo. Na da tendinite ela começou a falar, de fato nem era ela que falava, eram outras pessoas que falavam, pessoas próximas a ela, que trabalhavam lá,</i></p>	<p><i>“tem gente que mente”- reconhecendo que existem doenças e licenças que poderiam ser inventadas.</i></p>
<p>Criticas e comentários indiretos frente a licença.</p>	<p><i>Eu não , tive que tirar licença de verdade mesmo. Na da tendinite ela começou a falar, de fato nem era ela que falava, eram outras pessoas que falavam, pessoas próximas a ela, que trabalhavam lá,</i></p>	<p><i>“De verdade mesmo”- necessidade de reafirmar a doença ,foi preciso tirar a licença.</i></p> <p>Comentários e desconfiança do grupo frente sua licença.</p>

<p>Ter que justificar a doença- o atestado médico comprovando a realidade da doença.</p>	<p><i>falavam que não era pra eu faltar, ficavam reclamando porque eu não fui. Ai eu falava “ah eu to de licença, to com atestado, então não volto, não dá pra eu trabalhar” Mas nessa</i></p>	<p><i>“ah eu to de licença” – justificativa da ausência frente as criticas, brigando por um direito. Apesar de ser um direito, fica exposta a comentários e tem que se defender.</i></p>
<p>Voltar ao trabalho ainda doente para não escutar criticas.</p>	<p><i>vez eu acabei voltando antes, com o braço mobilizado pra trabalhar de tanto que ficaram falando.</i></p>	<p><i>“Acabei voltando antes”- retorna ao trabalho para não escutar mais criticas e comentários.</i></p>
<p>Mudanças nas regras organizacionais frente a situações de licença.</p>	<p><i>trabalhar de tanto que ficaram falando.</i></p>	<p><u>O retorno antes do término da licença- as regras ditadas pelo grupo através de comentários e criticas.</u></p>
<p>A doença percebida pela organização como “desculpa”.</p>	<p><i>Agora tá funcionando assim, a partir de 40 ou 45 dias, não sei direito, eles cortaram a gratificação. Porque a gente ganha uma gratificação que é de uns quinhentos reais, e eles cortam quando a pessoa tem licença, pra coibir mesmo. Pra pessoa não tirar.</i></p>	<p>Regras perante a licença- a gratificação é negada ao individuo afastado por um período maior de 45 dias.</p> <p>Direitos e deveres- quando a desconfiança ganha espaço de lei.</p>
<p>O papel do perito sendo julgado- o perito tem que saber que o individuo está falando a verdade.</p>	<p><i>Eu acho assim, que se eles duvidam que a pessoa tá doente de verdade, então eles deveriam colocar gente de confiança, gente competente pra fazer a perícia, esses médico</i></p>	<p><u>Questionamento relacionado a confiança e doença no trabalho: a desconfiança relaciona-se ao individuo no trabalho ou ao perito?</u></p>
		<p>O papel da perícia frente à licença.</p>

<p>A licença e o castigo-descontos de pagamento frente a ausência no trabalho.</p> <p>Sensação de impotência.</p>	<p><i>que fazem a perícia nem olham pra sua cara. Aí você tá em casa, doente e ainda fica sem dinheiro e o pior é que como você recebe retroativo, assim, você recebe dois meses depois, quando você vai ver acabou seu dinheiro, eu não tinha dinheiro para cobrir as contas, eu queria morrer!</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como as pessoas lidavam com seu retorno, acha que recebia algum tipo de tratamento diferenciado? <p><i>Não, nunca percebi nenhum tratamento diferente, é que eu trabalho em um serviço público, acredito que se eu tivesse em um emprego privado eu teria sofrido muito.</i></p>	<p><u>A doença e a falta de pagamento: castigo?</u></p> <p><i>“Eu queria morrer” – a doença passa e a dificuldade financeira ultrapassa a questão da saúde, a sensação de derrota e perda.</i></p>
<p>Percepção de diferença entre emprego público e privado.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Outras pessoas estiveram de licença no decorrer 	<p><u>Apesar das críticas na licença, o retorno era tranquilo.</u></p> <p><i>“Se eu tivesse um emprego privado”: o emprego público como segurança frente a licença. A estabilidade promovendo a tranquilidade no retorno. Então existe o pensamento de que se não fosse setor público poderia perder o emprego ou ter que vivenciar essa ameaça.</i></p>

<p>Férias como moeda de troca.</p>	<p>desse período que trabalha lá? Como você percebeu essas licenças?</p> <p><i>Teve, tiveram outras pessoas que tiraram licença sim, mas tem gente que pega bastante. Mas agora, como eles tão cortando, isso tá diminuindo, mas de fato, agora, muita gente que fica doente, pra não perder esse dinheiro acaba fazendo acordo com a chefia, fica em casa, não dá pra trabalhar, mas aí troca pelas férias.</i></p>	<p>Direitos e deveres: Férias como moeda de troca.</p> <p><u>A doença aparece e nem sempre é possível trabalhar doente, então é possível negociar a doença com os dias de lazer. A desconfiança frente a novas regras? Qual o papel real da perícia nesse sentido?</u></p>
<p>Ausências no trabalho frente a situações de doença do filho.</p>	<p><i>Ah, perai, lembrei de outra, outra vez que tive que tirar licença. Bom, tiveram 2 vezes, uma vez meu filho ficou doente, e não tem como, né, ele não podia ir pra escola aí eu tive que tirar uns dias para levar ao médico, cuidar dele. Mas antes disso, teve a história da gripe Suína. Naquela vez, lembra que não teve</i></p>	<p><i>“Ah, perai”</i>: recordando situações, necessidade de contar, falar sobre a situação no trabalho e as necessárias licenças.</p> <p>Diversas situações de afastamentos durante esse período de 15 anos.</p>

<p>Falta de colaboração e entendimento por parte da chefia ou equipe.</p> <p>A doença como auxiliar.</p>	<p><i>aula por duas semanas?</i></p> <p><i>Eu não podia deixar meu filho em nenhum lugar, ele não ia pra escola, então tentei adiantar as minha férias . Eles não aceitaram, é complicado, acham de uma hora pra outra você encontra uma babá de confiança pra ficar com o seu filho, que você pode contratar alguém e em quinze dias todo o seu salário é pra pagar a pessoa. Eu não tenho ninguém que possa ficar com ele pra mim. E eu só queria antecipar uns dias das férias. Mas ela não deixou! (nessa época a entrevistada já estava respondendo à outro superior. Era uma antiga superior à sua chefia, para facilitar nosso entendimento no contexto geral da entrevista chamaremos de “Maria”).</i></p> <p><i>Aí, né, fiquei desesperada, porque eu não tinha mesmo como</i></p>	<p><u>Tentativa de negociar as férias para poder se ausentar, ter isso recusado a leva ao questionamento de diretos e deveres.</u></p> <p><u>As regras podem ser questionadas , pois são flexíveis nesse contexto. Antecipar férias é aqui considerado possível para o caso de doença, porém não foi possível para alguém que precisa cuidar do filho, mas está saudável? O “não” como necessário ou como aviso de “poder”?</u></p> <p>“Mas ela não deixou”: a decisão ocorre pelo desejo da chefia? Quais são as regras? São claras? O que pode ser feito realmente? É variável de acordo com a situação ou as pessoas?</p> <p><u>A licença como auxílio: a doença que estava “esquecida” para o trabalho passa a ser considerada e “tratada” em função de uma necessidade pessoal externa ao trabalho.</u></p>
--	---	--

<p>A doença como auxiliar.</p>	<p><i>ir, fui num ortopedista para ver aquele meu pulso que eu tinha tendinite, e aí, de verdade, ele descobriu que eu não tinha tendinite, tinha um desligamento de um nervo. E tava inflamado, e aí ele mesmo me deu licença, de quinze dias. Eu não queria isso, mas</i></p>	<p><i>“Eu não queria isso”: não querer estar de licença, não querer ter que ficar de licença para cuidar do filho. A dor da inflamação é desconsiderada frente a impossibilidade de dialogo e troca no trabalho. Quando o dialogo e a colaboração não existem, passa a existir a realidade da doença e da necessidade de dizer não.</i></p>
<p>Doença deixada de lado, enquanto puder.</p>	<p><i>não teve outro jeito, tive que “caçar” uma, é que acabei descobrindo então que eu tinha um problema no pulso mais sério do que eu pensava, mas eu preferia ter antecipado as minhas férias. O médico queria que eu fizesse uma cirurgia, mas que eu</i></p>	<p><i>“Caçar”:</i> não foi preciso inventar uma doença, ela existia e estava “esquecida” perante a necessidade de estar presente no trabalho.</p>
<p>Quando não existe colaboração por uma das partes, a outra parte também não procura colaborar.</p>	<p><i>poderia decidir, pois eu estou num estágio não tão grave assim, eu optei por não fazer, vou deixar por enquanto assim, vai depender do meu nível de dor.</i></p>	<p><i>Evitar a cirurgia, levar adiante.</i></p>
<p>Doença deixada de lado, enquanto puder.</p>	<p><i>• Mas isso, então, aconteceu mais</i></p>	

<p>Trocas de chefia durante o período de 15 anos.</p>	<p>recentemente, você já estava nesse novo setor, com outra chefia?</p> <p><i>Ah é isso eu já tava nesse setor de agora, com essa chefia, que era na verdade a chefe do antigo chefe, era uma superior à nós dois.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Explique-me um pouco dessa dinâmica, dos setores, chefia, você teve alguns superiores enquanto trabalha nessa organização, então? <p><i>Teve uma época que meu chefe saiu de lá, foi embora. Então o cargo ficou vazio, aí eles me colocaram no lugar dele, não por nada, mas eu era a pessoa que mais conhecia o trabalho, os outros todos eram mais novos ali. Então aceitei o cargo, mas eu não queria. Não queria</i></p>	<p><u>Durante esse período de 15 anos, mudou de setor e de chefia, porém, as pessoas se conhecem e mantêm diferentes relações.</u></p>
<p>Experiência própria como chefe.</p>	<p><i>Teve uma época que meu chefe saiu de lá, foi embora. Então o cargo ficou vazio, aí eles me colocaram no lugar dele, não por nada, mas eu era a pessoa que mais conhecia o trabalho, os outros todos eram mais novos ali. Então aceitei o cargo, mas eu não queria. Não queria</i></p>	<p>Experiência em diferente setor, com maior salário e responsabilidade.</p> <p><i>“não por nada” Não percebe-se enquanto alguém que pudesse ou tivesse merecimento em um cargo de mais responsabilidade, coloca-se somente como alguém mais antigo no setor.</i></p> <p>Não desejava ter outras responsabilidades: a mudança</p>

<p>Mais responsabilidade-stress- adoecimento.</p>	<p><i>porque sabia que não era fácil, era muito complicado o trabalho, mas o salário era melhor.</i></p>	<p>como estressante e negativa.</p>
	<p><i>Nossa eu tive uma depressão, bom, não era bem depressão, o psiquiatra me disse que era alguma coisa pós traumática, ah, stress pós traumático, mas aí perguntei pra ele “ como assim, que trauma foi esse que eu tive?” aí ele falou pra mim, “ ah isso foi de toda sua situação de trabalho, seu serviço mesmo”. Porque como eu fiquei como chefe do departamento, eu tinha que fazer tudo, porque as outras pessoas que trabalhavam lá, a maioria era nova, não sabiam o serviço, e tudo que eles tinham que fazer, eles não sabiam, eu tinha que fazer tudo. Eu fazia a minha parte e depois tinha que ir a fazer a deles. Aí fiquei</i></p>	<p><u>Stress após o período com maior responsabilidade e salário de chefia. Muito trabalho levou ao adoecimento.</u></p> <p>“como assim, que trauma foi esse que eu tive?” apesar da dificuldade no trabalho e o cansaço, não conseguia associar o trabalho á doença.</p>
<p>Despreparo do grupo no trabalho.</p>		<p><u>Falta de experiência do grupo dificultando seu trabalho em supervisionar o setor.</u></p> <p><u>Ter que se responsabilizar por tudo a levava a trabalhar no lugar dos outros.</u></p>
<p>Trabalhar por si e pelos outros.</p>		

<p>O salário não sendo suficiente para manter-se em um cargo de chefia.</p> <p>Substituição em cargo- falta de comunicação, não importando a intenção do ato.</p> <p>Falta de comunicação prejudicando o individuo e favorecendo outro.</p>	<p><i>um tempo assim, não tava mais aguentando, então coloquei o cargo à disposição por uns meses, uns sete meses e eles não arrumavam ninguém pro cargo, e eu continuava indo como chefe. Um dia, eu tava super cansada, fui num médico homeopata e ele me afastou por quinze dias. Eu tava mesmo super cansada, estressada mesmo. Quando eu voltei pro trabalho, da licença, eles tinham colocado outra pessoa no meu lugar, quer dizer, não podiam trocar antes da minha volta, mas pelo que eu sei, eles deixaram a papelada pronta esperando pra quando eu voltasse resolver. Ai, quando eu voltei, eles não me falaram nada disso, fiquei trabalhando como se eu fosse a chefe, sem saber de nada. Isso foi por dois meses.</i></p>	<p><i>“Coloquei o cargo a disposição”- mesmo sendo o salário maior não quis continuar, e o cargo permaneceu a disposição por alguns meses até a próxima licença.</i></p> <p><i>O médico como tranqüilizador- “eu tava super cansada”- o cansaço tendo que ser tratado.</i></p> <p><i>Retorno dessa licença: outra pessoa no cargo que ela deixou a disposição 7 meses antes.</i></p> <p><i>“Não me falaram” – falta de comunicação entre o grupo, resultando em diferenças de salário e função.</i></p>
---	---	---

<p>O salário como aviso- falta de comunicação no grupo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Mas você não percebeu pela diferença salarial? <p><i>Ah, não te falei que tudo é retroativo? Nessa época que descontaram a diferença de salário e uns descontos de vale transporte. Mas eu só vi isso dois meses depois, aí que eu fui descobrir</i></p>	<p><u>Mudança salarial ocorrendo sem aviso, o que foi definido durante a licença não foi dito em seu retorno. Está longe do trabalho e passa a não fazer parte dele? Distanciamento nas relações e decisões?</u></p>
<p>A troca de cargo sem o aviso.</p>	<p><i>que eu não era mais a chefe. Aí eu briguei é claro (risos) aí que eles me mudaram de setor, pra esse que eu to agora, aí eu virei a revoltada, né, a que “só reclamava”, a que “brigava”. A outra que entrou no meu lugar, hoje é minha amiga de novo, aí eu perguntei pra ela “escuta, porque</i></p>	<p><i>“Aí eu briguei”- ter que brigar para questionar o que aconteceu realmente. Não queria mais o cargo, mas queria estar a par de que o cargo não era mais seu. Programar-se diante as mudanças.</i></p>
<p>Brigar para conseguir respeito.</p> <p>Relações mudando durante os anos, momentos de brigas e retorno de amizades.</p>	<p><i>você não me falou que você era a nova chefe?”</i></p> <p><i>Porque assim, naquela época, quando eu voltei e continuei trabalhando como chefe,</i></p>	<p>Transferência de setor frente ao desentendimento.</p> <p><i>Utilização das palavras “aí virei a revoltada”- um modo de ser criticada por falar, questionar e não gostar de</i></p>

<p>Falta de comunicação para benefício de alguém.</p>	<p><i>sem saber de nada, ela ficava fazendo outras coisas, e aí quando eu chamava ela, pra ensinar as coisas ela dizia que não tinha tempo, tava fazendo outra coisa.</i></p>	<p><i>determinadas atitudes do grupo.</i></p> <p>Falta de comunicação trazendo desentendimentos.</p>
<p>Falta de comunicação para benefício de alguém.</p>	<p><i>Se eles queriam que eu passasse o serviço pra ela era só me falar, eu trabalhei como chefe e ela que ganhou o salário sem eu saber. Aí quando eu fui falar com ela, ela me disse “ ai eu não falei nada porque essa foi uma decisão da diretoria, eu não tinha que falar, eles que tinham que avisar você”. Então eu fui falar com o diretor e ele me disse “ai você não sabia? Mas você tinha deixado o cargo à disposição”. Eu tinha mesmo deixado, mas eu tinha que saber antes né, porque eu queria que eles trouxessem alguém de fora, lá ninguém tava</i></p>	<p><u>Ter a responsabilidade, o trabalho e não receber o salário de chefia. Seria somente um problema de comunicação?</u></p> <p><u>“Era só me falar”- porque não foi avisada? Desejo de punição? A comunicação é utilizada com ferramenta de manipulação do grupo?</u></p>
<p>Falta de comunicação para benefício de alguém.</p>	<p><i>disse “ai você não sabia? Mas você tinha deixado o cargo à disposição”. Eu tinha mesmo deixado, mas eu tinha que saber antes né, porque eu queria que eles trouxessem alguém de fora, lá ninguém tava</i></p>	<p><u>Questionamentos perante a surpresa. Querer saber o por que, entender. A importância de receber uma explicação mesmo sendo a diferença salarial perdida por esses dois meses.</u></p> <p><u>Ninguém se responsabiliza pelo que não é dito.</u></p>

<p>Relações pessoais transformadas a partir das situações no trabalho.</p>	<p><i>capacitado pra isso. Eu queria que eles colocassem no meu lugar, alguém com espírito de liderança, de conhecimento, disposição.</i></p> <p><i>Até então ela era minha amiga. Aí quando virou diretora, deu aquela briga, eu tava grávida, e ela me trocou de setor porque ela “não aguentava mais me ver” , foi assim, com essas palavras, mas aí ela comeu do mesmo pão, porque quando ela ficou grávida e saiu de licença, quando ela voltou colocaram outra no lugar dela!</i></p>	<p><u>Desejo de ter alguém com mais capacitação liderando. Não conseguiu levar em frente o cargo, acreditava que outra pessoa daquele grupo conseguiria. Ter alguém novo, desejo de mudança e crescimento.</u></p> <p><u>“Até então ela era minha amiga”</u>: as relações pessoais transformadas a partir das situações no trabalho.</p>
<p>Direitos e deveres- tratamento diferenciado, não recebendo benefícios ou direitos.</p>	<p><i>Antes disso, quando eu tava grávida e no novo setor, tinha uma avaliação que a gente recebia uma gratificação. E todo mundo no setor recebeu o papel da avaliação, menos eu. Aí eu liguei lá no setor pra perguntar e foi ela que atendeu aí</i></p>	<p><i>Utilização de “foi assim, com essas palavras”</i>: precisando dividir a sensação de ser tratada de um modo que não a agradou, reproduzindo as exatas palavras ditas. Palavras duras e não profissionais.</p> <p><u>Receber tratamento diferenciado do grupo, não ser avisada ou não receber documentos que a beneficiassem , sendo esse um direito.</u></p> <p><i>“todo mundo, menos eu”-</i></p>

<p>Agressão verbal frente ao questionamento de direitos.</p>	<p><i>ela falou pra mim “menina, se enxerga, você pensa que você é o que?” aí eu fiquei louca, ela falou assim mesmo no telefone aí eu falei pra ela “o interesse é meu de receber esse papel pra poder receber o meu dinheiro” isso na época que eu tava grávida.</i></p>	<p><i>tratamento diferenciado a prejudicando e colocando-a na posição de questionadora.</i></p> <p><u>Intimidade de amizade transformada em autoridade? Assedio Moral?</u></p>
<p>Brigar por direitos</p>	<p><i>Nossa quando eu desliguei eu chorava, chorava, chorava de soluçar (nesse momento, a entrevistada fecha os olhos e coloca a mão na testa, enquanto balança a cabeça em sinal negativo).Nossa todo mundo foi lá tentar me acalmar, dizer pra eu não “ficar assim”, que eu tava grávida, aí que eu disse “eu to indignada, porque ela é mãe, ela não devia me tratar desse jeito” e a superior a ela (Aqui cita a “Maria”), que deveria ter me apoiado, nem fez nada, porque na</i></p>	<p><i>Repetição de que estava “grávida” intensificando sua situação de sensibilidade.</i></p>
<p>Sofrimento emocional frente a maus tratos.</p>	<p><i>Nossa quando eu desliguei eu chorava, chorava, chorava de soluçar (nesse momento, a entrevistada fecha os olhos e coloca a mão na testa, enquanto balança a cabeça em sinal negativo).Nossa todo mundo foi lá tentar me acalmar, dizer pra eu não “ficar assim”, que eu tava grávida, aí que eu disse “eu to indignada, porque ela é mãe, ela não devia me tratar desse jeito” e a superior a ela (Aqui cita a “Maria”), que deveria ter me apoiado, nem fez nada, porque na</i></p>	<p><i>Repetição da palavra “chorava”: o sofrimento sendo lembrado e detalhado no momento da entrevista.</i></p> <p><u>A lembrança do ocorrido ainda magoa, mesmo já tendo trocado de setor.</u></p>
<p>Apoio do grupo frente a situação difícil no trabalho.</p>	<p><i>indignada, porque ela é mãe, ela não devia me tratar desse jeito” e a superior a ela (Aqui cita a “Maria”), que deveria ter me apoiado, nem fez nada, porque na</i></p>	<p>Apoio do grupo, porém falta de apoio de superiores.</p> <p><u>Ter a imagem de “briguenta”alguém que precisa sempre reclamar por direitos e seu espaço. Na situação de não receber avisos ou oportunidades, é preciso perguntar e nesse caso isso era feito através de brigas e discussões, no momento de questionamento era recebida</u></p>
<p>Percepção de não ter apoio da chefia, sensação de traição.</p>	<p><i>indignada, porque ela é mãe, ela não devia me tratar desse jeito” e a superior a ela (Aqui cita a “Maria”), que deveria ter me apoiado, nem fez nada, porque na</i></p>	<p><u>Ter a imagem de “briguenta”alguém que precisa sempre reclamar por direitos e seu espaço. Na situação de não receber avisos ou oportunidades, é preciso perguntar e nesse caso isso era feito através de brigas e discussões, no momento de questionamento era recebida</u></p>

<p>A visão que o grupo tem do indivíduo e a auto imagem, diferentes pontos de vista.</p>	<p><i>época acho que ela fez a cabeça da chefe, falando de mim e a chefe (Maria), só tinha a visão de que eu era a briguenta, por causa da briga que tive antes de ir pro outro setor.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • E como essa situação se resolveu? 	<p><u>com critica , e entoa brigava.</u></p> <p><u>Na relação de anos com o mesmo grupo, algum desentendimento poderia ser lembrado como “parâmetro de comportamento”?</u></p>
<p>Direitos e deveres- conseguindo o direito após ter que brigar por eles.</p>	<p><i>Aí fizeram uma carta, me deram o papel de avaliação pra preencher, aí ela demorou pra entregar, não sei se ela queria me sacanear, mas me sacaneou pra caramba.</i></p>	<p><u>Manipulação de informações e tempo- podendo diminuir oportunidades e até prejudicar o indivíduo no trabalho.</u></p>
<p>Sensação de traição</p>	<p><i>Ah, olha só, quando eu saí da chefia, sabe e fui pro outro setor, eu tinha que dar baixa no meu cargo, pra não ficar mais como responsável, um dia, sem querer eu descobri que meu nome ainda tava como responsável, ou seja, se caso acontecesse algo de</i></p>	<p><u>Oportunidades sendo manipuladas, não somente falta de comunicação, mas informações distorcidas.</u></p>
<p>Sensação de traição</p> <p>Atitudes do outro trazendo prejuízo ao indivíduo.</p>	<p><i>ou seja, se caso acontecesse algo de</i></p>	<p><i>“Ah, olha só”: lembrança de uma série de situações que a desagradaram, dividindo a experiência e colocando detalhes do que se lembra. Querer ser compreendida.</i></p> <p><u>Ter que responder por algo</u></p>

<p>Atitudes do outro trazendo prejuízo ao indivíduo.</p>	<p><i>errado lá, eu teria que responder, sendo que eu já não tava lá como chefe há meses. Esse documento eu fiz assim que eu saí do cargo, e ela escondeu na gaveta, descobri isso do nada. Ela na época parece que tava sem um documento dela em dia pra poder ficar como responsável. “Meu”, umas coisas assim, que dá pra escrever um livro! Aí eu fui dar baixa nesse documento né, fiz isso referente à data que eu saí da função, desde que o papel tinha sido escondido.</i></p>	<p><u>que não é mais seu, se responsabilizar pelo outro, o mesmo que não a respeita, a coloca como responsável legal por qualquer situação de erro que pudesse ocorrer durante um período que a entrevistada não estava mais no cargo.</u></p> <p><i>“Ela escondeu na gaveta”:</i> demonstrando a falta de confiança que existe, não acredita mais na pessoa que antes era uma amiga, e esta, por sua vez, ainda confia no profissionalismo da entrevistada, pois se algo ocorresse ela teria que ser a responsável pelo trabalho e setor.</p>
<p>Atitudes do outro trazendo prejuízo ao indivíduo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Em relação a todas as suas licenças... Como você se sentia em casa? 	<p><i>“Dá pra escrever um livro”:</i> situações tão inesperadas e diferentes do que seria realmente o trabalho que poderia ser um livro, ficção, algo que não se deveria imaginar como real.</p>
<p>Licença médica- vivida de modos diferentes de acordo com a relação do indivíduo com o trabalho.</p>	<p><i>Olha, na época das licenças grandes, que foram no começo, eu gostava bastante de trabalhar, depois que eu fui ficando desgostosa,</i></p>	<p><u>A licença – quando gostava de trabalhar sentia falta de estar lá. Ao perder o interesse pelo trabalho a licença passa a ser uma aliada.</u></p> <p><u>Ter que pagar pela licença.</u></p>

<p>Desmotivação no trabalho- ligada ao despreparo do grupo.</p>	<p><i>ai eu gosto da licença, só não tanto porque tem desconto, mas o que me desmotiva é que as pessoas são desqualificadas, até a chefe é. Isso que me deixa sem vontade, eu queria trabalhar com pessoas mais motivadas e soubessem o que fazer. Ai como eu já fui chefe e você sabe como é querer as coisas andarem certo, sabe, e a chefia não tá nem aí. Aquela chefe, (a chefe com quem Carla teve a discussão) operou o joelho, no ano passado e ficou quatro meses afastada, depois operou o outro e ficou mais cinco meses, se ela tivesse três joelhos ela iria operar os três. Acho que ela quer se aposentar e se ela for chefe na época da aposentadoria, vai ser melhor pra ela por causa do salário.</i></p>	<p>Desejo de trabalhar com pessoas mais qualificadas, fazer o trabalho valer a pena, aprender e dividir conhecimento.</p> <p><u>Questionamento da postura da chefia. Colocando-se na posição que esteve em chefia e refletindo o que poderia ser diferente, o que não ocorre com as pessoas no cargo.</u></p>
<p>Estar em outro cargo possibilita conhecer mais as dificuldades do trabalho.</p>	<p><i>Na primeira vez</i></p>	<p>Outras pessoas em licença médica.</p> <p><u>“Se ela tivesse três joelhos ela iria operar os três”:</u> <u>questionando a necessidade das cirurgias. Assim como foi questionada em suas licenças, agora coloca-se pensando na situação da outra pessoa. “As minhas licenças eram reais e eu fui criticada, não acredito que seja preciso operar os 2 joelhos”?</u></p>

<p>Trocas de funções frente a licença do outro, estar na situação inversa.</p>	<p><i>que ela operou fui eu quem substituiu ela. Eu não queria substituir, mas a superior (Maria) me pediu, depois, gostou do meu trabalho e queria que eu continuasse, ela disse que tinha uma visão diferente de mim, só sabia que eu era briguenta, mas depois ela descobriu que eu trabalho bem. Não é pra me gabar não, entre as pessoas que tem lá eu sou melhor mesmo, não tem muita opção.</i></p>	<p><u>Voltou ao cargo de chefia, substituindo a colega que entrou em seu lugar quando a entrevistada estava de licença. Invertendo as situações.</u></p>
<p>Auto percepção- percebe que faz um bom trabalho frente ao trabalho dos outros.</p>	<p><i>“sou a melhor mesmo, não tem opção”: não se coloca como preparada, coloca simplesmente a questão das outras pessoas serem menos preparadas que ela.</i></p>	<p><i>O medo de quem está de licença- o lugar vago, a possibilidade de escolha de quem está próximo.</i></p>
<p>O medo do outro de perder o lugar durante a licença.</p>	<p><i>Mas a outra que estava de licença tinha medo que eu pegasse o lugar dela. A Maria queria que fosse eu, mas eu não queria continuar nem se fosse pra ganhar R\$10.000,00 por mês.</i></p>	<p><i>“nem se fosse pra ganhar R\$10.000,00”- a tranquilidade de continuar no seu cargo é mais importante do que o salário e a responsabilidade alta. Já adoeceu uma vez nesse cargo, não quer mais.</i></p>
<p>O dinheiro não é suficiente para o risco e a responsabilidade do cargo.</p>	<p><i>Aí quando teve aquele lance da gripe suína, que a Maria não me deixou adiantar as férias e não me ajudou, eu pensei desta vez, bom se ela não me ajudou</i></p>	<p><i>“nem se fosse pra ganhar R\$10.000,00”- a tranquilidade de continuar no seu cargo é mais importante do que o salário e a responsabilidade alta. Já adoeceu uma vez nesse cargo, não quer mais.</i></p>

<p>A falta de apoio do outro trazendo agora a falta de colaboração.</p> <p>Percepção do grupo enquanto despreparado no trabalho.</p> <p>A falta de apoio do outro trazendo agora a falta de colaboração.</p>	<p><i>quando eu precisei, agora também não vou ajudar ela, não vou ficar como chefe, sofrer tudo de novo, só por que ela tá me pedindo, o dinheiro não vale a pena.</i></p> <p><i>O pessoal é muito sem noção pra trabalhar, dá raiva. Quem, agora que a Maria também vai ser mãe e ela não quis me antecipar as férias pra eu ficar com o meu filho... Agora eu quero ver como ela faz.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Atualmente, quais são suas perspectivas profissionais? 	<p><u>Desejo de tranquilidade, o que vale a pena é ter o trabalho e o salário atual, sem pensar em grandes mudanças, temendo o risco do sofrimento ou adoecimento frente ao cargo de chefia com o número de responsabilidades e tensão. Quer fazer por si, e considera que nesse cargo deve fazer o trabalho do grupo, que para a entrevistada é despreparado.</u></p>
<p>Conformismo.</p>	<p><i>Olha, acho que não dá pra mudar daqui, eles não liberam assim pra outro lugar porque depois não conseguem repor a vaga, então tem que torcer pras coisas mudarem, as pessoas melhorarem, não sei,</i></p>	<p>“Sem noção pra trabalhar”: o grupo poderia se ajudar mais, ter maior chance de trocas de oportunidades e apoio entre si.</p> <p><u>Pouca expectativa profissional, acredita que ficará trabalhando no mesmo lugar. Por ser funcionária pública não pretende abandonar o cargo e sabe que difícil ser transferida para outro lugar.</u></p>

Conformismo.	<i>acho que vai ser assim mesmo, não tem muito o que mudar.</i>	
--------------	---	--

Carla

Abstração – Encontrando na análise “Temas Super- Ordenados”

Resultantes da questão da licença

- Não percepção de tratamento diferenciado.
- Diversas situações de tratamento diferenciado.
- Licença como desvantagem profissional.
- Perda de cargo sem comunicação.
- Baixa expectativa profissional.

Abstração – Encontrando na análise “Temas Super- Ordenados”

Mudanças individuais considerando a licença

- O sentido no trabalho e o desejo de retorno da licença.
- Necessidade de brigar para manter seu espaço.
- Percepção de que o dinheiro não é o suficiente perante o stress.
- A licença como auxílio para a vida pessoal.

Abstração – Encontrando na análise “Temas Super- Ordenados”

Interações Organizacionais

- Relação de troca e cooperação abalada com o tempo.
- Função e atividades após a licença- troca de setor e atividade, responsabilidade “escondida”..
- Nova visão do espaço organizacional, despreparo do grupo desmotivada.

<i>Resultantes da questão da licença</i>	Página	Palavras chave
<ul style="list-style-type: none"> • Não percepção de tratamento diferenciado. • Diversas situações de tratamento diferenciado. • Licença como desvantagem profissional. • Perda de cargo sem comunicação. • Baixa expectativa profissional. <p><i>Mudanças individuais considerando a licença</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • O sentido no trabalho e o desejo de retorno da licença. 		<p><i>Não, nunca percebi nenhum tratamento diferente</i></p> <p><i>E todo mundo no setor recebeu o papel da avaliação, menos eu.</i></p> <p><i>cortaram a gratificação</i></p> <p><i>fiquei trabalhando como se eu fosse a chefe, sem saber de nada.</i></p> <p><i>não dá pra mudar</i></p> <p><i>ficando desgostosa</i></p> <p><i>... então não volto, não dá pra eu trabalhar”</i></p>

<ul style="list-style-type: none"> • Necessidade de brigar para manter seu espaço. • Percepção de que o dinheiro não é o suficiente perante o stress. • A licença como auxílio para a vida pessoal. <p><i>Interações Organizacionais</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Relação de troca e cooperação abalada com o tempo. • Função e atividades após a licença-troca de setor e atividade, responsabilidade “escondida”.. • Nova visão do espaço organizacional, despreparo do grupo desmotiva. 		<p><i>... menos eu.</i></p> <p><i>nem se fosse pra ganhar R\$10.000,00</i></p> <p><i>não teve outro jeito, tive que “caçar”uma.</i></p> <p><i>também não vou ajudar ela</i></p> <p><i>sem querer eu descobri</i></p> <p><i>não tem muita opção</i></p>
--	--	--

Entrevista 5 : Rita

Transcrição da Entrevista

Comentários Exploratórios

<ul style="list-style-type: none"> • Conte um pouco de sua trajetória profissional nessa organização: <p><i>Bom, eu trabalho lá a 17 anos, entrei como Office girl, passei como auxiliar de escritório, depois como escrituraria, agora eu to como auxiliar de seguros Junior. Então é assim, passei praticamente metade de minha vida até agora lá, eu to com 34 entrei com 17, então foi por ali né.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Durante esses anos você esteve afastada por licença médica. Conte-me sobre isso, quando foi? <p><i>Entreí foi em março de licença, março de 2009. entreí porque na verdade eu entreí em depressão, porque eu me endividei e na verdade eu nunca fiz isso,então aquela coisa, eu fiquei assim porque eu pensei, como eu cheguei nessa situação, aquilo me deixou totalmente desesperada, como se eu tivesse...aquilo me deixou totalmente desesperada, fiquei sem chão, como se eu tivesse...aquilo pra mim tinha acabado , eu queria de qualquer jeito acabar, falava “eu morri, eu não quero mais ficar aqui...”, então foi uma fase muito difícil pra mim, muito complicada, fiquei totalmente</i></p>	<p>Relação de longo prazo: 17 anos.</p> <p>Mudança de funções no decorrer da carreira- algo positivo.</p> <p><i>“Metade de minha vida até agora”:</i> muita coisa aconteceu durante sua vida no trabalho. Relação de longo prazo e não existe desejo de sair “até agora”.</p> <p>Diagnóstico: depressão.</p> <p><u>A doença relacionada com algo de sua vida pessoal, tornando sua vida profissional paralisada e distante?</u></p> <p><i>Utilização da frase: “fiquei sem chão”- A doença como sinal do desespero pessoal.</i></p> <p><i>“Eu morri...” demonstração do intenso sofrimento: desejo de morrer, esquecer. Impossível trabalhar, prover, movimentar-se.</i></p>
--	--

<p><i>desesperada, minha mãe me ajudou muito, segurou a onda comigo, ficou 24 horas comigo.</i></p> <p><i>Eu tive a síndrome do pânico também, eu não conseguia sair sozinha então ela ia sempre comigo, tenho muita saudade da minha mãe, agora ela não tá mais aqui, sinto muita saudade, pra mim foi assim um baque muito grande sabe, eu mal tava saindo da depressão e minha mãe se foi, nem sei como eu to agüentando tudo (chora). Eu vou seguir minha vida, to arrumando minhas coisas, não da pra fazer tudo de uma vez, mas aos poucos eu to resolvendo, to seguindo minha vida, prometi isso pra minha mãe. Quando minha mãe me pediu pra eu ficar bem eu reagi, to me cuidando mais. A preocupação da minha mãe era eu, e eu sabia disso, então to bem.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Você está há muito tempo na empresa, você estava nesse mesmo setor quando saiu de licença? <p><i>Eu sempre fiquei nesse setor, eu nunca sai dele, eu entrei nele como Office girl na mesma área só que eu entrei na parte de liquidação de sinistros, depois eu fui pra parte de processamentos que é onde eu to hoje, eu to há uns 14 anos no processamento, e não saio mais, e quero continuar lá se Deus quiser ainda vou</i></p>	<p>Apoio da família.</p> <p><u>Complicações psicológicas- impossibilidade de sair, estar sozinha. O tratamento era essencial.</u></p> <p><u>Perda da mãe meses após sua recuperação. Ainda emociona-se muito e interrompe a fala para chorar.</u></p> <p>Desejo de melhoria, mudanças e crescimento.</p> <p><i>“Não dá pra fazer tudo de uma vez”- sabe que o tratamento e a depressão foram difíceis e aprendeu a conhecer seus próprios limites.</i></p> <p><u>Motivação de melhoria por conta de fatores familiares.</u></p> <p>Apesar de mudar de funções sempre continuou no mesmo setor.</p> <p>Histórico na organização.</p> <p><i>“...e não saio mais...”desejo de continuidade, existe uma identificação</i></p>
--	---

<p><i>ficar por muito, muito tempo. (risos). Porque, assim, eu gosto de lá, não tem o que reclamar, é uma empresa boa, tudo o que a gente precisa eles procuram estar ajudando, tão lá, esses problemas todos que eu tive eles tavam lá. Eu não tenho nada do que reclamar. Tanto as cirurgias que eu já passei, eu tive um tumor há cinco anos, eles cobriram tudo, a minha cirurgia não foi barata, foi cara e eles cobriram tudo. Então assim, em relação a benefícios tem tudo, é tíquete restaurante, tíquete alimentação, é... Convenio médico, então assim, eu não tenho o que reclamar, ao contrario, eu tenho que agradecer, porque toda a vez que eu precisei eu tive apoio.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Me conte um pouco sobre sua relação com a pessoa responsável pelo seu setor : <p><i>Quando eu voltei, 2 meses depois minha chefe saiu, ela se aposentou. E ai tem uma outra pessoa no lugar, que o superintendente mandou a gente considerar como chefe, só que ela não tem o cargo ainda de chefe, a gente considera porque mandaram (risos), eles disseram considera, então a gente considera né, mas tem muita gente ali que não (risos) adianta , mas ela é meio difícil de lidar, totalmente diferente da outra, a outra era muito boa, parecia uma segunda mãe,era</i></p>	<p><i>com o lugar, parte de sua identidade é estar lá.</i></p> <p><u>Prazer no trabalho – “não ter o que reclamar”, satisfação com o que tem e o que a organização oferece.</u></p> <p><u>Doença anterior e afastamento com apoio da organização.</u></p> <p><u>Benefícios percebidos como qualidade da organização.</u></p> <p><i>“Eu tenho que agradecer”- o direito entendido como favor?</i></p> <p>Mudança de chefia.</p> <p><u>A antiga chefe ficou até a aposentadoria. Ambiente tranquilo? Grupo que trabalha junto a muito tempo?</u></p> <p><u>Comparações entre as pessoas no trabalho. A antiga chefe era uma “segunda mãe”...Importante lembrar que a entrevistada manteve uma relação muito boa com a mãe durante a doença e o afastamento, foi quem mais a apoiou.</u></p>
---	---

aquela coisa, tava sempre procurando conversar com a gente, essa daí já é meia (risos) diferente.

Quando você fez a cirurgia (do tumor 5 anos atrás) já era essa que se aposentou? Não era outro gerente, ele saiu, que também saiu porque se aposentou. Depois entrou a Maria, que é essa última, que também se aposentou e agora veio essa. Então assim, troca, porque na verdade a empresa não tá segurando mais, então deu tanto tempo de empresa, ou de anos, porque tem o tal do PAC que a gente tem direito que é a aposentadoria, que é um complemento, aquela coisa, então agora não tem mais isso, eu não lembro qual foi o ano certo mas parou de ter esse benefício. Então quem completou 55 anos de idade tinha direito a esse benefício, pegou o benefício e saiu. Então ela saiu, ele também, ele já era aposentado, ele prestava serviço pra empresa então ele também saiu, mas saíram com ele (risos) e assim vai.

- Na época que você pegou sua licença pra fazer essa cirurgia como ele reagiu?

Super bem, em relação a isso eu não tenho o que reclamar sabe, também me deram o maior apoio, não tinha também como falar não né, também foi tudo de emergência, não tinha nem opção,

Grupo muda com a aposentadoria. Clima tranquilo?

Mesmo grupo de trabalho desde sua adolescência. Poucas pessoas saem, e somente quando se aposentam.

Desejo de aposentar-se nessa organização?

Benefício colaborando para a mudança do grupo.

“Super bem” demonstrando o reconhecimento de ter sido bem tratada, ter recebido apoio. Mesmo sendo um direito, tem consciência de que o mesmo não ocorre em todos os lugares.

“Não tinha opção”: colocando a gravidade da situação como um dos

<p><i>eu tava de férias, foi meu primeiro dia de férias, eu recebi a notícia que eu tava com um tumor, aí foi toda uma bateria de exames, aí, assim, eu fiz uns exames numa terça, na quinta eu tava internada, aí no dia 07, no dia 07 de janeiro que eu me internei, do dia 07 até o dia 12 foi só exames, dia 13 foi minha cirurgia, 13 de 2005 foi minha cirurgia, aí eu fiz a cirurgia, aí assim, fiquei quase um ano afastada, não tive problema, voltei normal, trabalhei normal.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Nesse período de afastamento você teve contato com o pessoal do trabalho? <p><i>Tive, eles sempre me ligavam pra saber como é que eu tava, o pessoal que trabalha comigo, eles foram lá em casa, me visitar, ver como eu tava.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Seu chefe foi também? <p><i>Meu chefe não, ele ligou, tudo, mas é que ele era mais fechado, a gente até entendia o lado dele, ele até falava, manda lembrança pra ela, mas ele era mais fechado... Não exigia nada dele, como eu também não exigi dos outros, eles foram porque queriam saber mesmo como eu tava.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Esse grupo com que você trabalhava nessa época 	<p><i>fatores para receber apoio, sem ter que explicar-se e desculpar-se pela licença.</i></p> <p>O diagnóstico recebido nas férias- o tratamento inicia-se durante esse período.</p> <p>O histórico da primeira licença ocorrida em 2005.</p> <p><i>“Não tive problema, voltei normal”- a licença simplificada, retorno tranqüilo, volta ao trabalho, na mesma função, sem ser questionada.</i></p> <p>Contato com o grupo de trabalho durante a licença. O chefe telefona, mas não visita.</p> <p><i>“é que ele era mais fechado”- justificando a ausência do chefe na visita, reconhecendo seus telefonemas e lembranças.</i></p> <p><i>“não exigi nada”- recebendo a visita como uma gratificação. A preocupação e presença do grupo de trabalho como aceitação da licença e do adoecimento.</i></p>
--	--

<p>continua ate hoje?</p> <p><i>Continua, é o mesmo grupo, assim tem uma que se aposentou, mas o resto continua o mesmo grupo.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • E no ano passado, na época em que você esteve em depressão, como foi? Você ficou quanto tempo de licença? <p><i>Hummm acho que foi...cinco meses. Acho que foi, eu voltei em agosto então acho que foi isso.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Me fala mais sobre esse tempo, como foi isso? Você acha que foi diferente da outra licença, pra eles, pra você, como é que foi isso? Acredita ser diferente a licença por motivo da cirurgia e da depressão? <p><i>Não, acho que não foi diferente, acho que foi a mesma coisa. Em relação as pessoas foi a mesma coisa o mesmo tratamento, quando eu voltei não tive problema nenhum, ao contrario, todo mundo teve muito cuidado, sabe, “toma cuidado com o que vai falar, em que ponto vai tocar”, sabe aquela coisa de</i></p>	<p><u>Relação de longo prazo com o grupo. Diferencial para o cuidado e amizade?</u></p> <p>A licença recente.</p> <p><i>Utilização das palavras “acho que foi”, achar demonstrando não ter grandes referencias ao tempo de afastamento, ter sido tranquilo.</i></p> <p>Compara-se na licença anterior e a esta, não vê diferença no tratamento recebido pelos colegas no trabalho.</p> <p>Apoio no trabalho.</p>
--	--

<p><i>“não vamos falar muita coisa, deixa ela voltar” sabe aquela coisa de tomar cuidado? Então foi assim, em relação a empresa eu nunca tive problema, entoa é assim, eu já me afastei outras vezes, eu operei o ombro, por causa da síndrome do impacto, tendinite, eu já fiquei 6 meses afastada...Então assim, voltar, voltar, eu voltei normal.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Você voltou na mesma função? <p><i>Sim, na mesma função, assim, ninguém me tratou mal, sabe, “ah você ficou afastada, você não sei o que”, ah imagina, não tem isso lá, até porque não pode né, então se a gente percebe esse tipo de coisa a gente tem que procurar nossos direitos né, lá tem isso também, então não tem o que reclamar. O pessoal lá foi sempre bons amigos, entendeu.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Na época em que você foi para a perícia pra saber se você iria voltar ao trabalho ou não, como é que foi pra você? Você tinha vontade de voltar? <p><i>No começo não, no começo não.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Por que? <p><i>Eu tinha medo, tinha receio de voltar e ser mandada embora, também era</i></p>	<p><u>Percepção de que no ambiente de trabalho as pessoas estão preocupadas em não interferir ou questionar muito sobre o afastamento por cuidado a ela.</u></p> <p>Outra experiência de licença durante esse período de 17 anos.</p> <p><i>“voltar, voltar” Lembrando do retorno, pode voltar, ter seu trabalho, seu cargo e mesmos colegas, nada mudou em nenhuma das licenças.</i></p> <p><u>Percebe o grupo como companheiro, apoiando durante outra fase difícil de saúde.</u></p> <p>Não escutou comentários relacionados ao retorno ou questionamentos perante a licença.</p> <p>Não tinha desejo de retornar ao trabalho na primeira perícia.</p> <p>Medo do retorno.</p>
---	---

<p><i>uma grande dificuldade que a gente tinha, na verdade é um medo, porque é diferente, sabe, não sei como é que é lá fora, então depois de 16 anos você volta e bum é mandado embora, rua!</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque você achava que podia acontecer isso? <p><i>Não sei, na verdade talvez por eu estar mais debilitada minha cabeça raciocinava daquele jeito , não por nada, mas graças a Deus não aconteceu, na verdade ao contrário, o pessoal veio conversar comigo, eu tive muita força.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como foi o seu primeiro dia de retorno? <p><i>Meu primeiro dia? Ah na verdade eu fui antes de começar lá no serviço, eu conversei com a minha chefe, na verdade era uma outra pessoa que eu gosto muito e se eu pudesse escolher como minha chefe eu queria sabe, ela é de uma outra área, uma chefe de uma outra área , mas que eu tenho uma grande consideração entende?</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Você a conhece como, assim, como é que você tem contato com ela? <p><i>Ah a gente conversa assim , eu já trabalhei, ela já trabalhou com a gente no processamento, então o pessoal lá não</i></p>	<p><i>“não sei como é lá fora” o medo do novo, ter que lidar com uma inesperada busca por emprego, após anos na mesma organização caso a demitissem.</i></p> <p><u>Mesmo conhecendo a organização há tantos anos sentiu-se insegura com o retorno, sentiu medo de uma possível demissão.</u></p> <p><i>“mais debilitada” Sensibilidade do adoecimento trazendo a ela o medo, a insegurança do retorno.</i></p> <p><i>Apoio dos colegas.</i></p> <p><u>Resgatando lembranças do retorno. Retornar antes, conversar e preparar-se.</u></p> <p><i>“Era uma outra pessoa que gosto muito” – boas relações e confiança.</i></p> <p><i>“Se eu pudesse escolher como minha chefe...”- gosta de ter bom convívio, ter boas relações também significa trabalhar bem.</i></p> <p><u>Atenção e cuidado com quem não tem companhia. Desta vez ela teve a atitude de aproximar-se e hoje ela recebe companhia também.</u></p>
--	--

dava muita atenção pra ela então quem saia pra almoçar com ela era eu, mesmo ela tendo um cargo maior que eu era eu quem conversava com ela, eu saia com ela pra almoçar a gente conversava, a gente conversava muito. Então a amizade continua, assim, nunca o cargo dela foi diferença pra gente ter um contato, alguma coisa. Hoje a gente tá próxima, porque ela tá numa mesa de frente pra minha (risos) então é assim a gente continua tendo amizade. É assim, é ela tá numa mesma área, só que ela é chefe de uma outra parte da área, que é a parte do credenciamento. Então é assim, eu fico na parte do processamento e ela fica no credenciamento. Então não teve muito problema, então foi nessa hora que eu chamei as duas e falei, o porque do motivo de eu ter entrado em depressão, contei tudo, contei toda a verdade. Porque assim, aquilo tava me fazendo mal, então eu achei bom pra mim desabafar, contar, abri o jogo entendeu? Contar a verdade.

- Então nesse momento você estava de licença?

Tava, Ai depois não demorou muito, acho que em um mês eu voltei a trabalhar. Então assim, como eles já sabiam da situação foi muito mais fácil de lidarem também, né, tipo, porque “opa, o que que aconteceu né, eles iam

“Era eu quem conversava com ela” A relação de amizade comparando-se com cargos e hierarquias. Enquanto uma é chefe, na relação de amizade quem escolhe a relação é ela, a entrevistada.

“Hoje a gente tá próxima” relação mais uma vez colocada frente a situação de trabalho, a proximidade das duas no espaço e na relação de amigas frente ao apoio recebido após a licença.

O dialogo antes do retorno. A importância de falar o que ocorreu antes de voltar, colocar-se enquanto individuo, esclarecer o que sentiu, querer dividir a experiência antes de voltar enquanto profissional.

“Contar a verdade” - apesar da licença, era importante colocar-se, a situação que a fez adoecer precisava ser dita e então ficaria mais fácil lidar com esse adoecimento e com suas próprias expectativas pessoais.

Preparar o outro- a importância do que é dito, uma maneira de pedir auxilio, colaboração e apoio.

“eles iam falar”- supondo atitudes do outro, tentando preparar-se para ser bem recebida, colocando-se de frente a

<p><i>falar”Então foi mais simples, foi mais, éé...acho que o cuidado, foi, o que sempre teve também, mas acho que foi melhor pra mim, foi mais fácil a volta.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Então como eles de recepcionaram? <p><i>Muito bem, teve cartazes na minha mesa “Bem vinda”, aquela coisa, agora vamos voltar ao trabalho (risos), aquelas brincadeiras, risos, mas foi tudo normal, não teve muito o que questionarem , porque na verdade já sabiam qual era o real motivo, assim, não todo mundo mas as pessoas mais principais ali, assim, o superintendente, essas pessoas sabiam. Então eu cheguei a conversar ali, olha eu to arrumando as coisas , aos poucos, porque não vou conseguir arrumar tudo de uma vez (financeiramente), mas assim, eu assumo o que eu fiz, agora eu vou me regularizar financeiramente, porque não adianta , muita pressão eu não ia conseguir, ia ficar doente de novo, Mas ta tudo certo.</i></p> <p><i>Então é isso, continuo me tratando.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • E quais são suas perspectivas profissionais? Você tem um projeto de vida, um plano 	<p>possíveis questionamentos, mas optando por falar e contar com o entendimento.</p> <p><u>Pensando no retorno- visitar a organização antes do momento de volta aliviou as angustias e fantasias sobre voltar e ser recebida ou possivelmente demitida.</u></p> <p><i>“Bem vinda”- total apoio, sentir-se segura e parte do grupo.</i></p> <p><i>“aquelas brincadeiras”- não diz de que modo as brincadeiras são feitas, mas assume que engloba o ter de “voltar ao trabalho”.</i></p> <p><i>“não teve muito o que questionarem”- para ela o questionamento seria difícil, por isso resolveu ir antes e conversar com as responsáveis.</i></p> <p><u>Considerou colocar sua situação atual para os responsáveis principalmente por trabalhar em uma instituição financeira.</u></p> <p><u>Falar e expor a situação transforma- a em alguém livre e sem sentir-se pressionada.</u></p> <p><i>“Então é isso”- o voltar e esclarecer resolve a situação. O motivo que a adoeceu ainda permanece, mas para ela o mais difícil já foi feito e o tratamento a ajuda a resolver-se mantendo sua vida pessoal e profissional em seu lugar.</i></p>
--	--

<p>profissional?</p> <p><i>Na verdade eu quero, eu vou fazer minha faculdade, só não sei, provavelmente vou prestar agora no final do ano né, to estudando, pra no começo do ano eu entrar na faculdade, porque assim, eu quero prestar numa faculdade publica, não quero prestar pagando, mas é claro que eu vou prestar em duas, numa pública e numa particular pra ver se eu consigo passar, porque já tem muito tempo que eu to parada, entao uns 10 anos sem estudar, nem sei, 10, 11, 12 anos parada.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Entao durante esse período você não estudou? <p><i>Não ano quis, porque foi assim, eu terminei o colegial e parei.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • E lá onde você trabalha existe auxiliam nesse sentido? <p><i>Eles te ajudam, na verdade não sei o quanto, mas você entra com o pedido e daí eles falam o custo, em quanto eles vão te ajudar, a gente só fica sabendo mais próximo.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Então, assim, quando você pegou licença, não ter trabalho, não ter que ir ao trabalho, como era isso pra 	<p><u>Desejo de estudar- mesmo trabalhando todos esses anos não investiu em estudos e não tentou até o momento auxilio da organização para pagar a faculdade, mesmo sabendo que isso é possível.</u></p> <p><u>A organização proporcionou algum conforto? Não foi preciso investimento pessoal, mais estudos? Por que não preocupou-se com isso?</u></p>
---	--

<p>você?</p> <p><i>Ah então assim, no começo eu não sentia muito, porque era assim, era como se eu não comandasse meu corpo sabe, então era assim, eu não tinha vontade de fazer nada, queria ficar na cama, eu não queria ver ninguém, eu não queria comer, eu não queria fazer nada. Tanto que eu emagreci 8 kg. É...eu não tinha vontade de fazer nada, ver as pessoas então era muito difícil, quem eu queria ver, era muito raro, então do pessoal do meu serviço? Imagina, eu não queria ver nem pintado, ninguém. Quando me ligavam eu chorava, eu não queria falar com ninguém, eles ficavam preocupados, porque ninguém nunca tinha me visto daquele jeito e minha mãe coitada (risos) então as minhas colegas me ligavam e minha mãe ficava dizendo pra elas “fala com ela pelo amor de Deus, fala pra ela sair dessa depressão porque é muito triste ver minha filha desse jeito” (emocionada).</i></p> <p><i>Olha não é fácil essa situação. Eu nunca tinha passado por isso então a gente não sabe como que é, a gente ouve falar, mas só vai saber quando bate na nossa porta. Então quando eu passei por isso, minha mãe falou, “não acredito, minha filha”, né, pra ela foi muito difícil pra mim também, então...Foi muito difícil, enfrentar a situação.</i></p>	<p><u>A licença: o corpo precisando de descanso. Falta de desejo resultante da depressão.</u></p> <p><i>“Tanto que eu emagreci 8 kg” - o corpo deixando visível o sofrimento. Perde peso, desejo e motivação para a vida.</i></p> <p><u>Não querer comunicar-se, ficar só era tudo que podia naquele momento. Mesmo sabendo que as pessoas a procuravam, não conseguia ter a atitude de diálogo.</u></p> <p><u>A preocupação das colegas do trabalho e da mãe a tocava,mas naquele momento não era possível o contato.</u></p> <p>Lembrança do que passou a emocionada ainda.</p> <p>A dor de viver a depressão e recordar o próprio sofrimento e o sofrimento da mãe, que a acompanhou por todo o tempo.</p> <p><i>“Foi muito difícil enfrentar a situação” - refere-se a doença, sua preocupação com seu estado e a culpa em preocupar a mãe e depender totalmente desse apoio.</i></p>
--	---

- Em que momento você pensou em voltar a trabalhar , quando você começo a sentir vontade, isso aconteceu?

Sim, na verdade eu tinha um pouco de receio, mas na verdade eu não agüentava mais ficar em casa aí começa a dar aquela angustia, eu não queria mais ficar em casa, eu queria sair, mas ai eu comecei a sair, ir ao shopping pra ir passando o medo de sair, ai minha mãe e meu irmão saiam comigo, ia pra rua, ao shopping pra ir passando o medo de sair de casa, porque não tinha como minha mãe me levar e buscar no trabalho (risos) , não dava né, então eu precisava sair pra me preparar pra voltar. Eu precisava, sair, perder aquele medo pra eu poder enfrentar. Então ai foi a hora que eu comecei a sair mesmo pra rua , foi a hora que eu comecei a reagir e eu falei., não eu to ficando bem agora eu vou ter que voltar. Ai quando eu fui fazer a pericia o medico perguntou com é que eu tava e eu disse, eu to bem, eu quero voltar. Na verdade ele me deu três meses pra ficar em casa, ai eu disse que eu queria voltar.

- Você fez uma pericia? Ou mais?

Eu fiz duas, na primeira a médica

O desejo de voltar ao trabalho. Apesar da energia e do desejo de não estar mais em casa, existia o medo, provindo da doença. Mas a vontade de voltar à vida e aos afazeres foram mais fortes.

Apoio da família.

Tempo de recuperação- foi possível para ela sentir-se segura a tempo de voltar ao trabalho. Sair de casa, voltar aos poucos a participar da vida em uma cidade grande. Pegar transporte público, andar pelas ruas, e depois voltar a ir sozinha ao trabalho.

“eu to ficando bem, agora eu vou ter que voltar”-a auto avaliação e o desejo de estar de volta. “vou ter que voltar”, uma “obrigação” sentida por ela, onde “ter que” vem de sua auto avaliação, antes do prazo da licença terminar e da pericia dizer. O desejo de trabalhar e continuar a vida traz a ela movimentos contra a doença: “comecei a reagir”.

<p><i>me deu 30 dias e na segunda o médico deu 3 meses. Quatro, não cinco meses eu fiquei em casa.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>E então nesses 5 meses as pessoas do trabalho te ligavam com que frequência?</i> <p><i>Eles me ligavam direto, direto eles ligavam. Mas não falavam comigo, falavam com a minha mãe, eles queriam saber como é que eu tava. Eu não falava com ninguém, eu não queria ver ninguém. Eu não queria ver ninguém da minha família, eu não falava com ninguém, eu só queria ver a minha mãe, nem a minha Irma eu queria ver. Minha mãe era aquele apoio. No começo minha irmã ia me ver e eu dizia, sai daí eu não quero ver ninguém, eu chorava muito na cama, minha irma dizia que eu parecia um bicho acuado, ali sozinha. Ela também ficou desesperada, me via na cama , deitada, toda encolhida, minha sobrinha saiu chorando de casa de me ver naquela situação. Eu nunca tinha estado daquele jeito e quando pegou foi assim, eu tive desmaios, foi uma depressão muito forte.</i></p> <p><i>E ai a gente foi, foi... Até que chegou o momento que eu disse, não agora eu quero voltar (ao trabalho). E graças a Deus isso tá me ajudando muito também, porque eu não paro meu tempo pra ficar pensando em besteira, então o</i></p>	<p>Cinco meses de licença.</p> <p>O grupo do trabalho ligava, acompanhando a saúde do indivíduo.</p> <p>Necessidade de estar sozinha.</p> <p>Sofrimento da família perante a doença do indivíduo.</p> <p><i>“um bicho acuado” estar improdutivo, diferente, precisando de apoio.</i></p> <p>Sofrimento da família perante a doença do indivíduo.</p> <p><i>“Eu nunca tinha estado daquele jeito”o novo e assustador momento em que a doença toma força e comanda o corpo e as sensações.</i></p> <p>O desejo de retornar ao trabalho.</p>
--	---

<p><i>tempo que eu tenho ali é só trabalho, trabalho, trabalho, então é claro que a gente dá risada tudo, conversa, fala outras coisas, mas a maior parte do tempo é o serviço, então eu mexo muito com calculo e a minha cabeça, assim eu não posso me distrair em relação a calculo, valor, que é devolução, é emissão de apólice, então eu tenho que saber o valor certo, então imagina se eu começo a pensar em outras coisas, a pirar...eu não posso me distrair em relação a outras coisas.</i></p> <p><i>Hoje eu to bem, claro que você me vê chorando aqui, vai pensar essa menina não ta bem, mas eu to, é claro que perdi a minha mãe faz 3 meses então é isso que me deixa triste agora, mas em relação a depressão eu to bem. Minha mãe era o centro pra mim, o primeiro dia de trabalho, depois que eu voltei ao trabalho ela perguntou se eu tava bem, e eu disse, eu to bem. Minha família hoje me apóia muito, meu irmão hoje está morando comigo, tenho o apoio da família e isso ajuda.</i></p> <p><i>Olha, minha mãe ficou doente por um mês, foi tudo muito rápido, e ela era minha dependente do meu convenio, entoa eles cobriram tudo, entoa ta vendo eu não posso reclamar da minha empresa, você vê, o convenio cobriu todos os gastos da minha mãe, a única coisa que eles não</i></p>	<p>O trabalho como auxiliar na manutenção da saúde.</p> <p>O clima no trabalho- amizades colaborando para o ambiente agradável, sem atrapalhar a produtividade.</p> <p><i>“a pirar”o pensamento distante pode ser perigoso, sair da concentração poderia facilitar a lembrança do sofrimento e da doença.</i></p> <p><u>Tristeza diferente de depressão- assume a tristeza, mas reconhece que não é a doença.</u></p> <p><u>Apoio da família frente ao histórico da depressão e neste momento de luto.</u></p> <p><u>Percepção e reconhecimento do auxilio provindo dos beneficios do trabalho- o plano de saúde cobrindo as despesas da doença da mãe, sua dependente no convenio.</u></p>
--	---

<p><i>cobriram foi uma meia que ela precisou, mas isso a gente paga, R\$60 reais esse não era o problema,poxa, minha mãe ficou 20 dias não UTI, imagina o quanto ela gastou. Eu acompanhei minha mãe o tempo todo, o que eu pude fazer por ela eu fiz. Eu ficava o tempo todo com a minha mãe, eu ficava lá na UTI, eu ia lá, eu via ela.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Você chegou a faltar no trabalho para acompanhar a sua mãe? <p><i>Faltei, eles cobriram todos os meus dias que eu faltei.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como você resolveu isso no trabalho, ficou algo combinado? Em relação a faltas, horários, possíveis descontos? <p><i>Eles não descontaram nada, eu liguei avisando que minha mãe tinha piorado e que depois resolvia tudo em relação as faltas, descontos. Mas não, meu superintendente mandou abonar tudo, eles não me descontariam nada, aí tem também os 5 dias que a gente tem direito. Então assim, eu faltei 2 dias , fora os cinco, né porque minha mãe estava consciente, foi a ultima vez que eu via minha mãe consciente, eu não me arrependi de faltar, mesmo se tivesse descontado não era aquilo que ia</i></p>	<p><u>O plano de saúde percebido pelo individuo como bom, traz a ela a sensação de ser cuidada pela organização.</u></p> <p><u>Cuidados com a doença da mãe traz a ela ainda mais a sensação de gratidão pela organização.</u></p> <p>Faltas para acompanhar a mãe adoentada, não precisou repor as horas , nem foi descontada.</p> <p>Bom relacionamento na organização e colaboração por parte do grupo.</p> <p>A necessidade das faltas perante a doença da mãe e a licença após o falecimento mantiveram intactas as relações no trabalho.</p>
--	--

importar pra mim. Minha mãe não tava bem e eu queria ficar com ela. Então foi assim, no dia seguinte minha mãe entrou em coma, então a partir desse dia eu não fui trabalhar, isso foi numa quinta e entoa na sexta eu não fui trabalhar de novo, então eu liguei no trabalho avisando, e disse, olha, minha mãe não te bem, eu não vou trabalhar hoje, então se for o caso desconta das minhas férias, porque eu ia entrar em férias em fevereiro e isso era janeiro, eu disse, desconta das minhas férias, mas depois a gente acerta isso, eu não posso ir hoje mesmo. Porque a gente não sabia como iam evoluir as coisas né. Eu expliquei, a situação é essa, essa, e eu não quero perder os últimos dias com a minha mãe. E no domingo minha mãe faleceu mesmo, ela teve varias complicações e veio a falecer. Então eu não me arrependendo de não ter ido (trabalhar), porque eu precisava ficar com ela, se eles tivessem falado que ia descontar eu ia dizer, desconta, isso não ia fazer diferença pra mim porque o que importava era o tempo a mais que eu podia passar com a minha mãe. Então, mas o superintendente disse, pode cobrir, não descontaram das minhas férias também, eu saio normal de férias. Não descontaram.

Agora a vida continua né, a gente tem que caminhar, a vida continua. O

Oferecendo as férias como moeda de troca, isso não foi necessário.

Boa comunicação no trabalho.

Qualquer desconto seria pequeno se fosse preciso.

Momentos em que o trabalho é somente trabalho, a doença de alguém da família é muito importante e nada pode valer mais.

Um novo fortalecimento, retomando mais

<p><i>trabalho acaba ajudando né, a você não pensar tanto, o trabalho te ajuda a pensar em outras coisas, a resolver outros problemas.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Voltando um pouco ao seu ultimo período de afastamento por licença médica...Alguém ficou em teu lugar durante esse tempo? <p><i>Não, não chegou a precisar porque lá tinham outras pessoas que faziam esse mesmo serviço.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Você chegou a pensar nisso durante a licença? <p><i>Não, isso não, porque eu sei que lá eles não tem o costume de contratar muita gente (risos) sabe aquela coisa de ter as mesmas pessoas...até porque se for contratar alguém é temporário e é terceiro, então é por outra empresa, então é diferente, então colocar alguém ali no banco tem que ser definitivo, nao tive medo, se fossem colocar alguém ia ser temporário, nunca tive esse medo, nisso eu tava bem tranqüila. Ate quando eu voltei eu tava tranqüila. Eu cheguei a sentir esse medo quando eu tava com três dois meses e meio de licença, de voltar e eles me mandarem embora, depois passou. É que quando você tá em depressão você tá mais sensível a tudo né quando você tá com depressão, então</i></p>	<p><u>uma vez as atividades e a vida profissional.</u></p> <p>O trabalho como auxilio.</p> <p><u>Grupo continuou o mesmo no período da ausência. O mesmo grupo pode oferecer tranqüilidade e cooperação?</u></p> <p><u>A segurnaça em voltar para o mesmo cargo.</u></p> <p><u>No período de doença sente o medo apesar de conhecer o grupo e a organização. A doença abala a percepção e a sensação de segurança?</u></p>
--	--

<p><i>acho que o medo vem mesmo né... Mas de resto é tranqüilo.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • E quais são suas expectativas profissionais agora? <p><i>Tenho plano de continuar trabalhando lá, tenho, assim, lá é uma empresa boa, eu não posso reclamar, as pessoas são legais, o lugar é legal. Nós mudamos de lugar, agora o lugar é mais legal, então assim, eu to tranqüila. Quero fazer a minha faculdade, melhorar profissionalmente e continuar lá.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Tem mais alguma coisa que você lembre que você acha importante falar? <p><i>Não, acho que tudo que eu acho importante eu coloquei aí, que eu trabalho com pessoas muito bacanas, pessoas com quem eu posso contar, tenho amigos lá, pessoas que eu tenho um grande respeito um grande carinho. Algumas pessoas me ajudaram bastante.</i></p> <p><i>Acho eu empresa é muito correta, em relação á licença eu acho a empresa muito correta.</i></p>	<p><u>“Mas de resto é tranqüilo”- a insegurança provinda da doença, a possível perda de emprego são vistas como fantasiosas ao reencontrar o espaço de trabalho e seu lugar no retorno. Sentir-se segura no trabalho a deixa confortável para a produção.</u></p> <p><u>Desejo de continuidade, sensação de segurança e cuidado.</u></p> <p><u>Depois de 17 anos , agora pensa em voltar a estudar, investir em sua carreira e conhecimento.</u></p> <p><u>Necessidade de colocar sua gratidão, expor seu orgulho em trabalhar onde gosta, com pessoas que a respeitam, mesmo nos momentos em que ela não pode participar e colaborar.</u></p> <p><u>“pessoas que me ajudaram bastante”- gratidão. Qual seria a percepção dela em relação a esta organização se nunca tivesse adoecido?</u></p> <p><u>Sabe que tem direitos em tirar licença, mas isso transforma-se em colaboração e gratidão.</u></p>
--	---

--	--

	Transcrição da Entrevista	Comentários Exploratórios
Relacionamento de longo prazo com a organização.	<ul style="list-style-type: none"> Conte um pouco de sua trajetória profissional nessa organização: <p><i>Bom, eu trabalho lá há 17 anos, entrei como Office girl, passei como auxiliar de escritório, depois como escrituraria, agora eu to como auxiliar de seguros Junior. Então é assim, passei praticamente metade de minha vida até agora lá, eu to com 34 entrei com 17, então foi por ali né.</i></p>	Relação de longo prazo: 17 anos.
Diversas fases da vida no mesmo trabalho.	<ul style="list-style-type: none"> Durante esses anos você esteve afastada um período por licença médica. Conte-me sobre isso, quando foi? <p><i>Entreí foi em março de licença, março de 2009. entreí porque na verdade eu entreí em depressão, porque eu me endividei e na verdade eu nunca fiz isso, então aquela</i></p>	<p>Mudança de funções no decorrer da carreira- algo positivo.</p> <p><i>“Metade de minha vida até agora”: muita coisa aconteceu durante sua vida no trabalho. Relação de longo prazo e não existe desejo de sair “até agora”.</i></p> <p>Diagnóstico: depressão.</p> <p><u>A doença relacionada com algo de sua vida pessoal,</u></p>

<p>Licença por doença psicológica.</p>	<p><i>coisa, eu fiquei assim porque eu pensei, como eu cheguei nessa situação, aquilo me deixou totalmente desesperada, como se eu tivesse...aquilo me deixou totalmente desesperada, fiquei sem chão, como se eu tivesse...aquilo pra mim tinha acabado , eu queria de qualquer jeito acabar, falava eu morri, eu não quero mais ficar aqui..., então foi uma fase muito difícil pra mim,</i></p>	<p><u>tornando sua vida profissional paralisada e distante?</u></p> <p><i>Utilização da frase: “fiquei sem chão”- A doença como sinal do desespero pessoal.</i></p>
<p>O sofrimento relacionado ao diagnóstico.</p>	<p><i>muito complicada, fiquei totalmente desesperada, minha mãe me ajudou muito, segurou a onda comigo, ficou 24 horas comigo.</i></p>	<p><i>“Eu morri...” demonstração do intenso sofrimento: desejo de morrer, esquecer. Impossível trabalhar, prover, movimentar-se.</i></p>
<p>Olhar para si, a vida vista em uma perspectiva pessimista.</p>	<p><i>Eu tive a síndrome do pânico também, eu não conseguia sair sozinha então ela ia sempre comigo, tenho muita saudade da minha mãe, agora ela não ta mais aqui, sinto muita saudade, pra mim foi assim um baque muito grande sabe, eu mal tava saindo da depressão e minha mãe se foi, nem sei como eu to agüentando tudo (chora). Eu vou seguir minha vida, to arrumando minhas coisas,</i></p>	<p>Apoio da família.</p> <p><u>Complicações psicológicas- impossibilidade de sair, estar sozinha. O tratamento era essencial.</u></p> <p><u>Perda da mãe meses após sua recuperação. Ainda emociona-se muito e interrompe a fala para chorar.</u></p>
<p>O apoio da família</p>	<p><i>arrumando minhas coisas,</i></p>	

<p>O apoio da família</p>	<p><i>não da pra fazer tudo de uma vez, mas aos poucos eu to resolvendo, to seguindo minha vida, prometi isso pra minha mãe. Quando minha mãe me pediu pra eu ficar bem eu reagi, to me cuidando mais. A preocupação da minha mãe era eu, e eu sabia disso, então to bem.</i></p>	<p>Desejo de melhoria, mudanças e crescimento.</p> <p><i>“Não dá pra fazer tudo de uma vez”- sabe que o tratamento e a depressão foram difíceis e aprendeu a conhecer seus próprios limites.</i></p>
<p>Crescimento profissional no mesmo setor</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Você está há muito tempo na empresa, você estava nesse mesmo setor quando saiu de licença? <p><i>Eu sempre fiquei nesse setor, eu nunca sai dele, eu entrei nele como Office girl na mesma área só que eu entrei na parte de liquidação de sinistros, depois eu fui pra parte de processamentos que é onde eu to hoje, eu to há uns 14 anos no processamento, e não saio mais, e quero continuar lá se Deus quiser ainda vou ficar por muito, muito tempo. (risos). Porque, assim, eu gosto de lá, não tem o que reclamar, é uma empresa boa, tudo o que a gente precisa eles procuram</i></p>	<p><u>Motivação de melhoria por conta de fatores familiares.</u></p>
<p>Desejo de continuar na mesma organização.</p>	<p><i>Eu sempre fiquei nesse setor, eu nunca sai dele, eu entrei nele como Office girl na mesma área só que eu entrei na parte de liquidação de sinistros, depois eu fui pra parte de processamentos que é onde eu to hoje, eu to há uns 14 anos no processamento, e não saio mais, e quero continuar lá se Deus quiser ainda vou ficar por muito, muito tempo. (risos). Porque, assim, eu gosto de lá, não tem o que reclamar, é uma empresa boa, tudo o que a gente precisa eles procuram</i></p>	<p>Apesar de mudar de funções sempre continuou no mesmo setor.</p> <p>Histórico na organização.</p>
<p>Afeto pela organização crescendo durante a relação.</p>	<p><i>Eu sempre fiquei nesse setor, eu nunca sai dele, eu entrei nele como Office girl na mesma área só que eu entrei na parte de liquidação de sinistros, depois eu fui pra parte de processamentos que é onde eu to hoje, eu to há uns 14 anos no processamento, e não saio mais, e quero continuar lá se Deus quiser ainda vou ficar por muito, muito tempo. (risos). Porque, assim, eu gosto de lá, não tem o que reclamar, é uma empresa boa, tudo o que a gente precisa eles procuram</i></p>	<p><i>“...e não saio mais...”desejo de continuidade, existe uma identificação com o lugar, parte de sua identidade é estar lá.</i></p>

<p>Direitos e deveres: quando o direito é percebido como recompensa.</p>	<p><i>estar ajudando, tão lá, esses problemas todos que eu tive eles tavam lá. Eu não tenho nada do que reclamar. Tanto as cirurgias que eu já passei, eu tive um tumor há cinco anos, eles cobriram tudo, a minha cirurgia não foi barata, foi cara e eles cobriram tudo.</i></p>	<p><u>Prazer no trabalho – “não ter o que reclamar”, satisfação com o que tem e o que a organização oferece.</u></p>
<p>Apoio da organização sendo reconhecido.</p>	<p><i>Então assim, em relação a benefícios tem tudo, é tíquete restaurante, tíquete alimentação, é... Convenio médico, então assim, eu não</i></p>	<p><u>Doença anterior e afastamento com apoio da organização.</u></p>
<p>Grupo se mantendo o mesmo no decorrer dos anos.</p>	<p><i>tenho o que reclamar, ao contrario, eu tenho que agradecer, porque toda a vez que eu precisei eu tive apoio.</i></p>	<p><u>Benefícios percebidos como qualidade da organização.</u></p> <p><i>“Eu tenho que agradecer”- o direito entendido como favor? Apesar de saber que é um direito sente-se grata em receber.</i></p>
<p>Comparando a chefia com a mãe.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Me conte um pouco sobre sua relação com a pessoa responsável pelo seu setor : <p><i>Quando eu voltei, 2 meses depois minha chefe saiu, ela se aposentou. E ai tem uma outra pessoa no lugar, que o superintendente mandou a gente considerar como chefe, só que ela não tem o cargo ainda de chefe, a gente considera porque mandaram (risos), eles</i></p>	<p><i>Mudança de chefia.</i></p> <p><u>A antiga chefe ficou até a aposentadoria. Ambiente tranquilo? Grupo que trabalha junto a muito tempo?</u></p>

<p>O grupo sendo alterado por conta de aposentadoria.</p>	<p><i>disseram considera, então a gente considera né, mas tem muita gente ali que não (risos) adianta , mas ela é meio difícil de lidar, totalmente diferente da outra, a outra era muito boa, parecia uma segunda mãe,era aquela coisa, tava sempre procurando conversar com a gente, essa daí já é meia (risos) diferente.</i></p> <p><i>Quando você fez a cirurgia (do tumor 5 anos atrás) já era essa que se aposentou? Não era outro gerente, ele saiu, que também saiu porque se aposentou. Depois entrou a Maria,que é essa ultima, que também se aposentou e agora veio essa. Então assim, troca, porque na verdade a empresa não ta segurando mais, entoa deu tanto tempo de empresa, ou de anos, porque tem o tal do PAC que a gente tem direito que é a aposentadoria, que é um complemento, aquela coisa, então agora não tem mais isso, eu não lembro qual foi o ano certo mas parou de ter esse beneficio. Então que</i></p>	<p><u>Comparações entre as pessoas no trabalho. A antiga chefe era uma “segunda mãe”...Importante lembrar que a entrevistada manteve uma relação muito boa com a mãe durante a doença e o afastamento, foi quem mais a apoiou.</u></p> <p><u>Grupo muda com a aposentadoria. Clima tranquilo?</u></p> <p>Mesmo grupo de trabalho desde sua adolescência. Poucas pessoas saem, e somente quando se aposentam.</p> <p><u>Desejo de aposentar-se nessa organização?</u></p>
<p>O grupo sendo alterado por conta da aposentadoria.</p>	<p><i>Então que</i></p>	<p><u>Beneficio colaborando para a mudança do grupo.</u></p>

<p>Apoio do grupo e da organização frente a primeira licença.</p> <p>Diagnóstico emergencial-cirurgia ocorrendo durante o período de férias.</p> <p>Retorno da licença tranqüilo.</p>	<p><i>completou 55 anos de idade tinha direito a esse benefício, pegou o benefício e saiu. Então ela saiu, ele também, ele já era aposentado, ele prestava serviço pra empresa entoa ele também saiu, mas saíram com ele (risos) e assim vai.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Na época que você pegou sua licença pra fazer essa cirurgia como ele reagiu? <p><i>Super bem, em relação a isso eu não tenho o que reclamar sabe, também me deram o maior apoio, não tinha também como falar não né., também foi tudo de emergência, não tinha nem opção, eu tava de férias, foi meu primeiro dia de férias, eu recebi a noticia que eu tava com um tumor, aí foi toda uma bateria de exames, aí, assim, eu fiz uns exames numa terça, na quinta eu tava internada, aí no dia 07, no dia 07 de janeiro que eu me internei, do dia 07 até o dia 12 foi só exames, dia 13 foi minha cirurgia, 13 de 2005</i></p>	<p><i>“Super bem” demonstrando o reconhecimento de ter sido bem tratada, ter recebido apoio. Mesmo sendo um direito, tem consciência de que o mesmo não ocorre em todos os lugares.</i></p> <p><i>“Não tinha opção”:</i> colocando a gravidade da situação como um dos fatores para receber apoio, sem ter que explicar-se e desculpar-se pela licença.</p> <p>O diagnóstico recebido nas férias- o tratamento inicia-se durante esse período.</p> <p>O histórico da primeira licença ocorrida em 2005.</p>
---	---	---

<p>Contato com o grupo.</p>	<p><i>foi minha cirurgia, aí eu fiz a cirurgia, aí assim, fiquei quase um ano afastada, não tive problema, voltei normal, trabalhei normal.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Nesse período de afastamento você teve contato com o pessoal do trabalho? 	<p><i>“Não tive problema, voltei normal”- a licença simplificada, retorno tranquilo, volta ao trabalho, na mesma função, sem ser questionada.</i></p>
<p>Ligações do chefe.</p>	<p><i>Tive, eles sempre me ligavam pra saber como é que eu tava,o pessoal que trabalha comigo, eles foram lá em casa, me visitar ,ver como eu tava.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Seu chefe foi também? 	<p>Contato com o grupo de trabalho durante a licença. O chefe telefona, mas não visita.</p> <p><i>“é que ele era mais fechado”- justificando a ausência do chefe na visita, reconhecendo seus telefonemas e lembranças.</i></p>
<p>Relação de proximidade e confiança.</p>	<p><i>Meu chefe não, ele ligou, tudo, mas é que ele era mais fechado, a gente até entendia o lado dele, ele até falava, manda lembrança pra ela, mas ele era mais fechado. Não exigia nada dele, como eu também não exigi dos outros, eles foram porque queriam saber mesmo como eu tava.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Esse grupo com que você trabalhava nessa época continua ate 	<p><i>“não exigia nada”- recebendo a visita como uma gratificação. A preocupação e presença do grupo de trabalho como aceitação da licença e do adoecimento.</i></p>

<p>Grupo mantendo-se o mesmo por anos.</p>	<p>hoje?</p> <p><i>Continua, é o mesmo grupo, assim tem uma que se aposentou, mas o resto continua o mesmo grupo.</i></p>	<p><u>Relação de longo prazo com o grupo. Diferencial para o cuidado e amizade?</u></p>
<p>Período longo de licença.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • E no ano passado, na época em que você esteve em depressão, como foi? Você ficou quanto tempo de licença? <p><i>Hummm acho que foi...cinco meses. Acho que foi, eu voltei em agosto então acho que foi isso.</i></p>	<p>A licença recente.</p> <p><i>Utilização das palavras “acho que foi”, achar demonstrando não ter grandes referencias ao tempo de afastamento, ter sido tranqüilo.</i></p>
<p>Cuidado do grupo em relação ao bem estar do individuo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Me fala mais sobre esse tempo, como foi isso? Você acha que foi diferente da outra licença, pra eles, pra você, como é que foi isso? Acredita ser diferente a licença por motivo da cirurgia e da depressão? 	
<p>Diversos afastamentos no decorrer dos anos.</p>	<p><i>Não, acho que não foi diferente, acho que foi a mesma coisa. Em relação as pessoas foi a mesma coisa o mesmo tratamento, quando eu</i></p>	<p>Compara-se na licença anterior e a esta, não vê diferença no tratamento recebido pelos colegas no trabalho.</p> <p>Apoio no trabalho.</p>

<p>Retorno na mesma função.</p>	<p><i>voltei não tive problema nenhum, ao contrario, todo mundo teve muito cuidado, sabe, toma cuidado com o que vai falar, em que ponto vai tocar, sabe aquela coisa de “não vamos falar muita coisa, deixa ela voltar” sabe aquela coisa de tomar cuidado? Então foi assim, em relação a empresa eu nunca tive problema, entoa é assim, eu já me afastei outras vezes, eu operei o ombro, por causa da síndrome do impacto, tendinite, eu já fiquei 6 meses afastada...Então assim, voltar, voltar, eu voltei normal.</i></p>	<p><u>Percepção de que no ambiente de trabalho as pessoas estão preocupadas em não interferir ou questionar muito sobre o afastamento por cuidado a ela.</u></p> <p>Outra experiência de licença durante esse período de 17 anos.</p> <p><i>“voltar, voltar” Lembrando do retorno, pode voltar, ter seu trabalho, seu cargo e mesmos colegas, nada mudou em nenhuma das licenças.</i></p>
<p>Amizade entre o grupo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Você voltou na mesma função? <i>Sim, na mesma função, assim, ninguém me tratou mal, sabe, “ah você ficou afastada, você não sei o que”, ah imagina, não tem isso lá, até porque não pode né, então se a gente percebe esse tipo de coisa a gente tem que procurar nossos direitos né, lá tem isso também, entoa não tem o que reclamar. O pessoal lá foi sempre bons</i> 	<p><u>Percebe o grupo como companheiro, apoiando durante outra fase difícil de saúde.</u></p> <p>Não escutou comentários relacionados ao retorno ou questionamentos perante a licença.</p>
<p>Desejo de continuar de licença nos primeiros meses.</p>		
<p>Medo do retorno.</p>		

<p>Medo de ser demitida.</p>	<p><i>amigos, entendeu.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Na época em que você foi para a pericia pra saber se você iria voltar ao trabalho ou não, como é que foi pra você? Você tinha vontade de voltar? <p><i>No começo não, no começo não.</i></p>	<p>Não tinha desejo de retornar ao trabalho na primeira pericia.</p>
<p>Medo relacionado a doença e a fragilidade em que se encontrava emocionalmente.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Por que? <p><i>Eu tinha medo, tinha receio de voltar e ser mandada embora, também era uma grande dificuldade que a gente tinha, na verdade é um medo, porque é diferente, sabe, não sei como é que é lá fora, então depois de 16 anos você volta e bum é mandado embora, rua!</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Porque você achava que podia acontecer isso? <p><i>Não sei, na verdade talvez por eu estar mais debilitada minha cabeça raciocinava daquele jeito, não por nada, mas graças a Deus não aconteceu, na</i></p>	<p>Medo do retorno.</p> <p><i>“não sei como é lá fora” o medo do novo, ter que lidar com uma inesperada busca por emprego, após anos na mesma organização caso a demitissessem.</i></p> <p><u>Mesmo conhecendo a organização há tantos anos sentiu-se insegura com o retorno, sentiu medo de uma possível demissão.</u></p> <p><i>“mais debilitada” Sensibilidade do adoecimento trazendo a ela o medo, a insegurança do retorno.</i></p>

<p>Mesma atenção e aceitação nas 2 licenças.</p>	<p><i>verdade ao contrario, o pessoal veio conversar comigo, eu tive muita força.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como foi o seu primeiro dia de retorno? <i>Meu primeiro dia?</i> <i>Ahhhhhm na verdade eu fui antes de começar lá no serviço, eu conversei com a minha chefe, na verdade era uma outra pessoa que eu gosto muito e se eu pudesse escolher como minha chefe eu queria sabe, ela é de uma outra área, uma chefe de uma outra área , mas que eu tenho uma grande consideração entende?</i> 	<p>Apoio dos colegas.</p> <p><u>Resgatando lembranças do retorno. Retornar antes, conversar e preparar-se.</u></p> <p><i>“Era uma outra pessoa que gosto muito” – boas relações e confiança.</i></p> <p><i>“Se eu pudesse escolher como minha chefe...”- gosta de ter bom convívio, ter boas relações também significa trabalhar bem.</i></p>
<p>Respeito do grupo frente o afastamento e retorno.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Você conhece ela como, assim, como é que você tem contato com ela? <i>Ah a gente conversa assim , eu já trabalhei, ela já trabalhou com a gente no processamento, entoa o pessoal lá não dava muita atenção pra ela então que saia pra almoçar com ela era eu, mesmo ela tendo um cargo</i> 	<p><u>Atenção e cuidado com quem não tem companhia. Desta vez ela teve a atitude de aproximar-se e hoje ela recebe companhia</u></p>

Outros afastamentos no decorrer dos anos.	<i>maior que eu era eu quem conversava com ela, eu saia com ela pra almoçar a gente conversava, a gente conversava muito. Então a amizade continua, assim, nunca o cargo dela foi diferença pra gente ter um contato, alguma coisa. Hoje a gente ta próxima, porque ela ta numa mesa de frente pra minha (risos)então é assim a gente continua tendo amizade.</i>	<u>também.</u>
Retorno no mesmo setor e função.	<i>Então a amizade continua, assim, nunca o cargo dela foi diferença pra gente ter um contato, alguma coisa. Hoje a gente ta próxima, porque ela ta numa mesa de frente pra minha (risos)então é assim a gente continua tendo amizade.</i>	<i>“Era eu quem conversava com ela” A relação de amizade comparando-se com cargos e hierarquias. Enquanto uma é chefe, na relação de amizade quem escolhe a relação é ela, a entrevistada.</i>
Respeito do grupo perante a licença.	<i>É assim, é ela ta numa mesma área, só que ela é chefe de uma outra parte da área, que é a parte do credenciamento.</i>	<i>“Hoje a gente ta próxima”relação mais uma vez colocada frente a situação de trabalho, a proximidade das duas no espaço e na relação de amigas frente ao apoio recebido após a licença.</i>
Amizade no grupo.	<i>Então é assim, eu fico na parte do processamento e ela fica no credenciamento.</i>	
Necessidade de conversar com a chefia sobre o diagnóstico.	<i>Então não teve muito problema , entoa foi nessa hora que eu chamei as duas e falei, o porque do motivo de eu ter entrado em depressão, contei tudo, contei toda a verdade. Porque assim, aquilo tava me fazendo mal, então eu achei bom pra mim desabafar, contar, abri o jogo entendeu?</i>	<u>O dialogo antes do retorno. A importância de falar o que ocorreu antes de voltar, colocar-se enquanto individuo, esclarecer o que sentiu, querer dividir a experiência antes de voltar enquanto profissional.</u>
Visita a organização no período da licença.	<i>Contar a verdade.</i>	
	<ul style="list-style-type: none"> • Então nesse momento 	<i>“Contar a verdade”- apesar da licença, era</i>

<p>O contato anterior facilitando o retorno.</p>	<p>você estava de licença?</p> <p><i>Tava, Ai depois não demorou muito, acho que em um mês eu voltei a trabalhar.</i></p> <p><i>Então assim, como eles já sabiam da situação foi muito mais fácil de lidarem também, né, tipo, porque “opa, o que que aconteceu né, eles iam falar”Então foi mais simples, foi mais, éé’...acho que o cuidado, foi, o que sempre teve também, mas acho que foi melhor pra mim, foi mais fácil a volta.</i></p>	<p><i>importante colocar-se, a situação que a fez adoecer precisava ser dita e então ficaria mais fácil lidar com esse adoecimento e com suas próprias expectativas pessoais.</i></p>
<p>Boa recepção dos colegas no retorno.</p>	<p>• Então como eles de recepcionaram?</p>	<p>Preparar o outro- a importância do que é dito, uma maneira de pedir auxílio, colaboração e apoio.</p>
<p>Brincadeiras sendo bem interpretadas.</p>	<p><i>Muito bem, teve cartazes na minha mesa “Bem vinda”, aquela coisa, agora vamos voltar ao trabalho (risos), aquelas brincadeiras, risos, mas foi tudo normal, não teve muito o que questionarem , porque na verdade já sabiam qual era o real motivo, assim, não todo mundo mas as pessoas mais principais ali, assim, o superintendente, essas pessoas sabiam. Entoa</i></p>	<p>“eles iam falar”- supondo atitudes do outro, tentando preparar-se para ser bem recebida, colocando-se de frente a possíveis questionamentos, mas optando por falar e contar com o entendimento.</p>
<p>A comunicação como facilitadora.</p>	<p><i>Então como eles de recepcionaram?</i></p>	<p><u>Pensando no retorno- visitar a organização antes do momento de volta aliviou as angustias e fantasias sobre voltar e ser recebida ou possivelmente demitida.</u></p> <p>“Bem vinda”- total apoio,</p>

<p>A continuidade do tratamento.</p>	<p><i>eu cheguei a conversar ali, olha eu to arrumando as coisas , aos poucos, porque não vou conseguir arrumar tudo de uma vez (financeiramente), mas assim, eu assumo o que eu fiz, agora eu vou me regularizar financeiramente, porque não adianta , muita pressão eu não ia conseguir, ia ficar doente de novo, Mas ta tudo certo.</i></p> <p><i>Então é isso, continuo me tratando.</i></p>	<p><i>sentir-se segura e parte do grupo.</i></p> <p><i>“aquelas brincadeiras”- não diz de que modo as brincadeiras são feitas, mas assume que engloba o ter de “voltar ao trabalho”.</i></p> <p><i>“não teve muito o que questionarem”- para ela o questionamento seria difícil, por isso resolveu ir antes e conversar com as responsáveis.</i></p>
<p>Desejo de estudar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • E quais são suas perspectivas profissionais? Você tem um projeto de vida, um plano profissional? <p><i>Na verdade eu quero, eu vou fazer minha faculdade, só não sei, provavelmente vou prestar agora no final do ano né, to estudando, pra no começo do ano eu entrar na faculdade, porque assim, eu quero prestar numa faculdade publica, não quero prestar pagando, mas é claro que eu vou prestar em duas, numa</i></p>	<p><u>Considerou colocar sua situação atual para os responsáveis principalmente por trabalhar em uma instituição financeira.</u></p> <p><u>Falar e expor a situação transforma- a em alguém livre e sem sentir-se pressionada.</u></p> <p><i>“Então é isso”- o voltar e esclarecer resolve a situação. O motivo que a adoeceu ainda permanece, mas para ela o mais difícil já foi feito e o tratamento a ajuda a resolver-se mantendo sua vida pessoal e profissional em seu lugar.</i></p>

<p>Anos sem investimento em estudos.</p>	<p><i>pública e numa particular pra ver se eu consigo passar, porque já tem muito tempo que eu to parada, entoa uns 10 anos sem estudar, nem sei, 10, 11, 12 anos parada.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Então durante esse período você não estudou? <p><i>Não ano quis, porque foi assim, eu terminei o colegial e parei.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> E lá onde você trabalha existe auxiliam nesse sentido? <p><i>Eles te ajudam, na verdade não sei o quanto, mas você entra com o pedido e daí eles falam o custo, em quanto eles vão te ajudar, a gente só fica sabendo mais próximo.</i></p>	<p><u>Desejo de estudar- mesmo trabalhando todos esses anos não investiu em estudos e não tentou até o momento auxílio da organização para pagar a faculdade, mesmo sabendo que isso é possível.</u></p>
<p>Possibilidade de assistência financeira para estudos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Então, assim, quando você pegou licença, não ter trabalho, não ter que ir ao trabalho, como era isso pra você? <p><i>Ah então assim, no começo eu</i></p>	<p><u>A organização proporcionou algum conforto? Não foi preciso investimento pessoal, mais estudos? Por que não preocupou-se com isso?</u></p>

<p>A doença comandando o corpo.</p>	<p><i>não sentia muito, porque era assim, era como se eu não comandasse meu corpo sabe, então era assim, eu não tinha vontade de fazer nada, queria ficar na cama, eu não queria ver ninguém, eu não queria comer, eu não queria fazer nada. Tanto que eu emagreci 8 kg. É...eu não tinha vontade de fazer nada, ver as pessoas então era muito difícil, quem eu queria ver, era muito raro, então do pessoal do meu serviço? Imagina, eu não queria ver nem pintado, ninguém. Quando me ligavam eu chorava, eu não queria falar com ninguém, eles ficavam preocupados, porque ninguém nunca tinha me visto daquele jeito e minha mãe coitada (risos) entoa as minhas colegas me ligavam e minha mãe ficava dizendo pra elas “fala com ela pelo amor de Deus, fala pra ela sair dessa depressão porque é muito triste ver minha filha desse jeito” (emocionada).</i></p>	
<p>Olhar para si- a necessidade de estar só.</p>	<p><i>Olha não é fácil essa situação. Eu nunca tinha passado por isso entoa a</i></p>	<p><u>A licença: o corpo precisando de descanso. Falta de desejo resultante da depressão.</u></p> <p><i>“Tanto que eu emagreci 8 kg”- o corpo deixando</i></p>

<p>A doença como sofrimento.</p>	<p><i>gente não sabe como que é, a gente ouve falar, mas só vai saber quando bate na nossa porta. Então quando eu passei por isso, minha mãe falou, “não acredito, minha filha”, né, pra ela foi muito difícil pra mim também, então...Foi muito difícil, enfrentar a situação.</i></p>	<p><i>visível o sofrimento. Perde peso, desejo e motivação para a vida.</i></p>
<p>Olhar para si- quando a dor está sendo vivenciada.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Em que momento você pensou em voltar a trabalhar , quando você começou a sentir vontade, isso aconteceu? <p><i>Sim, na verdade eu tinha um pouco de receio, mas na verdade eu não agüentava mais ficar em casa aí começa a dar aquela angustia, eu não queria mais ficar em casa, eu queria sair, mas ai eu comecei a sair, ir ao shopping pra ir passando o medo de sair, ai minha mãe e meu irmão saiam comigo, ia pra rua, ao shopping pra ir passando o medo de sair de casa, porque não tinha como minha mãe me levar e buscar no trabalho (risos) , não dava</i></p>	<p><u>Não querer comunicar-se, ficar só era tudo que podia naquele momento. Mesmo sabendo que as pessoas a procuravam, não conseguia ter a atitude de dialogo.</u></p> <p><u>A preocupação das colegas do trabalho e da mãe a tocava,mas naquele momento não era possível o contato.</u></p>
<p>Voltando a vida.</p>	<p><i>Sim, na verdade eu tinha um pouco de receio, mas na verdade eu não agüentava mais ficar em casa aí começa a dar aquela angustia, eu não queria mais ficar em casa, eu queria sair, mas ai eu comecei a sair, ir ao shopping pra ir passando o medo de sair, ai minha mãe e meu irmão saiam comigo, ia pra rua, ao shopping pra ir passando o medo de sair de casa, porque não tinha como minha mãe me levar e buscar no trabalho (risos) , não dava</i></p>	<p>Lembrança do que passou a emociona ainda.</p> <p>A dor de viver a depressão e recordar o próprio sofrimento e o sofrimento da mãe, que a acompanhou por todo o tempo.</p>

<p>Auxílio da família.</p>	<p><i>né, então eu precisava sair pra me preparar pra voltar. Eu precisava, sair, perder aquele medo pra eu poder enfrentar. Então ai foi a hora que eu comecei a sair mesmo pra rua , foi a hora que eu comecei a reagir e eu falei ., não eu to ficando bem agora eu vou ter que voltar. Ai quando eu fui fazer a pericia o medico perguntou com é que eu tava e eu disse, eu to bem, eu quero voltar. Na verdade ele me deu três meses pra ficar em casa, ai eu disse que eu queria voltar.</i></p>	<p><i>“Foi muito difícil enfrentar a situação”- refere-se a doença, sua preocupação com seu estado e a culpa em preocupar a mãe e depender totalmente desse apoio.</i></p>
<p>O preparo para o retorno ao trabalho.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Você fez uma pericia? Ou mais? <i>Eu fiz duas, na primeira a medica me deu 30 dias e na segunda o medico deu 3 meses. Quatro, não cinco meses eu fiquei em casa.</i> 	<p><u>O desejo de voltar ao trabalho. Apesar da energia e do desejo de não estar mais em casa, existia o medo, provindo da doença. Mas a vontade de voltar à vida e aos afazeres foram mais fortes.</u></p>
<p>Desejo do retorno.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • E então nesses 5 meses as pessoas do trabalham te ligavam com que frequência? <i>Eles me ligavam direto, direto eles ligavam. Mas não falavam comigo, falavam com a minha mãe,</i> 	<p>Apoio da família.</p> <p><u>Tempo de recuperação- foi possível para ela sentir-se segura a tempo de voltar ao trabalho. Sair de casa, voltar aos poucos a participar da vida em</u></p>

<p>Período longo de licença.</p>	<p><i>eles queria saber como é que eu tava. Eu não falava com ninguém, eu não queria ver ninguém. Eu não queria ver ninguém da minha família, eu não falava com ninguém, eu só queria ver a minha mãe, nem a minha Irma eu queria ver. Minha mãe era aquele apoio. No começo minha irmã ia me ver e eu dizia, sai daí eu não quero ver ninguém, eu chorava muito na cama, minha irmã dizia que eu parecia um bicho acuado, ai minha irmã também ficou desesperada, me via na cama</i></p>	<p><u>uma cidade grande. Pegar transporte público, andar pelas ruas, e depois voltar a ir sozinha ao trabalho.</u></p>
<p>Contato com os colegas durante a licença.</p>	<p><i>, deitada, toda encolhida, minha sobrinha saiu chorando de casa de me ver naquela situação. Eu nunca tinha estado daquele jeito e quando pegou foi assim, eu tive desmaios, foi uma depressão muito forte.</i></p>	<p><i>“eu to ficando bem, agora eu vou ter que voltar”-a auto avaliação e o desejo de estar de volta. “vou ter que voltar”, uma “obrigação” sentida por ela, onde “ter que”vem de sua auto avaliação, antes do prazo da licença terminar e da perícia dizer.O desejo de trabalhar e continuar a vida traz a ela movimentos contra a doença: “comecei a reagir”.</i></p>
<p>Necessidade de estar só.</p>	<p><i>E ai a gente foi, foi... Até que chegou o momento que eu disse, não agora eu quero voltar (ao trabalho). E graças a Deus isso tá me ajudando muito também, porque eu não paro meu tempo pra ficar pensando em</i></p>	<p>Cinco meses de licença.</p>
<p>Sufrimento da família.</p>		

<p>Olhar para si- se ver doente e fragilizada.</p>	<p><i>besteira, entoa o tempo que eu tenho ali é só trabalho, trabalho, trabalho, então é claro que a gente dá risada tudo, conversa, fala outras coisas, mas a maior parte do tempo é o serviço, então eu mexo muito com calculo e a minha cabeça, assim eu não posso me distrair em relação a calculo, valor, que é devolução, é emissão de apólice, então eu tenho que saber o valor certo, então imagina se eu começo a pensar em outras coisas, a pirar...eu não posso me distrair em relação a outras coisas.</i></p>	<p>O grupo do trabalho ligava, acompanhando a saúde do indivíduo.</p> <p>Necessidade de estar sozinha.</p> <p>Sofrimento da família perante a doença do indivíduo.</p>
<p>Desejo do retorno.</p>	<p><i>Hoje eu to bem, claro que você me vê chorando aqui, vai pensar essa menina não ta bem, mas eu to, é claro que perdi a minha mãe faz 3 meses então é isso que me deixa triste agora, mas em relação a depressão eu to bem. Minha mãe era o centro pra mim, o primeiro dia de trabalho, depois que eu voltei ao trabalho ela perguntou se eu tava bem, e eu disse, eu to bem. Minha família hoje me</i></p>	<p>“um bicho acuado” estar improdutivo, diferente, precisando de apoio.</p> <p>Sofrimento da família perante a doença do indivíduo.</p>
<p>O trabalho como auxiliar.</p>	<p><i>Hoje eu to bem, claro que você me vê chorando aqui, vai pensar essa menina não ta bem, mas eu to, é claro que perdi a minha mãe faz 3 meses então é isso que me deixa triste agora, mas em relação a depressão eu to bem. Minha mãe era o centro pra mim, o primeiro dia de trabalho, depois que eu voltei ao trabalho ela perguntou se eu tava bem, e eu disse, eu to bem. Minha família hoje me</i></p>	<p>“Eu nunca tinha estado daquele jeito”o novo e assustador momento em que a doença toma força e comanda o corpo e as sensações.</p>

<p>Olhar para si- quando o sofrimento não vem da doença.</p> <p>Apoio da família.</p> <p>Direitos e deveres- os benefícios sendo recebidos como grande apoio.</p> <p>Gratidão à organização frente aos direitos recebidos.</p>	<p><i>apóia muito, meu irmão hoje está morando comigo, tenho o apoio da família e isso ajuda.</i></p> <p><i>Olha, minha mãe ficou doente por um mês, foi tudo muito rápido, e ela era minha dependente do meu convenio, então eles cobriram tudo, então tá vendo eu não posso reclamar da minha empresa, você vê, o convenio cobriu todos os gastos da minha mãe, a única coisa que eles não cobriram foi uma meia que ela precisou, mas isso a gente paga, R\$60 reais esse ano era o problema,poxa, minha mãe ficou 20 dias não UTI, imagina o quanto ela gastou. Eu acompanhei minha mãe o tempo todo, o que eu pude fazer por ela eu fiz. Eu ficava o tempo todo com a minha mãe, eu ficava lá na UTI, eu ia lá, eu via ela.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Você chegou a faltar no trabalho para acompanhar a sua mãe? <p><i>Faltei, eles cobriram todos os meus dias que eu faltei.</i></p>	<p>O desejo de retornar ao trabalho.</p> <p>O trabalho como auxiliar na manutenção da saúde.</p> <p>O clima no trabalho- amizades colaborando para o ambiente agradável, sem atrapalhar a produtividade.</p> <p><i>“a pirar”o pensamento distante pode ser perigoso, sair da concentração poderia facilitar a lembrança do sofrimento e da doença.</i></p> <p><u>Tristeza diferente de depressão- assume a tristeza, mas reconhece que não é a doença.</u></p> <p><u>Apoio da família frente ao histórico da depressão e neste momento de luto.</u></p> <p><u>Percepção e reconhecimento do auxilio provindo dos benefícios do trabalho- o plano de saúde cobrindo as</u></p>
--	--	---

<p>Ausência no trabalho por doença na família.</p> <p>Apoio da organização em momento de doença e perda de um familiar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Como você resolveu isso no trabalho, ficou algo combinado? Em relação a faltas, horários, possíveis descontos? <p><i>Eles não descontaram nada, eu liguei avisando que minha mãe tinha piorado e que depois resolvia tudo em relação as faltas, descontos. Mas não, meu superintendente mandou abonar tudo, eles não me descontariam nada, aí tem também os 5 dias que a gente tem direito. Então assim, eu faltei 2 dias , fora os cinco, né porque minha mãe estava consciente, foi a ultima vez que eu via minha mãe consciente, eu não me arrependi de faltar, mesmo se tivesses descontado não era aquilo que ia importar pra mim. Minha mãe não tava bem e eu queria ficar com ela. Então foi assim, no dia seguinte minha mãe entrou em coma, então a partir desse dia eu não fui trabalhar, isso foi numa quinta e entoa na sexta eu não fui trabalhar de</i></p>	<p><u>despesas da doença da mãe, sua dependente no convenio.</u></p> <p><u>O plano de saúde percebido pelo individuo como bom, traz a ela a sensação de ser cuidada pela organização.</u></p> <p><u>Cuidados com a doença da mãe traz a ela ainda mais a sensação de gratidão pela organização</u></p> <p>Faltas para acompanhar a mãe adoentada, não precisou repor as horas , nem foi descontada.</p>
<p>Ausência no trabalho por doença na família.</p> <p>Apoio da organização em momento de doença e perda de um familiar.</p>	<p><i>Então foi assim, no dia seguinte minha mãe entrou em coma, então a partir desse dia eu não fui trabalhar, isso foi numa quinta e entoa na sexta eu não fui trabalhar de</i></p>	<p>Bom relacionamento na organização e colaboração por parte do grupo.</p> <p>A necessidade das faltas perante a doença da mãe e a licença após o falecimento mantiveram</p>

<p>Apoio da organização em momento de doença e perda de um familiar.</p>	<p><i>novo, então eu liguei no trabalho avisando, e disse, olha, minha mãe não te bem, eu não vou trabalhar hoje, então se for o caso desconta das minhas férias, porque eu ia entrar em férias em fevereiro e isso era janeiro, eu disse, desconta das minhas férias, mas depois a gente acerta isso, eu não posso ir hoje mesmo. Porque a gente não sabia como iam evoluir as coisas né. Eu expliquei, a situação é essa, essa, e eu não quero perder os últimos dias com a minha mãe. E no domingo minha mãe faleceu mesmo, ela teve varias complicações e veio a falecer. Então eu não me arrependendo de não ter ido (trabalhar), porque eu precisava ficar com ela, se eles tivessem falado que iam descontar eu ia dizer, desconta, isso não ia fazer diferença pra mim porque o que importava era o tempo a mais que eu podia passar com a minha mãe. Então, mas o superintendente disse, pode cobrir, não descontaram das</i></p>	<p>intactas as relações no trabalho.</p> <p>Oferecendo as férias como moeda de troca, isso não foi necessário.</p> <p>Boa comunicação no trabalho.</p>
<p>Apoio da organização em momento de doença e perda de um familiar.</p>	<p><i>qualquer desconto seria pequeno se fosse preciso.</i></p>	<p>Qualquer desconto seria pequeno se fosse preciso.</p>

<p>O trabalho como auxiliar.</p>	<p><i>minhas férias também, eu saio normal de férias. Não descontaram.</i></p> <p><i>Agora a vida continua né, a gente tem que caminhar, a vida continua. O trabalho acaba ajudando né, a você não pensar tanto, o trabalho te ajuda a pensar em outras coisas, a resolver outros problemas.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Voltando um pouco ao seu ultimo período de afastamento por licença médica...Alguém ficou em teu lugar durante esse tempo? <p><i>Não, não chegou a precisar porque lá tinham outras pessoas que faziam esse mesmo serviço.</i></p>	<p><u>Momentos em que o trabalho é somente trabalho, a doença de alguém da família é muito importante e nada pode valer mais.</u></p>
<p>O cargo sendo seu durante o período da licença.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Você chegou a pensar nisso durante a licença? <p><i>Não, isso não, porque eu sei que lá eles não tem o costume de contratar muita gente (risos) sabe aquela coisa de ter as mesmas pessoas...até porque se for contratar alguém é temporário e é terceiro, então</i></p>	<p><u>Um novo fortalecimento, retomando mais uma vez as atividades e a vida profissional.</u></p>

<p>Tranqüilidade durante a licença em relação a manter seu cargo d trabalho.</p> <p>A doença sensibilizando e trazendo medos e fantasias relacionadas a perda de emprego.</p> <p>Desejo de continuidade na organização.</p>	<p><i>é por outra empresa, então é diferente, então colocar alguém ali no banco tem que ser definitivo, na tive medo, se fossem colocar alguém ia ser temporário, nunca tive esse medo, nisso eu tava bem tranqüila. Ate quando eu voltei eu tava tranquila. Eu cheguei a sentir esse medo quando eu tava com três dois meses e meio de licença, de voltar e eles me mandarem embora, depois passou. É que quando você tá em depressão você tá mais sensível a tudo né quando você tá com depressão, então acho que o medo vem mesmo né... Mas de resto é tranqüilo.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • E quais são suas expectativas profissionais agora? <p><i>Tenho plano de continuar trabalhando lá, tenho, assim, lá é uma empresa boa, eu não posso reclamar, as pessoas são legais, o lugar é legal. Nós mudamos de lugar, agora o lugar é mais legal, então</i></p>	<p>O trabalho como auxilio</p> <p><u>Grupo continuou o mesmo no período da ausência. O mesmo grupo pode oferecer tranqüilidade e cooperação?</u></p> <p><u>A segurança em voltar para o mesmo cargo.</u></p> <p><u>No período de doença sente o medo apesar de conhecer o grupo e a organização. A doença abala a percepção e a sensação de segurança?</u></p> <p><u>“Mas de resto é tranqüilo”- a insegurança provinda da doença, a possível perda de emprego são vistas como fantasiosas ao reencontrar o espaço de trabalho e seu lugar no retorno. Sentir-se segura no trabalho a deixa confortável para a produção.</u></p>
---	---	--

<p>Gratidão pela organização.</p>	<p><i>assim, eu to tranqüila. Quero fazer a minha faculdade, melhorar profissionalmente e continuar lá.</i></p>	<p><u>Desejo de continuidade, sensação de segurança e cuidado.</u></p>
<p>Desejo de estudar e crescer profissionalmente.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tem mais alguma coisa que você lembre que você acha importante falar? 	<p><u>Depois de 17 anos , agora pensa em voltar a estudar, investir em sua carreira e conhecimento.</u></p>
<p>Gratidão pela organização</p>	<p><i>Não, acho que tudo que eu acho importante eu coloquei aí, que eu trabalho com pessoas muito bacanas, pessoas com quem eu posso contar, tenho amigos lá, pessoas que eu tenho um grande respeito um grande carinho. Algumas pessoas me ajudaram bastante.</i></p>	<p><u>Necessidade de colocar sua gratidão, expor seu orgulho em trabalhar onde gosta, com pessoas que a respeitam, mesmo nos momentos em que ela não pode participar e colaborar.</u></p>
<p>Bom relacionamento com o grupo.</p>	<p><i>Acho eu empresa é muito correta, em relação á licença eu acho a empresa muito correta.</i></p>	<p><u>“pessoas que me ajudaram bastante”- gratidão. Qual seria a percepção dela em relação a esta organização se nunca tivesse adoecido?</u></p>
<p>Gratidão pela organização</p>		<p><u>Sabe que tem direitos em tirar licença, mas isso transforma-se em colaboração e gratidão.</u></p>

Abstração – Encontrando na análise “Temas Super- Ordenados”

Resultantes da questão da licença

- Período da licença enquanto necessidade urgente.
- Manutenção do cargo.
- Respeito ao profissionalismo.
- Trabalho enquanto auxiliar para a saúde.
- Sofrimento intenso.

Abstração – Encontrando na análise “Temas Super- Ordenados”

Mudanças individuais considerando a licença

- Percepção de que trabalha em um bom lugar.
- Afeto e gratidão pela organização.
- Desejo da continuidade no trabalho.
- O direito percebido enquanto prêmio.

Abstração – Encontrando na análise “Temas Super- Ordenados”

Interações Organizacionais

- Grupo permanecendo na organização por muitos anos.
- Apoio da organização em situações difíceis.
- Contato com o grupo e chefia durante a licença.
- Boa recepção no retorno.
- Atenção e cuidado do grupo.

Tabela de Temas e Temas Super ordenados- Entrevista 5

Temas	Parágrafo na entrevista	Palavras- Chave:
Resultantes da questão da licença: <ul style="list-style-type: none"> • Período da licença enquanto necessidade 	2	<i>totalmente desesperada</i>

urgente.		
• Manutenção do cargo.	13	<i>mesma função</i>
• Respeito ao profissionalismo.	16	<i>tive muita força</i>
• Trabalho enquanto auxiliar para a saúde.	30	<i>isso tá me ajudando muito</i>
• Sofrimento intenso.	26	<i>não é fácil essa situação</i>
Mudanças individuais considerando a licença:		
• Percepção de que trabalha em um bom lugar.	38	<i>é uma empresa boa</i>
• Afeto e gratidão pela organização.	4	<i>eu tenho que agradecer</i>
• Desejo de continuidade no trabalho.	4	<i>e quero continuar lá</i>
• O direito percebido enquanto prêmio.	4	<i>eles cobriraram tudo</i>
Interações Organizacionais:		
• Grupo permanecido na organização por muitos anos.	10	<i>é o mesmo grupo</i>
• Apoio da organização em situações difíceis.	4	<i>eu tive apoio</i>
• Contato com grupo e chefia durante a licença.	8	<i>eles sempre me ligavam</i>
• Boa recepção no retorno.	20	<i>bem vinda</i>
• Atenção e cuidado do grupo.	19	<i>cuidado</i>

Entrevistados	Mara	Júlia	Pedro	Carla	Rita
Tópicos					
<ul style="list-style-type: none"> • Emprego público (ver tabela referente abaixo) 	SIM	NÃO	NÃO	SIM	NÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Período de trabalho igual ou maior de 15 anos. 	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	SIM
<ul style="list-style-type: none"> • Contato com grupo durante a licença 	Somente na visita que fez à organização	SIM	SIM	NÃO	SIM
<ul style="list-style-type: none"> • Contato com chefia durante a licença 	Contato relacionado A possível perda do emprego.	NÃO	NÃO	NÃO	SIM
<ul style="list-style-type: none"> • Sensação de improdutividade ou rotina durante a licença 	SIM	SIM	SIM	SIM	Após os primeiros meses.
<ul style="list-style-type: none"> • Sensação de não ser importante no trabalho 	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Medo do retorno. 	SIM	SIM	-----	NÃO	Inicialmente, segundo ela Isso ocorre devido a vulnerabilidade da doença.
<ul style="list-style-type: none"> • Entrevista realizada antes do retorno 	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Retorno da licença no mesmo setor. 	_____	NÃO	_____	NÃO	SIM
<ul style="list-style-type: none"> • Demissão 	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO

<ul style="list-style-type: none"> Desejo de continuar na organização. 	NÃO	NÃO	_____	Por acreditar que não tem oportunidade de mudança.	SIM

Tópicos Temáticos: Importantes temas comuns entre os pares realocados em tópicos grupais:

A licença: Direito e Castigo?	Parágrafo/ Página
<i>Doença Psíquica – Preconceito ou Cuidado, o que não se vê é difícil de ser entendido.</i>	
Mara: <i>Quando eu cheguei com o atestado de depressão severa ela ficou tão agitada, que não parava de falar. “Licença de noventa dias de psiquiatra pode te prejudicar, vai em outro medico, vai no ortopedista e pede quinze dias”</i>	15
Mara: <i>ela ficou falando: “Volta, você é muito nova pra estar com esses problemas”.</i>	21
Pedro: <i>disseram que não sabiam o que iriam fazer comigo, não tinham uma posição, nem sabiam qual atitude eles iam tomar comigo por causa disso, da minha doença.</i>	10
Rita: <i>ao contrário, todo mundo teve muito cuidado, sabe, toma cuidado com o que vai falar, em que ponto vai tocar, sabe aquela coisa de “não vamos falar muita coisa, deixa ela voltar” sabe aquela coisa de tomar cuidado?</i>	12
É preciso desculpar-se por adoecer?	
Mara: <i>Eu senti que eu contrariei ela, e senti que ela não gostou.</i>	27
Pedro: <i>Aí falei pra eles que eu queria trabalhar, que eu tava melhor, me cuidando, procurando tratamento. A minha chefe falou a mesma coisa que o RH, que não sabia o que ia fazer, e ficaram jogando um pro outro.</i>	11
Julia: <i>Nenhuma empresa quer contratar um funcionário e ele ficar</i>	24

<p><i>afastado, tem que colocar outra pessoa, acho, esperar o funcionário voltar... Nenhuma empresa almeja isso pra ela, nenhuma empresa gosta...</i></p>	
<p>O período da licença para o entrevistado:</p>	
<p>Mara: <i>To me sentindo bastante ociosa pra falar a verdade, tenho vontade de voltar, já me sinto preparada.</i></p>	19
<p>Mara: <i>eu quero voltar pra mostrar pra mim mesma que eu posso.</i></p>	20
<p>Júlia: <i>Ah foi estressante.Foi, foi estressante... Ficar afastada foi um tanto estressante, a gente fica acostumada a trabalhar, voltar pra casa, ver marido, filha, ter uma jornada dupla. E aí de repente a gente se sente incapacitada... Ficar parada, sem trabalhar,... é horrível.</i></p>	6
<p>Carla: <i>na época das licenças grandes, que foram no começo, eu gostava bastante de trabalhar, depois que eu fui ficando desgostosa, aí eu gosto da licença, só não tanto porque tem desconto...</i></p>	23
<p>Rita: <i>Ah então assim, no começo eu não sentia muito, porque era assim, era como se eu não comandasse meu corpo sabe, então era assim, eu não tinha vontade de fazer nada, queria ficar na cama, eu não queria ver ninguém, eu não queria comer, eu não queria fazer nada.</i></p>	25
<p><i>... mas na verdade eu não agüentava mais ficar em casa aí começa a dar aquela angustia, eu não queria mais ficar em casa, eu queria sair...</i></p> <p><i>o medico perguntou com é que eu tava e eu disse, eu to bem, eu quero voltar.</i></p>	27
<p>Expectativas e fantasias relacionadas ao retorno:</p>	
<p>Mara: <i>Tenho medo. Medo de passar mal, apesar de ter sido muito bem recebida, mesmo assim tenho mesmo de como vou ser recebida, de como vou ser tratada quando voltar lá. E ansiedade.</i></p>	33

Julia: Além da gente estar afastada por um problema de saúde, doente, sem poder trabalhar, a gente fica sem saber de nada, nada mesmo, como vai ser quando a gente voltar, em que pé estão as coisas, a estrutura da empresa... Parece que você nem trabalha, entende?	10
Rita: Eu tinha medo, tinha receio de voltar e ser mandada embora, também era uma grande dificuldade que a gente tinha, na verdade é um medo, porque é diferente, sabe, não sei como é lá fora, então depois de 16 anos você volta e bum, é mandado embora, rua!	15
O grupo influenciando no desejo de retorno:	
Mara: Eu fiquei animada pra voltar, eu tinha esse receio. Pensei “Nossa, o pessoal foi tão legal, então quando eu voltar eles vão ser”. Não tem porque eles não serem.	22
Pedro: Na licença os colegas de trabalho me ligaram, achei legal eles terem ligado, da parte deles realmente foi preocupação. Eles queriam saber como eu tava. Isso me motivou bastante a voltar.	16
Carla: mas o que me desmotiva é que as pessoas são desqualificadas, até a chefe é. Isso que me deixa sem vontade....	23
Licença médica e férias- comparações e brincadeiras feitas pelo grupo:	
Pedro: ficaram brincando comigo, dizendo que eu tava voltando de férias, levei numa boa.	17
Carla: “Nossa! Acabou de voltar de licença e já vai tirar férias”.	4
Rita: teve cartazes na minha mesa “Bem vinda”, aquela coisa, “agora vamos voltar ao trabalho” (risos), aquelas brincadeiras...	20
Expectativas frustradas, o dito e o real:	
Mara: acho que ela vai me avisar, pelo menos é isso que eu to esperando dela.	29
Pedro: eu achei que ela tava preocupada comigo, mas depois eu vi que não era preocupação.	15
Julia: a minha gerente me disse que eles iam adequar a minha mesa, minha cadeira, me dar condições de trabalho se eu voltasse. Mas não aconteceu nada disso...	15
Carla: um dia, sem querer eu descobri que meu nome ainda tava como	22

<p><i>responsável, ou seja, se caso acontecesse algo de errado lá, eu teria que responder, sendo que eu já não tava lá como chefe há meses.</i></p>	
---	--